



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA CRISTINA AYRES MOTTA

**UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO LITERÁRIA
INFANTOJUVENIL DO ESCRITOR BRASILEIRO
ELIAS JOSÉ (1936-2008): UMA TRAJETÓRIA
CONSTRUÍDA POR MUITAS OBRAS**

CAMPINAS
2018

ANA CRISTINA AYRES MOTTA

**UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO LITERÁRIA
INFANTOJUVENIL DO ESCRITOR BRASILEIRO
ELIAS JOSÉ (1936-2008): UMA TRAJETÓRIA
CONSTRUÍDA POR MUITAS OBRAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Educação na área de concentração de Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Beatriz de Castro Nascimento Ometto

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA ANA CRISTINA AYRES MOTTA E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. CLÁUDIA BEATRIZ DE CASTRO NASCIMENTO OMETTO

**CAMPINAS
2018**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

M858e Motta, Ana Cristina Ayres, 1969-
Um estudo sobre a produção literária infantojuvenil do escritor brasileiro Elias José (1936-2008) : uma trajetória construída por muitas obras / Ana Cristina Ayres Motta. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Cláudia Beatriz de Castro Nascimento Ometto.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. José, Elias, 1936-. 2. Instâncias de legitimação. 3. Literatura infantojuvenil. I. Ometto, Cláudia Beatriz de Castro Nascimento, 1965-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: A study on the children's literary of the Brazilian writer Elias José (1936-2008) : a trajectory built by many works

Palavras-chave em inglês:

José, Elias, 1936-

Instances of legitimation

Children/youth literature

Área de concentração: Educação

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Cláudia Beatriz de Castro Nascimento Ometto [Orientador]

Norma Sandra de Almeida Ferreira

Maria das Dores Soares Maziero

Data de defesa: 31-07-2018

Programa de Pós-Graduação: Educação

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO LITERÁRIA
INFANTOJUVENIL DO ESCRITOR BRASILEIRO
ELIAS JOSÉ (1936-2008): UMA TRAJETÓRIA
CONSTRUÍDA POR MUITAS OBRAS**

Autora: Ana Cristina Ayres Motta

COMISSÃO JULGADORA:

Profa. Dra. Cláudia Beatriz de Castro Nascimento Ometto

Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira

Profa. Dra. Maria das Dores Soares Maziero

A ata de defesa assinada pelos membros da comissão examinatória, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

2018

*A Francisco e Célia, meus pais.
A Felipe, Júnior e Marcelo, bens
maiores. Em meio a idas e vindas,
encontros e ausências: três filhos...
uma pesquisa... uma mãe.
Ao Raul, meu par. Por quem
esperaria a vida toda, se preciso
fosse.*

Agradecimentos

Não é possível dizer exatamente o quão foi importante para mim a presença e a convivência com tantas e queridas pessoas. Deixarei então registradas algumas palavras na tentativa de expressar minha gratidão por todos aqueles que se fizeram presentes desde o início da minha jornada.

Minha querida orientadora Cláudia Ometto, a orientação rigorosa, porém afetuosa, a leitura sempre atenta e ética, a firmeza e a suavidade dos/nos apontamentos e as reflexões foram o apoio e a força que me ajudaram a prosseguir durante toda a caminhada.

Vá, minha “amigairmã”: as palavras de incentivo; um e-mail e depois dele um aceite – sem esse “grande empurrãOzinho” eu não teria chegado aqui.

André cunhado: apoio e disponibilidade desde o início.

“Silvinha”: confiança, acolhida e carinho, sempre. Esta pesquisa não sairia sem a sua ajuda.

Professora Raquel Salek Fiad: mesmo sem me conhecer, de antemão permitiu minha participação em sua disciplina como aluna especial: a primeira porta aberta na Unicamp.

Professora Lilian Lopes Martin da Silva: o aceite que me permitiu aproximar do grupo ALLE, a acolhida afetuosa, as sugestões discretas e valiosas e, sobretudo, o carinho.

Professora Norma Sandra de Almeida Ferreira, a acolhida, a atenção, o carinho e as palavras de incentivo desde o início de minha trajetória no grupo de pesquisa. Depois a refinada leitura do meu texto na banca de qualificação e, por fim, o aceite e a disponibilidade em participar também da banca de defesa dessa dissertação.

Maria das Dores: delicadeza, atenção e carinho lá no comecinho. Depois a leitura generosa e esclarecedora que fez do meu texto na banca de qualificação e o aceite em participar também da banca de defesa.

Às amigas muito queridas: Ilsa, Andrea Dalcin, Daniele Pascuali e Sônia Takamatsu, pela atenção, incentivo e generosidade - presenças constantes na minha trajetória até o processo seletivo.

Karen, Thiago, Tati Fadel, Yara e Silvana: parceiros e amigos para sempre.

Leo Paiva, Thales Medeiros e Karine Medeiros, pela disposição em ajudar no que fosse preciso.

Aos Diretores do Curso G9, Aparecida Fernandes, Hilson e Giovanni e à Coordenadora Pedagógica Nilcéia, pelo apoio e pelas palavras de incentivo lá no comecinho.

À Mariângela Alves, Secretária Municipal de Educação de Itajubá, e aos Secretários que a antecederam, David, Madisson e Robson, pela confiança e apoio durante todo o percurso deste estudo.

Descobertas

Descobrir Continentes é tão fácil como esbarrar com um elefante:

Poeta é o que encontra uma moedinha perdida...

(Mario Quintana)

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar o escritor brasileiro Elias José, inventariar sua produção literária e situá-la no contexto histórico de produção do livro infantil no Brasil. O *corpus* da pesquisa é formado por cento e setenta e oito livros produzidos para o público infantojuvenil e adulto. Fazem parte do inventário as obras paradigmáticas, as organizadas pelo escritor e aquelas em que ele participou com algum poema ou conto. O estudo desenvolve-se em duas direções: a primeira, que se propõe a apresentar a biografia de Elias José e inventariar a sua produção literária, utiliza-se da coleta de documentos sobre o escritor e do levantamento de dados sobre suas obras, como o título, a data de lançamento, a editora, o ilustrador, a categoria, se escrita em prosa ou em verso e o leitor, se adulto ou infantojuvenil, buscando conhecer a produção como um todo. E a segunda, após a separação das obras infantojuvenis, seleciona algumas destas para apresentar uma interlocução com as instâncias de legitimação do livro infantil no Brasil, a saber, o PNBE e a FNLIJ e também com a LDB e PCN, documentos oficiais que norteiam o trabalho pedagógico no país, no intuito de apresentar as contribuições dessa produção no âmbito da literatura infantojuvenil e escolar. A pesquisa fundamenta-se nos referenciais teóricos da História Cultural, trazidos por Roger Chartier em relação às representações de leitor e leitura sugeridos nas obras; na perspectiva Enunciativo-Discursiva de Bakhtin, acerca na natureza social do signo e da enunciação e, na proposição teórico metodológica de Vigotski, sobre o desenvolvimento da mente humana, centrada no contexto Histórico-Cultural. Para situar as obras de Elias José no contexto histórico da literatura infantil e escolar, foram trazidos os estudos de Lajolo e Zilberman, Coelho, Arroyo e Saviani. Esta pesquisa buscou reunir algumas formulações enquanto recortes desses autores supracitados e, por meio de articulações interdiscursivas foi possível pressupor as representações de leitor e de leitura implícitas na materialidade de algumas obras analisadas, bem como as contribuições do escritor no âmbito da literatura infantil e escolar. Considerando que o livro é um material impresso que dá visibilidade a modelos culturais de usos que circulam numa determinada época, o presente estudo, ao inventariar a produção literária de Elias José, situá-la no contexto histórico educacional e da produção de livro infantil, dá visibilidade às tendências de um momento histórico da literatura infantil e escolar assim como a modelos de usos e circulação do livro de uma determinada época, contribuindo e reforçando com as pesquisas já existentes nessa área.

Palavras-chave: Elias José. Instâncias de legitimação. Literatura infantojuvenil e escola.

Abstract

This research aims to present the Brazilian writer Elias José, to inventory his literary production and situate it in the historical context of the production of children's books in Brazil. The selected corpus is formed by one hundred and seventy-eight books, produced for the child, youth and adult audience. The inventory is composed of the paradigmatic works, those organized by the writer and those in which he participated with some poem or short story. The study is developed into two directions: the first one, which proposes to present the biography of the author and to inventory his literary production, uses the collection of documents about the writer and the collection of data about his works, such as the title, the date of release, the publisher, the illustrator, the category, if written in prose or verse and the reader, if adult or children and young people, seeking to know the production as a whole. And the second one, after the separation of the children/youth's works, selects some to present an interlocution with the instances of legitimation of the children/youth's book in Brazil, namely PNBE and FNLIJ and also with LDB and PCN, official documents that guide the work pedagogy in the country, in order to present the contributions of this production in the context of children/youth and school literature. The research is based on the theoretical references of Cultural History, brought by Roger Chartier in relation to the representations of reader and reading suggested in the works; in Bakhtin's Enunciative-Discursive Perspective, on the social nature of sign and enunciation and in Vygotsky's theoretical methodological proposition, on the development of the human mind, centered on the Historical-Cultural context. In order to situate the works of the author Elias José in the historical context of children's and school literature, the studies of Lajolo and Zilberman, Coelho, Arroyo and Saviani were brought. This study sought to gather some formulations as cutbacks of these authors mentioned above and, through interdiscursive articulations, it was possible to presuppose the representations of reader and reading implied in the materiality of some works analyzed, as well as the contributions of the writer in the scope of children's and school literature. Considering that the book is a printed material that gives visibility to cultural models of uses that circulate in a given epoch, this research, in inventorying the literary production of the writer Elias José, situate it in the historical educational context and the production of children's book, gives visibility to the tendencies of a historical moment of the children's and educational literature, as well as to models of uses and circulation of the book of a given time, contributing and reinforcing with the existing researches in this area.

Keywords: Elias José. Instances of legitimation. Children/youth literature and school.

Lista de siglas

- ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
- ALB – Associação de Leitura do Brasil
- ALLE – Grupo Alfabetização, Leitura e Escrita
- APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte
- ATC – Alfabetização no Tempo Certo
- AULA – Trabalho Docente na Formação Inicial
- BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
- Caale – Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita
- COLE – Congresso de Leitura do Brasil
- ECT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos
- FAFIG – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé
- FE – Faculdade de Educação
- FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
- FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
- IBBY – International Board on Books for Young People (Conselho Internacional sobre Literatura para Jovens)
- IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
- IEL – Instituto de Estudos da Linguagem
- IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas
- LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
- MEC – Ministério da Educação e Cultura
- PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais
- PPA – Plano Plurianual
- PIP – Programa de Intervenção Pedagógica
- PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola
- PUC Minas – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
- PUC Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
- RCN – Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil
- SBU – Sistema de Bibliotecas da Unicamp
- SEB – Secretaria de Educação Básica
- UBE – União Brasileira de Escritores

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UNIPAC – Universidade Presidente Antônio Carlos

USP – Universidade de São Paulo

Lista de figuras e tabelas

Figura 1 – Ficha catalográfica das obras.	43
Figura 2 – Capas da obra: <i>As curtições de Pitu</i> (1976 e 1988a).....	75
Figura 3 – Capas da obra: <i>O fantasma no porão</i> (1979, 1994, 2002, 2004).	76
Figura 4 – Capas da obra: <i>Jogo duro</i> (1979 e 1995).	77
Figura 5 – Capas das obras: <i>Saudoso, o Burrinho Manhoso</i> (1981) e <i>E o burrinho ganhou o páreo</i> (2005).	85
Figura 6 – Capas das obras <i>Cidade da pá virada</i> (1986) e <i>Deu doideira na cidade</i> (2002). ...	86
Figura 7 – Capas das obras: <i>De repente toda história novamente</i> (1989) e <i>As aventuras do rato roqueiro</i> (2011).	87
Figura 8 – Capas das obras: <i>O herói abatido</i> (1984) e <i>Amor sem fronteiras</i> (2005).	87
Figura 9 – Capas das obras: <i>Lua no brejo</i> (1991) e <i>Lua no brejo com novas trovas</i> (2007). ..	88
Figura 10 – Capas das obras: <i>Olho por olho, dente por dente</i> (1979) e <i>O historiador de Catitó</i> (1986).	89
Figura 11 – <i>O fantasma no porão</i> (2002) (Coleção Literatura em minha casa, v. 3).....	116
Figura 12 – Capa da obra <i>O fantasma no porão</i> (2002) (Coleção Literatura em minha casa; v. 3).	118
Figura 13 – <i>O fantasma no porão</i> (2002). Segunda capa e folha de guarda.	119
Figura 14 – <i>O fantasma no porão</i> (2002). Verso da folha de guarda.....	120
Figura 15 – <i>O fantasma no porão</i> (2002). Capítulo 1.	121
Figura 16 – <i>O fantasma no porão</i> (2002). Capítulo 6.	121
Figura 17 – <i>O fantasma no porão</i> (2002). Capítulo 8.	122
Figura 18 – <i>O jogo da fantasia</i> (1988).	123
Figura 19 – <i>O jogo da fantasia</i> (2015).	123
Figura 20 – Poemas do livro <i>O jogo da fantasia</i> (1988): “A força do sol” (p. 7) “Puxa: Fada e bruxa” (p. 5).....	124
Figura 21 – “A força do sol”. <i>O jogo da fantasia</i> (2001).	125
Figura 22 – “Puxa: Fada e bruxa!”. <i>O jogo da fantasia</i> (2001).....	126
Figura 23 – “Maracatu do Nordeste”. <i>Ciranda brasileira</i> (2006).....	134
Figura 24 – <i>Quem lê com pressa tropeça</i> (1992).	144
Figura 25 – Poemas “A” e “B”. <i>Quem lê com pressa tropeça</i> (1992).	144

Tabela 1 – Obras infantojuvenis produzidas por Elias José na primeira década de sua carreira: 1970-1979.....	74
Tabela 2 – Obras infantojuvenis produzidas por Elias José na década de 1980-1989.....	80
Tabela 3 – Obras infantojuvenis produzidas por Elias José na década de 1990-1999.....	92
Tabela 4 – Obras infantojuvenis produzidas por Elias José entre 2000-2008 e lançadas <i>post mortem</i>	97
Tabela 5 – Obras indicadas para o acervo do PNBE e reconhecidas pela FNLIJ.....	110

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS E A ESCOLHA DO TEMA DE PESQUISA (À GUIA DE INTRODUÇÃO).....	17
1 A BUSCA POR OUTROS ESTUDOS: ESTABELECENDO INTERLOCUÇÕES ...	30
1.1 Diálogo com estudos selecionados	32
1.2 A definição do referencial teórico-metodológico	35
2 O (DES) ENCONTRO COM AS OBRAS DO AUTOR: CAMINHOS PERCORRIDOS PARA CONSTITUIÇÃO DO ARQUIVO	41
3 ELIAS JOSÉ – UMA HISTÓRIA	51
3.1 Elias José: menino e adolescente, jovem e professor	52
3.2 Elias José escritor: o início de uma trajetória	55
3.3 Uma imagem do escritor por ele mesmo	59
4 A OBRA INFANTOJUVENIL DO ESCRITOR ELIAS JOSÉ: O CONTEXTO DE PRODUÇÃO – UMA CRONOLOGIA NECESSÁRIA	68
4.1 Década de 1960-1969	69
4.2 Década de 1970-1979	70
4.3 Década de 1980-1989	77
4.4 Décadas de 1990-1999/2000-2010	89
5 ELIAS JOSÉ E AS INSTÂNCIAS DE DIVULGAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DO LIVRO INFANTOJUVENIL: ALGUMAS INTERLOCUÇÕES	105
5.1 O Programa Nacional Biblioteca nas Escolas – PNBE	106
5.2 Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ	108
5.3 O que propõem o PNBE e a FNLIJ? Um olhar para a materialidade de duas obras do autor	114
6 REPRESENTAÇÕES DE LEITURA PELO VIÉS DAS OBRAS DE ELIAS JOSÉ: CONTRIBUIÇÕES PARA A ESCOLA	130
6.1 Elias José e a diversidade de temas: uma proposta interdiscursiva	131
6.2 A presença da brincadeira e da fantasia nas obras do escritor Elias José como possibilidade para o desenvolvimento da imaginação	135
6.3 Alfabetização e literatura infantil: importância e contribuições	140
7 SOBRETUDO UM PONTO DE PARTIDA	149
REFERÊNCIAS	155
ANEXO 1	160
ANEXO 2	163
ANEXO 3	168
ANEXO 4	170

ANEXO 5	191
ANEXO 6	192
ANEXO 7	193
ANEXO 8	194

CONSIDERAÇÕES INICIAIS E A ESCOLHA DO TEMA DE PESQUISA (À GUIA DE INTRODUÇÃO)

Aquele que diz – sujeito do texto e seu autor – é ainda uma importante dimensão do texto. É um sujeito situado, que escolhe fragmentos do cotidiano (o quê), os edita e os arranja com certos recursos (como, onde), os narra de certo lugar (quem), movido por certos desejos ou motivos (por que), para produzir certo efeito de sentido (para que), numa certa experiência de linguagem, que inclui o(s) outro(s). (FERREIRA; SILVA, 2012, p. 22).

Minhas considerações iniciais para a apresentação deste estudo perpassam por lembranças que foram cuidadosamente guardadas na memória, mas que ainda não tinham sido visitadas. A apresentação de tais lembranças promoveu a (re)construção de uma história que é minha, porque eu a vivi, mas que também é do outro, pois não a vivi isoladamente e sim nas relações com outros.

Foi especialmente importante rememorar essa trajetória repleta de desejos, sonhos, inquietações, buscas, renúncias, escolhas, encontros, desencontros e conquistas, para que eu pudesse não só reconhecer a importância dos caminhos trilhados e das escolhas que me permitiram realizar o sonho de fazer Mestrado pela Faculdade de Educação da Unicamp, como também compreender, por meio desses entrelaçamentos, a escolha do tema da presente pesquisa.

Começo minha história contando como me tornei professora. Ela teve início quando eu ainda era criança. Cresci ouvindo histórias lidas e contadas. Meu pai gostava de ler as histórias, e minha mãe de contá-las. Esses momentos não eram muito frequentes, mas existiram e hoje vejo que foram marcantes. Fui crescendo com uma vontade imensa de ser professora, sempre brincava de dar aulas para meus irmãos. Pegava um caderno ou um livro e começava a imitar minha própria professora, repetindo tudo que havia ouvido e aprendido com ela em sala de aula.

Lembro-me que todos os dias, ao final da aula, pedia tocos de giz para levar para casa. Escorava um pedaço de madeira na parede e usava-o como lousa, colocava meus irmãos sentados de frente para mim e começava a brincar de escolinha. Como era a mais velha e a única que sabia ler, eu sempre era a professora.

O tempo passou e, junto com ele, as brincadeiras e a vontade de lecionar. No entanto, entre idas e vindas, no ano de 1986, optei por cursar o magistério, por ser essa a minha única opção de curso profissionalizante na época. Eu precisava trabalhar.

Ao iniciar os estágios, no segundo ano do curso, fui novamente envolvida pelo desejo de ser professora. Sentia-me imensamente realizada durante as atividades com os alunos, sentimento esse que me motivou a continuar. A escola era o meu lugar, era onde me sentia bem.

O casamento, ocorrido no segundo semestre de 1988, último ano de curso, fez-me tomar a decisão de trancar a matrícula por seis meses. Retornei no ano seguinte e concluí o curso em 1989, grávida de seis meses. Em função de duas maternidades seguidas – março de 1990 e outubro de 1991 – adiei o início de minha vida profissional.

Minha carreira docente começou com crianças de seis anos na Escola Municipal Deputado Christovan Chiaradia, no município de Piranguinho/MG, no ano de 2002, onze anos após a conclusão do magistério. Possuía pouca experiência na área docente e nenhuma em alfabetização.

Após algumas semanas de trabalho com essa turma, começaram a surgir questões em relação à aprendizagem, entre elas: por que as crianças respondiam de formas diferentes às atividades que lhes eram propostas? Que sentidos eram atribuídos às informações a elas passadas? Devo alfabetizá-las? Por onde começar? É possível trabalhar com a leitura e a escrita nessa fase? Como? Diante destas questões, percebi que me faltava conhecimento teórico relacionado ao desenvolvimento e às necessidades das crianças, assim como aos conteúdos que devem ser trabalhados com essa faixa etária. Faço questão de ressaltar aqui que o que não faltava em minhas aulas, diariamente, eram histórias, às vezes contadas, às vezes lidas.

O município de Piranguinho, naquela época, contava com apenas uma Coordenadora Pedagógica para atender as quatro escolas. Com isso, cada escola recebia a visita dessa coordenadora somente uma vez por semana. Nessas visitas, ela cuidava mais de questões burocráticas do que pedagógicas.

Sem saber ao certo que rumo dar aos conteúdos, procurei algumas colegas de trabalho, que me orientaram a fazer a leitura dos RCNs¹, pois cada professora tinha liberdade para fazer seu planejamento da forma que achasse melhor; contudo, ele deveria estar de acordo com os Referenciais. Tudo muito vago para quem estava iniciando a carreira nas condições em que me encontrava. Precisava voltar a estudar, me atualizar, pensava aflita.

¹ Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Este referencial foi instituído em 1999 a partir da LDB 9394/96. Trata-se de um conjunto de reflexões de cunho educacional sobre objetivos, conteúdos e orientações didáticas para os educadores que atuam diretamente com crianças de 0 meses a 6 anos. É compreendido como uma ferramenta de estímulo à reflexão e não como um manual a ser seguido. Disponível em: <www.educabrasil.com.br/rcn-para-a-educacao-infantil/>. Acesso em: 31 mai. 2018.

Tinha consciência de que não encontraria receitas e nem era isso que buscava. Tudo que eu precisava era de um referencial teórico que me ajudasse a compreender a criança e suas formas de se relacionar com os saberes. Acreditava, e ainda acredito, que a teoria não forneceria respostas, mas certamente indicaria caminhos, e minha prática se tornaria mais consistente e menos intuitiva.

No segundo semestre desse mesmo ano de 2002, surge uma oportunidade de estudo que na época, por motivos que não cabe explicitar nesse momento, era minha melhor, e até mesmo única opção: ingressar no curso Normal Superior, oferecido pela Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC) em parceria com a Prefeitura Municipal de Piranguinho, na qual eu era efetiva.

Foram três anos marcados por desconstruções, (re)construções e novos aprendizados. Contudo, ao mesmo tempo em que algumas frestas se abriam e permitiam a passagem de um feixe de luz que clareava algumas questões, outras inquietações surgiam, quase que na concomitância. As inquietações nunca cessavam, sentia uma constante necessidade de buscar e aprender mais e mais. Esse desejo, aliado às particularidades das turmas com as quais me deparava a cada ano, impulsionaram-me a empreender estudos em variados campos acadêmicos.

Assim sendo, cursei algumas especializações: a primeira em Filosofia para Crianças com ênfase em Educação para o Pensar, também oferecido pela UNIPAC; a segunda, em Alfabetização e Letramento; a terceira, em Psicopedagogia Clínica e Institucional, sendo as duas últimas oferecidas pela PUC Minas (Campus de Poços de Caldas). Estes três cursos aprofundaram, sem dúvida, minha formação inicial. No decorrer de cada um deles, tive a oportunidade de ler muitos autores e conhecer, pelo viés de cada um, diferentes concepções e diferentes formas de ensinar e aprender.

A partir de então, com um pouco mais de confiança e elaborações teóricas mais consolidadas, “criava” práticas pedagógicas mais consistentes; não cabe aqui discutir se eram boas ou ruins, o que cabe dizer é que eram coerentes com os estudos que estava empreendendo.

Essas formas de proceder pedagogicamente se faziam presentes na aprendizagem das crianças. Agora, já conseguia compreender algumas questões e lidar com a heterogeneidade das turmas com mais tranquilidade. Mas as inquietações continuaram e, junto com elas, outras questões maiores e mais profundas surgiam. Estava na hora de partir para um empreendimento maior, o mestrado. Como? Onde? A realidade financeira do momento era o maior impedimento.

Incentivada pela professora Karla Zucolloto, da PUC de Poços de Caldas, enviei e-mails para vários professores da Faculdade de Educação da Unicamp, apresentando um pouco da minha trajetória, falando do meu desejo e da necessidade que tinha em pesquisar, num âmbito bem maior, questões relacionadas ao meu fazer pedagógico, mas, infelizmente, naquela época não obtive retorno algum. Não desisti. Fiquei no aguardo de um momento mais oportuno. Paralelamente a essa espera, fazia cursos de formação continuada oferecidos pela prefeitura, pela Rede Pitágoras – já trabalhava também em uma escola particular – e ainda procurava por outras formações em diferentes lugares que pudessem contribuir com a minha prática. Percebi, a partir dessas lembranças, que minha visão em relação ao estudo era pragmática. Estudava tendo em vista a prática pedagógica.

Em 2005, iniciei uma nova fase. Após o segundo casamento e o nascimento do meu terceiro filho, mudei-me para Itajubá/MG, município limítrofe de Piranguinho; em 2006, fui aprovada no concurso público municipal nesta cidade e, em 2007, fui efetivada como docente. Nesse mesmo ano, optei por desligar-me das escolas de Piranguinho.

Em Itajubá, no período de 2007 a 2011, atuei nas redes pública e particular como professora alfabetizadora. Fui convidada para assumir, em 2012, o cargo de assistente pedagógica na mesma escola particular em que era professora. Quanto aprendizado! Tive a oportunidade de olhar para a sala de aula através de outra perspectiva. O olhar “distanciado” possibilitou-me (re)avaliar a minha prática e enxergar detalhes que não percebia quando estava “do outro lado”.

No segundo semestre desse mesmo ano, incentivada por minha irmã que havia iniciado o doutorado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), enviei um e-mail para aquele instituto e fui aceita na condição de aluna especial, na disciplina Produção Escrita em Língua Materna, da Professora Dr^a Raquel Salek Fiad. Não consegui encontrar palavras para registrar aqui a emoção que senti ao receber o seu aceite. Minha maior oportunidade. Uma importante porta se abriu. Não medi esforços para estar presente semanalmente em todos os encontros e cumprir com as atividades e leituras propostas na disciplina. A partir das leituras propostas e das discussões com o grupo, vi-me diante de um imenso horizonte de possibilidades de pesquisa.

Ao final da disciplina, após conversar longamente com uma das amigas que fiz nesse semestre e que pertencia ao Grupo Alfabetização, Leitura e Escrita (ALLE)², da Faculdade de Educação da Unicamp, enviei um e-mail para a Profa. Dra. Lilian Lopes Martin da Silva, coordenadora do Grupo naquela época, pedindo permissão para cursar sua disciplina como aluna especial. A Professora Lilian atenciosamente respondeu meu e-mail dizendo que o grupo não aceitava alunos especiais, mas que eu poderia participar dos encontros, em 2013, como ouvinte. Mais uma oportunidade! Mais uma porta aberta! Alegria imensa!

Ainda no ano de 2013, fui convidada pela Rede Pública para atuar como Analista Pedagógica no Programa de Intervenção Pedagógica (PIP/Municipal ATC)³, que trata de uma política pública do Governo do Estado de Minas Gerais que assegura o acompanhamento e a orientação do professor em sala de aula, com o objetivo de melhorar o desempenho dos alunos, principalmente na leitura e na escrita. Um belo desafio e uma grande oportunidade de estudar mais, pois teria que trabalhar com formação de professores.

Ao aceitar o convite, tive que abrir mão do meu trabalho na Rede Privada. Foi uma difícil decisão, mas eu precisava passar por essa experiência. Mais do que nunca, chegara a hora de batalhar pelo mestrado. Agora meu desejo já não se pautava por questões práticas, eu queria enveredar pelo mundo da pesquisa, por mim mesma, para meu crescimento pessoal.

Comecei então a empreitada para decidir sobre o que pesquisar. Procurei, inicialmente, saber quais eram os autores que fundamentavam os estudos daquele grupo, li muitos trabalhos e não me cansava de pedir a orientação e sugestão das colegas da disciplina.

Foi um semestre cheio de aprendizagens, conheci novos autores, novos olhares e novas possibilidades de estudo. Tive contato com pessoas acolhedoras, que me ajudaram a pensar em temas que dialogassem com os estudos do grupo. Tais contribuições foram muito importantes para a definição do meu tema de pesquisa. No entanto, eu ainda não sabia sobre o

² O ALLE surgiu em 1998 e toma como desafio “refletir sobre a cultura escrita e a leitura, suas formas de existência nas sociedades, em diferentes tempos e lugares, sua produção, circulação e recepção, dentro e fora das instituições, suas relações com outras linguagens e tecnologias e os processos de constituição dos leitores”. O AULA surgiu em 2002 e tem como foco de estudo a formação inicial e continuada dos professores vivida no âmbito da universidade e fora dela. Toma a formação inicial como um processo deliberado de inserção e continuidade em uma comunidade cultural circunscrita por um contexto histórico-social amplo no qual diferentes práticas e discursos circulam. Tal processo, constitutivo dos educadores em formação, é direcionado pelos professores formadores e marcado pelas práticas e discursos em circulação no movimento sócio-histórico mais amplo. Em 2016, os dois grupos se fundiram de forma a atuar de modo colaborativo, otimizando os trabalhos na pesquisa e demais atividades. (Informação do Diretório dos Grupos de Pesquisas do CNPq <dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1472342236629601>).

³ Programa de Intervenção Pedagógica/Alfabetização no Tempo Certo (PIP/ATC). Foi implantado em 2007 com a seguinte meta: “toda criança lendo e escrevendo até oito anos de idade”. Apresenta-se como uma estratégia de apoio à escola, dando suporte à prática docente. Prevê o acompanhamento e capacitação de professores, especialistas e gestores com foco no desempenho do aluno. O documento completo está disponível em: <http://www.educacao.mg.gov.br/images/stories/pip/pip_municipal.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2018.

que me debruçar. Essa questão foi se tornando mais clara no decorrer das leituras e das discussões que fazíamos acerca dos estudos de Bakhtin durante nossos encontros.

Naquela ocasião, eu voltava para Minas com uma colega do grupo, Ilsa Vieira, que já estava na reta final do seu doutorado. Durante as viagens, ela sugeria a leitura de alguns autores e apontava algumas questões interessantes de serem investigadas a respeito do livro e da leitura.

A partir dessas conversas, iniciei uma busca por trabalhos empreendidos sobre a literatura infantil, o livro e a leitura, com o intuito de conhecer as discussões acerca de tais temas.

Deparei-me com inúmeras pesquisas acerca da literatura infantil. Encontrei trabalhos que se debruçaram sobre os programas do governo de incentivo à leitura; as práticas de leitura em sala de aula – tanto a respeito das contribuições da literatura infantil no processo de alfabetização quanto na formação do sujeito; a produção de livros infantis; o acervo de bibliotecas escolares, entre outros.

Pude constatar que há uma grande preocupação com o trabalho referente à leitura nas escolas, principalmente em escolas públicas, que, para muitas crianças, talvez seja o único lugar em que elas vivenciam esta prática e tenham contato com esse tipo de material impresso que é o livro de literatura.

Encontrei, finalmente, um tema que poderia ser estudado, realizei a escrita do projeto e o submeti em 2014, para o ano acadêmico de 2015. Naquele ano, a proposta não foi aprovada. Não desisti. Continuei a participar dos encontros e dos estudos no grupo como ouvinte. Pude contar novamente com o apoio dos colegas, que leram este projeto, deram sugestões e, entre escritas e (re)escritas, uma nova proposta foi construída e aceita ano de 2015. Em 2016, eu era aluna regular do curso de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp.

Apresento, a partir daqui, um breve relato acerca de uma experiência pedagógica, da qual nasceu o interesse pelo tema desta pesquisa, a saber, as obras do escritor brasileiro Elias José. Para isso, peço licença para continuar a falar na primeira pessoa do singular, por se tratar ainda de uma experiência pessoal, que não poderia ser dita de outra forma. Não tenho a pretensão de anular as vozes – preciosas – que se fizeram presentes na construção da proposta como um todo; afinal, cada palavra ouvida e cada leitura realizada fizeram parte da constituição dessa escrita.

Vale iniciar o relato dizendo que meu encontro com algumas obras de Elias José se deu a partir de um trabalho pedagógico de literatura infantil, no ano de 2010, em duas

escolas, uma pública e outra particular, do município de Itajubá, sul de Minas Gerais, nas quais eu era regente nas turmas de segundo ano do Ensino Fundamental I.

Tratava-se de um projeto de leitura e produção escrita, cujo tema era o “Faz de conta”, que culminaria numa feira literária. Para tanto, cada professor deveria eleger um autor para ser lido, estudado e apresentado.

A partir de então, iniciei uma busca por títulos que tivessem como ideia principal o faz de conta. Deparei-me com inúmeras obras, mas a que mais chamou minha atenção foi *O que conta no faz de conta*, do escritor Elias José. Realizei então uma segunda busca, desta vez por outros títulos deste autor, para ver se havia mais obras condizentes com o tema. Pude perceber que uma das características predominantes nos livros do escritor era o brincar com os sons e os sentidos das palavras e o faz de conta.

Assim sendo, Elias José foi o autor escolhido para ser apresentado na feira literária em 2010, pelas turmas do segundo ano do ensino fundamental I, nas escolas particular e pública.

É importante destacar que esse trabalho teve duração de dois meses e foi desenvolvido com turmas de contextos sociais distintos, as quais apresentavam modos diferentes de lidar com o livro e com a leitura. Vale esclarecer também que este projeto teve início na escola particular, que adquiriu muitos títulos e solicitou às famílias a compra da obra supracitada. Ao perceber o interesse dessa turma, decidi realizar o trabalho também na escola pública.

Durante o desenvolvimento do projeto, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer a vida do autor Elias José, a relação que ele mantinha com os livros e com a leitura por meio dos seus relatos sobre o próprio processo de produção presente em algumas de suas obras infantis. Foi possível observar que as crianças mergulhavam no mundo da imaginação e viviam a aventura junto com as personagens. Em seguida, incentivadas pela leitura, elas criavam, oralmente e pela escrita, suas próprias histórias de faz de conta.

O interesse pela leitura e pela escrita proporcionado por esse trabalho pedagógico se fez prontamente visível através da relação que cada criança, a seu modo, passou a ter com o livro, com a leitura e com as atividades de escrita.

A experiência desse trabalho mostrou-se bastante produtiva e a proposta foi repetida nos anos seguintes (2011 e 2012). A resposta foi semelhante: as crianças interagem com as histórias, com os poemas, começaram a ler com mais frequência e a produzir seus próprios poemas ou histórias de faz de conta.

A opção por desenvolver um projeto de leitura com as obras de Elias José não apenas estreitou a minha relação com suas produções, como também me instigou a buscar mais dados a respeito de sua trajetória e obras, com o intuito de compreender o lugar desta produção no cenário da literatura infantojuvenil no Brasil.

Percebi que poderia debruçar-me sobre as produções do escritor Elias José ancorada em um referencial teórico no ano de 2013, ao entrar em contato com os textos de Bakhtin (1997, 2009), durante a disciplina “Cultura, Educação e Leitura” no Grupo ALLE da FE/Unicamp, ministrada pelas professoras Norma Sandra de Almeida Ferreira e Lilian Lopes Martin Silva. A partir das discussões realizadas durante as aulas, tornou-se possível estabelecer relações entre os textos estudados e as análises que poderiam ser feitas em relação às obras do referido autor. Em seguida, aproximei-me de outros referenciais teóricos que também poderiam fundamentar a pesquisa, a saber, os da História Cultural, trazidos por Roger Chartier acerca do livro e das práticas de leitura, assim como os de Marisa Lajolo e Regina Zilberman sobre o panorama da literatura infantil no Brasil.

Autor de uma vasta produção literária, Elias José despertou nosso interesse para a pesquisa – e a partir daqui já falo na primeira pessoa do plural, pois o interesse agora não é somente meu – pela importância de suas obras no cenário da Literatura Brasileira Infantojuvenil, sendo muitas delas distribuídas, premiadas, altamente recomendadas pelos programas do governo e, por isso, muito presentes nas escolas.

Levando-se em conta o grande destaque da produção desse autor na literatura infantojuvenil brasileira e sua significativa presença nas escolas, consideramos relevante realizar um estudo acerca desta produção literária, remetendo-as à sua historicidade como forma de procurar situá-las em sua origem.

Acreditamos que tais conhecimentos podem ajudar na compreensão da forma como uma produção é constituída e se movimenta nos diferentes momentos, em função das interlocuções com as diversas e diferentes vozes que circulam no tempo, historicamente, e que se fazem presentes no contexto em que são produzidas e dadas a ler.

É fundamental observar que a presente pesquisa caminhará no sentido de compreender a relevância e as contribuições da produção literária do escritor Elias José no âmbito educacional. Assim sendo, nosso olhar sobre as obras seguirá na direção de questões relacionadas com a escola e não em relação aos aspectos analíticos voltados para o campo da crítica literária.

Nesse sentido, o objetivo geral deste estudo é o de apresentar o autor brasileiro Elias José e inventariar suas obras, organizando-as cronologicamente. É importante salientar

aqui que não nos detivemos sobre as obras para adultos, paradidáticas, de participação e organização, que foram catalogadas e apresentadas apenas com o intuito de dar visibilidade ao conjunto da produção do autor. Assumimos como *corpus* de análise a produção infantojuvenil do escritor Elias José.

Assim sendo, considerando as tensões que movimentam uma produção literária no tempo, destacamos os seguintes objetivos específicos: 1) Situar as obras de Elias José no seu contexto histórico e cultural da produção de livros infantis; 2) Apresentar as contribuições/importância/relevância de Elias José no âmbito escolar.

Diante deste leque de interesses, surgiram algumas indagações que nos ajudaram a nortear e compor este estudo. São elas: como Elias José se constituiu escritor de livros infantis? O que ele produziu? Em que contextos? Como este autor se faz presente no cenário da Literatura Infantil no Brasil?

As indagações elencadas sintetizam-se na seguinte questão de investigação: **quais e quantas são as obras produzidas pelo autor brasileiro Elias José nos diferentes momentos históricos de sua produção?** Decorrente dessa questão mais ampla, relacionado ao campo da Educação e aos objetivos específicos, também perguntamos: que contribuições elas trouxeram para a Escola?

Nessa direção, justificamos a relevância deste trabalho pela Faculdade de Educação da Unicamp, direcionado especificamente aos estudos desenvolvidos no grupo de pesquisa ALLE/AULA, por se tratar de um estudo que tem como propósito a construção de um arquivo das obras infantojuvenis de um escritor brasileiro que possui uma vasta produção, sendo muitas delas distribuídas, premiadas e altamente recomendadas pelos programas de governo. Acreditamos também que esta pesquisa possa contribuir com as discussões já existentes acerca da compreensão da forma como uma produção se constitui e do livro como um material impresso, que dá visibilidade a modelos culturais de usos que circulam em determinada época.

Assim sendo, inventariar e situar historicamente as obras do escritor Elias José representa o acesso a uma parte significativa da literatura infantojuvenil no Brasil, que, se não for apresentada, provavelmente será apagada, pois como nos diz Chartier (2004, p. 129), “pela forma e pelo texto, o livro torna-se signo de distinção e portador de uma identidade cultural”.

Para realizar este empreendimento, buscamos aportes teóricos em estudos de diferentes áreas do conhecimento. Entre eles, foram de fundamental importância os estudos

trazidos por Chartier (1990, 2004, 2010); Bakhtin (1999, 1997, 2009); Vigotski⁴ (2007); Lajolo & Zilberman (2007) e Saviani (2010).

Nos estudos trazidos por Roger Chartier, encontramos fundamentação para as reflexões acerca do livro como objeto cultural, possível de ser compreendido nas representações e práticas que ele movimenta, bem como nos aspectos da cultura escrita situada e datada histórica e culturalmente.

Chartier (2011), em seu texto “Do livro à leitura”, nos adverte que devemos separar os dois conjuntos de dispositivos que são com frequência confundidos, a saber, o da produção textual e o da produção gráfica. No primeiro, esclarece o pesquisador, o autor apresenta ao leitor instruções para direcionar a leitura e impor o sentido que ele deseja. O segundo, decorrente dos editores, embora distinto, se cruza com o primeiro. Trata-se do projeto gráfico, incluindo as formas tipográficas, ilustrações, divisão do texto, tamanho do livro, tipo de papel, entre outros. Tais dispositivos, destaca Chartier, produzem efeitos sobre a leitura e os sentidos que se deseja impor e “dão suportes móveis às possíveis atualizações do texto” (CHARTIER, 2011, p. 100). Nessa direção, os dispositivos tipográficos

[...] permitem um comércio perpétuo entre textos imóveis e leitores que mudam, traduzindo no impresso as mudanças de horizonte de expectativas do público e propondo novas significações além daquelas que o autor pretendia impor a seus primeiros leitores. (CHARTIER, 2011, p. 100).

Bakhtin, por sua vez, com estudos no campo da linguagem, permitiu-nos identificar o sentido que o signo, em nosso caso o livro, assume no momento e na situação específica de enunciação, assim como na influência do auditório social – ou leitor projetado – sobre a produção do enunciado.

Em Vigotski, apoiamo-nos na concepção de que o mais importante no experimento – para nós a pesquisa acerca de uma produção literária – é explicitar os processos que normalmente ficam encobertos, que no nosso caso se trata de compreender a singularidade de uma produção literária dentro de um conjunto de relações sociais estabelecidas. Em concordância com esta concepção, partimos do pressuposto de que para compreendermos o nosso objeto, a saber, a produção literária do escritor Elias José, devemos, primeiramente, determinar a sua origem e traçar a sua história, pois ao explicá-la e descrevê-

⁴ Estudiosos grafam o nome do autor Vigotski de várias maneiras (Vygotsky, Vigotski, Vygotski ou Vigotsky) devido às diferentes traduções das obras do autor. Neste trabalho, faço a opção pela grafia Vigotski; no entanto, nos momentos em que realizar citação direta, preservarei as grafias utilizadas pelos autores das obras por mim consultadas.

la fora de seu contexto, chegaríamos a uma compreensão rasa e possivelmente equivocada. De acordo com essa perspectiva,

[...] toda e qualquer análise deve buscar as relações entre os fragmentos que compõem o todo, pois os modos como esses fragmentos se relacionam, tanto os determina quanto é determinante do todo composto. Esta premissa se contrapõe a ideia de que a ordem dos fatores não altera o produto, assim como a expressão de que o todo é a mera soma das partes. Ao contrário, todo e partes unificam-se e singularizam-se, pois, o todo se apresenta de alguma forma na parte que o institui e que por este é instituído. Portanto, ao se isolar os elementos, inevitavelmente os fenômenos são reduzidos, o que leva a uma análise estéril e equivocada. (ZANELLA et al., 2007, p. 28).

Nesse sentido, apresentar o escritor Elias José, inventariar sua produção literária, situá-la historicamente possibilitou compreender a importância dessa produção no campo da literatura infantojuvenil e apresentar suas contribuições no âmbito educacional.

Vigotski (2007, p. 63) chama a atenção para a diferença entre a análise de objetos e a análise de processos. Para ele, a segunda requer “uma exposição dinâmica dos principais pontos constituintes da história dos processos”. No nosso caso, são as condições de produção de Elias José. Em relação à descrição, este mesmo pesquisador nos diz que “a mera descrição não revela as relações dinâmico-causais reais subjacentes ao fenômeno” (VIGOTSKI, 2007, p. 64). Desta forma,

[...] o método para Vigotski não apenas nos permite reconhecer no presente aspectos do passado, como também possibilita conhecer as especificidades da constituição do próprio sujeito, pois, os processos que o constituem se dão nos próprios movimentos do sujeito em uma determinada realidade histórica que é por este singularmente apropriada. As objetivações que este realiza no mundo, tanto são produtos de apropriações passadas quanto são processos em movimento de transformação tanto de si quanto do contexto do qual é parte/partícipe, movimento este que se apresenta como aberto, impulsionado por possibilidades de vir a ser. (ZANELLA et al., 2007, p. 29).

No campo da Literatura, contamos principalmente com os estudos de Marisa Lajolo e Regina Zilberman, para compreensão da forma como a literatura infantojuvenil se constituiu enquanto gênero no Brasil, e também com as relações estabelecidas entre as obras de Elias José e o contexto histórico em que foram produzidas.

Os estudos de Dermeval Saviani contribuíram para a apresentação das ideias pedagógicas que circulavam no Brasil nas décadas em que as obras do escritor foram dadas a ler.

Para concretizar tais proposições, estruturamos este estudo em seis capítulos, cuja organização será apresentada a seguir.

O Capítulo 1, “A busca por outros estudos: estabelecendo interlocuções”, apresenta as buscas e os critérios usados para seleção do referencial teórico que deu suporte à pesquisa e a interlocução desse material com o tema do presente estudo. Este capítulo apresenta também, a proposição teórico-metodológica assumida nesta pesquisa. Nesse ponto, procuramos evidenciar a importância da escolha do método como apoio para que o pesquisador possa elaborar a sua exposição.

“O (des)encontro com as obras do autor: caminhos percorridos para constituição do arquivo” será o Capítulo 2, no qual descrevemos os movimentos e os caminhos trilhados para a produção de dados, nesse caso, de documentos para compor a biografia do escritor Elias José, e as buscas para catalogação das obras e constituição do *corpus* de análise.

Dedicado à escrita da biografia e apresentação das obras de Elias José, construímos o Capítulo 3, “Elias José – Uma história”. Este capítulo foi dividido em três partes. A primeira parte apresenta a biografia do autor, trazendo fatos desde a sua infância até o momento em que se tornou professor. A segunda parte busca mostrar como Elias José se tornou escritor, apresentando o início da sua trajetória. Na terceira e última parte foi apresentada uma imagem do escritor por ele mesmo, a partir de relatos e depoimentos do próprio autor retirados de entrevistas concedidas por ele em jornais e revistas.

O Capítulo 4, “A obra infantojuvenil do escritor Elias José: o contexto de produção- uma cronologia necessária” situa a produção literária infantojuvenil do escritor Elias José nas décadas em que foram dadas a ler, trazendo as ideias pedagógicas e o cenário da literatura infantojuvenil de cada momento. Foram apresentadas também nesse capítulo, as características gerais da produção do escritor a partir da leitura dos dados produzidos e organizados em tabelas, presentes em cada década.

Na continuação, temos “Elias José e as instâncias de divulgação e distribuição do livro infantojuvenil: algumas interlocuções”, como Capítulo 5.

Este capítulo foi dividido em três seções, 1) “O Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE”; 2) “Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ”; 3) “O que desejam o PNBE e a FNLIJ? - Um olhar para a materialidade de duas obras do autor.

Nas duas primeiras seções, procurou-se apresentar, respectivamente, os fundamentos do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), assim como as obras do escritor que foram reconhecidas por

essas duas instâncias no intuito de tornar compreensível a relevância desse autor tanto no campo da literatura infantojuvenil quanto na escola.

A terceira ocupou-se em fazer uma interlocução entre duas obras do escritor à luz dos critérios de avaliação do PNBE e da FNLIJ para demonstrar, por meio da materialidade dessas obras, que tipo de livro/leitura são considerados de qualidade para fazer parte das bibliotecas das escolas públicas através do PNBE, assim como dos catálogos enviados pela FNLIJ para as secretarias de educação – Municipais, Estaduais e Federal – como sugestão de compras.

O Capítulo 6, “Elias José, modos de pensar o leitor e a leitura: um diálogo com a escola”, sem ter a pretensão de esgotar este estudo, mas apresentar as contribuições do escritor no âmbito escolar, ocupou-se em demonstrar possíveis aproximações entre algumas obras do escritor e as demandas da escola por meio das prescrições e orientações identificadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) – documentos que norteavam as práticas pedagógicas – com vistas em três categorias, a saber: diversidade de temas, desenvolvimento do imaginário e alfabetização.

1 A BUSCA POR OUTROS ESTUDOS: ESTABELECENDO INTERLOCUÇÕES

Tenho o privilégio de não saber quase tudo.
E isso explica o resto.
(Manoel de Barros)⁵

O objetivo deste primeiro capítulo é o de apresentar o referencial teórico selecionado para dar suporte a esta pesquisa, assim como os procedimentos que se fizeram presentes durante a busca e a escolha desse material. Será apresentada também a interlocução dos trabalhos selecionados com o tema proposto nesse estudo e a definição do referencial teórico-metodológico assumido na pesquisa, bem como a justificativa para tal escolha.

Partimos do princípio de que qualquer estudo deve começar pela escolha do referencial teórico-metodológico a ser assumido, seguido da revisão bibliográfica, a fim de conhecer a produção já existente acerca do que se está propondo estudar.

Segundo Vigotski, “o método é ao mesmo tempo premissa e produto, ferramenta e resultado da investigação”. Nessa direção, “o objeto e o método da investigação mantêm uma relação muito estreita” (VIGOTSKI, 1995, p. 28).

Em conformidade com o que foi apresentado, direcionamos o olhar para os trabalhos que ao mesmo tempo em que dialogavam com o tema deste estudo, apresentavam uma abordagem teórico-metodológica orientada, principalmente, pela perspectiva da História Cultural, nos estudos trazidos por Roger Chartier. Para realizar este levantamento bibliográfico, foram consultados os seguintes locais on-line: portal btdt.ibict e Biblioteca Digital da Unicamp.

Porém, antes de iniciarmos a consulta aos sites indicados, foi preciso pensar nas combinações de palavras-chave que pudessem apresentar os locais e os resultados desejados. São elas: *literatura infantil*, *livro infantil*, *autor livro infantil* e, por fim, *Elias José*, a fim de averiguar se havia algum trabalho sobre o escritor ou sua produção. É importante ressaltar que foram usadas as mesmas palavras-chave em todos os locais, entre aspas e sem aspas⁶.

⁵ BARROS, Manoel de. *Menino do mato*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.

⁶ A utilização das aspas serve para limitar as pesquisas com o propósito de obtermos resultados mais específicos. Sem aspas, os resultados fornecidos incluirão qualquer estudo que contenha as palavras usadas, sem levar em consideração a ordem em que elas foram empregadas na busca.

A escolha pelas palavras-chave *literatura infantil* se justifica pela importância de obtermos, a partir das pesquisas já existentes, suportes teóricos acerca da história da literatura infantil, para situarmos historicamente os dados de nossa pesquisa.

Partindo desta perspectiva, Bakhtin (1999) nos diz que é importante, para compreendermos a essência dos fenômenos presentes numa obra, estudá-la levando em conta “seu seio de produção” e não desligada de seu contexto, de forma isolada.

A combinação de palavras *livro infantil* foi pensada para encontrar pesquisas acerca da produção do livro infantil, com o intuito de conhecer as estratégias usadas na produção do livro em função dos sentidos que são desejados e das concepções que autores e editores têm de seus leitores. Esses estudos contribuíram para a compreensão das características gerais das obras do autor e nos ajudaram a entender os motivos pelos quais algumas obras foram premiadas e distribuídas pelos programas do governo. A apresentação dos programas do governo, bem como os critérios para seleção, premiação e distribuição das obras serão tratados no capítulo 5 deste estudo.

Nessa direção, Chartier (1990, p. 127) diz que “não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas pelas quais ele chega ao seu leitor”. Este mesmo autor destaca, ainda, que não há produção cultural que não empregue os modelos impostos pela tradição e por quem tem o poder.

A expressão *autor livro infantil*, por sua vez, foi pensada como um caminho possível para conhecermos as abordagens e as perspectivas das pesquisas já empreendidas sobre algum autor, para que pudéssemos também traçar nossos próprios caminhos.

A seleção dos locais que pudessem oferecer estudos referentes ao tema desta pesquisa, feita na base de dados do Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU), se deu a partir da consulta em cada uma das bases oferecidas, de A a Z. O critério usado para selecionar tais locais foi o da leitura da descrição e do assunto de cada uma das bases apresentadas. Selecionamos todas as que apresentavam em sua descrição trabalhos sobre literatura. Foram excluídas as bases cujos trabalhos e assuntos se referiam à área da saúde, engenharia, física, economia, indústria, tecnologia, comércio, idiomas, entre outros.

O segundo movimento realizado foi a busca por teses e dissertações na biblioteca digital da Unicamp e no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Nestes locais, foram usadas as mesmas palavras-chave já citadas.

É importante ressaltar que a primeira classificação dos trabalhos nos dois locais indicados acima foi feita inicialmente a partir da leitura dos seus títulos. Em seguida, fez-se a

leitura dos resumos das pesquisas selecionadas na primeira etapa. O terceiro e último passo foi a identificação do referencial teórico e das abordagens das pesquisas.

Foram selecionadas as pesquisas que apresentavam os seguintes temas: 1) Produção do livro infantil; 2) Percurso histórico da literatura infantil; 3) Análise documental dos projetos do governo que envolvem o livro e a leitura; 4) Estudo sobre um autor e suas obras; 5) Revisão da crítica literária brasileira dos anos 70 e 80; 6) Livros premiados pela FNLIJ que entram nas escolas; 7) Articulação das obras de uma autora com seu contexto histórico de produção; 8) Um estudo a respeito de obras de literatura lusófona no Brasil.

Importa dizer também que para a realização desta primeira parte do levantamento bibliográfico foram escolhidas as pesquisas que apresentavam uma abordagem histórica sobre os temas já citados e se fundamentavam, principalmente, nos estudos de Roger Chartier, Lajolo e Zilberman e Bakhtin.

Foi possível constatar, a partir das buscas, que não há nenhum trabalho empreendido sobre o autor Elias José, o que reforçou a necessidade de se fazer um estudo acerca do inventário da sua produção para, em seguida, situá-la historicamente, com o propósito de compreendê-la em sua historicidade, não deixando que ela se perca no tempo.

Serão apresentadas a seguir as interlocuções estabelecidas com os estudos selecionados, com o intuito de evidenciar as contribuições fornecidas por cada um deles.

1.1 Diálogo com estudos selecionados

Considerando o trabalho a ser empreendido sobre o autor Elias José, serão apresentadas a seguir as pesquisas selecionadas, bem como os pontos de aproximação com o tema que o presente estudo se propôs a investigar.

Destacamos, inicialmente, a dissertação de Monteiro (2007), *Era uma vez... Uma construção discursiva do conceito de literatura infantil e juvenil*, por analisar o conceito de qualidade aplicado à literatura infantil e juvenil, a partir da análise dos critérios empregados pela FNLIJ e PNBE. Uma vez que muitas obras do autor Elias José foram premiadas pela FNLIJ e fazem parte do PNBE, consideramos importante conhecer os critérios usados por estas duas instituições na escolha dos livros para compreendermos as obras que foram premiadas e que fazem parte desse acervo.

Para o trabalho de Alexandre (2007), *Literatura e educação na memória de uma cidade: um olhar sobre Thales Castanho de Andrade*, apontamos como ponto de aproximação

com nosso tema o estudo relativo a um autor, sua trajetória e produção literária. Este trabalho examina também a produção do autor no âmbito da educação.

O trabalho de Branco (2014), *De primeira hora, no calor da hora: a crítica brasileira de literatura infantil nas décadas de 1970 e 1980*, foi selecionado por se tratar de um estudo que investiga até que ponto a crítica brasileira de literatura infantil nas décadas de 1970 e 1980 (período em que Elias José iniciou sua produção para adultos e crianças, respectivamente), constitui-se como elemento fundador de uma nova literatura infantil e juvenil no Brasil.

Já no estudo de Martins (2013), *Um estudo introdutório da literatura de João Carlos Marinho*, foi destacado como ponto de aproximação o enfoque dado ao estudo panorâmico de uma produção literária voltada para o público infantil. Trata-se de um estudo introdutório, que visa compreender a produção de um autor no cenário literário brasileiro.

O trabalho de Costa (2009), *Literatura premiada entra na escola?: a presença dos livros premiados pela FNLIJ, na categoria criança, em bibliotecas escolares da rede municipal de Belo Horizonte* despertou nosso interesse por se tratar de um estudo que faz um mapeamento da presença dos livros premiados pela FLNIJ (1974-2006) nas bibliotecas escolares e, também, por fazer uma análise dos critérios de qualidade empregados pelo PNBE.

A pesquisa de Pereira (2013), *O leitor através do espelho - E o que ele não encontrou por lá!*, chamou nossa atenção por fazer uma análise documental do PNBE e PNLL, muito importante para nosso empreendimento, uma vez que algumas obras do autor Elias José fazem parte do acervo do PNBE.

É importante destacar de modo especial os trabalhos que serão apresentados a seguir, desenvolvidos na Faculdade de Educação da Unicamp, por pesquisadores do Grupo ALLE - Alfabetização, Leitura e Escrita. A perspectiva teórica utilizada pelas pesquisadoras, fundamentada principalmente nos estudos da História Cultural trazidos por Roger Chartier, assim como os procedimentos metodológicos das pesquisas, contribuirão não somente com a validação dos dados analisados nesse estudo, mas também com a escolha dos caminhos trilhados para realização deste empreendimento.

Nessa direção, selecionamos o estudo de Oliveira (2013), *Obras de literatura infanto-juvenil portuguesa no mercado livreiro brasileiro 2010 e 2011*, por apresentar uma metodologia acerca do inventário das obras lusófonas no Brasil, informação importante para realização do inventário e posterior apresentação da produção de Elias José.

Para compreender as características gerais da produção do escritor Elias José a partir das representações de criança e literatura infantil de um determinado tempo histórico,

assim como o panorama atual da literatura infantil no Brasil, foi selecionado o trabalho de Dalcin (2013), *Um escritor e ilustrador (Odilon Moraes), uma editora (Cosac Naify): criação e fabricação de livros de literatura infantil*. Esse estudo faz uma reflexão acerca das singularidades presentes no polo da produção de livros infantis a partir da análise das representações e concepções de criança e literatura infantil por parte de um autor e de uma editora.

Em relação à apresentação de um panorama histórico maior da literatura infantil, encontramos o trabalho de Maziero (2015), *Arnaldo de Oliveira Barreto e a Biblioteca Infantil Melhoramentos (1915-1925): histórias de ternura para mãos pequeninas*. Este estudo também contribuiu com a apresentação do panorama atual da literatura infantil. Nessa direção, Chartier (2010) nos diz que precisamos remeter ao passado para compreender criticamente as inovações.

Destacamos de modo especial a pesquisa de Daibello (2013), *Ruth Rocha: produção, projetos gráficos e mercado editorial*, por se tratar de um trabalho que muito se aproxima desta pesquisa. A autora empreendeu um estudo sobre a produção literária de uma escritora de literatura infantil, fazendo um inventário de suas obras e apresentando, por meio das análises acerca da materialidade dos livros, como esta produção se movimenta no tempo em função do seu leitor e do momento histórico em que é dada a ler, evidenciando os protocolos de leitura e as representações de mundo sugeridas pelos livros.

A pesquisadora ancorou-se, também, na perspectiva enunciativo-discursiva de Bakhtin para dissertar a respeito do papel do interlocutor e das condições de produção sobre os enunciados. Já Arroyo (2011), Lajolo e Zilberman (2007) fundamentaram as discussões acerca do campo da literatura, a fim de estabelecer relações entre os dados obtidos nas análises e o contexto social e histórico em que as obras foram produzidas.

A leitura do estudo de Daibello foi escolhida como ponto de partida para esta pesquisa, em função da semelhança entre ambos os temas. Os caminhos percorridos pela pesquisadora para composição do *corpus* nortearam o início da produção e organização dos dados sobre as obras de Elias José para esse estudo.

Elias José, assim como Ruth Rocha, possui uma expressiva presença nas escolas, o que reforça e justifica a importância de apresentar a relevância desse escritor tanto no cenário da literatura infantojuvenil brasileira como no âmbito escolar.

1.2 A definição do referencial teórico-metodológico

O texto “Problemas de método”, de Vigotski (2007), mostra a importância da escolha de um método adequado ao objeto que se vai estudar. Segundo este autor, é apoiado nos fundamentos teóricos do método que o pesquisador elabora sua exposição e torna visíveis as bases teóricas nas quais a pesquisa está fundamentada.

Nessa direção, para atender aos propósitos deste estudo, que são, como já mencionamos, os de: 1) Apresentar o escritor Elias José; 2) Inventariar suas obras, colocando-as numa ordem cronológica; 3) Situar-las no contexto histórico e cultural da produção de livros infantis, optou-se por ancorar essa pesquisa nas perspectivas teórico-metodológicas de Vigotski, centradas no desenvolvimento das funções da mente humana, em seu contexto histórico-cultural; na perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem, pela ótica de Bakhtin acerca da natureza social do signo e da enunciação; e da História Cultural, nos estudos de Roger Chartier, que debruça o olhar sobre as práticas de leitura e a forma como uma determinada sociedade é pensada e dada a ler.

Justificamos nossa escolha, portanto, com base nos estudos de Freitas (2002), quando diz que “a perspectiva sócio-histórica baseia-se na tentativa de superar os reducionismos das concepções empiristas e idealistas”. Segundo ela, esta proposta procura articular aspectos internos e externos do sujeito/objeto, considerando sua relação com a sociedade a qual pertence. Dessa forma, esta concepção apresenta

[...] os sujeitos como históricos, datados, concretos, marcados por uma cultura como criadores de ideias e consciência que, ao produzirem e reproduzirem a realidade social, são ao mesmo tempo produzidos e reproduzidos por ela. (FREITAS, 2002, p. 22, apud FREITAS, 1996).

Dentro desta perspectiva, destaca a autora, o pesquisador deve adotar uma postura dialógica ao falar do seu objeto, pois está diante de um sujeito que tem voz.

Com base no que foi exposto, esta forma de fazer pesquisa permite olhar para o objeto em suas particularidades, porém, sem perder de vista o seu aspecto social, permitindo compreender também o contexto.

É importante acentuar que para significar a produção literária do escritor Elias José, a pesquisa foi direcionada pela revisão bibliográfica e análise documental, uma vez que se debruçou sobre os arquivos e documentos que apresentam a trajetória do autor e sobre algumas de suas obras, com o intuito de estabelecer interlocuções entre essa produção e o seu

contexto sócio histórico, sem perder de vista a constituição e as condições de produção do escritor.

A escolha pela revisão bibliográfica se justifica pelo fato de ser ela fundamental em qualquer pesquisa acadêmica, pois através do levantamento de fontes teóricas acerca do seu tema o pesquisador toma conhecimento do que já foi produzido, para então avançar nas suas construções teóricas.

Essa ação permite não somente reforçar e validar os estudos já existentes, como também contribuir para o desenvolvimento do campo do conhecimento no qual a pesquisa está inserida.

Faz-se necessário apresentar as concepções e princípios do método de pesquisa utilizados por Vigotski, como meio de evidenciar as contribuições deste método no presente estudo.

Na introdução do livro *A formação social da mente*, Michael Cole e Sylvia Scribner (2007), ao apresentarem a estrutura teórica marxista, afirmam que Vigotski, desde o início de sua carreira, via o pensamento marxista como uma fonte valiosa de pesquisa. Segundo eles, o pesquisador russo aplicou os princípios do materialismo histórico dialético a estudos da psicologia. Para Vigotski, essa forma de fazer pesquisa solucionava alguns paradoxos científicos com os quais se defrontavam os pesquisadores. O ponto central deste método é o de que os fenômenos devem ser estudados como processos em movimento e mudanças.

Segundo a leitura de Vigotski (2007), Marx considera que as mudanças históricas na sociedade e na vida material produzem também mudanças na natureza humana. Assim, Vigotski correlacionou este fato a mudanças psicológicas concretas.

Na perspectiva de Vigotski, para compreender completamente os processos psicológicos superiores é necessário determinar sua origem e traçar sua história, desvendando e evidenciando os processos encobertos pelo comportamento humano habitual. Segundo ele, os processos psicológicos superiores surgem e sofrem transformações ao longo do aprendizado e do desenvolvimento⁷; nesse sentido, prever hipóteses e manter o controle sobre os estímulos, as tarefas e as respostas e, em seguida, testar tais previsões não era o seu modo de fazer pesquisa.

⁷ Não discorremos neste estudo sobre os conceitos de desenvolvimento e aprendizado. Estes dois conceitos podem ser conferidos em Vigotski (2007, p. 87-105).

Segundo Vigotski (2007), deve-se oferecer o máximo de oportunidades para que o sujeito pesquisado se engaje nas atividades a fim de que se possa observar o curso do desenvolvimento⁸.

Nessa direção, a perspectiva materialista dialética admite por um lado a influência da natureza sobre o homem, e por outro a ação do homem sobre a natureza, provocando mudanças e criando novas condições para sua existência; nessa perspectiva, os fenômenos devem ser estudados como processos em movimento, a partir da (re)construção de sua história. Assim, é nesses princípios que este estudo encontrou suporte para apresentar o escritor Elias José e dar sentido à sua produção literária por meio do diálogo estabelecido entre algumas obras, inseridas nos contextos em que foram produzidas.

Os estudos de Bakhtin foram tomados como referência por apontarem o livro como um produto ideológico e, portanto, um signo⁹ que reflete e refrata uma realidade. Nessa direção, buscamos tanto no aspecto material como no textual de algumas obras de Elias José, indícios ou marcas que se tornam signos, que revestidos de um sentido ideológico, conforme as palavras do pesquisador, são capazes de identificar uma determinada realidade social, pertencente a um determinado tempo; no caso de Elias José, identificar/construir um modo de representar na ficção, a realidade. Em relação ao que chamamos de ideológico, Bakhtin explicita que

[...] o ideológico não pode ser explicado em termos de raízes supra ou infra-humanas, seu verdadeiro lugar é o material social particular de signos criados pelo homem. Sua especificidade reside, precisamente, no fato de que ele se situa entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação. (BAKHTIN, 2009, p. 35).

Para Bakhtin, a existência do signo é a ligação entre a consciência individual e a comunicação social. Segundo ele, é nisso que consiste a natureza dos signos. A partir dessa perspectiva, foi possível compreender algumas obras de Elias José para além de suas páginas, sem reduzi-las ao simples reflexo do contexto no qual foram dadas a ler, considerando-as como signos envoltos/constituídos por vozes de um tempo histórico, estabelecendo com ele um diálogo. Nessa direção, Bakhtin (2009, p. 38) nos diz que “nenhum signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado”.

⁸ Ainda na introdução do livro *A formação social da mente*, Cole e Scribner (2007, p. XXXIV) apresentam três técnicas utilizadas por Vigotski em seus experimentos. Neste mesmo livro, no capítulo 7, estes procedimentos são bem ilustrados.

⁹ Para Bakhtin (2009), tudo o que é ideológico se torna um signo.

Os estudos da História Cultural trazidos por Chartier (1990), por sua vez, foram considerados nesta pesquisa por fornecerem ancoragem em torno das reflexões acerca da materialidade do livro, dos suportes de leitura, olhando-o como objeto cultural, possível de ser compreendido nas representações e práticas que ele movimenta e como fonte para compreensão de aspectos da cultura escrita situada e datada histórica e culturalmente, tendo como princípio identificar, para cada época e cada meio, as modalidades partilhadas do ler. Segundo este autor,

[...] as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidos pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São esses esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado. (CHARTIER, 1990, p. 17).

Dentro dessa perspectiva, Chartier adverte sobre a necessidade de pensarmos numa história cultural que tome como objeto as representações que traduzem as concepções, as posições e os interesses de um determinado grupo social ou comunidade, que, no caso desse estudo, são as representações da literatura infantojuvenil brasileira, pelo viés da materialidade de algumas obras do escritor Elias José.

Segundo o pesquisador francês, “as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses dos grupos sociais que as forjam” (CHARTIER, 1990, p. 17), por isso, acrescenta ele, para cada caso é necessário que se relacionem os discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

Nesse sentido, as representações estão sempre colocadas num campo de concorrência e competições, estabelecendo uma luta constante em termos de poder e dominação. Segundo Chartier (1990), as lutas de representações são tão importantes quanto as lutas econômicas para a compreensão dos mecanismos pelos quais um grupo tenta impor sua concepção de mundo e seus valores.

É dentro dessa perspectiva que a História Cultural atribui a cada classe ou grupo social aquilo que é constitutivo de sua identidade. Chartier articula três modalidades que permitem compreender o funcionamento de uma sociedade e seu modo de apreender o mundo; são elas: 1) o trabalho de classificação e delimitação, no qual a realidade é construída pelos diferentes grupos sociais; 2) as práticas, que exibem uma maneira própria de estar no mundo e evidenciam uma determinada identidade social; e 3) as formas institucionalizadas, que marcam a existência de um grupo, classe ou comunidade.

Este mesmo autor destaca também a importância do escrito impresso na circulação dos modelos culturais e do livro como uma forma de impor normas novas, apesar de permitir usos autônomos. É por essa razão que não devemos deixar de considerar as estratégias editoriais como forma de controlar a leitura e impor um sentido.

Nessa direção, Chartier (1990, p. 123), afirma que “o leitor é sempre pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correta, a uma leitura autorizada”.

Com base nessa perspectiva, Ferreira (2009, p. 186) aponta que “os estudos da História Cultural [...] vêm destacando [...] que não existe texto fora das circunstâncias e do suporte em que é dado a ler ou a ouvir”, e que este mesmo texto, materializado em um suporte, é carregado das intenções do autor, do editor e do ilustrador, que pressupõem determinadas finalidades e usos.

Foi a partir desses princípios que, a ação de debruçar-se sobre a materialidade de algumas obras de Elias José, tornou possível identificar as contribuições deste autor no âmbito escolar.

Cumprir enfatizar que não foi propósito deste estudo reduzir as reflexões ao mero confronto entre os posicionamentos acerca da literatura infantojuvenil, das demandas da escola e do mercado editorial com as obras aqui analisadas, mas situá-las no seu contexto de produção, considerando o livro como um signo capaz de evidenciar a forma como uma determinada realidade social é pensada e dada a ler.

As reflexões apresentadas a partir das linhas de pensamento expostas permitiram cumprir com o propósito de apresentar o escritor Elias José e situar historicamente a sua produção literária, considerando o movimento e as tensões que as constituíram.

Para encerrar esta seção, apontamos o diálogo estabelecido entre as proposições teóricas apresentadas, com o intuito de tornar o *corpus* teórico-metodológico aqui referenciado compreensível e, ao mesmo tempo, consistente.

Assim sendo, o princípio metodológico utilizado por Vigotski orientou-nos a olhar para a produção literária do escritor Elias José de forma dinâmica, a partir da (re)construção da sua história, admitindo a influência do contexto nas produções, sem desconsiderar as variações que são constitutivas da própria história do escritor.

As proposições teóricas trazidas por Bakhtin, levando em consideração o contexto, as condições de produção, assim como as vozes (anteriores e atuais) presentes nas produções, permitiram olhar para os livros como produtos ideológicos e, portanto, como

signos que ao mesmo tempo em que são determinados por uma realidade, são também capazes de refratar essa realidade, que está em constante movimento.

Magalhães e Oliveira (2011, p. 104) destacam que apesar de algumas especificidades quanto aos objetos de investigação de Vigotski e Bakhtin, os dois pensadores se apoiaram no materialismo histórico-dialético, colocando como centrais as questões sócio-histórico-culturais. Ressaltaram os autores:

Apesar dos diferentes locais de onde falam, a dialogia e a presença do “outro” é, para ambos, central na constituição da subjetividade, ao possibilitar contradições que, ao criarem tensões e conflitos, contextualizam o questionamento de sentidos e a produção de novos significados. (MAGALHÃES; OLIVEIRA, 2011, p. 105).

Os estudos de Roger Chartier, complementando o *corpus* teórico-metodológico dessa pesquisa e tornando-a mais coerente, permitiram, por meio das análises feitas acerca de fragmentos de textos retirados de alguns livros do escritor Elias José, evidenciar marcas que indiciam uma concepção de literatura infantojuvenil e as práticas de leitura neles implícitas.

2 O (DES)ENCONTRO COM AS OBRAS DO AUTOR: CAMINHOS PERCORRIDOS PARA CONSTITUIÇÃO DO ARQUIVO¹⁰

A presente pesquisa tomou como propósito apresentar o escritor brasileiro Elias José e inventariar a sua produção literária, desde o primeiro livro publicado na década de 1970, inclusive os que foram lançados após seu falecimento, no final da primeira década do segundo milênio, 2009-2010, obras que já haviam sido produzidas, revisadas e que estavam prontas para serem publicadas.

Para cumprir esse objetivo e fornecer informações acerca dos desafios enfrentados durante a produção de dados, decidimos dedicar este capítulo à apresentação dos caminhos trilhados para a construção do material empírico a respeito do autor e de sua produção.

Apresentamos a seguir a forma como se deu o encontro com os documentos que permitiram apresentar o escritor, assim como os critérios utilizados para realizar as buscas, a classificação, a ordenação e, por fim, a construção do arquivo que constituiu o *corpus* de análise deste estudo.

O trabalho com uma produção tão extensa, que ainda não tinha sido catalogada ou organizada, mostrou-se desafiador, uma vez que o cerne da pesquisa se encontra em torno do escritor e de sua produção. Diante desse desafio, surge a questão: por onde começar?

Com o intuito de organizar, apresentar essa produção e dar sentido a ela, remetendo-a a sua historicidade, vimos que seria necessário realizar um levantamento abrangente das obras produzidas pelo escritor. Porém, antes de começar as buscas, foi preciso elaborar uma ficha para catalogar e organizar os dados, pois não se sabia ao certo o que iria ser encontrado.

Nesse momento, a dissertação de Daibello (2013) foi muito importante. Em seu estudo sobre a produção literária da escritora Ruth Rocha, a pesquisadora apresenta uma tabela de aspectos gráficos e editoriais a qual deixa o leitor a par de dados importantes para a compreensão das obras da escritora. Foi a partir desses dados apresentados pela pesquisadora que iniciamos a construção da ficha para registrar as informações encontradas a respeito das obras de Elias José e construir o arquivo de documentos para esta pesquisa.

É importante ressaltar que não foram utilizados todos os dados da tabela construída por Daibello, citada anteriormente, mas os considerados relevantes para este

¹⁰ Vamos chamar de *arquivo* o conjunto de documentos coletados e organizados pela família do escritor, mantidos como fonte de informação e consulta.

estudo, que são: título da obra, ilustrador, editora, faixa etária, ano de publicação, coleção, número de páginas.

Ao simular algumas buscas por títulos já conhecidos do escritor Elias José, em lojas e sebos virtuais, percebemos que em alguns lugares apareciam, além dessas, outras informações a respeito das obras, que foram consideradas igualmente importantes e que poderiam ser incluídas na ficha que estava sendo construída. São elas: a origem da obra, a estante¹¹ da qual faz parte, o tipo de encadernação, a série, o tema e os prêmios recebidos.

Em seguida, ao entrar em contato com o projeto *ALB*¹²: *memórias*, que trata do catálogo de documentos dos dez primeiros anos do Congresso de Leitura do Brasil, observamos que as fichas catalográficas desses documentos apresentavam, entre os dados já obtidos, outros que também seriam relevantes que fizessem parte da ficha catalográfica, tais como: a data da catalogação dos documentos, o nome do catalogador e um campo chamado de “observações”, no qual eram colocadas algumas particularidades dos documentos e local de origem, que apresentava onde o documento fora encontrado. Com base nesses novos dados, a ficha catalográfica para esse estudo foi concluída, porém o campo “local de origem” foi substituído por “fontes”, para indicar os locais de onde os dados foram produzidos.

¹¹ *Origem* diz respeito à nacionalidade; nesse caso, origem brasileira; *estante* se refere à classificação dos livros, se para adulto ou infantojuvenil.

¹² Projeto ALB: memórias. Congresso de Leitura do Brasil (1978-1995): catálogo de fontes. Coordenado pela Profa. Dra. Lilian Lopes Martin da Silva e Profa. Ma. Luciane Moreira de Oliveira, com apoio da ALB PIBIC/CNPq.

Figura 1 – Ficha catalográfica das obras¹³

Título da obra:
Autor:
Ilustrador:
Editora:
Origem:
Faixa etária:
Estante:
Ano de publicação:
Número de páginas:
Encadernação:
Dimensões:
Descrição física:
Coleção/série:
Tema:
Número de edições:
Prêmio/categoria:
OBS:
Data da catalogação:
Catalogador:
Fontes:

Fonte: dados produzidos e organizados pela pesquisadora a partir de Daibello (2013).

Isso feito, entramos em contato por e-mail com o Instituto Elias José¹⁴, que após ter ciência dos propósitos da pesquisa enviou uma lista contendo o nome de cento e cinquenta e quatro títulos, apresentados em ordem alfabética. Segundo a funcionária da entidade, aquela era a lista das obras que compunham o acervo do instituto. Nessa lista não havia nenhum dado a respeito das obras, além do título de cada uma delas.

Com vistas ao preenchimento das informações da ficha catalográfica, iniciamos as buscas a partir dos títulos presentes na lista recebida pelo instituto, consultando primeiramente os ambientes virtuais (lojas e sebos). Nem sempre era possível completar todos os campos dessa ficha; era preciso consultar mais de três sites diferentes e, ainda assim, não eram encontradas todas as informações, além do fato de aparecerem algumas divergências quanto ao ano da primeira edição, da editora e do ilustrador e até mesmo da faixa etária, que posteriormente foi desconsiderada por ser um dado que não comprometeria os resultados das análises. Os dados divergentes eram registrados no campo “observações”.

¹³ Esta ficha foi elaborada pela pesquisadora como fonte de consulta para organização e análise dos dados. Em função do grande número de obras catalogadas, as fichas preenchidas não serão apresentadas no corpo do trabalho.

¹⁴ Entidade criada em 2009, na cidade de Guaxupé, com sede na casa onde o escritor morou com sua família. O objetivo do instituto é divulgar a literatura infantil e manter viva a obra do autor, através do grupo Passarim, composto por contadores de histórias. O grupo faz apresentações por todo o Brasil, encenando principalmente as obras de Elias José. O símbolo do Instituto e do Grupo é um passarinho criado pela ilustradora Ciza Fittipaldi.

Após catalogar os dados referentes aos títulos presentes na lista enviada pelo Instituto Elias José, partimos para a conferência dos títulos nela apresentados com os de uma lista encontrada posteriormente no site da Enciclopédia Itaú Cultural.

Observamos que as duas listas apresentavam divergências em relação à quantidade de títulos. A lista enviada pelo Instituto Elias José apresentava, como já mencionado, cento e cinquenta e quatro títulos, e a do Itaú Cultural cento e doze, porém a segunda lista, mesmo contendo um número inferior de títulos, apresentava o nome de treze obras que não constavam na lista enviada pelo Instituto Elias José, indiciando que a entidade não possuía todas as obras do escritor.

Após catalogar todas as obras encontradas nos ambientes virtuais e registrar as informações nas fichas, o próximo passo foi a conferência dessas informações consultando o acervo das obras do autor no Instituto Elias José, sob a orientação da esposa do escritor, senhora Silvia Monteiro Elias, citada doravante como entrevistada.

Na primeira visita¹⁵ ao instituto não foi possível consultar os livros, pois estavam encaixotados para pintura do local. A entrevistada, no entanto, informou que o instituto já não possuía mais todas as obras do escritor, tampouco as primeiras edições da maioria daquelas que compunham o acervo.

Segundo a entrevistada, muitas obras se perderam em função de empréstimos que não foram registrados. Quando indagada acerca das datas de lançamento, ela disse que já não se lembrava mais, pois além do autor ter produzido um número grande de obras, elas tiveram muitas edições e algumas já tinham migrado de editora.

A única fonte disponível naquele momento para consulta acerca das obras do autor foi um arquivo no computador do instituto, que continha as fotos das capas dos livros. Tais fotos foram feitas por Érico, o filho de Elias José, após a morte do escritor. Este arquivo de fotos apresentava vinte e sete títulos que não constavam na lista enviada inicialmente pelo instituto. Segundo a entrevistada, todas as obras de Elias José foram fotografadas por Érico, pois ela e o filho fizeram o levantamento da produção do escritor e, ao constatar a falta de alguns títulos, entraram em contato com as editoras e adquiriram os exemplares que faltavam¹⁶ para que pudessem ser fotografados.

Ao conferir os títulos catalogados com esse arquivo de fotos, foi possível observar que algumas obras migraram de editora, ganhando outro projeto gráfico; outras mudaram o

¹⁵ Destacamos que as visitas e entrevistas com a esposa do escritor aconteceram após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp, em 04 de setembro de 2017. Essa primeira visita para conferência das obras foi feita no dia 08 de setembro de 2017.

¹⁶ O levantamento das obras pode ser conferido nas tabelas presentes no Anexo 1.

projeto gráfico e foram reeditadas pela mesma editora, com o mesmo ilustrador; e algumas permaneceram com o mesmo projeto gráfico, título e ilustrador, mas migraram de editora.

A explicação para isso se deve ao fato de que as obras que se perderam certamente eram as das primeiras edições, que ao serem adquiridas posteriormente para recompor o acervo, já se apresentavam com novo projeto gráfico. Assim sendo, a falta dos exemplares impossibilitou a conferência acerca das datas de lançamento e do número de edições das obras, uma vez que tais informações, muitas vezes, não são evidenciadas na capa, e o arquivo com as fotos das obras apresenta somente a imagem das capas de cada uma delas.

Em função dos (des)encontros nessa primeira visita ao instituto, foi possível fazer a conferência dos títulos somente a partir do arquivo de fotos. As informações acerca das datas indicadas como primeira edição e as demais informações apresentadas nas fichas permaneceram com os dados que encontramos nas consultas pela internet (lojas e sebos virtuais), nos quais pudemos visualizar, na maioria das vezes, além das capas, a ficha técnica dos livros. Após essa conferência, os títulos foram organizados numa tabela em ordem cronológica de produção, apresentando os seguintes dados: título, data de publicação, editora e a categoria à qual cada obra pertence, se infantojuvenil, adulto, organização, participação ou paradidático¹⁷.

Com o intuito de compreender esse movimento, agendamos uma nova visita ao Instituto Elias José¹⁸. Para essa segunda visita, a entrevistada realizou com antecedência uma busca em seu acervo pessoal, separando os livros que possuía, por editora. Ao conferir as obras com a lista organizada para esse estudo e com o arquivo de fotos, constatamos que todos os livros produzidos pelo escritor estavam ali, mas não as primeiras edições deles. A entrevistada explicou que havia adquirido as obras que faltavam para a “VII Semana Elias José¹⁹”.

Ao consultar as obras, constatamos que tanto em nossa lista quanto no arquivo de fotos faltavam quatro títulos: *Um dinazul na cidade* e *Receita para espantar monstros*, da Editora Evoluir Cultural; *Cadê o bicho, cadê?*, da editora Planeta Azul, e *O cigano e o marinheiro: bons companheiros*, da editora Escala Educacional²⁰.

¹⁷ As informações estão disponibilizadas em tabela presente no Anexo 2.

¹⁸ Essa nova visita aconteceu nos dias 21, 22 e 23 de setembro de 2017.

¹⁹ Trata-se de um evento cultural que acontece anualmente na cidade de Guaxupé. Essa semana, organizada pelo Instituto Elias José, sob a coordenação e orientação de Silvia Monteiro Elias, está em sua sétima versão. Esta semana foi criada para compartilhar as histórias e poemas produzidos por Elias José. São convidados artistas da região e de outras localidades, ligados à música, à ilustração e à contação de histórias. O evento contempla oficinas, palestras, contação de histórias, além de exposição e venda de livros. A “VII Semana Elias José” aconteceu nos dias 9 a 13 de agosto de 2017. Fonte: Entrevista com Silvia Monteiro Elias, em 21/09/2017.

²⁰ As obras e demais informações foram inseridas na lista presente no anexo 2.

Outro dado observado a partir da consulta às obras e que merece ser relatado aqui, é o de que muitos livros são fruto de poemas e contos presentes em antologias do próprio autor, editadas anteriormente. Segundo a entrevistada, o escritor retirava um conto ou um poema já editado numa determinada obra e enviava para uma editora para ser publicado sozinho, como livro.

Segundo Maziero (2015), essa era uma prática corriqueira das editoras. Trata-se de uma estratégia do polo da produção para tornar o livro mais barato ou mais “apropriado” (grifo nosso) para um leitor que não tenha fôlego para textos maiores²¹. Em relação a isso, Dalcin (2013, p. 143) diz que “parece que a maioria da produção dos livros está apoiada na ideia de um mundo dividido por faixa etária e em níveis de escolaridade que definem os livros “certos” a serem lidos, adotados pela escola”. Na perspectiva dessa mesma pesquisadora, o autor, quando cria, não pensa em faixa etária, mas quem produz os livros – a editora – precisa estar atenta às demandas do mercado. Assim sendo, esta prática de Elias José visava certamente atender as editoras.

Constamos também que alguns livros foram reeditados com novo título por outra editora, ganhando, portanto, novo projeto gráfico, e que algumas obras foram lançadas *post mortem*. Segundo a entrevistada, essas obras (*post mortem*) já estavam prontas e com contrato assinado pelo escritor.

As informações reunidas apresentavam uma grande variedade de dados a serem explorados e de questões que não são possíveis de serem respondidas num só trabalho.

Vale destacar que tais informações não estão em absoluto perdidas, e que os dados não apurados nessa pesquisa não são menos relevantes do que aqueles sobre os quais nos debruçamos. Trata-se, porém, de um empreendimento que decidimos não realizar neste momento em função dos limites e propósitos deste estudo.

Após a catalogação e conferência das obras, iniciamos a coleta de documentos para compor a biografia de Elias José. Para tanto, além de conceder a entrevista, a esposa do escritor disponibilizou um arquivo contendo recortes de jornais e revistas que apresentam grande parte da trajetória do escritor, assim como alguns pareceres (sempre positivos) sobre sua produção. Esses recortes foram inicialmente guardados e organizados por Iraci, irmã de Elias José e, posteriormente, por sua esposa, que continuou a fazer o mesmo. Todo esse material estava separado por década, encadernado em capa dura e identificado com letras douradas.

²¹ Observação feita pela pesquisadora na banca, durante o exame de qualificação deste estudo, no dia 29 de novembro de 2017.

Observamos que a preocupação em deixar registrada/arquivada/evidenciada e organizada a trajetória do escritor não foi a mesma em relação aos livros, que só foram sistematicamente catalogados e organizados a partir deste estudo. Segundo a entrevistada, os documentos a respeito do escritor serão digitalizados por alunos estagiários do curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia de Guaxupé (FAFIG) e, posteriormente, disponibilizados para essa Faculdade, como fonte de consulta para trabalhos e pesquisas sobre o autor.

É válido destacar aqui que os familiares não veem Elias José como escritor; para eles é o pai, o marido ou o irmão que foi premiado e saiu no jornal. A forma de organização dos documentos revela o comportamento de um fã ou admirador, para quem o que interessa é o que sai na mídia. Pelo fato de não serem críticos literários, os familiares não tiveram a preocupação de guardar os livros desde seu primeiro lançamento, a fim de acompanhar as mudanças das obras ao longo do tempo. Para eles, a memória do escritor está preservada nesses documentos (fotos e recortes).

Uma parte da história de Elias José estava catalogada e separada cronologicamente (entrevistas, reportagens, notícias dos prêmios, etc.), sendo que a outra apresentava algumas ausências (data de lançamento das obras, número de edições, etc.).

O desafio apresentado nesse momento foi o de selecionar, dentre os documentos catalogados, aqueles que forneceriam os dados para responder as questões propostas neste estudo e desconsiderar os que não seriam necessários nesse empreendimento. Parafraseando Drummond, perguntamos: E agora, Elias José?²²

Cabe, nesse momento, a partir desses encontros e (des)encontros com as obras e com os documentos do escritor Elias José, pensar sobre o que o excesso e a ausência de arquivo podem representar para o pesquisador.

Nessa direção, mediante o excesso e, ao mesmo tempo, a ausência de arquivo, podemos remeter ao que Roudinesco (2006)²³ diz sobre “o poder do arquivo”. Segundo essa historiadora, o arquivo é condição da história, estando ele destruído, presente, excessivo ou apagado. Diante de um arquivo vazio/ausente de fontes primárias que seriam a garantia da veracidade, o texto pode tornar-se uma simples projeção pessoal do pesquisador. Nessa

²² Expressão baseada no poema “José”, de Carlos Drummond de Andrade.

²³ Elisabeth Roudinesco é historiadora, psicanalista e professora na École Pratique des Hautes Études, em Paris. Sua obra *A análise e o arquivo* foi citada nesta pesquisa por se tratar de um diálogo entre três conferências: “O poder do arquivo”, “O estádio do espelho” e “O culto de si e as novas formas de sofrimentos psíquicos”, no qual ela aborda o poder do arquivo como condição da história. Nossa intenção foi a de apresentar, ainda que superficialmente e sem entrar nas questões da psicanálise, a força e a relação entre o arquivo e o pesquisador e o quanto esta relação é conflituosa.

direção, a historiadora alerta: “se tudo está apagado ou destruído, a história tende para a fantasia ou delírio, para soberania do eu, ou seja, para um arquivo reinventado que funciona como dogma” (ROUDINESCO, 2006, p. 9). Para que isso não ocorra, é necessário que o pesquisador se guie pelos indícios, fragmentos ou vestígios que encontrar para construir o seu *corpus*.

Por outro lado, o arquivo, ainda que abundante, não oferece os significados nem apresenta uma ordem lógica dos acontecimentos. O pesquisador, diante da abundância de dados, é colocado também diante de um grande desafio: ler, interpretar e avaliar este arquivo para então (re)constituí-lo, a partir de um recorte, que é seu. Em relação a isso, Barbosa Filho destaca:

O arquivo inscreve traços do acontecimento a partir de uma concepção específica de historicidade, que nega tanto a teleologia quanto a causalidade linear. Essa forma particular de escrita, determinada pelo processo metafórico, vai determinar os modos de articulação, sempre equívocos e contraditórios, do real da história e do real da língua com o dizer das instituições compelidas a inscrever pela escrita o acontecimento nos documentos. (BARBOSA FILHO, 2016, p. 23).

Como já mencionado, o excesso de arquivos apresentou uma série de desafios, entre os quais nos deparamos também com o de selecionar os documentos para a escrita da biografia do escritor, bem como o de escolher a ordem para apresentação dos dados.

Apresentamos a seguir as três principais etapas do percurso da escrita e da seleção dos documentos que se fizeram presentes na biografia do escritor Elias José.

A primeira, escolhida como *ponto de partida*, apresenta a história do menino, adolescente, jovem e professor Elias José. Para tanto, lançamos mão das informações contidas em seu livro *Literatura infantil: ler, contar e encantar crianças* (JOSÉ, 2007), no qual o autor apresenta sua biografia de forma sucinta. A essa fonte foram acrescentados os relatos da entrevista concedida pela esposa do autor e as informações presentes nos documentos pertencentes ao arquivo da família.

O início da trajetória de Elias José como escritor foi a segunda etapa. Nessa seção foram apresentados as publicações e os prêmios que tornaram Elias José um escritor conhecido e reconhecido pelo público e pela crítica.

A terceira etapa do capítulo da biografia do autor apresenta *uma imagem de Elias José escritor*, “descrita por ele mesmo”. Foram trazidos para esta escrita fragmentos dos recortes de jornais e revistas contendo entrevistas nas quais o autor fala sobre seu processo de

produção e suas mais importantes inspirações. A decisão de apresentar uma imagem do escritor por ele mesmo se justifica em função da leitura de uma expressão do poeta Francisco de Quevedo, referenciada por Chartier (2014, p. 7) no prefácio do livro *A mão do autor e a mente do escritor*, no qual o autor diz que precisamos “escutar os mortos com os olhos”, recobrando as palavras que foram preservadas em arquivos. Uma vez que tínhamos tais registros deixados pelo escritor Elias José, por que não apresentá-lo a partir dele mesmo?

Portanto, a escolha dos documentos, a ordem e a forma de apresentação dos fatos foram selecionadas no percurso da escrita.

Para decidir a forma de apresentação da produção literária do autor, foram observadas, primeiramente, as informações contidas nas fichas preenchidas com os dados sobre as obras, a fim de ver o que elas podiam indicar. Isso feito, decidimos em função do grande número de obras e diversidade de dados produzidos, utilizar tabelas para organizar e dar maior visibilidade a essa produção literária.

De acordo com o levantamento realizado, pudemos observar que a produção de Elias José poderia ser dividida em cinco grupos: 1) livros para adultos; 2) livros paradidáticos; 3) livros organizados pelo escritor; 4) livros em que houve a sua participação; 5) livros infantojuvenis. Todas as obras catalogadas foram organizadas cronologicamente e estão apresentadas em tabelas presentes no Anexo 2.

Para apresentar a produção infantojuvenil do escritor – quinto grupo – que se trata do *corpus* de análise dessa pesquisa, e alcançar o primeiro objetivo específico que é o de situar as obras de Elias José no seu contexto histórico e cultural da produção de livros infantis, foram escolhidos dois núcleos temáticos²⁴. São eles:

1) *Publicações por décadas* – título, data de lançamento, editora, número de páginas, ilustrador, categoria e edição consultada.

2) *Premiações/indicações* – instância de legitimação, título/ data de publicação e categoria do prêmio.

No processo de compreender como o escritor se fez/faz presente no cenário da literatura infantil brasileira, considerou-se relevante apresentar algumas interlocuções acerca dos critérios de avaliação do PNBE e da FNLIJ com duas obras do escritor que foram reconhecidas por essas instâncias, uma vez que elas conferem às obras ampla visibilidade e prestígio, tanto no território nacional como fora dele.

²⁴ Segundo Resende (2015), núcleo temático é uma forma de organização de dados produzidos, segundo critérios pré-estabelecidos, com o intuito de garantir maior sistematização dos dados.

Com o intuito de apresentar as contribuições/importância/relevância de Elias José no âmbito da escolar, que é o segundo objetivo específico deste estudo, foi estabelecido um diálogo entre algumas obras infantojuvenis do escritor com as prescrições previstas nos documentos oficiais (LDB²⁵ e PCN²⁶). Para tanto, foram escolhidas três categorias para análise:

- 1) Diversidade de temas;
- 2) Desenvolvimento do imaginário;
- 3) Alfabetização.

É importante ressaltar que esse não é o único caminho a ser seguido, mas se trata dos limites e da forma que esse trabalho se propôs a olhar para a produção literária do escritor Elias José. É válido nesse ponto remeter a Padilha (2006, p. 106), quando afirma que “a delimitação de um objeto de estudo não diminui sua relevância social se entendemos que se trata de aspectos particulares de uma totalidade”.

Em virtude do grande número de obras com que trabalhamos e da variedade de dados produzidos, as informações apresentadas em forma de tabelas não somente podem dar visibilidade à produção de Elias José, como também podem facilitar a organização e proporcionaram melhor compreensão sobre ela.

Para que as apresentações das obras nesse formato não ficassem reduzidas a meros compilados de informações e a produção literária do autor pudesse ser entendida em sua historicidade, as informações organizadas foram sintetizadas e apresentadas em tabelas nos períodos em que as obras foram produzidas, seguidas de uma leitura feita à luz da perspectiva teórico-metodológica assumida neste estudo.

²⁵A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) é a mais importante lei brasileira que se refere à educação. É conhecida popularmente como Lei Darcy Ribeiro, em homenagem a este importante educador e político brasileiro, que foi um dos principais formuladores desta lei. A LDB é composta por 92 artigos que versam sobre os mais diversos temas da educação brasileira, desde o ensino infantil até o ensino superior. Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/educacaoesportes/ldb.htm>>. Acesso em: 19 mai. 2018. Esta Lei foi promulgada em 21/12/1961 – 4024/61 – em 11/08/1971, foi reformulada pela 5692/71 e em 20/12/1996 pela 9394/96.

²⁶Os PCNs são diretrizes elaboradas para orientar os educadores por meio da normatização de alguns aspectos fundamentais a cada disciplina. Esses parâmetros abrangem tanto a rede pública quanto privada de ensino, conforme o nível de escolaridade dos alunos. Sua meta é garantir aos educandos o direito de usufruir dos conhecimentos necessários para o exercício da cidadania. Não são obrigatórios, mas servem de norteadores para professores, diretores e coordenadores, que podem adaptá-los de acordo com as peculiaridades locais. Disponível em: <<https://www.cpt.com.br/pcn/pcn-parametros-curriculares-nacionais-documento-completo-atualizado-e-interativo>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

3 ELIAS JOSÉ – UMA HISTÓRIA²⁷

O ficcionista²⁸

[...]
 Para sentir chão, água e verde
 Para renovar ar, vida, fé e chama
 Para levantar refeitos restos de vida
 – invento histórias.

(Elias José)

Neste capítulo, no qual se entrelaçam vida e obras do autor Elias José, tomamos como responsabilidade falar de um escritor de grande importância no cenário da literatura infantojuvenil brasileira, consagrado pelo público e pela crítica. Suas obras, ao lado de muitos outros escritores, sempre ocuparam/ocupam um lugar de destaque nas escolas.

É importante ressaltar que este texto biográfico, para evitar o caráter puramente informativo e estatístico, foi construído com a intenção de não apresentar somente uma cronologia da vida do autor, seguida da lista de suas obras. Acreditamos que o texto apresentado somente dessa forma, levando em conta a perspectiva teórico-metodológica assumida neste estudo e o fato de estarmos apresentando uma produção literária, ficaria “privado de alma”²⁹, pois seriam apenas informações cronologicamente organizadas, ao invés de estarem unidas por um conjunto de elementos e vozes que lhes dariam vida e sentido.

É válido mencionar que após a apresentação da biografia de Elias José, detivemo-nos em alguns dados autobiográficos retirados de entrevistas e depoimentos concedidos por ele em diferentes locais³⁰, com o intuito de construir uma imagem do escritor apresentada por ele mesmo. Essa forma de apresentação permitiu conhecer a personalidade artística e o processo de produção do autor.

²⁷ Uma cronologia da trajetória do escritor pode ser encontrada no Anexo 3.

²⁸ Última estrofe do poema de abertura do capítulo “Como me tornei um escritor”, do livro *Literatura infantil: ler contar e encantar crianças*. Porto Alegre: Mediação, 2007. p. 94.

²⁹ Termo usado por Bakhtin (2009, p. 72), no capítulo 4, do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, quando se propõe a explicar a natureza da linguagem por meio de duas orientações do pensamento filosófico-linguístico, a saber, o objetivismo abstrato e o subjetivismo idealista.

³⁰ Os documentos citados estão presentes no Anexo 4, identificados por letras de A a T.

3.1 Elias José: menino e adolescente, jovem e professor³¹

Elias José nasceu em 25 de agosto do ano de 1936, em Santa Cruz da Prata, num lugarejo chamado de “Pratinha”, distrito de Guaranésia, localizado mais no sudoeste de Minas Gerais, e faleceu no dia 02 de agosto de 2008, com 72 anos, em decorrência de complicações causadas por uma pneumonia diagnosticada tardiamente.

O escritor é o primeiro filho homem e o segundo dos oito filhos de Pulcena Rodrigues Elias e José Elias. Antes de ele nascer, nasceu Joana e depois dele nasceram: Lázaro José, Tufi, Iracema, Dora, Iraci e Irene. Dos oito filhos do casal, faleceram nessa ordem: Tufi, Iracema, Elias José e Joana. Todos os seus irmãos mudaram-se de Guaxupé, somente ele ali permaneceu, por opção.

O senhor José Elias era filho de libaneses, e dona Pulcena, de portugueses. Na família do pai do escritor havia a tradição de colocar no primeiro filho homem o nome do pai invertido, por isso o nome Elias José.

O escritor teve uma infância livre, nas ruas e estradas de terra entre a casa onde morava, situada na “Pratinha”, que era um espaço quase rural, e a fazenda de seu pai. Este trajeto muitas vezes foi feito na carroceria de um caminhão de leite.

O pai de Elias José se ocupava com as atividades da fazenda, cuidando das plantações de café e criando gado; a mãe tomava conta da casa, dos filhos e de um armazém, ou “venda”, como diziam na “Pratinha”, que era uma espécie de mercearia onde se vendia de tudo, desde alimentos até tecidos e armarinhos.

Elias José sempre acompanhava sua avó Joana quando ela saía pelas redondezas com bacias de feijão para trocar por outros artigos. Nessas idas e vindas, a avó lhe contava as histórias das Mil e Uma Noites que ouvira na infância. As histórias contadas pela avó tinham, segundo o escritor, “gostos, cheiros e imagens do Líbano ancestral”³². Além das histórias contadas pela avó, ficaram também nas lembranças do autor os casos de assombração ouvidos nas rodas dos caboclos da fazenda.

Além do estímulo vindo das histórias que ouvira na infância, as quais segundo ele serviram de alimento para o seu imaginário, também encontrou em sua mãe um grande incentivo. Consta no relato da entrevistada que dona Pulcena gostava muito de ler e tinha grande interesse por línguas estrangeiras. Em função disso, além de livros, sempre que podia

³¹ Os fatos apresentados nessa seção foram escritos a partir da entrevista realizada com Silvia Monteiro Elias, esposa de Elias José, no dia 21 de setembro de 2017, cuja interlocução de 41 minutos e 9 segundos foi gravada, transcrita e posteriormente consultada para a produção da biografia do escritor.

³² “BEM-AMADOS. Um poeta encantador de crianças” (s.d., p. 58). Documento não referenciado pertencente ao arquivo da família do escritor. Imagem do documento presente no Anexo 4 H.

ela comprava revistas de moda da época, nos idiomas francês, italiano e espanhol, os quais aprendeu a ler sozinha. “Se hoje sou escritor, se crio histórias e poesias, é porque tive o meu imaginário infantil muito, mas muito bem alimentado” (JOSÉ, 2007a, p. 7).

Na época em que Elias José era pequeno (meados dos anos de 1940), não existia o ensino infantil; as crianças começavam a frequentar a escola com sete anos de idade, na primeira série. Ele frequentou, nessa primeira etapa de sua escolarização, a escola pública da “Pratinha”, de primeira à quarta série, o que corresponde hoje à primeira etapa do Ensino Fundamental I, a saber, primeiro ao quinto ano. Estudava na parte da manhã, ficando com as tardes livres para brincar. Porém, logo que passou a altura do balcão, seu pai o levou para atender a freguesia na venda. Enquanto atendia os fregueses, Elias José ouvia as “Crônicas da Cidade” contadas por César Ladeira, na Rádio Nacional. Seu sonho nessa época era mudar-se para o Rio de Janeiro, escrever textos para rádio e ser locutor, igual ao seu ídolo César Ladeira. Após ter concluído a quarta série³³, Elias José e a família mudaram-se para o Paraná e lá ficaram por oito meses, período em que o garoto não frequentou escola. Quando voltaram para Minas, instalaram-se em Guaxupé. Nessa época, Elias José já tinha treze anos.

Elias José iniciou o ginásial³⁴, que corresponde hoje ao Ensino Fundamental II (sexto ao nono ano), com dezesseis anos, na Escola Técnica de Comércio São José. Naquela época, o ginásial era oferecido somente para os homens, no período noturno, e, ainda assim, era necessário haver vaga.

Ao terminar o ginásial, seu pai determinou que estudasse contabilidade, que era um curso pago oferecido também pela Escola Técnica de Comércio São José. Elias José não se opôs à decisão do pai e cursou contabilidade no período noturno.

Para o senhor José Elias, os filhos tinham que saber algum ofício, assim sendo, nos períodos matutino e vespertino, Elias José trabalhava no ateliê de um grande alfaiate da cidade, chamado Nunes. Elias José, segundo a entrevistada, aprendeu este ofício rapidamente e ainda superou seu mestre. Mediante a habilidade demonstrada por Elias José, seu pai abriu uma alfaiataria para ele e para seu irmão Lázaro José. Ali os dois trabalharam por um bom tempo e tiveram bons rendimentos com os serviços prestados, conforme declarações da entrevistada.

³³ Não temos informações acerca da data exata.

³⁴ Segundo a entrevistada, as crianças da “Pratinha”, ao terminarem o grupo (hoje, Ensino fundamental I), continuavam na escola, repetindo a última série, até completar a idade para frequentar as aulas noturnas, pois nesse lugarejo o ginásial era oferecido somente nesse período. No caso de Elias José, a entrevistada não soube dizer se ele também continuou a frequentar a escola até completar a idade de dezesseis anos ou se apenas trabalhou no comércio dos pais.

Nessa época, Elias José já não queria mais ser locutor de rádio, no entanto o desejo de estudar e escrever histórias nunca saía de sua mente. Com o dinheiro que ganhava na alfaiataria ingressou no Ensino Superior. Elias José manteve a alfaiataria até formar-se e estabilizar-se como professor.

Cursou Letras, (1963/1967) na Faculdade de Filosofia de Guaxupé (FAFIG). Assim que terminou o curso de Letras, passou em primeiro lugar no concurso do Estado de Minas para dar aulas no “Científico”, atual Ensino Médio, iniciando sua carreira como professor na Escola Estadual Dr. Benedito Leite Ribeiro, em Guaxupé. Em seguida, foi convidado para assumir as aulas de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura na FAFIG.

Em 1973, casou-se com Silvia Costa Monteiro³⁵, com quem teve três filhos: Iara, Livia e Érico. Segundo a entrevistada, eles se conheceram na faculdade, quando ela era ainda sua aluna. Eles namoraram, noivaram e se casaram num período de um ano e meio, disse ela.

Entre os anos de 1968 a 1993, Elias José ministrou aulas de Teoria da Literatura, Literatura Brasileira e foi Coordenador do Departamento de Letras na FAFIG. No Colégio Estadual Dr. Benedito Leite Ribeiro, atuou como professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Aposentou-se em 1993, como Diretor, escolhido por concurso e eleição.

Elias José graduou-se também em Pedagogia e Supervisão escolar e fez especialização em Literatura Brasileira, Teoria da Literatura e Redação Escolar, entre outros cursos de atualização, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade de São Paulo (USP)³⁶ (JOSÉ, 2007a, p. 105).

Enquanto professor, Elias José ficou em primeiro lugar no Concurso Nacional do Ensino de Redação, promovido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em 1977, com o livro *Redação escolar: análise, síntese, extrapolação*, que foi publicado em primeira edição pelo MEC em 1978 e posteriormente pela editora FTD (São Paulo). Em 1980, o autor inscreveu-se neste mesmo concurso, recebendo Menção Honrosa. Ganhou medalhas de prata e ouro como Educador Emérito, dadas pelo Governo do Estado de Minas Gerais, nas gestões de Hélio Garcia e Itamar Franco (JOSÉ, 2007a, p. 106).

O governo Tancredo Neves criou em sua gestão a ordem da medalha, específica para aqueles que tenham contribuído para mudar os rumos da educação ou se destacaram neste setor prestando relevantes serviços.

³⁵ Nome de solteira da esposa, que após o casamento passa a chamar-se Silvia Monteiro Elias.

³⁶ Não conseguimos informações nem registros acerca das datas dos cursos mencionados.

[...] Elias José se faz merecedor da distinção uma vez que, extrapolando os seus dezenove anos de magistério, desenvolveu e desenvolve vários projetos educacionais em nível regional e estadual.

[...] Seus projetos têm repercutido no âmbito das Delegacias de Ensino e na Secretaria de Educação, que os reproduz. Ele tem ministrado cursos em todo o estado para supervisores, bibliotecários e educadores, especificamente nas áreas da Literatura Infantil e Língua Portuguesa³⁷.

3.2 Elias José escritor: o início de uma trajetória

Eu comecei a escrever na época da ditadura militar. Eu escrevia contos, alguns publicados, muitos censurados e de repente eu tinha seis livros de contos publicados, um de poema e um romance³⁸.

Elias José não iniciou sua carreira de escritor publicando livros. Ele estreou escrevendo para o jornal *O Acadêmico* do Colégio São José, criado por ele e um grupo de colegas na época em que cursava contabilidade. A partir de então, começou a enviar seus contos primeiramente para a revista *Vida Doméstica*, em seguida para jornais locais e posteriormente para os jornais de outras partes do Brasil³⁹, participando de concursos de contos. Elias José revelou que sua primeira experiência na arte da escrita nasceu no jornal do colégio⁴⁰.

Nessa época, seu professor de francês o incentivou a escrever poemas e contos e foi com o conto “O homem do mar não chora” que ganhou o primeiro lugar no concurso da extinta revista *Vida Doméstica*. Este prêmio, disse o escritor, foi a motivação que não o deixou parar de escrever, concorrer e publicar.⁴¹ Naquela época, todos os grandes jornais publicavam suplementos literários aos sábados, para os quais ele sempre enviava contos ou crônicas, declarou o autor.

Elias José, seis meses depois, se inscreveu no mesmo concurso supracitado e foi novamente vencedor com o conto “A mãe do pintor”. Desde então, o mineiro de Guaxupé não parou mais de escrever e se inscrever em concursos, tendo vencido ou se classificado entre os três primeiros inúmeras vezes.

³⁷ “Elias José agraciado com medalhas” (recorte de jornal sem fonte indicada). Pertencente ao acervo de material coletado pela família durante sua trajetória. Imagem do documento presente no Anexo 4 I.

³⁸ Entrevista de Elias José ao Jornal *O Farroupilha*, 20/05/2005. Recorte de jornal pertencente ao arquivo da família. Imagem do documento presente no Anexo 4 Q.

³⁹ *Baluarte*, de Guaxupé (fundado por Elias José); *O Coruja*, da FAFIG; *Folha de Poços*, de Poços de Caldas; *O Lince*, de Juiz de Fora; *Associação Espiritosantense*, de Vitória; *Minas Gerais*, de Belo Horizonte e *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, entre outros.

⁴⁰ *Jornal Persona*, fevereiro de 1995. Documento pertencente ao arquivo da família do escritor. Imagem do documento presente no Anexo 4 B.

⁴¹ Informação retirada da entrevista “Quem conta um conto, conta muitos outros”, concedida pelo escritor à Editora Paulus em junho de 2003. Documento pertencente ao arquivo da família do escritor. Imagem do documento presente no Anexo 4 C.

Em relação à participação em concursos, o autor, numa entrevista concedida ao *Jornal de Letras*⁴², disse que no Brasil o único interesse dos editores era faturar; segundo ele, não havia interesse pela literatura e um escritor só conseguia publicar um livro quando havia um prêmio que o recomendasse e garantisse a venda da obra. Diante dessa realidade, declarou que participava de todos os concursos não com intenção de ganhar o prêmio, mas de encontrar um editor: “acho bom o aumento de concursos, sempre entro neles com a esperança de acertar não um prêmio, mas um editor”⁴³.

A escrita que Elias José apresentava ao leitor tinha uma característica diferente, que ele denominou de miniconto, tendo sido, talvez por isso, considerado o pioneiro desse gênero no Brasil. Em relação a isso, ele dizia que o mini sempre existiu, ele apenas nomeou de miniconto alguns instantes poéticos que não chegavam a ser poemas e nem contos, pela falta de características marcantes deste gênero.

Em 1968, já conhecido por meio de muitas publicações em suplementos literários, Elias José reuniu alguns contos já publicados num livro que intitulou de *A Mal Amada*, graças ao qual recebeu menção honrosa no “Prêmio José Lins do Rego”, da Livraria José Olympio Editora. Elias José continuou a publicar seus contos em vários suplementos literários do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Coelho (1989, p. 202) destaca que no início de sua carreira como escritor, Elias José participou de inúmeras antologias, como: *Cadernos 20*, nº 1 e 2 (1969 e 1971); *Poleiros de Urus* (1971); *Bel’ Contos* (1972); *Nuevos Narradores del Brasil* (Buenos Aires, 1975) e *Os Melhores Contos do Brasil de 1974* (1975).

A estreia do escritor em livro foi no ano de 1970, com a publicação de *A Mal Amada* pela Imprensa Oficial de Minas Gerais, Belo Horizonte (JOSÉ, 2007a, p. 107). Essa obra lhe rendeu inúmeros elogios e sua inserção na literatura brasileira se deu por meio dessa publicação:

A Mal Amada. Livro de contos de Elias José, autor premiado no concurso de contos José Lins do Rego, no Rio de Janeiro, é o “papa” do miniconto, gênero que inaugurou. Livro voltado para o essencial da natureza humana, editado pela Imprensa Oficial⁴⁴.

⁴² *Jornal de Letras*, 2º caderno, maio 1974. Documento pertencente ao arquivo da família do escritor. Imagem do documento presente no Anexo 4 D.

⁴³ *Jornal de Letras*, 2º caderno, maio 1974, p. 5. Imagem do documento presente no Anexo 4D.

⁴⁴ Seção “Roteiro” de *O Diário* (Belo Horizonte), 08/10/1970. Recorte de jornal presente no acervo de material catalogado pela família do escritor. Imagem do documento presente no Anexo 4 J.

O jornal *A Notícia*, de Manaus, assim apresentou o escritor:

[...] Elias José não é novo, é novíssimo. Seu modo de escrever é diferente, gostoso, sobretudo HUMANO. É um dos expoentes máximos do grupo NOVOS MINEIROS. Lançador no Brasil dos MINI CONTOS, um dos mais aceitos e difundidos movimentos Literários do Brasil⁴⁵.

Cabe nesse ponto abrir um parêntese para apresentar alguns posicionamentos sobre o surgimento do miniconto no cenário da literatura brasileira. É relevante dizer que a escassez de trabalhos acerca desse tema ainda é grande. Não pretendemos apresentar, tampouco discutir sobre a genealogia do miniconto no país, muito menos fechar em definitivo essa questão. O que importa aqui é relativizar algumas afirmações que ainda são controversas e não poderão ser aprofundadas e sustentadas teoricamente, em função dos limites e propósitos desta pesquisa.

Nessa direção, embora a imprensa tenha apontado Elias José como pioneiro do miniconto no Brasil, alguns estudos mostram que a minificção tem raízes antigas entre nós. Os estudos de SchØllammer (2009), Spalding (2008), Gonzaga (2007), Cechinel (2013) e Veigas (2015)⁴⁶ relativizam o pioneirismo concedido a Dalton Trevisan como precursor do miniconto no Brasil, conforme apontado em alguns estudos.

Os trabalhos dos pesquisadores citados acima apontam como ponto de partida, dentre outros, textos de Machado de Assis, Lima Barreto, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Mário Quintana, Clarice Lispector, por apresentarem características que mais tarde vão delinear o estilo das minificções contemporâneas.

Spalding ressalta que Dalton Trevisan “depura seu processo de condensação dos textos, retrabalhando o material de livros anteriores cada vez mais enxutos e depurados para criar unidades mínimas” (ERIK, 2004, p. 157, apud SPALDING, 2008, p. 33) e lança nos anos de 1970 quatro minicontos que foram publicados na antologia *O Conto Brasileiro Contemporâneo*, organizado por Alfredo Bosi. Talvez por isso Trevisan tenha recebido o título de precursor desse gênero entre nós.

⁴⁵ Jornal *A Notícia* (Manaus), 28/10/1977. Documento pertencente ao arquivo da família do escritor. Imagem do documento presente no Anexo 4 K. Todos os destaques foram do jornal.

⁴⁶ Os estudos desses autores apresentam uma cronologia acerca da presença da minificção na literatura brasileira, assim como reflexões acerca do gênero com intuito de apresentar as raízes do miniconto entre nós.

Elias José, nessa mesma época, também dá a ler textos com essas mesmas características, sendo inclusive premiado por alguns deles, conforme já apresentado anteriormente. Cechinel (2013) afirma que

Elias José, Francisca Vilas Boas, Marco Antônio Soares de Oliveira e Sebastião Rezende passam a divulgar, nos jornais (*O Coruja*) e revistas (*Mensagem, Cadernos 20 e Poleiro de Urus*) do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (MG), alguns textos muito “despojados, curtos, sintéticos”. [...] esses contos foram denominados por Elias José de “mini-contos” e defendidos por Sebastião Rezende em um manifesto publicado no segundo número da revista *Caderno 20*, em 1971. (CECHINEL, 2013, p. 48-49, grifo do autor)⁴⁷.

Almeida (2010, p. 113), por sua vez, no livro *A minificação do Brasil - em defesa dos frascos & dos comprimidos*, aponta para a omissão de algumas pesquisas em relação ao pioneirismo de Elias José e outros autores de Guaxupé – citados acima – que, segundo ele, “criaram e disseminaram, a partir dos anos 60, o miniconto, dando início de modo mais orgânico à minificação no país”.

Nessa direção, não podemos aceitar em definitivo a afirmação de que Elias José inaugurou o miniconto no Brasil, mas os fatos apresentados nos autorizam a inserir seu nome entre os precursores.

Retomando agora a cronologia do autor, destacamos o livro de minicontos *O Tempo, Camila*, lançado em 1971, também pela Imprensa Oficial, pelo qual ele recebeu também muitos elogios:

[...] lançou pela Imprensa Oficial de Minas Gerais mais um livro de contos, a que deu o título de “O Tempo, Camila”. Se o primeiro lhe serviu de ótima apresentação, abrindo-lhe um caminho em nossa literatura, este agora lhe destaca as qualidades de ficcionista e mostra o escritor de força e talento, que sabe usar as palavras com mestria, aproveitando, às vezes, simples fatos do cotidiano para seus enredos [...] ⁴⁸.

Em 1974, foi lançado novamente pela Imprensa Oficial de Minas Gerais o livro *Inquieta viagem no fundo do poço*. Com este livro o escritor ganhou o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, como melhor livro de contos, e o prêmio Governador do Distrito

⁴⁷ O conteúdo do manifesto escrito por Sebastião Rezende é citado em Cechinel (2013, p. 49).

⁴⁸ Seção “Literatura” do jornal *O Espírito Santo*, 11/08/1974. Crítica feita por Roosevelt da Silveira. Documento pertencente ao arquivo da família do escritor. Imagem do documento presente no Anexo 4 L.

Federal, como melhor livro de ficção. “Elias José, vencedor do Jabuti de Contos, foi também o ganhador do Jabuti de Revelação de Autor, com a mesma obra”⁴⁹.

Elias José não deixou de escrever para adultos, porém o mercado estava mais favorável para a publicação de obras para crianças e jovens e com isso ele decidiu enveredar pelo campo da literatura infantojuvenil, sem se esquecer daquela que o projetou como escritor. Disse ele:

Continuo a escrever contos e poemas para adultos, mas vejo que até as editoras dificultam a publicação de obras para adultos, enquanto se abrem mais para obras infantis e juvenis. Não sou de ficar correndo de editora em editora. Assim, vou guardando textos para adultos aguardando melhoras. (JOSÉ, 2007a, p. 97).

É importante destacar que os documentos apresentam uma imagem de Elias José construída pela a mídia, como um escritor inovador, conectado no universo literário e pioneiro em relação às temáticas e à linguagem, podendo justificar os prêmios e os elogios.

Nessa direção, para dar continuidade a trajetória de Elias José, apresentamos a seguir o processo e as condições de produção do escritor, revelados nos depoimentos do próprio autor acerca da sua forma de pensar a literatura, especialmente a infantil.

3.3 Uma imagem do escritor por ele mesmo⁵⁰

Elias José se definiu como mineiro, cara da roça, poeta, escritor, professor e gente feliz. Segundo ele, feliz porque considerava sua vida muito boa, apesar dos desafios e momentos tristes de perda. Certa vez ele disse: “sou feliz porque não coloco a felicidade fora do alcance da mão”⁵¹.

Sua paixão pela leitura, principalmente de poesia, pela música e por ouvir e criar histórias era declarada sempre que indagado a respeito da forma como havia se tornado um escritor.

⁴⁹ *Folha de São Paulo*, 18/10/1974. Recorte de jornal pertencente ao arquivo da família. Imagem do documento presente no Anexo 4 M.

⁵⁰ Esta seção apresenta uma imagem do escritor Elias José construída a partir de entrevistas concedidas por ele, nas quais relata a sua constituição como escritor, o seu processo de produção e a forma como via a literatura. Os documentos consultados para a composição deste texto, a saber, recortes de jornais e revistas, foram disponibilizados por sua esposa Silvia Monteiro Elias, que acompanhou toda a trajetória do marido e organizou esse material durante o seu percurso. Não nos preocupamos em trazer os dizeres do autor numa ordem cronológica, mas de forma contextual, ou seja, os relatos do autor foram inseridos à medida que o texto foi sendo construído.

⁵¹ *Jornal de Minas Gerais*: suplemento literário, 07/04/1990. Ano XXIII, nº 114. Documento pertencente ao arquivo da família do escritor. Imagem do documento presente no Anexo 4 A.

Em seu livro *Literatura infantil: ler, contar e encantar crianças*, no capítulo “Como me tornei um escritor”, ele diz que suas maiores influências foram os poetas Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Mário Quintana e Cecília Meireles. Em prosa, o escritor citou Machado de Assis, Graciliano Ramos, Murilo Rubião, Osman Lins, José J. Veiga. Em literatura infantil, destacou Monteiro Lobato e Vinícius de Moraes. No entanto, segundo ele, as histórias contadas por sua avó libanesa e os livros que sua mãe lhe dava para ler, entre eles os de Monteiro Lobato e de Júlio Verne, foram os estímulos que o levaram a tornar-se escritor.

Elias José destacou ainda que no seu tempo de criança não havia televisão, e que o rádio também foi um grande estimulador da linguagem e despertador do seu imaginário.

O autor sentia um carinho especial pelos livros de poesia infantil por se tratar, segundo ele, de um gênero que permite que o escritor brinque com as palavras e com o imaginário com toda liberdade. Escrevendo poesia para crianças, “torno-me criança outra vez, faço vir à tona o menino que fui” (JOSÉ, 2007a, p. 96). Elias José, ao declarar sua paixão por escrever, disse que vibrava a cada publicação como se fosse a primeira, mas nunca negou que a fase mais gratificante de sua carreira como escritor tenha sido quando começou a escrever livros infantis.

No mesmo capítulo da obra supracitada, Elias José fez menção a uma pergunta feita pelo Professor Ezequiel Theodoro da Silva, durante sua participação no Congresso de Leitura do Brasil (COLE)⁵², que foi a seguinte: “o escritor lê o que para escrever?” Elias José respondeu que de manhã procurava se lembrar dos seus sonhos, pois nos sonhos encontrava a liberdade negada pela vida diária. Em seguida, completou dizendo que todos os dias lia o mundo, os acontecimentos, o tempo, a casa, a cidade e as pessoas. Disse também que lia diariamente livros de poesia, ficção e de memórias, por acreditar que a arte recria tudo que já foi dito, escrito, pintado e musicado. E assim declarou:

Tenho certeza que, em cada texto que escrevo, inconscientemente, há elementos de linguagem, temática ou técnica de composição que já apareceram em centenas de outros textos, escrever é reescrever, recriar de uma maneira diferente e subjetiva o que tantos escreveram antes. Não se trata de cópia ou plágio, mas de influência que passa despercebida pelo próprio escritor. No meu poema existem marcas de Drummond, Pessoa, Bandeira, Quintana, Cecília, Manuel de Barros e tantos outros que leio constante e apaixonadamente. O mesmo digo de minha prosa. Como abolir Machado de Assis, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Aníbal Machado,

⁵² Não encontramos registros acerca da data desse COLE, pois, segundo a entrevistada, Elias José participou do evento mais de uma vez.

Murilo Rubião, José J. Veiga e os muitos estrangeiros que leio em tradução? (JOSÉ, 2007a, p. 101).

O escritor pontuou também que assistia a muitos filmes, sobretudo europeus e latinos, lia jornais, via TV, lidava com internet, ouvia músicas, especialmente MPB e erudita. Confessou ser um apaixonado pelas artes plásticas, embora não conseguisse desenhar. Essa paixão pelas artes plásticas o inspirou a criar poemas e contos curtos. Ricardo Azevedo o aconselhou a escrever um artigo ou preparar uma palestra acerca do nascimento de um texto literário a partir de uma obra de arte, quando o costume é outro, ou seja, o ilustrador parte do texto para criar. A sugestão foi aceita, Elias José começou a fazer anotações, mas não teve tempo de escrever, pois veio a falecer antes de organizar esse projeto. Por fim, ele encerrou o capítulo dizendo:

No mais, tendo completado 70 anos em 25 de agosto de 2007, estou trabalhando como nunca, vibrando com a literatura, com a vida e com os possíveis diálogos sobre coisas que me interessam. Pessoalmente, só posso dizer que sou uma pessoa feliz. (JOSÉ, 2007a, p. 103).

Elias José gostava muito da proximidade com seu público leitor e numa autobiografia contida no seu livro *A vida em pequenas doses*, entre outros dados de sua vida, ele contou que ia muito às escolas com o intuito de conversar com seus leitores, alunos e professores. Disse ele:

Observo os temas, assuntos e tipos de textos que as crianças e os jovens gostam, observação que enriquece o meu trabalho e que me motiva sempre. O carinho do leitor é um incentivo, a troca de ideias é uma riqueza, um retorno com acréscimos. Quando o diálogo vai além do texto, ganho eu e o leitor. (JOSÉ, 2001, n.p.).

O depoimento dado a José Maria Pereira para o jornal *Estado de Minas* (1976) a respeito do seu livro *As curtições de Pitu*, atesta o quanto Elias José considerava o leitor em sua escrita. Neste depoimento, ele relatou que, como professor, foi testando em sala de aula os capítulos do livro, que funcionavam separadamente como contos. Ele apresentava os textos aos alunos com pseudônimos, para não os deixar constrangidos ao dar opiniões nem interferir em suas reações. Outras vezes, pedia para ex-alunos seus, do curso de Letras e que já estavam em sala de aula como professores, trabalharem esses mesmos textos e lhe contar as reações dos seus alunos. Dessa forma, declarou que aproveitou muita coisa, descartou outras e após este movimento finalizou o livro. Ele disse que “foi um livro escrito para e com os garotos de

onze a treze anos, trabalho inédito, unindo uma experiência didático-literária”⁵³. Ele se dizia um autor inquieto, por não gostar de reescrever sempre a mesma obra e nunca estar satisfeito com o já feito. A esse respeito, disse:

Como vivo no Brasil e não preciso seguir receitas para atingir o público – como autores de best-sellers vivo o prazer do texto, a paixão de tentar sempre. Assim, tanto me emociona escrever para adultos como para crianças, vibro com um poema como vibro com um conto⁵⁴.

Quando era indagado a respeito do seu processo de criação, ele respondia que era muito variado e que dependia do que estava se propondo a fazer. Não acreditava em inspiração, mas em instantes inspiradores que vinham da paixão por criar algo. Declarou que foram poucas as vezes que sentou para escrever uma história que já estava pronta em sua cabeça. Tinha o hábito de anotar suas ideias em pedaços de papel, folhas de caderno ou o que tivesse em mãos. E então revelou:

Parto de uma frase solta, quase caótica e as coisas vão surgindo naturais, como se elas já existissem por dentro, inconscientemente. Contudo, acho que toda fonte temática do que faço parte de um conflito de um homem com outros homens – este é o ponto real, determinante do todo criativo⁵⁵.

Em relação à sua produção infantojuvenil, Elias José pontuou que se preocupava em unir o estético ao lúdico e nunca passar uma mensagem no sentido didático da palavra. A esse respeito ele disse:

Quero que meu texto, sobretudo a poesia, seja um brinquedo para criança, um jogo de palavras e de ideias feito com muito humor, dinamismo e envolvimento, pedindo a participação do leitor. Já nas novelas juvenis, limito mais a fantasia em troca dos elementos sociais, quero mexer com os sentimentos, mas também questionar, lançar também a função social sem cair no panfletismo, que eu detesto tanto quanto o didatismo. Mas não esqueço também da sátira, do humor, da movimentação. Sobretudo não caio no apelo fácil do *boom* (grifo do autor) da literatura infantil e juvenil⁵⁶.

Elias José nunca quis sair de Guaxupé, apesar de reconhecer as dificuldades decorrentes desta escolha em relação ao contato com as editoras, por exemplo. Sentia falta também de atividades culturais como o teatro, por exemplo, mas dizia que lá ele conseguia

⁵³ *O Estado de Minas*, 14/08/1976. Imagem do fragmento do documento presente no Anexo 4 N.

⁵⁴ *Jornal de Minas Gerais*: suplemento literário, 07/04/1990. Ano XXIII, nº 114. Documento pertencente ao arquivo da família do escritor. Imagem do fragmento do documento presente no Anexo 4 O.

⁵⁵ *Jornal de Letras*, 2º caderno, maio 1974, p. 5. Imagem do fragmento do documento presente no Anexo 4 P.

⁵⁶ *Jornal de Minas Gerais*: suplemento literário, 07/04/1990. Ano XXIII, nº 114. Imagem do fragmento do documento presente no Anexo 4 U.

compor suas histórias e seus poemas com tranquilidade, por estar longe da agitação dos grandes centros.

Elias José declarou que a vida no interior permitiu que ele tivesse uma infância livre, solta nas ruas, na fazenda e que convivesse com pessoas simples, com as quais brincou, compartilhou as cantigas de roda, soltou pipa, jogou pião, bolinha de gude, futebol de bola de meia, andou de carrinho de rolimã, brincou de pique, bilboquê, entre outras brincadeiras, e ouviu também muitas e variadas histórias, entre elas, lendas, fábulas e casos. Segundo ele, tudo isso serviu de alimento para seu imaginário e de combustível para a escrita de seus poemas e histórias. A respeito disso afirmou:

Acho que a infância nunca morre e sempre se enriquece com o tempo, fica mais bonita, adubada e poética, quando idealizada. Um dia, determinados fatos ou imagens vividas explodem e dão contos ou poemas. Os melhores textos meus nasceram assim. A imaginação, a fantasia e a técnica cuidam de transformar o vivido em texto literário, ficcional ou poético⁵⁷.

O autor destacou dois fatos que o incentivaram a escrever para crianças. O primeiro foi um convite para ser patrono de uma biblioteca de sala, o que o levou a escrever alguns textos sobre sua infância⁵⁸. O segundo foi o fato de contar muitas histórias para seus filhos, influenciado pelas histórias que ouvira de sua avó. Numa entrevista concedida para o jornal *O Farroupilha*, declarou que começara a escrever para crianças por sugestão de sua esposa.

Elias José concebia o livro como uma forma de diálogo entre o autor e o leitor, “acho fundamental falar a linguagem de meu tempo com os desvios que ela oferece, sem cair em vulgarismos desnecessários à obra literária”⁵⁹. Nesse sentido, ele desejava que seus livros fossem lidos com prazer, pois não era sua intenção

[...] fazer a cabeça de ninguém. O que quero então? Quero que as crianças notem que brinquei com as palavras e que também podem ler brincando. Quero que riam com o que foi contado com alegria, que percebam que as palavras têm vida e ritmo e algumas se aproximam em som e sentido. Brincar com as palavras é gostoso como qualquer bom brinquedo.⁶⁰

⁵⁷ Informação retirada da entrevista “Quem conta um conto, conta muitos outros”, concedida pelo escritor à Editora Paulus em junho de 2003. Imagem do fragmento do documento presente no Anexo 4 C.

⁵⁸ Estes textos mais tarde originaram o livro infantojuvenil *As curtições de Pitu*.

⁵⁹ *Minas Gerais*: suplemento literário, 24/07/1982. Ano XV – n° 825. Documento pertencente ao arquivo da família do escritor. Imagem do documento presente no Anexo 4 E.

⁶⁰ “Poemas de Elias José para divertir crianças”. Crítica escrita por Edmir Perrotti. Documento não referenciado pertencente ao arquivo da família do escritor. Imagem do documento presente no Anexo 4F.

Segundo o próprio escritor, a característica marcante na sua obra infantojuvenil é o brincar com as palavras, o predomínio da fantasia, da magia e do faz de conta. Para Elias José, o livro infantil deve ser apresentado ao seu leitor como um brinquedo, e a leitura, por sua vez, deve proporcionar uma gostosa e divertida viagem.

Quando escrevo para criança torno-me menino. Os aspectos lúdicos do poema tornam-se brinquedos em minhas mãos. Gosto de brincar com as palavras, de tirar delas o maior número de significados e de aproximações sonoras. O humor é importante tanto nas imagens poéticas, como em uma possível narrativa. O ritmo deve ser alegre, dinâmico, perto das cantigas folclóricas. A comunicação deve ser clara sem ser óbvia. O sugerido pede uma participação direta do leitor para que o poema se realize. Acho que o melhor poema é aquele que permite ao pequeno leitor entrar no jogo, no desafio, na ciranda. Gosto quando o meu leitor tem chance de brincar comigo, acrescentando, cortando, recriando, transformando o poema. Poema que é meu mas deve ser dele também⁶¹.

Elias José, ao citar as vozes daqueles que possivelmente se fizeram presentes em seus textos, ainda que de forma inconsciente e indireta, nos remete a Fiorin (2006), quando cita Kristeva para explicar o que Bakhtin diz a respeito do discurso literário. Segundo Kristeva, para Bakhtin

[...] o discurso literário “não é um ponto (um sentido fixo), mas um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de várias escrituras”. Todo texto constrói-se assim, “como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”. Em sua leitura da obra de Bakhtin o discurso (o texto) é um cruzamento de discursos (de textos) em que se lê, pelo menos, um outro discurso (texto)”. Afirma ainda que, no lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade. Bakhtin opera com a noção de intertextualidade porque considera que o “diálogo é a única esfera possível da vida da linguagem”. Por isso, ele vê “a escritura como leitura do *corpus* literário anterior e o texto como absorção e réplica a um outro texto”. (FIORIN, 2006, p. 163).

Antes de encerrar esta seção, é importante mencionar que apesar do destaque que obteve com a publicação de *As curtições de Pitu* e *O fantasma no porão*, de acordo com o *Jornal Persona*, de fevereiro de 1995⁶², as portas para o sucesso com o gênero infantojuvenil se abriram para Elias José com o livro de poesias *Um pouco de tudo: de bichos, de gente, de*

⁶¹ *Folha da manhã* (Guaxupé), 09/11/1997. Documento pertencente ao arquivo da família do escritor. Imagem do documento presente no Anexo 4 G.

⁶² Reportagem “Elias, sonhos e realidades”, publicada na seção “Persona do mês”, *Jornal Persona*, fevereiro 1995. Documento pertencente ao arquivo da família do escritor. Imagem do documento disponível no Anexo 4 B.

*flores*⁶³, publicado em 1982 pela Editora Paulus, que teve uma tiragem de trinta mil exemplares somente para compor a ciranda do livro. Este livro recebeu também o selo de Altamente Recomendável para Criança e o Prêmio APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte).

Depois de bater em várias portas de editoras e ser devolvido com a desculpa de que poesia não vende, o Edmir Perrotti, grande crítico e professor de literatura, topou dirigir uma coleção das Editoras Paulinas, que fosse renovadora em termos de literatura infantil. Ele me convidou para fazer parte de um grupo, e eu disse que tinha um livro de poesia, mandei para lá e o livro pegou⁶⁴.

Elias José não parou mais de escrever para este público e também não escondia o seu enorme prazer e a predileção que tinha pela literatura infantil.

O autor dizia que a literatura é uma arte que permite recomeçar sempre. “Eu sou inquieto, escrevo todos os gêneros, menos para o teatro. Escrevo para adultos, crianças e jovens. Assim estou sempre começando, aprendendo, felizmente” (JOSÉ, 2007a, p. 96).

Elias José fazia questão de estar próximo dos seus leitores para ver as impressões que tinham a respeito de suas histórias e de seus poemas. “Quando dialogo, enriqueço-me repenso, critico, aplaudo, sugiro, mudo de ideia e aprendo também” (JOSÉ, 2007a, p. 99).

Em seu livro *Literatura infantil: ler, contar e encantar crianças*, Elias José declarou ser apaixonado por artes plásticas e que essa paixão estava servindo de inspiração para novas criações.

Comecei com Portinari, Djanira e Di Cavalcanti, de forma solta, sem que deixasse o leitor perceber que determinado personagem nasceu do que li neles. Depois, parti para Matisse, Magritte, Kandinsky, Miró e Picasso, aí já indicava no final do meu texto a obra e o seu pintor que me povoavam. Criei assim, cerca de uma centena de poemas que, por problemas de direitos autorais dos pintores, estão ainda inéditos em livro. (JOSÉ, 2007a, p. 102).

Em suas últimas publicações, Elias José contou com a participação de artistas plásticos, como por exemplo, *Mágica terra brasileira*, publicado em 2006 pela Editora Formato, contendo poesias inspiradas nas pinturas de Meiga Vasconcelos, e *Ciranda brasileira*, publicado pela Editora Paulus. Nesse mesmo ano, inspirado nas xilogravuras de J.

⁶³ Nessa obra, Elias José apresenta poemas bem-humorados com os quais explora os sonoridade das palavras, e brinca com os diversos sentidos que elas podem ter. Os temas, como o próprio título indica, se referem a bichos, pessoas e flores.

⁶⁴ Entrevista “O prazer de escrever para crianças”. Documento não referenciado pertencente ao arquivo da família do escritor. Imagem do documento disponível no Anexo 4 S.

Borges, segundo Elias José, “foi só sentar, olhar, ver, enxergar, ler e fazer com palavras aquela cena, aqueles personagens, aqueles toques de rude ternura” (JOSÉ, 2007a, p. 103).

Limeriques, pela Editora Noovha América, uma forma poética da tradição inglesa, foi inspirado nas pinturas de Gustavo Rosa. “Diverti-me muito, pois os quadros de Gustavo Rosa focalizavam um modo muito humorístico, mas sem maldade, tipos diferentes de pessoas e bichos” (JOSÉ, 2007a, p. 103).

Elias José não quis apresentar detalhes sobre as obras que estava organizando, vindo a falecer antes que estas fossem lançadas. Quem concluiu os projetos foi sua esposa, que participava e opinava sobre todos eles. Estes livros foram lançados da forma como Elias José havia pensado.

Elias José teve contos e poemas traduzidos e publicados no Brasil, México, Argentina, Estados Unidos, Itália, Polônia, Nicarágua e Canadá. Foi muitas vezes selecionado pela FNLIJ para representar o Brasil em feiras internacionais, participou como jurado de vários concursos literários, ministrou cursos, oficinas, palestras e participou de vários congressos de educação.

A produção do escritor Elias José é destaque em vários livros de estudos literários, dicionários de literatura e artigos de jornais e revistas, e seus contos aparecem em várias antologias do conto brasileiro e mineiro no Brasil e no exterior. Há também um grande número de textos, sobretudo poemas infantis, incluídos em coleções didáticas de língua portuguesa (JOSÉ, 2007a, p. 106).

Este autor recebeu muitos prêmios pela sua produção infantojuvenil, entre eles, destacamos: Prêmio Mobral de Literatura; várias vezes Altamente Recomendável da FNLIJ; Prêmio da União Brasileira de Escritores (UBE)⁶⁵; Prêmio APCA; Prêmio Odylo Costa Filho; Prêmio Adolfo Aizen; Prêmio Cecília Meireles⁶⁶; Prêmio Centenário de Alaíde Lisboa; Academia Mineira⁶⁷; Academia Municipalista de Minas Gerais⁶⁸ e Academia Feminina de Letras de Belo Horizonte⁶⁹.

⁶⁵ União Brasileira de Escritores. É a mais antiga associação de escritores do Brasil. Criada em 17 de janeiro de 1958, resultado da fusão da Sociedade Paulista de Escritores com a Associação Brasileira de Escritores. Disponível em: <<http://www.ube.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

⁶⁶ O Prêmio APCA é concedido pela Associação Paulista dos Críticos de Arte; o Prêmio Odylo Costa Filho é uma categoria de premiação da FNLIJ; o Prêmio Adolfo Aizen é concedido pela União Brasileira de Escritores e o Prêmio Cecília Meireles é concedido pelo Conselho Internacional dos Acadêmicos. Não encontramos informações acerca dos critérios de avaliação tampouco definições acerca de cada um deles.

⁶⁷ É uma instância de legitimação fundada em 25/12/1909 por um grupo de pioneiros ligados à literatura e à cultura (jornalistas, escritores, profissionais liberais, homens públicos e militantes da cátedra e dos tribunais). Conferir histórico completo em: <<http://academiamineiradeletras.org.br/sem-categoria/concurso-literario-da-academia-feminina-mineira-de-letras-da-universidade-livre-e-da-academia-mineira-de-letras/>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

Buscamos informações sobre as instâncias de legitimação citadas no parágrafo anterior, com o intuito de compreender a relevância de cada um dos prêmios recebidos pelo escritor; no entanto, não foi possível encontrar informações objetivas e seguras sobre essas instituições, tampouco sobre o que representou ser premiado em cada uma delas.

⁶⁸ A Academia Municipalista de Minas Gerais é uma instância de legitimação, cujo objetivo é agrupar escritores nascidos ou residentes no Estado de Minas Gerais, para representarem os Municípios onde residem/nasceram, evidenciando assim seus talentos. Utilidade Pública Estadual e Municipal. Fundada em 08 de abril de 1963 Patrono São Francisco de Assis. Disponível em: <<http://amulmig-bh.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

⁶⁹ A Academia Feminina Mineira de Letras foi fundada em 12/08/1983. É uma entidade cultural de utilidade pública Municipal, Estadual e Federal sem fins lucrativos. A Academia tem por finalidade congregar intelectuais femininas com atividades literárias em prosa e verso – romancistas, poetisas, cronistas, trovadoras, humanistas, biógrafas, ensaístas, professoras estudiosas da Língua Portuguesa, etc. –, bem como promover seus trabalhos literários através de revistas, jornais, rádio, televisão e edições. Disponível em: <<https://www.blogger.com/profile/18147536110846783943>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

4 A OBRA INFANTOJUVENIL DO ESCRITOR ELIAS JOSÉ⁷⁰: O CONTEXTO DE PRODUÇÃO - UMA CRONOLOGIA NECESSÁRIA

Este capítulo, com o intuito de apresentar e situar historicamente a produção literária infantojuvenil de Elias José, ocupou-se em trazer, separados por décadas, os títulos, assim como as ideias pedagógicas e o cenário da literatura infantil no Brasil desde os anos de 1970, quando o escritor começou a publicar para o leitor infantojuvenil, até o final da primeira década dos anos 2000, quando foram lançadas as obras produzidas pelo escritor.

Consideramos relevante, antes de apresentar as décadas supracitadas referentes ao contexto de produção das obras do escritor, trazer um recorte dos anos de 1960, por ser este considerado o período preparatório para o chamado *boom* da literatura infantil brasileira⁷¹ que tem início nos anos de 1970.

A opção por apresentar as ideias pedagógicas presentes nos contextos em que as obras do escritor, sujeito desse estudo, foram dadas a ler se justifica pelo fato de que o aparecimento da literatura infantil, conforme apresentado por Arroyo (2011, p. 75), está intimamente ligado à literatura escolar, sendo a segunda, dentro do nosso processo de formação, a gênese da primeira, conforme afirma este autor.

Maziero, a respeito da relação existente entre os livros e a escola, cita um estudo de Lajolo para afirmar que “a escola é a instituição que há mais tempo e com maior eficiência vem cumprindo o papel de avalista e fiadora do que é literatura. Ela é uma das maiores responsáveis pela sagração ou pela desqualificação de obras e autores” (LAJOLO, 2001, p. 19 apud MAZIERO, 2006, p. 11). Nessa direção, acrescenta a pesquisadora, “parece ser difícil separar Literatura Infantil de uma certa intenção pedagogizante ou de uma certa especificidade enquanto objeto que circula na instituição escolar” (MAZIERO, 2006, p.12).

Vale ressaltar que em função desse estudo se tratar primordialmente do inventário da produção literária do escritor Elias José, consideramos importante, em determinados momentos, apresentar as imagens das capas de algumas obras do escritor, no intuito de tornarem compreensíveis a leitura das informações apresentadas nas tabelas.

⁷⁰ A partir daqui não apresentaremos as obras para adultos. A produção completa do escritor está apresentada no Anexo 2.

⁷¹ A expressão “*boom* da literatura infantil” se refere ao significativo aumento na produção e na variedade de títulos infantojuvenis no mercado.

É relevante lembrar que nos importa mais a apresentação das formas como essas obras chegaram ao seu leitor em seus diferentes formatos⁷² do que uma análise detalhada de cada uma delas em função das mudanças ocorridas nos suportes que dão a ler os seus textos. Sabemos, entretanto, que tais mudanças são muito significativas e caras para os estudos da História Cultural, porém, em função dos limites e propósitos desta pesquisa, essa análise não será feita neste momento. Entendemos que essas informações possam servir de ponto de partida para outras investigações acerca da materialidade das obras do escritor.

Importa destacar ainda que as obras relançadas com títulos diferentes serão apresentadas na tabela referente à década do primeiro lançamento, junto com o título anterior, contendo as informações da nova edição (data, editora, ilustrador, número de páginas, título, etc.)⁷³.

4.1 Década de 1960-1969

Coelho (1985) se refere aos anos de 1960 como aqueles que abriram os caminhos para a conquista do espaço e para novas formas de conhecimento trazidas pela TV. Nessa década, ressalta a autora, “as várias Teorias da Informação difundem uma nova palavra de ordem: a do *valor absoluto do homem bem informado*” (COELHO, 1985, p. 210). A poesia se faz presente na música popular, que se torna uma forma de expressão, antes ocupada pela literatura.

No âmbito da Educação, foi criada, em 1961, a Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional, nº 4024/61⁷⁴, que vinha sendo tramitada no congresso desde 1948. Portanto, quando foi votada, treze anos depois de ser elaborada, já estava desatualizada, pois a realidade já era outra.

Esse documento previa, entre outros, a democratização do ensino, a extensão da escolaridade obrigatória para oito anos e a descentralização dos currículos. Por esta Lei, o ensino foi assim estruturado: 1. ensino pré-primário (escolas maternas e jardins da infância);

⁷² Todas as imagens das capas apresentadas fazem parte do arquivo de fotos das capas dos livros fornecido pela família do escritor.

⁷³ Consideramos como sendo a mesma obra os livros que embora tenham mudado o projeto editorial e até mesmo o título, permaneceram com mesmo texto.

⁷⁴ A LDB 4024/61 foi criada em 20 de dezembro de 1961. Disponível em: <http://www.acessaber.com.br/literaturas/ldb-lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao_historia-resumida-pequena-linha-do-tempo/>. Acesso em: 27 ago. 2017.

2. ensino primário, a partir dos sete anos, ministrado em quatro séries anuais; 3. ensino médio, dividido em ginásial – quatro anos e colegial, de três anos⁷⁵.

A leitura, nesse documento, era vista como habilidade formadora e colocada como apoio durante o processo de aprendizagem. O texto literário passa a ser um pretexto para o ensino da gramática. “Essa nova orientação vai suscitar uma crescente demanda de livros literários, que só se acelera realmente nos anos de 1970” (COELHO, 1985, p. 212). Em função dessa nova orientação, os livros de literatura infantil passam a apresentar um roteiro de questões com vistas a desenvolver as habilidades escolares previstas na Lei, em relação ao ensino da língua.

Coelho (1985) destaca que nessa década os poucos escritores que surgiram vieram de experiência com a literatura para adulto, fundindo o real e o imaginário. A autora destacou os seguintes nomes: Antonieta Dias de Moraes (que só começa a publicar entre nós em 1975 por não ter conseguido editor), Clarice Lispector, Guilherme Figueiredo, Herberto Sales, José Mauro de Vasconcelos, Maria Dinorah e Stella Carr.

A produção de histórias em quadrinhos, principalmente a importada, e o teatro tiveram grande destaque nessa década. As histórias em quadrinhos que começaram a se expandir e que foram combatidas nos anos de 1950, agora ganham muita força, sendo maciçamente divulgadas através da televisão e do cinema. Entre os autores nacionais desta vertente, Coelho (1985) destaca: Ziraldo, lançando o *Pererê* e, em seguida, os *Zeróis*, e Maurício de Sousa, com a *Turma da Mônica* e outros personagens.

Toda essa movimentação abriu caminho para as inovações que serão apresentadas a seguir, nos anos de 1970, 1980, 1990 e 2000, décadas em que Elias José iniciou e expandiu a sua produção para o público infantil e juvenil.

4.2 Década de 1970-1979

Em onze de agosto de 1971, em meio às ideias nacionalistas e desenvolvimentistas defendidas pelo militarismo no governo do então Presidente General Emílio G. Médici, a Lei de Diretrizes e Bases 4024/61 foi reformulada pela Lei 5692/71⁷⁶. Esta Lei concentrou-se nos níveis básicos de ensino, fundindo o ensino primário e o ginásial,

⁷⁵ Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao-nacional-ldben>>. Acesso em: 30 set. 2017.

⁷⁶ O mais importante a ser apresentado acerca dessa Lei, em função do propósito que aqui nos ocupa, é a sua definição e a ênfase dada por ela aos currículos de 1º e 2º graus, como forma de compreender e situar alguns traços marcantes da produção literária desse momento. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 30 set. 2017.

os quais se tornaram um só curso, denominado de 1º grau. O Estado via a educação como mediadora da formação do povo, que deveria ser preparado para o avanço da nação. Nessa direção, as disposições da Lei 5692/71 estabeleciam: a formação necessária ao desenvolvimento das potencialidades, qualificação para o trabalho e exercício da cidadania; o estudo da Língua Nacional com foco na comunicação e expressão da cultura brasileira; a inclusão da Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e programas de Saúde nos currículos de 1º e 2º graus.

Segundo os estudos de Coelho (1985, p. 217), a Lei supracitada “ênfatiza a importância da *leitura de textos literários e da educação artística* como matéria de currículo” (destaques da autora), o que promoveu o surgimento de Oficinas Literárias, Laboratórios de Criatividade, Núcleos de Experimentação Artística, Programas Escola-Bibliotecas, Escolinhas de Arte, entre outros, em várias Universidades e Bibliotecas públicas, em vários estados, destinados para crianças, jovens ou adultos. A autora destaca ainda que “[...] o chamado *boom* da Literatura Infantil Brasileira, a partir dos anos 70, [foi] gerado mais por uma questão vital/existencial do que por razões meramente estéticas ou didáticas (como aconteceu no passado recente”... (COELHO, 1985, p.218).

A literatura infantil nessa década, ainda de acordo com os estudos da mesma pesquisadora, recebeu como palavra de ordem a criatividade. Nesse período, a produção para crianças e jovens estava em alta e muitos escritores que começaram a escrever para esse público deram continuidade a sua produção, tentando novos caminhos. Assim sendo:

E, a par de inúmeros “continuadores” que seguem nas trilhas batidas, surgiram dezenas de escritores e escritoras, obedecendo à nova palavra de ordem: *experimentalismo* com a linguagem, com a estruturação narrativa e com o visualismo do texto; substituição da literatura confiante/segura por uma *literatura inquieta/questionadora*, que põe em causa as relações convencionais existentes entre a criança e o mundo em que ela vive; questionando também os valores sobre os quais nossa sociedade está assentada. (COELHO, 1985, p. 214, grifo da autora).

Zilberman (2014, p. 52) diz que as reformas ocorridas conferiram à literatura infantil um grande incentivo, considerando-a como material primordial nos primeiros anos escolares. Porém, no início dessa década, aponta a autora, a literatura infantil brasileira, mesmo adotando uma nova forma de dizer, repetia modelos já criados, principalmente por Monteiro Lobato, e ainda se apresentava sob uma perspectiva moralista e pedagógica.

No entanto, de acordo com os estudos dessa mesma pesquisadora, no decorrer dessa década foram surgindo autores que não se submeteram às ideologias desse momento e

que, mesmo estando sob o pesado fardo da repressão política, procuravam dialogar com o leitor criança e apresentavam uma literatura questionadora. A esse respeito, Regina Zilberman nos diz que durante os anos de 1970

[...] foi como se a literatura infantil brasileira começasse a recontar a história, rejeitando o que a antecedeu e recusando mecanismos simplórios de inserção e aceitação social. Graças a essa empreitada arriscada, ela ganhou, sem barganhar, espaço na escola e junto ao público. (ZILBERMAN, 2014, p. 52).

Zilberman (2014) aponta duas alterações significativas na educação, ocorridas no início da década de 1970; foram elas: 1) a valorização dos autores contemporâneos e não necessariamente os canônicos; e 2) o estímulo à presença de obras literárias nas escolas, desobrigando o professor do uso exclusivo do livro didático, que passou a ser um instrumento auxiliar de ensino.

Hallewell (2012) declara que quando voltou ao Brasil em 1979 identificou o aumento do comércio no ramo livreiro e também no número de editoras no país nessa época. Essa constatação feita pelo autor teve como base os dados de sua própria pesquisa realizada aqui nos anos de 1970 e 1971. A Profa. Maria das Dores S. Maziero, durante o exame de defesa, observou que as razões para a ocorrência desse *boom*, como foi nomeado por alguns estudiosos da literatura infantil e juvenil e já mencionado neste estudo, são variadas, podendo-se citar o nascimento de instituições como a fundação do Livro Escolar (1966) e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968).

Maziero destacou, ainda, que outro fator também apontado pelos estudiosos é a implantação da Lei 5692/71, que em seu Art. III, § 2º, determina que “no ensino de 1º e 2º graus dar-se-á especial relevo ao estudo da língua nacional, como instrumento de comunicação e como expressão da cultura brasileira”.

Nessa direção, a professora ressalta: “para atender a este objetivo, principalmente no que se refere às atividades de leitura, parece que a lei acabou por determinar o fortalecimento de uma parceria, ou como quer Marisa Lajolo, um pacto da literatura infantil com a escola”. (Exame de Defesa, 31/08/2018).

Elias José publica seu primeiro livro para o leitor infantojuvenil praticamente no final da década de 1970, em meio às mudanças que se apresentavam no cenário educacional, literário e editorial no Brasil, conforme exposto.

A mudança nos interesses do mercado de livros, que nesse período exigia uma literatura mais voltada para o público infantil e juvenil para atender as demandas da escola,

fez com que as editoras direcionassem sua produção com mais intensidade para esse público, o que explica o já citado *boom* da literatura infantil. Acreditamos que esse movimento tenha despertado o interesse de Elias José – assim como de outros autores - em produzir para o leitor infantojuvenil.

A tabela apresentada a seguir mostra que Elias José produziu três livros para o público infantojuvenil nessa primeira década de sua carreira, todos em prosa. Percebe-se, pelo número de páginas dos livros, considerados grossos (acima de sessenta páginas), que eles não foram direcionados ao leitor em fase inicial de leitura, mas para aquele que já possuía fôlego para textos mais longos.

Dos três títulos lançados pelo escritor, dois foram publicados pela editora Melhoramentos⁷⁷, que nessa época era a “segunda em tamanho no negócio de livros no Brasil” (HALLEWELL, 2012, p. 372).

O interesse em publicar as obras do escritor pode ser explicado pelo fato de que Elias José, embora estivesse estreando na literatura infantojuvenil, já tinha seu nome reconhecido no âmbito da literatura brasileira pelos vários prêmios recebidos, inclusive o Jabuti, com obras para o público adulto.

⁷⁷ A Companhia Melhoramentos é uma das mais antigas editoras do país, constituída nos anos de 1890 para fabricar papel, iniciando as atividades editoriais para publicação de livros infantis em 1915. A principal atividade editorial da Melhoramentos está apoiada na literatura infantojuvenil e nos livros didáticos, que correspondem a aproximadamente dois terços da produção total de títulos da empresa. Atualmente, a Melhoramentos possui um catálogo com 4500 títulos, além de 9% do mercado nacional em CDs. A Melhoramentos tem estado, há muitos anos, entre as três maiores editoras do país (HALLEWELL, 2012, p. 372-373).

Tabela 1 – Obras infantojuvenis produzidas por Elias José na primeira década de sua carreira: 1970-1979

	Título da obra	Data da primeira edição	Editora	Número de páginas	Ilustrador	Categoria ⁷⁸	Edições encontradas
01	<i>As curtições de Pitu</i>	1976	Melhoramentos	116 110	Eduardo Carlos Pereira	Prosa	1ª, 1976 8ª, 1988
02	<i>O fantasma no porão</i>	1979	Melhoramentos	64 63	Nelson Gomes	Prosa	1ª, 1979 13ª, 1994
			Martins Fontes/ FNDE	64	Evandro Luiz		Volume 3 PNBE 2002
			Martins Fontes	81	Lúcia Brandão		2ª, 2004
03	<i>Jogo duro</i>	1979	Editora Comunicação	76	André Carvalho	Prosa	1ª, 1979
			FTD	53	Olavo Tenório Cavalcante		1ª, 1995

Fonte: dados produzidos e organizados pela pesquisadora.

Outro dado observado na tabela mostra que essas obras tiveram sucessivas reedições e longa permanência no mercado. A permanência de publicações ao longo do tempo, com inúmeras reedições, em diferentes momentos, por diferentes e conceituadas editoras indicam a boa aceitação do texto por parte do público leitor e, conseqüentemente, o interesse das editoras em atualizá-las e mantê-las em circulação.

As curtições de Pitu (1976)⁷⁹, primeiro livro infantojuvenil do escritor, foi lançado pela Melhoramentos em convênio com o Instituto Nacional do Livro, tendo sido utilizado como leitura bimestral nas escolas⁸⁰. No levantamento feito das obras, encontramos dois projetos gráficos para esse título, ambos editados pela Melhoramentos. Um deles possui na capa a indicação de que o livro está em sua 8ª edição. De acordo com a entrevistada, essa capa

⁷⁸ Optamos por classificar as obras de Elias José sob o nome de “categoria” porque há muitos livros que não se encaixam em nenhum dos gêneros mais tradicionais (conto, romance, poema, entre outros), o que tornaria tal classificação demasiadamente controversa. Como este estudo não prevê uma discussão sobre a definição de gêneros, achamos que o termo “categoria” é mais conveniente para aquilo que nos ocupa no momento, que é evidenciar as obras que o autor produziu em prova e em verso.

⁷⁹ Pitu, personagem principal do livro, é um menino que mora numa cidadezinha do interior. Este livro, que se trata de uma novela, conta, por meio de episódios curtos, como foi o último ano de Pitu no grupo escolar (que hoje seria o quinto ano do ensino fundamental I). Cada episódio se refere a uma passagem do personagem e mostra o que ele viveu nesse ano, não somente na escola, mas também em casa e na rua com os amigos.

⁸⁰ Arquivo de documentos da família. Documento presente no Anexo 4 N.

se refere ao segundo projeto gráfico da obra, mas ela não sabe informar quando essa nova edição foi lançada.

Figura 2 – Capas da obra: *As cortições de Pitu* (1976 e 1988)



1ª Edição: 1976
 Editora: Melhoramentos
 Formato: 20 x 12 cm



8ª Edição: 1988
 Editora: Melhoramentos
 Formato: 15,5 x 10,5 cm

Fonte: José (1976, 1988a).

*O fantasma no porão*⁸¹ foi publicado três anos depois de *As cortições de Pitu*, também pela Melhoramentos e permaneceu em circulação durante quinze anos nessa editora. No ano de 2002, vinte e três anos após seu primeiro lançamento, essa obra migrou para a Martins Fontes⁸², recebendo uma edição exclusiva para ser distribuída para as escolas públicas pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), através da ação “Literatura em minha casa”⁸³.

⁸¹ O texto dessa obra foi classificado em primeiro lugar, em 1976, no concurso “A Criança Mineira”, organizado pela Secretaria do Estado de Minas Gerais, em comemoração à Semana da Criança. *O fantasma no porão* é uma novela cheia de suspense. A história começa quando os irmãos Alex e Samir ouvem um barulho vindo do porão. Os dois logo pensaram que fosse um fantasma e, apavorados, espalham pela escola a notícia, que rapidamente toma conta da cidade. No final, com a ajuda do pai, os meninos descobrem o motivo do barulho e voltam a ficar tranquilos.

⁸² A Martins Fontes foi fundada na década de 1960, em Santos, e 1970, em São Paulo, tendo como foco publicações em diversas áreas do conhecimento, como Filosofia, Ciências Sociais, Arte, Arquitetura, Direito, Psicologia e Literatura. As publicações para o público infantil tiveram início na década de 1990. O catálogo da editora possui 900 títulos distribuídos entre as áreas do conhecimento citadas e a literatura infantojuvenil. Em 2009, a Martins Fontes criou o Selo Martins Fontes, que é referência no mercado. Disponível em: <<http://www.emartinsfontes.com.br/editora-h25>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

⁸³ “Literatura em minha casa” é uma das ações do PNBE, que no ano de 2002 distribuiu coleção de livros para alunos da quarta série do ensino fundamental (atual quinto ano) com o objetivo de despertar o gosto pela leitura. essa coleção, que se torna propriedade do aluno, possui cinco exemplares, uma obra de poesia ou antologia poética, uma de contos, uma novela, uma peça teatral, todos de autores brasileiro; também faz parte dessa coleção um clássico da literatura universal, traduzido ou adaptado. Disponível em: <<http://www.abrelivros.org.br/home/index.php/pnbe/5317-literatura-em-minha-casa-a-biblioteca-particular-dos-alunos>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

As imagens a seguir mostram as capas dessa obra apresentadas nos diferentes momentos⁸⁴.

Figura 3 – Capas da obra: *O fantasma no porão* (1979, 1994, 2002, 2004)



1ª Edição: 1979
 Editora: Melhoramentos
 Formato: 19,5 x 13,5 cm



13ª Edição: 1994
 Editora: Melhoramentos
 Formato: 17 x 11 cm



Projeto: Literatura em
 minha casa/ FNDE/
 PNBE - 2002
 Editora: Martins Fontes
 Formato: 20 x 13 cm



2ª Edição: 2004
 Editora: Martins Fontes
 Formato: 18,5 x 12,5 cm

Fonte: José (1979b, 1994, 2002b, 2004).

*Jogo duro*⁸⁵ também migrou de editora e foi publicado dezesseis anos depois do seu lançamento pela FTD⁸⁶. Segundo o jornal *Correio do Sudoeste*, de Guaxupé, essa obra

⁸⁴ As imagens das capas mostram duas edições diferentes pela Melhoramentos. Constatamos que a edição de 1994 se apresentou com o mesmo texto, mesma diagramação e ilustrações, porém com tamanho reduzido. Esta segunda obra pertenceu à série “Leituras Preferidas” e foi indicada para a faixa etária de oito a dez anos. Na parte superior do livro a editora destacou a classificação do primeiro lugar no concurso Estadual já mencionado, certamente para dar prestígio à obra. Uma diferença em relação à primeira edição é que essa segunda trouxe um roteiro para auxiliar a leitura, o que indicia que esta edição certamente também foi direcionada para o leitor escolar.

⁸⁵ Esta história conta os desafios enfrentados por Seu Zeca e Dona Filó, que moraram por muito tempo numa cidade grande e voltaram para a Vila Assis, lugar onde nasceram, após se aposentarem. Quando voltaram encontraram a vila bem diferente da época que se mudaram. O “progresso” chegara na vila e com ele vieram as indústrias e estas, por sua vez, trouxeram os dejetos que eram jogados no rio. A poluição, a falta de espaço faziam parte daquele cenário da Vila Assis. A casa de Seu Zeca e Dona Filó ficava numa rua larga e pouco movimentada, o único lugar onde era possível de os meninos jogarem bola. Seu Zeca não se conformava com o futebol dos meninos, pois achava que eles faziam muito barulho. A implicância do novo morador cresceu tanto que se transformou em ódio. Ele fez de tudo para acabar com o futebol da garotada. Numa dessas partidas de futebol, um gol agitou a meninada, que vibrava muito. Seu Zeca perdeu a cabeça e começou a disparar tiros acertando dois garotos. Os moradores da vila, revoltados com aquela atitude, o agrediram seriamente. Os dois meninos e Seu Zeca ficaram gravemente feridos. A história termina mostrando que a Vila Assis, apesar de pequena, herda os problemas do crescimento desordenado.

⁸⁶ O Nome FTD é em homenagem a Frère Théophane Durant, irmão superior do Instituto Marista. Em 1897, os primeiros Irmãos Maristas vieram para o Brasil e com eles os livros da FTD que já se faziam presentes nas escolas maristas de diversos países. Publicaram o primeiro livro no Brasil em 1902 a partir de então a FTD passa a se dedicar a produzir livros escolares. Os livros da FTD se tornaram muito presentes nas escolas, tanto particular quanto pública. Atualmente a FTD oferece livros em várias áreas do ensino. Disponível em: <<https://ftd.com.br/a-ftd/a-historia>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

permaneceu esgotada por um tempo (não temos informações a respeito do período exato da pausa), por motivos contratuais⁸⁷.

Figura 4 – Capas da obra: *Jogo duro* (1979 e 1995)



1ª Edição: 1979
 Editora: comunicação
 Formato: 20 x 20 cm



1ª Edição: 1995
 Editora: FTD
 Formato: 21 x 14 cm

Fonte: José (1979a, 1995).

Os primeiros livros infantojuvenis de Elias José foram publicados por editoras que apesar de não serem exclusivamente didáticas, possuem uma significativa produção que circula nas escolas.

Os dados apresentados nos permitem dizer que a entrada de Elias José na literatura infantojuvenil se deu pela via escolar. Com isso o nome do escritor passa a ter visibilidade também nessa área, despertando, conseqüentemente, o interesse de várias editoras em publicar seus livros, o que certamente justifica o aumento da sua produção para esse público nas décadas seguintes.

4.3 Década de 1980-1989

Em 1985, a eleição (indireta) para presidente põe fim a uma ditadura militar de mais de vinte anos no Brasil. Três anos depois (1988), a nova constituição é votada “e com ela o país prepara-se, mais uma vez, para prosseguir sua lenta, inconclusa, porém sempre teimosamente retomada, caminhada em direção a uma sociedade mais justa, a uma modernidade mais humana” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, p. 57).

⁸⁷ Jornal *Correio Sudoeste*, 06/04/1996. Documento pertencente ao arquivo da família, presente no Anexo 4 T.

Saviani (2010) aponta a década de 1980 como marco da mobilização e organização no campo educacional. Esse período foi, segundo o autor, um dos mais fecundos da história. Houve uma grande movimentação em busca de teorias que se apresentassem como alternativas pedagógicas que se contrapusessem às pedagogias oficiais postas até então (pragmática e tecnicista).

Os estudos de Coelho (1985), por sua vez, destacam que esse foi um período de grandes transformações também nas práticas, tanto dos adultos como das crianças, em função do acelerado avanço tecnológico. É a chamada revolução da informática, vista como uma ameaça de robotização em função do uso frequente de computadores nas escolas e fora delas. Para neutralizar essa ameaça, acrescenta a autora, era necessário que as novas gerações descobrissem a leitura como fonte cultural indispensável para uma formação humanística.

A Literatura Infantil apresenta para as crianças, em diferentes estilos e linguagens, histórias atraentes e bem-humoradas, divertindo e ao mesmo tempo despertando a consciência crítica em relação aos valores. Esse novo contexto, diz Coelho (1985, p. 218), apresenta a nova consciência do escritor, a saber, a “certeza de que é à *palavra que cabe a tarefa de renomear as realidades mutantes*, para que um novo sistema possa, em breve, ser estruturado” (destaques da autora). Nessa direção,

[...] é com certeza essa confiança no poder *inaugural ou criativo* de sua palavra literária que permite, ao novo narrador, o tom bem-humorado, a agilidade no falar, e um certo espírito lúdico, de aparente irreflexão que o aproxima do comportamento livre dos jovens ou das crianças. (COELHO, 1985, p. 2018).

No entanto, é importante destacar que as variações evidenciadas nas obras, advindas da “liberdade criadora” com a qual contavam os escritores, por serem frutos de suas experiências e vivências, apresentavam indícios de um contexto anterior ao seu. Zilberman (2014), em relação a isso afirma que “a literatura não contraria a velha lei de Lavoisier (1743-1794), conforme a qual nada se cria, tudo se transforma. Ainda que se considere que um escritor é um criador, ele produz uma obra a partir de sua experiência, de leituras e do que esperam dele” (ZILBERMAN, 2014, p. 13).

Segundo essa mesma autora, um escritor pode diversificar suas narrativas, inventar lugares e épocas, mas não pode se esquecer de que o leitor precisa se reconhecer nas personagens, pois esse leitor também tem suas experiências e traz uma bagagem de conhecimentos que precisa ser levada em consideração para que se estabeleça uma identificação com a obra, e uma parceria, que acontecerá se ambos se entenderem.

Foi o que aconteceu entre os anos de 1975 e 1985, período no qual surgiram livros que apresentavam personagens já conhecidos em narrativas mais antigas, como: bruxas, fadas, madrastas, príncipes, entre outros, para discutir temas contemporâneos⁸⁸.

Outra tendência apontada por Zilberman (2014, p. 128) foi a poesia. Segundo a autora, esse gênero sempre esteve presente na literatura infantil brasileira, mas foi nessa época que floresceu, em função dos parâmetros mais livres e libertários para criação artística desse gênero. Uma característica marcante e que promoveu o crescimento da poesia nessa época foi a forma lúdica de expressão. Em relação a isso, a autora aponta:

A valorização do lúdico da linguagem propiciou a expansão da poesia endereçada à infância, a partir dos anos 1980. Introduzindo, nos versos e nas estrofes, a perspectiva da diversão, do jogo e da brincadeira, o gênero poético pôde se livrar dos problemas que experimentou principalmente na primeira metade do século XX. (ZILBERMAN, 2014, p. 132).

Nessa década, a produção de Elias José foi quase inteiramente direcionada para o leitor infantojuvenil⁸⁹. Observando os dados apresentados na tabela a seguir, podemos constatar que a produção infantojuvenil do escritor nesse período foi quase nove vezes maior que a da década anterior⁹⁰. Esse significativo aumento de publicações demonstra o interesse pelas obras do escritor, agora com o nome já reconhecido também no campo da literatura infantojuvenil, o que pode justificar as sucessivas reedições e a permanência da grande maioria das obras no mercado, o que pode ser evidenciado pelas edições encontradas.

Constatamos também que dos vinte e seis livros lançados nessa década, sete são em verso, representando 26,92% da produção desse período. O movimento do escritor em direção à poesia pode demonstrar o quanto ele estava atento às tendências do momento, uma vez que poesia endereçada ao público infantil estava florescendo nessa década, conforme exposto anteriormente.

⁸⁸ As obras que se apresentavam dentro desta nova perspectiva podem ser conferidas em Zilberman (2014, p. 57-65).

⁸⁹ A totalidade das obras produzidas pelo autor nesse período pode ser conferida na tabela presente no Anexo 2.

⁹⁰ Vinte e seis obras (1980-1989) e três (1970-1979).

Tabela 2 – Obras infantojuvenis produzidas por Elias José na década de 1980-1989

	Título da obra	Data da primeira edição	Editora	Número de páginas	Ilustrador	Categoria	Edições encontradas
01	<i>Os que podem voar</i>	1981	Comunicação	38	Melado	Prosa	1ª, 1981
02	<i>Saudoso, o burrinho manhoso</i>	1981	Melhoramentos	77	Maria José Boaventura	Prosa	1ª, 1981
	<i>E o burrinho ganhou o páreo</i>	2005	Larousse Júnior	60	Renato Moriconi		1ª, 2005
03	<i>Um pouco de tudo, de bichos, de gente e de flores</i>	1982	Paulus	22	Marcelo e Milton Cipis	Verso	6ª, 1995 9ª, 2000 14ª reimpressão 2013
04	<i>A cidade da pá virada</i>	1983	Melhoramentos	127	Adalberto Cornavaca	Prosa	2ª, 1986
	<i>Deu doideira na cidade</i>	2002	Martins Fontes	116	Cláudia Scatamacchia		1ª, 2002
05	<i>De repente toda história novamente</i>	1983	FTD	48	Eva Furnari	Prosa	6ª, 1989
	<i>As aventuras do rato roqueiro</i>	2011	Edelbra	48	Weberson Santiago		1ª, 2011
06	<i>Vaidade no terreiro</i>	1984	FTD	32	Wagner Colpaert Villela	Prosa	17ª, 1997
07	<i>Caixa mágica de surpresa</i>	1984	Paulus	22	Helena Alexandrino	Verso	13ª, 1984 21ª reimpressão 2017
08	<i>O herói abatido</i>	1984	Moderna	48	Carlos de Brito	Prosa	7ª, 1990
	<i>Amor sem fronteiras</i>	2005	Larousse	85	Fernando Pisani		1ª, 2005
09	<i>Com asas na cabeça</i>	1985	Cia. Editora Nacional	72	Sem ilustração	Prosa	1ª, 1985
			Zit Editora	76	Cenir de Moura		1ª, 2006
10	<i>Dias de susto</i>	1985	Melhoramentos	Não encontrado	Marcelo Pinto	Prosa	3ª, 1985
			Paulus	160	Ana Raquel		2ª, 2006
11	<i>Namorinho no portão</i>	1986	Moderna	38	Maria Teresa Lemos Fontão	Verso	9ª, 1994 12ª, 1997

	Título da obra	Data da primeira edição	Editora	Número de páginas	Ilustrador	Categoria⁹¹	Edições encontradas
12	<i>O historiador de Catitó</i>	1986	Atual	94	Maria José Boaventura	Prosa	3ª, 1986
13	<i>Um rei e seu cavalo de pau</i>	1986	FTD	32	Denise e Fernando	Verso	5ª, 1995
14	<i>O jogo do bate bate</i>	1987	Globo	23	Helena Alexandrino	Verso	1ª, 1987
15	<i>Um sapo meio pirado</i>	1987	LÊ	23	Denise Rochael	Prosa	3ª, 1991
16	<i>Os fabulosos macacos cientistas</i>	1987	Melhoramentos	95	Rogério Borges	Prosa	1ª, 1987
17	<i>Lua no brejo</i>	1987	Mercado Aberto	40	Marco Cena	Verso	3ª, 1991
	<i>Lua no brejo com novas trovas</i>	2007	Projeto Editora	48	Graça Lima		4ª, 2016
18	<i>Um casório bem finório</i>	1987	FTD	47	Humberto Guimarães	Prosa	6ª, 1994
				55	Orlando		1ª, 2012
19	<i>Sorvete sabor saudade</i>	1988	FTD	56	May Shuravel	Prosa	5ª, 1994
20	<i>Amor mágica e magia</i>	1988	Editora do Brasil	36	Rogério Borges	Prosa	1ª, 1988
21	<i>Os primeiros voos do menino</i>	1988	Editora do Brasil	16	Daisy Startari	Prosa	1ª, 1988
				30	Rogério Coelho		2ª, 1ª impressão 2005
22	<i>O jogo da fantasia</i>	1989	Ebal	32	Ana Paula	Verso	1ª, 1988
			Paulus	40	Cláudia Scatamacchia		3ª, 1989
							1ª, 2001 5ª reimpressão, 2015

⁹¹ Optamos por classificar as obras de Elias José sob o nome de “categoria” porque há muitos livros que não se encaixam em nenhum dos gêneros mais tradicionais (conto, romance, poema, entre outros), o que tornaria tal classificação demasiadamente controversa. Como este estudo não prevê uma discussão sobre a definição de gêneros, achamos que o termo “categoria” é mais conveniente para aquilo que nos ocupa no momento, que é evidenciar as obras que o autor produziu em prosa e em verso.

	Título da obra	Data da primeira edição	Editora	Número de páginas	Ilustrador	Categoria⁹²	Edições encontradas
23	<i>O furta-sonos e outras histórias</i>	1989	Atual	57	Edu	Prosa	12ª, s.d.
24	<i>A estrela e o Deus-menino</i>	1989	FTD	48	Luiz Maia	Prosa	2ª, 1991
25	<i>Só um cara viu</i>	1989	LÊ	16	Virgílio Veloso	Prosa	3ª, 1991
26	<i>Primeiras lições de amor</i>	1989	Formato	87	Ana Raquel	Prosa	1ª, 1989

Fonte: dados produzidos e organizados pela pesquisadora.

Outra importante informação explicitada na tabela é a variação do número de páginas dos livros lançados nessa década. Esse dado indica que as obras do escritor passaram a contemplar um leitor mais diversificados.

Para exemplificar e ao mesmo tempo justificar a afirmação acima, podemos dizer, levando em consideração a leitura sem mediação, isto é, a leitura feita sem a ajuda do outro, que os títulos escritos em prosa, com mais de cinquenta páginas, podem ser direcionados para um leitor fluente, com fôlego para textos mais longos; os livros, também em prosa, com números de páginas entre trinta e quarenta e nove podem contemplar um leitor em processo de formação, ainda pouco familiarizado com textos muito extensos; para o leitor iniciante, podem ser indicados os livros em prosa com menos de trinta páginas e aqueles escritos em verso.

É importante ressaltar que essa classificação acima, que pressupõe diferentes leitores pelo número de páginas das obras, é um critério do polo da produção e foi apresentado aqui para demonstrar que os livros do escritor, nesse período, ao contrário do anterior, podem contemplar leitores diversos. Segundo Lajolo e Zilberman:

Ainda que se possa entender o mundo do consumo enquanto unidade homogênea, o comércio do livro o subdivide em nichos que a literatura – em especial a infantil – precisa levar em conta, pois seu mercado é segmentado em subgrupos para os quais os produtos literários são direcionados. [...] Assim, os livros infantis e juvenis são oferecidos aos seus possíveis destinatários, considerando as variadas faixas etárias em que se distribui o flutuante público de crianças e jovens. Tais leitores – nas origens do gênero

⁹² Optamos por classificar as obras de Elias José sob o nome de “categoria” porque há muitos livros que não se encaixam em nenhum dos gêneros mais tradicionais (conto, romance, poema, entre outros), o que tornaria tal classificação demasiadamente controversa. Como este estudo não prevê uma discussão sobre a definição de gêneros, achamos que o termo “categoria” é mais conveniente para aquilo que nos ocupa no momento, que é evidenciar as obras que o autor produziu em prosa e em verso.

no Brasil indistintamente nomeados como crianças – são agora sofisticadamente redistribuídos em categorias como jovem adulto, leitor proficiente, leitor pré-alfabético e mais outras denominações pelas quais a imaginação editorial, com uma mãozinha da Pedagogia, distribui sua clientela virtual segundo sua competência leitora. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, p. 63-64).

Em relação ao livro e à leitura, Roger Chartier adverte que,

[...] uma vez escrito e saído das prensas, o livro, seja ele qual for, está suscetível a uma multiplicidade de usos. Ele é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler são, elas próprias, múltiplas, diferentes segundo as épocas, os lugares, os ambientes. [...] A leitura não é uma invariante histórica – mesmo nas suas modalidades mais físicas –, mas um gesto, individual ou coletivo, dependendo das formas de sociabilidade, das representações do saber ou do lazer, das concepções da individualidade. (CHARTIER, 2004, p. 173).

Retornando aos dados apresentados na tabela, é possível observar que o levantamento da publicação desse período aponta também para a diversidade de editoras – treze editoras para vinte e seis livros publicados. Essa diversidade pode sugerir a relevância das temáticas apresentadas pelo escritor e também o sucesso e a permanência obtidos em publicações anteriores.

É importante ressaltar que quase a metade da publicação desse período ficou concentrada em duas grandes e renomadas editoras, a FTD e a Melhoramentos, com a publicação de seis e quatro obras, respectivamente, representando 38,46% do total dos livros do escritor lançados nesse período; em seguida vieram as editoras Paulus, Moderna, Atual, Lê e Editora do Brasil, com dois títulos cada uma e, por fim, as editoras Comunicação, Cia. Editora Nacional, Globo, Mercado Aberto, Formato e Ebal, com um título cada uma.

Em nossa pesquisa acerca das editoras, constatamos que a maioria delas concentram suas atividades tanto na publicação de livros didáticos como nos de literatura, sem perder de vista o público escolar. As editoras que possuem foco educacional, além da FTD e Melhoramentos, já mencionadas anteriormente, são: editora Moderna⁹³, Editora do Brasil⁹⁴, Cia. Editora Nacional⁹⁵, Formato, Atual⁹⁶ e Lê⁹⁷.

⁹³ A editora Moderna foi fundada em 1968 com o propósito de distribuir livros didáticos e produzir material de apoio e obras literárias. As informações apresentadas no site da editora mostram que a empresa tem o aluno como foco, sendo seu slogan o seguinte: “Fazendo escola com você”. Disponível em: <<https://www.moderna.com.br/institucional>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

⁹⁴ A Editora do Brasil foi fundada em 1943. Consolida-se como editora exclusivamente dedicada à educação. Somente no final dos anos de 1980 é que passa a publicar livros de literatura de autores renomados, diversificando seu catálogo. Disponível em: <<http://www.editoradobrasil.com.br>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

Observamos, também, que os livros do escritor contaram com ilustradores de grande importância no setor editorial, dentre os quais destacamos: 1) Adalberto Corvanaca, que ilustrou *Marcelo, Marmelo, Martelo* (1976)⁹⁸, de Ruth Rocha; 2) Eva Furnari⁹⁹, que acabara de estreitar na literatura com a Coleção *Peixe Vivo* (1980), somente com narrativas visuais, e que ao longo de sua carreira recebeu diversos prêmios; 3) Helena Alexandrino¹⁰⁰, que ganhou com a ilustração de *Caixa mágica de surpresa* o prêmio APCA de Melhor Ilustração de Livro Infantil e, depois dele, nessa mesma década, dois Jabutis (1987 e 1989) na categoria Melhor ilustrador de Livro Infantil; 4) Maria José Boaventura¹⁰¹, ganhadora de importantes prêmios como artista, ilustradora e autora, dentre eles, o Jabuti (1987), Luiz Jardim (FNLIJ- 1988), como melhor livro de imagem e menção honrosa (FNLIJ -1989); 5) Rogério Borges¹⁰², que também estava iniciando a carreira na área editorial, recebeu importantes prêmios nesse período, como: APCA Lourenço Filho, pelo conjunto de obras (1987), Altamente Recomendável pela FNLIJ (1988, 1992, 1993, 1994) e o Jabuti (1996) e Ana Raquel¹⁰³, que tinha acabado de representar o Brasil na Bienal de Ilustração de Bratislava (Capital da Eslováquia).

É importante destacar que as informações apresentadas nas linhas 2, 4, 5, 8 e 17 da tabela desse período apresentam dois títulos. Eles se referem aos mesmos textos que migraram de editora e foram relançados em épocas diferentes, ganhando novos títulos e também novos projetos editoriais.

⁹⁵ A Cia. Editora Nacional foi fundada em 1925 por Monteiro Lobato e Octalles Marcondes Ferreira após a falência da Lobato e Cia. Essa editora, após o desligamento de Monteiro Lobato, passou a investir aos poucos em títulos educacionais, o que chegou a representar, segundo uma análise da editora feita em 1933, 39,17% do total de sua publicação. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_Editora_Nacional>. Acesso em: 05 fev. 2018.

⁹⁶ Não encontramos informações acerca das editoras Formato e Atual separadamente. O que descobrimos é que desde 1988 essas duas editoras fazem parte do grupo Saraiva e pertencem ao portfólio "SOMOS EDUCAÇÃO", cujos livros são voltados para diversas faixas etárias da Educação Básica e abordam variados temas. Disponível em: <<http://www.somoseducacao.com.br/editora-saraiva>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

⁹⁷ A Editora Lê publicou inicialmente livros didáticos. Atualmente trabalha junto com "Abacate Editorial" e "Compor Editoria". Não encontramos informações acerca do início da atividade do grupo. Ao visitar o site, constatamos que oferecem um catálogo variado no que diz respeito às temáticas, visando, segundo informações no próprio site, atender ao pré-leitor e também ao leitor iniciante, em processo, fluente e crítico. Disponível em: <<http://www.le.com.br/>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

⁹⁸ Segundo os estudos de Dailbello (2013, p.113), esta obra alcançou rapidamente a marca de um milhão de exemplares vendidos e permaneceu com o mesmo projeto gráfico por trinta e quatro anos.

⁹⁹ Disponível em: <http://www.ebiografia.com/eva_furanri/>. Acesso em: 05 fev. 2018.

¹⁰⁰ Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/4201575/helena-alexandrino>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

¹⁰¹ Disponível em: <<https://grupoautentica.com.br/autentica/ilustrador/maria-jose-boaventura/51>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

¹⁰² Disponível em: <<http://globoeditora.com.br/autores/biografia/?id=1219>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

¹⁰³ Disponível em: <<https://ziteditora.com.br/autor-livro/ana-raquel/>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

A partir desse conjunto de dados, consideramos relevante nesta seção apresentar as imagens das capas das obras que passaram pelas modificações supracitadas, no intuito de evidenciar a forma como os mesmos textos foram postos em circulação nos diferentes tempos.

É válido dizer ainda que essas não foram as únicas obras que migraram de editora e cujo projeto gráfico sofreu alteração nesse período, mas as únicas, de acordo com o nosso levantamento, que mudaram de título e por esse motivo serão evidenciadas.

A obra *Saudoso, o burrinho manhoso* (1981)¹⁰⁴, da editora Melhoramentos, com ilustração de Maria José Boaventura, foi reeditada pela Larousse Júnior com o título *E o burrinho ganhou o páreo* no ano de 2005, vinte e quatro anos após o primeiro lançamento, em comemoração aos trinta e cinco anos da carreira do escritor.

Figura 5 – Capas das obras: *Saudoso, o Burrinho Manhoso* (1981) e *E o burrinho ganhou o páreo* (2005)



1ª Edição: 1981
 Editora: Melhoramentos
 Formato: 19,5 x 13,5cm
 Páginas: 77



1ª Edição: 2005
 Editora: Larousse Júnior
 Formato: 18 x 12 cm
 Páginas: 64

Fonte: José (1981, 2005c).

A obra *Cidade da pá virada* (1986)¹⁰⁵, lançada pela editora Melhoramentos com ilustrações de Alberto Corvanaca, foi posta em circulação dezesseis anos depois pela Martins

¹⁰⁴ “Saudoso é um burrinho preguiçoso, que só gosta de comilança, sombra e água fresca. Pelo menos é isso que todo mundo acha no sítio Jequitibá. O menino Totonho, seu dono, bem que tenta fazê-lo puxar charrete ou andar a galope, mas Saudoso é lerdo e não quer saber de nada, o que deixa o garoto acabrunhado. Mas Totonho não desiste... Enquanto isso, entre uma cochilada e outra, o burrinho parece matutar: afinal, por que um burro precisa ser igual ao outro? Saudoso vai surpreender a todos ao mostrar que ninguém é igual a ninguém - e nem deveria ser!”. Sinopse disponível em: <<https://livralivro.com.br/books/show/343825?recommender=I2I>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

¹⁰⁵ Elias José contou como nasceu essa história na apresentação do livro *Deu doideira na cidade*. Segundo o escritor, sua sobrinha Núbia, que morava em Guaxupé/MG, gostava de escrever cartas para os primos distantes. Rodrigo, que morava em São Paulo, respondia as cartas de Núbia com curtos bilhetes, dizendo que não tinha novidades para contar. “Presenciei-a de raiva e achei assunto para escrever”, disse Elias José. Nessa obra, o autor conta a história de uma cidade que enlouqueceu, e onde até os turistas que vinham de longe

Fontes com o título *Deu doideira na cidade* (2002), recebendo ilustrações de Cláudia Scatamacchia.

Figura 6 – Capas das obras *Cidade da pá virada* (1986) e *Deu doideira na cidade* (2002)



2ª Edição: 1986
 Editora: Melhoramentos
 Formato: 17 x 11 cm
 Páginas: 128



1ª Edição: 2002
 Editora: Martins Fontes
 Formato: 19 x 12,5 cm
 Páginas: 118

Fonte: José (1986a, 2002a).

Na sequência da tabela, apresentamos *De repente toda história novamente* (1983), lançada pela FTD com ilustrações de Eva Furnari. Essa obra foi reeditada pela editora Edelbra no ano de 2011, ilustrada por Weberson Santiago, com o título de *As aventuras do rato roqueiro*¹⁰⁶.

Na última página desse segundo livro, logo abaixo da biografia do autor, consta que Elias José não chegou a ver essa obra pronta. Ele faleceu dias após enviar o texto para a editora em 2008.

participavam das loucuras. As pessoas viviam as coisas mais fantásticas como se fossem a coisa mais natural do mundo. “O tranquilo narrador conta ao primo cada trapalhada, tudo como se fosse a coisa mais natural do mundo” (JOSÉ, 2002a, n.p.).

¹⁰⁶ “Churulim era um rato doidinho, que gostava de comida gostosa, de brincar com pessoas e de rock. Elétrico e meio diabinho, vivia com sua família numa casa de gente muito legal. Mas gente não gosta de ratos e ele cresceu se safando de armadilhas e das investidas de um gato preguiçoso. Churulim se achava muito esperto e não se preocupava com nada. Para ele, o bom era fazer rir, dançar e cantar. E se aproveitar das distrações das pessoas para se divertir. O tempo foi passando, Churulim cresceu e começou a tomar jeito. Só que essas coisas não começam assim de repente. O que será que aconteceu?”. Sinopse disponível em: <<https://www.saraiva.com.br/as-aventuras-do-rato-roqueiro-4060483.html>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

Figura 7 – Capas das obras: *De repente toda história novamente* (1989) e *As aventuras do rato roqueiro* (2011)



6ª Edição: 1989
 Editora: FTD
 Formato: 21 x 14 cm

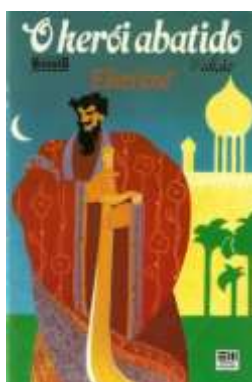


1ª Edição: 2011
 Editora: Edelbra
 Formato: 25,5 X 18 cm

Fonte: José (1989, 2011).

O herói abatido (1984)¹⁰⁷ foi publicado pela editora Moderna com ilustrações de Carlos de Brito. O texto desta obra migrou para a editora Larousse, duas décadas após seu primeiro lançamento e foi publicado no ano de 2005 com título de *Amor sem fronteiras*, ilustrado por Fernando Pisani.

Figura 8 – Capas das obras: *O herói abatido* (1984) e *Amor sem fronteiras* (2005)



7ª Edição: 1990
 Editora: Moderna
 Formato: 24 X 20 cm
 Páginas: 48



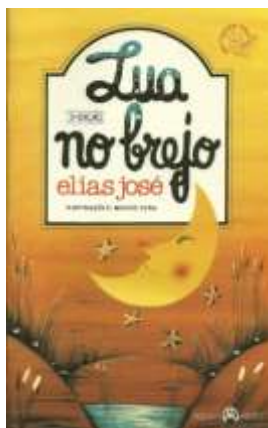
1ª Edição: 2005
 Editora: Larousse
 Formato: 14 X 21 cm
 Páginas: 86

Fonte: José (1984, 2005b).

¹⁰⁷ Segundo a entrevistada, Elias José conta por meio dessa obra a história de seus pais na ocasião em que ele foi conhecer o avô. O livro é assim apresentado: “Elias José aborda neste livro a emigração do povo libanês e o preconceito desperto pela incapacidade de compreender o diferente. Por meio da narrativa ingênua de Miguel, o autor aborda a tentativa da família em manter a inocência infantil diante da discriminação e valoriza a experiência humilde dos mais sábios e a enorme disposição do ser humano em recomeçar. Até aonde vai a coragem desse povo que deixou sua pátria na esperança de dias melhores? E o que dizer quando o amor mais puro, o fraternal, é abalado pela crueldade do preconceito?”. Disponível em: <<https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/teen/literatura/amor-sem-fronteiras-1859959>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

Lua no brejo foi lançada pela primeira vez no ano de 1987, pela editora Mercado Aberto, com ilustrações de Marco Cena. Vinte anos depois ela foi reeditada pela editora Projeto com o título de *Lua no brejo com novas trovas* (2007), ilustrada por Graça Lima.

Figura 9 – Capas das obras: *Lua no brejo* (1991) e *Lua no brejo com novas trovas* (2007)



3ª edição: 1991
 Editora: Mercado aberto
 Formato: 21,5 X 13,5 cm
 Páginas: 32



1ª edição: 2007
 Editora: Projeto
 Formato: 27 X 21 cm
 Páginas: 48

Fonte: José (1991, 2007b).

Vale a pena apresentar também o livro *O historiador de Catitó* (1986)¹⁰⁸, que se trata da reedição da obra *Olho por olho, dente por dente*¹⁰⁹, lançada e impressa sem ilustrações pelo Mobral em 1979, no governo do então Presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo. *O historiador de Catitó* foi publicado pela editora Atual e ilustrado por Maria José Boaventura.

Observamos que a ficha técnica desses dois livros os classifica de maneiras diferentes. *O historiador de Catitó* é indicado como Literatura Infantojuvenil, enquanto que *Olho por olho, dente por dente* foi indicado como Literatura Brasileira – Contos e Crônicas.

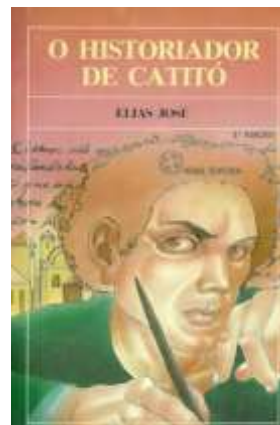
¹⁰⁸ Livro composto por trinta e dois contos curtos. Na reedição como *O historiador de Catitó* a obra foi apresentada como novela infantojuvenil.

¹⁰⁹ Este livro foi premiado no Concurso MOBREAL de Literatura – Crônicas e Contos, instituído em 1979 (JOSÉ, 1982).

Figura 10 – Capas das obras: *Olho por olho, dente por dente* (1979) e *O historiador de Catitó* (1986)



1ª edição: 1979
 Editora: Mobral
 Formato: 22 X 15 cm
 Páginas: 102



3ª edição: 1986
 Editora: Atual
 Formato: 20,5 X 13,5
 Páginas: 98

Fonte: José (1979c, 1986b).

Numa síntese, podemos dizer que esse movimento de atualização das obras pode ser explicado pela boa qualidade dos textos e pela relevância das temáticas apresentadas pelo escritor, o que justifica o investimento empreendido nesses novos projetos.

4.4 Décadas de 1990-1999/2000-2010¹¹⁰

Os autores e ilustradores da geração dos anos 1990 colaboram para uma produção da literatura infantil em que o objeto livro é pensado desde a organização do projeto gráfico - verbal e visual - até a criação do ponto de vista temático na perspectiva histórica e cultural do Brasil. (DALCIN, 2013, p. 67).

O Brasil inaugurou, na última década do Século XX e início do Século XXI, uma nova fase econômica, política e cultural, a qual trouxe discussões significativas no campo da Literatura Infantojuvenil, que refletiram nas mudanças ocorridas na produção do livro¹¹¹.

Com a promulgação da nova Constituição Brasileira, em 5 de outubro de 1988, inicia-se a tramitação de um novo projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A nova Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394/96) foi aprovada e sancionada pelo Presidente

¹¹⁰ Essas duas décadas ficaram juntas numa mesma seção por apresentarem grandes semelhanças nos contextos social, político cultural e educacional.

¹¹¹ O Contexto histórico, assim como as influências das discussões que emergiram nesse momento acerca da literatura infantil sobre a produção do livro podem ser conferidos em Dalcin (2013, p. 67-76).

Fernando Henrique Cardoso, em 20 de dezembro de 1996, e publicada no *Diário Oficial da União* em 23 de dezembro do mesmo ano.

Essa lei dividiu a educação em dois níveis de ensino: Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) e Educação Superior. O período de obrigatoriedade estendeu-se de oito para nove anos. Os princípios do ensino foram pautados na pluralidade de ideias e concepções pedagógicas¹¹², gestão democrática e experiência extraescolar. Esse documento estabeleceu ainda o atendimento especializado e gratuito ao educando com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino.

Na sequência da promulgação da nova LDB, surgiram uma série de medidas e iniciativas políticas para implementá-la, com diferentes horizontes ideológicos, como apontam Lajolo e Zilberman. Segundo estas pesquisadoras,

[...] é nesse contexto, atravessado por variadas correntes de pensamento, que em 1997, o Ministério da Educação divulga documentos – intitulados, respectivamente, *Parâmetros Curriculares e Temas Transversais* – que, a partir de então, pavimentam o percurso da cultura escolar, afetando direta e profundamente a literatura infantil.

Os temas transversais elencados pelos documentos são seis: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual e Temas Locais. Desde então, eles passaram a constar em catálogos de editoras [...]. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, p. 70).

No currículo proposto pela nova LDB foram incluídas as disciplinas de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio, com a justificativa de desenvolver nos alunos maior discernimento sobre as questões de natureza ética, social e política. O ensino religioso passou a ter frequência optativa, em respeito à diversidade cultural de religiões.

No ano de 2003, foi incluído no currículo oficial do Ensino Fundamental e Médio -público e privado – o ensino sobre História e Cultura afro-brasileira, com a instituição do dia da Consciência Negra, em 20 de novembro de 2008, e o estudo da História dos Povos Indígenas, com o objetivo de valorizar e caracterizar a formação da população brasileira a partir dessas duas etnias¹¹³.

No âmbito social, Dalcin (2013) destaca que a globalização das informações, promovida pela internet e, posteriormente, pelas redes sociais, muda a forma de as pessoas se relacionarem. O mundo agora, segundo a pesquisadora, se apresenta “altamente globalizado,

¹¹² Maiores detalhes acerca das ideias pedagógicas que buscavam orientar as práticas educativas em Saviani (2010, p. 401-424).

¹¹³ Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao-nacional-ldben>>. Acesso em: 17 out. 2017.

interativo e tecnológico. É nesta configuração política, social e cultural, que se inscreve a literatura infantil dessa década” (DALCIN, 2013, p. 70).

Em relação à globalização, Lajolo e Zilberman (2017) apontam que o Brasil, agora na rota dos países capazes de atrair investimentos estrangeiros, amplia o parque industrial e desenvolve a agroindústria, afetando as diversas modalidades sociais. Segundo as autorasOs efeitos sociais desta política fazem-se sentir na primeira década do século XXI, aumentando a oferta de empregos e estendendo-a a segmentos sociais até então marginalizados do mercado de trabalho. Nesse cenário, tem lugar nova explosão urbana, e a oferta de escolarização alcançam faixas amplas da infância e da juventude. Uma população politicamente mais amadurecida reivindica maiores investimentos em educação, saúde e segurança, bem como melhor aparelhamento urbano no âmbito do saneamento, transporte público, meio ambiente e cultura. [...] Um tal cenário se manifesta em todas as áreas sociais e afeta profundamente a cultura em seus processos e produtos. Afeta de maneira específica distintas modalidades artísticas, mas mexe com todas. [...] No que respeita à literatura, cresce consideravelmente o número de livros impressos, em especial das obras – didáticas e literárias – destinadas a crianças e jovens. Livros para crianças e jovens exibem espetacular desenvolvimento quantitativo e qualitativo, propondo e consolidando formas de produção e difusão (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, p. 58).

Nesse período surgem muitas campanhas de incentivo à leitura e à formação do leitor, promovidas por iniciativas privadas e também pelo governo, aumentando ainda mais a demanda por livros de literatura infantojuvenil, que já vinha crescendo desde a década de 1970. Dalcin (2013) destaca que esses acontecimentos impulsionam os debates acerca da literatura infantil, do livro e da importância da formação do leitor. Segundo Castelo Branco (2014, p. 119), “a proliferação dos eventos foi tão intensa que se pode falar no surgimento de uma ‘indústria de eventos ligados à literatura infantil’ – mais um *boom*, portanto”.

Esse novo *boom* citado no parágrafo acima está indiciado nas tabelas a seguir, nas quais podemos observar o significativo crescimento das publicações do escritor Elias José - certamente de outros escritores também - voltadas para esse público, assim como a diversidade de editoras que passaram a investir nesse campo de atividade.

Nesse período (1990-1999) a produção infantojuvenil de Elias José foi 46% superior à do período anterior; sua produção em verso também cresceu. Nessa década o autor apresentou quatorze títulos em verso, o dobro do período anterior, representando 36,84% de suas publicações nesse período.

Tabela 3 – Obras infantojuvenis produzidas por Elias José na década de 1990-1999

	Título da obra	Data da primeira edição	Editora	Número de páginas	Ilustrador	Categoria	Edições encontradas
01	<i>Vó Melinha cigana e rainha</i>	1990	Scipione	46	Rui de Oliveira	Prosa	2ª, 1996
02	<i>Os vários voos da vaca Vivi</i>	1990	FTD	40	Ricardo Azevedo	Prosa	3ª, 1991
03	<i>Luta tamanha quem ganha?</i>	1990	RHJ livros	12	Rosa Maria Schettino	Verso	3ª, 1990
04	<i>Segredinhos de amor</i>	1991	Moderna	48	May Shuravel	Verso	2ª, 2001
05	<i>O bolo pra festa no céu</i>	1992	Vale Livros	22	Cláudia Ferreira	Prosa	1ª, 1992
06	<i>Sem pé nem cabeça</i>	1992	Formato	12	Cláudio Martins	Verso	1ª, 1992
07	<i>A toada do tatu</i>	1992	LÊ	13	Virgílio Veloso	Verso	1ª, 1992
08	<i>Cantigas de adolescer</i>	1992	Atual	60	Renata Sthael	Verso	15ª, 2000
				72	Evandro Luiz da Silva		20ª/5ª reimpressão 2013
09	<i>Quem lê com pressa tropeça</i>	1992	LÊ	27	Nelson Cruz	Verso	1ª, 1992 9ª, 1996
10	<i>Toda sorte de magia</i>	1993	LÊ	96	Mariângela Haddad	Prosa	1ª, 1993
11	<i>De amora e amor</i>	1993	Atual	76	Roberto Barbosa	Prosa	1ª, 1993 12ª, 2001
					Denise Nascimento		13ª, 2001 14ª, 2004
12	<i>Uma escola assim, eu quero pra mim</i>	1993	FTD		Agostinho Gisé	Prosa	7ª, 1999

	Título da obra	Data da primeira edição	Editadora	Número de páginas	Ilustrador	Categoria	Edições encontradas
13	<i>Armadilhas da solidão</i>	1994	LÊ	175	-	Prosa	1ª, 1994
14	<i>Um curioso aluado</i>	1994	Melhoramentos	16	Eva Furnari	Prosa	2ª, 1994
15	<i>Lições de telhado</i>	1996	Ave Maria	28	Wagner & Jiso	Prosa	1ª, 1996
16	<i>Mundo criado, trabalho dobrado</i>	1996	Atual	24	Graça Lima	Prosa	13ª, 2010
17	<i>Félix e seu fole fedem</i>	1996	Paulinas	24	Nelson Cruz	Verso	3ª, 1998
18	<i>Cantos de Encantamento</i>	1996	Formato	36	Mariângela Haddad	Verso	1ª, 1996
19	<i>No balancê do abecê</i>	1996	Paulus	32	Helena Alexandrino	Verso	1ª, 1996
20	<i>O que conta no faz de conta?</i>	1996	Paulus	24	Helena Alexandrino	Prosa	1ª, 1996
		2001 ¹¹⁴					1ª, 2001 6ª reimpressão 2015
21	<i>O jogo das palavras mágicas</i>	1996	Paulinas	32	Nelson Cruz	Verso	5ª, 2005
22	<i>O macaco e a morte</i>	1996	Paulinas	16	Ciça Fittipaldi	Prosa	1ª, 1996
23	<i>Noites de Ilua cheia</i>	1996	LÊ	56	Conceição Bicalho	Verso	1ª, 1996
24	<i>O mundo todo revirado</i>	1996	Paulus	24	Ciça Fittipaldi	Prosa	13ª, 2010
25	<i>A gula da avó e da onça</i>	1996	Paulinas	16	Ciça Fittipaldi	Prosa	1ª, 1996
26	<i>Vera Lúcia, verdade e luz</i>	1997	Saraiva	63	Dexter	Prosa	1ª, 1997

¹¹⁴ Foi reeditado nesse ano com nova ortografia. Considerado como primeira edição.

	Título da obra	Data da primeira edição	Editora	Número de páginas	Ilustrador	Categoria¹¹⁵	Edições encontradas
27	<i>Solos de violões e sonhos</i>	1997	FTD	64	Gisé	Prosa	1ª, 1997
28	<i>O incrível bicho homem</i>	1997	FTD	56	Laura Pedrotti	Verso	1ª, 1999
29	<i>Baú de sonhos</i>	1997	LÊ	32	Sandra Bianchi	Prosa	1ª, 1997 1ª, 2009
30	<i>As bailarinas e o pintor</i>	1997	Dimensão	30	Giselle Vargas	Prosa	3ª, s.d.
31	<i>As virações da formiga</i>	1998	Paulinas	16	Çiça Fittipaldi	Prosa	1ª, 1996
32	<i>De como o macaco venceu a onça</i>	1998	Paulinas	16	Çiça Fittipaldi	Prosa	1ª, 1996
33	<i>Viagem criada, emoção dobrada</i>	1998	Atual	23	Cecília Iwashita	Prosa	2ª, 1998
34	<i>A cidade que perdeu seu mar</i>	1998	Paulus	24	Marilda Castanha	Prosa	3ª, 1999
35	<i>O macaco e seu rabo</i>	1998	Paulinas	16	Çiça Fittipaldi	Prosa	1ª, 1996
36	<i>O macaco e sua viola</i>	1998	Paulinas	16	Çiça Fittipaldi	Prosa	1ª, 1996
37	<i>Bicho que te quero livre</i>	1998	Moderna	28	Ana Raquel	Verso	2ª impressão 2001 3ª impressão 2002
38	<i>Amor adolescente</i>	1999	Atual	64	Denise Rochael	Verso	5ª, s.d.

Fonte: dados produzidos e organizados pela pesquisadora.

Os dados desta tabela (1990-1999) mostram que a diversidade de editoras permanece – quatorze editoras para trinta e oito obras – no entanto, a proporção do número de obras publicadas por editora aumenta. Percebe-se por meio desse levantamento que a maioria

¹¹⁵ Optamos por classificar as obras de Elias José sob o nome de “categoria” porque há muitos livros que não se encaixam em nenhum dos gêneros mais tradicionais (conto, romance, poema, entre outros), o que tornaria tal classificação demasiadamente controversa. Como este estudo não prevê uma discussão sobre a definição de gêneros, achamos que o termo “categoria” é mais conveniente para aquilo que nos ocupa no momento, que é evidenciar as obras que o autor produziu em prosa e em verso.

das editoras do período anterior continua a publicar os livros do escritor, indiciando a boa aceitação das obras e, conseqüentemente, o sucesso das vendas.

O levantamento das obras publicadas nesse período mostra que as editoras Paulinas¹¹⁶, Lê e Atual foram as que lançaram o maior número de obras, oito, seis e cinco, respectivamente. Em segundo lugar estão as editoras Paulus¹¹⁷ e FTD com o lançamento de quatro obras cada uma. As editoras Moderna e Formato publicaram, cada qual, dois livros e, por último, com o lançamento de um título cada uma, destacamos as editoras Scipione, RHJ Livros¹¹⁸, Vale Livros, Melhoramentos, Ave Maria, Saraiva¹¹⁹ e Dimensão¹²⁰.

Constatamos que os livros do escritor continuam sendo publicados, predominantemente, por editoras que possuem foco educacional. No entanto, pudemos observar que quatorze livros, o que representa mais de 30% da produção de Elias José nessa década, foram lançados por editoras religiosas (Paulinas, Paulus, Ave Maria¹²¹ e Vale Livros¹²²), indicando, além da variedade de temas abordados nas produções, a intenção do escritor em se fazer presente em diferentes meios e atingir públicos também diversos com intuito de abrir o leque de possibilidades para suas obras serem publicadas.

¹¹⁶ A editora Paulinas se faz presente no Brasil desde 1931. É parte integrante do Projeto Apostólico da pia Sociedade Filhas de São Paulo, fundada pelo Padre Tiago Alberione, com a colaboração de Irmã Tecla Merlo, em 1915 na Itália. O objetivo da editora é o de evangelizar por meio da cultura na comunicação. O Conselho Editorial da Paulinas é formado por especialistas de diversas áreas profissionais. A editora conta com um catálogo com mais de dois mil livros distribuídos nas seguintes áreas: Atuação Pastoral da Igreja, Bíblia, Ciências Humanas e sociais, Desenvolvimento Humano, Ciência da Religião, Comunicação social, Educação e Ensino Religioso, Espiritualidade, Família, Literatura Infantil e juvenil, Literatura, liturgia, Qualidade de vida, teologia e Vida Religiosa. A Paulinas foi premiada com sete Jabutis e diversas vezes Altamente Recomendável ao Acervo Básico da FNLIJ. Disponível em: <<http://www.paulinas.org.br/editora/>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

¹¹⁷ A Paulus é uma editora religiosa que tem como missão tratar todos os assuntos dentro de uma visão cristã. Foi criada com o objetivo de prestar serviço à Igreja e à sociedade, oferecendo material impresso (livro e outros) e digital com o intuito de promover valores humanos no espírito do Concílio do Vaticano II. Disponível em: <<https://www.paulus.com.br/portal/pia-sociedade-de-sao-paulo>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

¹¹⁸ RHJ Livros iniciou como distribuidora em 1974. Começou a publicar obras infantis e juvenis em 1987. Atualmente possui um catálogo com mais de 300 títulos distribuídos nas áreas da literatura infantojuvenil, obras metodológicas e temáticas. Disponível em: <<https://rhjlivros.com.br/editora-rhj-livros.html>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

¹¹⁹ A editora Saraiva foi fundada em 1906 por Joaquim Inácio da Fonseca Saraiva, como livreria acadêmica e publicava somente livros jurídicos (campo em que é a primeira no Brasil até hoje). Em função da pequena perspectiva de expansão nesse campo, foi feita uma tentativa de diversificação das atividades no final da década de 1960. O principal rumo da diversificação foi o dos livros didáticos para o primeiro grau. Essa produção respondeu por quase a metade do movimento da editora em 2003 (HALLEWELL, 2012, p. 371).

¹²⁰ A Dimensão foi fundada em 1985 pelo casal Zélia Almeida e Gilberto Gusmão de Andrade, dedicando-se inicialmente à produção de livros didáticos e somente depois é que diversificaram o catálogo, que atualmente oferece livros didáticos, de apoio ao professor, paradidáticos e de literatura infantojuvenil. Disponível em: <<http://www.editoradimensao.com.br>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

¹²¹ Pertence à Congregação dos Missionários Claretianos e tem como missão oferecer publicações de conteúdos que possam evangelizar e que possibilitem o crescimento cultural e espiritual do leitor. Disponível em: <<http://www.avemaria.com.br/pagtexto/a-editora/institucional>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

¹²² Pertence à Editora Santuário de Aparecida. Tem como propósito evangelizar por meio de leituras. Disponível em: <<http://www.editorasantuario.com.br/editora-santuario>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

O interesse das editoras católicas indicia que uma das características do autor seja a de não romper com o politicamente correto, uma vez que não apresenta temas polêmicos e procura valorizar a família, a professora e os valores cristãos.

É possível constatar ainda que os livros do escritor continuaram a receber ilustrações de importantes e premiados ilustradores. Além de Eva Furnari, Helena Alexandrino, Ana Raquel e Denise Rochael que estiveram entre os ilustradores do período anterior, são destaques nessa década o escritor e ilustrador Ricardo Azevedo¹²³, que ganhou prêmios importantes, entre eles, cinco vezes o Jabuti; Nelson Cruz¹²⁴, várias vezes Altamente Recomendável pela FNLIJ e ganhador do Jabuti; Graça Lima¹²⁵, que recebeu pela FNLIJ os Prêmios: Luiz Jardim, Malba Tahan, o Melhor para o Jovem e foi muitas vezes o Altamente Recomendável; a ilustradora recebeu também o Jabuti, na categoria ilustração (1982, 1984 e 2003); Ciça Fittipaldi¹²⁶ também recebeu importantes prêmios, entre eles, APCA (1986), Hans Christian Andersen (1995) e Jabuti (1986, 1990 e 2014).

O tempo de circulação das obras e a presença de renomados ilustradores mostram o interesse das editoras em investir na forma de apresentação dos livros. Esse investimento confirma a qualidade dos textos apresentados pelo escritor e a boa aceitação do público, o que garante o sucesso nas vendas e justifica a permanência no mercado.

O panorama da produção literária da última década da carreira do escritor Elias José (2000/2008), apresentado a seguir, difere deste que acabou de ser descrito (1990/1999) apenas em termos quantitativos. A tabela mostra que o número de publicações do autor não parou de crescer nesse período: a quantidade de obras publicadas foi 47,36% maior que a do período anterior. É possível observar também a permanência da diversidade de editoras. Nesse período, vinte e uma editoras publicaram cinquenta e seis obras, sendo que nessa década Elias José publicou em média cinco livros por ano.

A intensa produção do escritor - agora já bem conhecido - evidenciada pelo número de publicações e reimpressões de suas obras, confirma a forte demanda do mercado por essa vertente e indicia o quanto ele estava atento às tendências do momento, para despertar o interesse de diversas editoras e permanecer em circulação, especialmente na escola.

¹²³ Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/ricardo-azevedo/>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

¹²⁴ Mais informações sobre o ilustrador disponíveis em: <<http://www.editorapeiropolis.com.br/biografia/?autor=250>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

¹²⁵ Mais informações sobre a ilustradora disponíveis em: <<http://globoeditora.com.br/autores/biografia/?id=1658>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

¹²⁶ Mais informações sobre a ilustradora disponíveis em: <<https://cicafittipaldi.com/sobre/>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

Tabela 4 – Obras infantojuvenis produzidas por Elias José entre 2000-2008 e lançadas *post mortem*¹²⁷

	Título da obra	Data da primeira edição	Editora	Número de páginas	Ilustrador	Categoria	Edições encontradas
01	<i>A vida em pequenas doses</i>	2000	Global	80	Maurício Negro e César Landucci	Prosa	2ª, 2001
02	<i>Ri melhor quem junto ri</i>	2000	Ícone	32	Semíramis Paterno	Prosa	1ª, 2000
03	<i>A gargalhada mais gostosa do mundo</i>	2000	Saraiva	30	Daisy Startari	Prosa	1ª, 2000
04	<i>O amigão de todo mundo</i>	2001	Paulus	25	Luiz Maia	Prosa	1ª, 2001
05	<i>O desenhista</i>	2001	Nova Didática	24	Rogério Coelho	Verso	1ª, 2001
06	<i>O que tem nessa venda?</i>	2001	Nova Didática	24	Rogério Coelho	Verso	1ª, 2001
07	<i>O que você vê ali?</i>	2001	Nova Didática	16	Rogério Coelho	Verso	1ª, 2001
08	<i>Saudando quem chega</i>	2001	Nova Didática	24	Rogério Coelho	Verso	1ª, 2001
09	<i>Visitas à casa da vovó</i>	2001	Nova Didática	16	Rogério Coelho	Verso	1ª, 2001
10	<i>É hora de jogar conversa fora</i>	2002	Nova Didática	24	Augusto Freitas	Verso	1ª, 2002
11	<i>As histórias e os lugares</i>	2002	Nova Didática	32	Jairo Rodrigues	Verso	1ª, 2002
12	<i>O contador de vantagens</i>	2002	Nova Didática	24	Augusto Freitas	Verso	1ª, 2002
13	<i>Birutices</i>	2002	Ícone	16	Denise Rochael	Verso	1ª, 2001
14	<i>Um jeito bom de brincar</i>	2002	FTD	48	Sônia Magalhães e Bia Sampaio	Verso	1ª, 2002
15	<i>Se tudo isso acontecesse</i>	2002	Nova Didática	24	Jairo Rodrigues	Verso	1ª, 2002
16	<i>Bicho de pena provoca amor e pena</i>	2002	Nova Didática	24	Rogério Coelho	Verso	1ª, 2002

¹²⁷ Não acrescentamos aqui as obras que foram lançadas anteriormente com outro título.

	Título da obra	Data da primeira edição	Editora	Número de páginas	Ilustrador	Categoria¹²⁸	Edições encontradas
17	<i>Gente e mais gente</i>	2002	Nova Didática	24	Jairo Rodrigues	Verso	1ª, 2002
18	<i>Vidrado em bicho</i>	2002	Nova Didática	24	Augusto Freitas	Verso	1ª, 2002
19	<i>Eu sou mais eu</i>	2002	Nova Didática	24	Augusto Freitas	Verso	1ª, 2002
20	<i>De olho nos bichos</i>	2003	FTD	48	Sheila Moraes Ribeiro	Verso	1ª, 2003
21	<i>Histórias sorridentes de unhas e dentes</i>	2003	Paulus	24	Cláudia Scatamacchia	Prosa	1ª, 2001
22	<i>Que confusão, seu Adão</i>	2003	Paulus	24	Cláudia Scatamacchia	Verso	3ª, 2008
23	<i>Aquarelas do Brasil</i>	2003	Miguilim	40	Ângelo Abu	Verso	1ª, 2003
24	<i>O dono da bola</i>	2004	Paulinas	23	Elma	Prosa	3ª, 2008
25	<i>A coruja revolucionária</i>	2004	Evoluir Cultural	45	Simone Matias	Prosa	1ª, 2004
26	<i>O que se vê no abecê</i>	2004	Paulus	40	Daniel Cabral	Verso	3ª, 2007
27	<i>Receita para espantar monstros</i>	2004	Evoluir Cultural	44	Simone Matias	Prosa	1ª, 2004
28	<i>A festa da princesa, que beleza!</i>	2005	Difusão Cultural do Livro (DCL)	40	Rosinha Campos	Prosa	1ª, 2005
29	<i>Quem quiser que conte outra</i>	2005	Paulinas	53	-	Prosa	1ª, 2005
30	<i>O rei do espetáculo</i>	2005	Paulinas	24	Mariana Massarani	Prosa	1ª, 2005
31	<i>Mínimas descobertas</i>	2005	Paulus	70	Luiz Maia	Verso	1ª, 2005
32	<i>Um dinazul na cidade</i>	2005	Editores Evoluir	63	Simone Matias	Prosa	1ª, 2005

¹²⁸ Optamos por classificar as obras de Elias José sob o nome de “categoria” porque há muitos livros que não se encaixam em nenhum dos gêneros mais tradicionais (conto, romance, poema, entre outros), o que tornaria tal classificação demasiadamente controversa. Como este estudo não prevê uma discussão sobre a definição de gêneros, achamos que o termo “categoria” é mais conveniente para aquilo que nos ocupa no momento, que é evidenciar as obras que o autor produziu em prosa e em verso.

	Título da obra	Data da primeira edição	Editora	Número de páginas	Ilustrador	Categoria¹²⁹	Edições encontradas
33	<i>Dois gigantes diferentes¹³⁰</i>	2005	Noovha América	23	Jefferson Galdino	Prosa	1ª, 2006
34	<i>Poesia é fruta doce e gostosa</i>	2006	FTD	56	Cristina Biazetto	Verso	1ª, 2006
35	<i>Pequeno dicionário poético-humorístico ilustrado</i>	2006	Paulinas	114	Elisabeth Teixeira	Verso	3ª, 2015
36	<i>Cantigas de amor</i>	2006	Larousse Jovem	31	Andrea Corbani	Verso	1ª, 2006
37	<i>Ciranda brasileira</i>	2006	Paulus	64	Xilogravuras de J. Borges	Verso	1ª, 2006
38	<i>Forrobodó no forró</i>	2006	Mercuryo Jovem	40	Michele Iacocca	Verso	1ª, 2006
39	<i>Mágica terra brasileira</i>	2006	Formato	40	Telas da pintora Meiga Vasconcelos	Verso	1ª, 2006
40	<i>O negrinho do pastoreio</i>	2006	Paulus	-	Cláudia Scatamacchia	Prosa	1ª, 2006
41	<i>A cidade salva pelos brinquedos</i>	2007	Cortez	39	Cláudia Ramos	Prosa	2ª, 2010
42	<i>Cantigas para entender o tempo</i>	2007	Dimensão	32	Ângelo Abu	Verso	1ª, 2007
43	<i>Limeriques para pintura</i>	2007	Noovha América	40	Pinturas de Gustavo Rosa	Verso	1ª, 2007

¹²⁹ Optamos por classificar as obras de Elias José sob o nome de “categoria” porque há muitos livros que não se encaixam em nenhum dos gêneros mais tradicionais (conto, romance, poema, entre outros), o que tornaria tal classificação demasiadamente controversa. Como este estudo não prevê uma discussão sobre a definição de gêneros, achamos que o termo “categoria” é mais conveniente para aquilo que nos ocupa no momento, que é evidenciar as obras que o autor produziu em prosa e em verso.

¹³⁰ O texto desse título foi retirado do livro *Luta tamanha, quem ganha?* (1990). Mais detalhes sobre essa obra podem ser encontrados no Capítulo V.

	Título da obra	Data da primeira edição	Editora	Número de páginas	Ilustrador	Categoria¹³¹	Edições encontradas
44	<i>Fantasia do olhar</i>	2008	Moderna	92	Obras de Aldemir Martins	Prosa	1ª, 2008
45	<i>As horrorosas maravilhosas</i>	2008	Difusão Cultural do Livro	32	Bordados de Iane Costa	Prosa ¹³²	Não disponível no acervo
46	<i>O homem dos sete mil instrumentos e mil e uma alegrias</i>	2008	Escala Educacional	16	Ciça Fittipaldi	Prosa	1ª, 2008
47	<i>É sempre era uma vez</i>	2008	Escala Educacional	15	Ana Terra	Verso	1ª, 2008
48	<i>Festa de aniversário</i>	2008	Escala Educacional	16	Elma	Verso	1ª, 2008
49	<i>Disque poesia</i>	2008	Compór	30	Ângelo Abu	Verso	1ª, 2008
50	<i>O cigano e o marinheiro: bons companheiros</i>	2008	Escala Educacional	-	Renato Moriconi	Prosa	1ª, 2008
51	<i>Ao pé das fogueiras acesas</i>	2008	Paulinas	48	André Neves	Prosa	4ª, 2010
52	<i>Escola: morada de inventor e outros contos de escola</i>	2009	Paulus	80	Criss de Paulo	Prosa	1ª, 2009
53	<i>Monstruosidades</i>	2009	Noovha América	24	Jeferson Gladino	Verso	1ª, 2009
54	<i>Alice no país da poesia</i>	2009	Peiropolis	54	Taísa Borges	Verso	1ª, 2009
55	<i>Tempo de ardente aprendizagem</i>	2009	Paulus	104	Rodrigo Furtado	Prosa	1ª, 2009
56	<i>O casamento de Monalisa e Aleijadinho</i>	2010	Biruta	32	Taísa Borges	Prosa	1ª, 2010

¹³¹ Optamos por classificar as obras de Elias José sob o nome de “categoria” porque há muitos livros que não se encaixam em nenhum dos gêneros mais tradicionais (conto, romance, poema, entre outros), o que tornaria tal classificação demasiadamente controversa. Como este estudo não prevê uma discussão sobre a definição de gêneros, achamos que o termo “categoria” é mais conveniente para aquilo que nos ocupa no momento, que é evidenciar as obras que o autor produziu em prosa e em verso.

¹³² Elias José apresenta um reconto inspirado em várias versões de *As três fiandeiras*, dos Irmãos Grimm, entre elas: *As três velhas*, de Câmara Cascudo; *As fiandeiras*, de Teófilo Braga, e outras versões atuais. Disponível em: <<http://www.editoradcl.com.br/Produto/148/as-horrorosas-maravilhosas>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

Fonte: dados produzidos e organizados pela pesquisadora.

Observamos que a Nova Didática¹³³ foi a editora que publicou o maior número de obras do escritor, treze títulos, seguida da Paulus com nove, Paulinas com cinco, Escala Educacional¹³⁴ com quatro, FTD e Evoluir Cultural¹³⁵ com três cada uma, Ícone, DCL¹³⁶, Larousse e Noovha América¹³⁷ cada qual com dois títulos, e as outras onze (Global¹³⁸, Saraiva, Miguilim¹³⁹, Mercuryo Jovem¹⁴⁰, Formato, Cortez, Dimensão, Moderna, Compór, Peirópolis¹⁴¹ e Biruta¹⁴²) com um título cada uma.

Das vinte e uma editoras, sete¹⁴³ já haviam publicado obras do escritor e quatorze¹⁴⁴ correspondem a novos contratos.

¹³³ Criada em 1986, exclusivamente para editar e comercializar os livros com produção própria dos educadores do grupo. Recebeu o Prêmio Jabuti (2002) na categoria Melhor livro didático, com o livro *Brasil século XX*. toda a atuação comercial desta editora foi incorporada pela Editora Positivo. Não temos informações acerca da data em que ocorreu nessa transação, tampouco dos motivos. Disponível em: <<http://www2.positivo.com.br/english/grupo/vermateria.asp?id=169>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

¹³⁴ Nasceu com o propósito de produzir livros de qualidade com preço econômico. Possui um catálogo com mais de seiscentos títulos cobrindo, além da produção infantil e juvenil, quatro grandes linhas editoriais: didáticos, paradidáticos, revistas e séries. Disponível em: <<http://www.escalaeducacional.com.br/empresa.asp>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

¹³⁵ Já distribuiu mais de um milhão de livros desde 1996. Editora com grande foco educacional. Desenvolve vários projetos sociais em todas as regiões do Brasil. Disponível em: <<http://www.evoluircultural.com.br/institucional>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

¹³⁶ Fundada em 1966. Edita livros de diversas categorias. Atende aos governos Federal, Estaduais e Municipais com projetos próprios. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Editora_DCL>. Acesso em: 13 jun. 2018.

¹³⁷ Não encontramos nenhuma informação sobre essa editora. Mas pudemos constatar que ela publicou diversos livros, que se encontram disponíveis em sebos virtuais.

¹³⁸ Foi fundada em 1973 com o propósito de divulgar temas e autores que valorizavam a formação cultural brasileira. Atualmente, a Global trabalha com três selos com publicações para públicos variados. São eles: Gaudí Editorial – obras voltadas para crianças nos primeiros anos de vida; Editora Gaia – obras que apresentam ao leitor uma forma de viver em harmonia consigo mesmo e com o universo; Nova Aguilar – catálogo de obras de renomados autores nacionais e internacionais.

¹³⁹ Criada em 1980. Reuniu alguns renomados educadores, escritores e artistas da época. Ampliou suas atividades apostando em vários selos direcionando suas publicações ao público adulto, aos quadrinhos, fotografia, arquitetura e gastronomia. Disponível em: <<http://editoramiguilim.com/a-editora-2/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

¹⁴⁰ Esta editora tem apenas treze anos. Estava iniciando suas atividades quando publicou *Forrobodó no forró* de Elias José. A editora se apresenta com o objetivo de conquistar o leitor apresentando a obra com “projeto gráfico inteligente e ilustrações enriquecedoras” e textos sedutores. Disponível em: <<http://mercuryojovem.com.br/quem-somos>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

¹⁴¹ Esta editora completou vinte e quatro anos. Possui linhas editoriais voltadas para a difusão de novos olhares nas áreas da educação, do empreendedorismo, meio ambiente, incluindo a literatura infantil e juvenil e referência. Em 2011 começou a diversificar seu catálogo. Sua linha infantojuvenil ganha destaque a cada ano com títulos reconhecidos pela FNLIJ, PNBE, entre outros. Em julho de 2016 foi ganhadora do Prêmio Jabuti, no qual foi finalista nove vezes. Disponível em: <http://www.editorapeiropolis.com.br/editora_quem_somos/>. Acesso em: 13 jun. 2018.

¹⁴² Foi fundada em 2000 com a proposta de apresentar ao leitor textos desafiadores com projetos editoriais ousados e instigantes. Disponível em: <http://www.editorapeiropolis.com.br/editora_quem_somos/>. Acesso em: 13 jun. 2018.

¹⁴³ Saraiva (década de 1990), Paulus (décadas de 1980 e 1990), FTD (décadas de 1980 e 1990), Paulinas (década de 90), Formato (décadas de 1980 e 1990), Dimensão (década de 1990) e Moderna (décadas de 1980 e 1990).

¹⁴⁴ Global, Ícone, Nova Didática, Miguilim, Evoluir Cultural, DCL, Larousse, Mercuryo Jovem, Cortez, Noovha América, Escala Educacional, Compór, Peirópolis e Biruta.

A pesquisa realizada sobre as novas editoras mostra que apesar de apresentarem diferenças no que diz respeito aos objetivos e propósitos, todas têm como alvo, principalmente, o leitor escolar. O interesse das editoras por esse público pode ser explicado pela grande quantidade de obras adquiridas pelos governos Federal, Estaduais e Municipais para distribuir nas escolas por meio das campanhas de incentivo à leitura.

É importante mencionar que os treze livros publicados pela Nova Didática, pertencentes à coleção “Patati-Patatá”¹⁴⁵ migraram para editora Paulus¹⁴⁶, fazendo parte da coleção “Ler Brincando”, com o mesmo ilustrador¹⁴⁷ e mesmo título.

Observamos que a produção em verso do escritor também cresceu significativamente. Nesse período, 58,92% dos livros foram apresentados ao leitor em verso, representando um acréscimo de 135,71% em relação à produção em verso do período anterior. Pode-se dizer que a produção do autor nesse período contempla um público maior e mais diverso, uma vez que os textos em versos podem ser lidos com autonomia tanto por leitores fluentes quanto pelos que estão em desenvolvimento, podendo também ser indicados para aqueles em processo de alfabetização.

A pesquisa realizada acerca dos ilustradores¹⁴⁸ evidenciou que vinte e uma obras do escritor, ou seja, 37,5% do total das obras publicadas nesse período, receberam ilustrações de profissionais premiados.

Destacamos nessa década os seguintes ilustradores: Maurício Negro¹⁴⁹, Altamente Recomendável pela FNLIJ e ganhador de vários prêmios, menções e certificações; Cesar Landucci¹⁵⁰, premiado com Jabuti em 1993 e Altamente Recomendável em 1995 e 1998; Semiramis Paterno¹⁵¹, Altamente Recomendável pela FNLIJ; Luiz Maia¹⁵², ganhador do

¹⁴⁵ *O desenhista* (2001); *O que tem nessa venda?* (2001); *O que você vê ali?* (2001); *Saudando quem chega* (2001); *Visitas à casa da vovó* (2001); *É hora de jogar conversa fora* (2002); *As histórias e os lugares* (2002); *O contador de vantagens* (2002); *Se tudo isso acontecesse* (2002); *Bicho de pena provoca amor e pena* (2002); *Gente e mais gente* (2002); *Vidrado em bicho* (2002) e *Eu sou mais eu* (2002).

¹⁴⁶ Não temos informações acerca da data em que ocorreu a migração das obras. Segundo a entrevistada, Elias José não aprovou o tipo de letra utilizada para apresentar os textos, pois desejava que os livros fossem direcionados para crianças em processo de alfabetização e por esse motivo, segundo ele, deveriam ser apresentados em caixa alta (bastão). Assim sendo, o escritor cancelou o contrato e transferiu os direitos para a Editora Paulus.

¹⁴⁷ A imagem de uma das obras publicadas pelas duas editoras está disponível no Anexo 5.

¹⁴⁸ Não encontramos informações sobre os seguintes ilustradores: Daisy Startari, Augusto Freitas, Jairo Rodrigues, Sheila Moraes Ribeiro, Angelo Abu, Elma, Simone Matias, Fernando Pisani, Cristina Biazetto, Criss de Paulo, Jefferson Galdino, Taísa Borges e Rodrigo Furtado.

¹⁴⁹ Mais informações sobre o ilustrador disponível em: <<http://www.editoragaivota.com.br/ilustrador/mauricio-negro/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

¹⁵⁰ Disponível em: <<http://globoeditora.com.br/autores/biografia/?id=4232>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

¹⁵¹ Maiores informações disponíveis em: <<http://www.editorasaraiva.com.br/autor/semiramis-paterno/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

¹⁵² Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00751>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

Jabuti (1991) e do selo White Ravens¹⁵³ em 1999; Rogério Coelho¹⁵⁴, Altamente Recomendável pela FNLIJ e recentemente o Jabuti (2016); Cláudia Scatamacchia¹⁵⁵ recebeu o APCA, Jabuti e foi Altamente Recomendável pela FNLIJ; Mariana Massarani¹⁵⁶, ganhadora do Jabuti (1997 e 2003) na categoria Ilustração de Livros Infantis. Essa ilustradora é sócia da empresa “Capa Dura” em Cingapura, com Graça Lima e Roger Mello; Elisabeth Teixeira¹⁵⁷, ganhadora de dois Jabutis, 2004 e 2010; Andrea Corbani¹⁵⁸, Altamente Recomendável pela FNLIJ em 2001; Michele Iacocca¹⁵⁹, APCA, Altamente Recomendável (2006), Prêmio Luiz Jardim (2008) e Melhor Livro de Imagem (2009) pela FNLIJ; Ciça Fittipaldi¹⁶⁰ e André Neves¹⁶¹, Altamente Recomendável e ganhador do Prêmio Luiz Jardim na categoria melhor livro de imagem, ambos pela FNLIJ.

Segundo Lajolo e Zilberman (2017, p. 28), a emergência, expansão e difusão das histórias em quadrinhos no Brasil fez com que a imagem passasse a ser “tão ou mais relevante que o texto, impondo sua presença nos gêneros com os quais compartilhava o público”. As autoras afirmam ainda que a literatura infantil e juvenil, por se dirigir a um público com maior número de consumidores, “incorporou a linguagem visual, cedendo espaço crescente à matéria figurativa” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, p. 29). De acordo com as pesquisadoras, o “sintoma do reconhecimento progressivo e contemporâneo da importância desta parceria verbo-visual são as transformações ocorridas nas categorias de distribuição de prêmios a livros para crianças e jovens” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, p. 29). Esse fato justifica todo o investimento no suporte dos livros.

Vale ressaltar que a produção literária, ainda que subvertendo o que estava sendo posto em alguns pontos, não conseguiu escapar totalmente das demandas políticas, sociais, e, principalmente, educacionais, pois a escola sempre foi um dos mais importantes e férteis meios de divulgação e circulação do livro.

¹⁵³ Todos os anos, o White Ravens é apresentado na Feira de Bolonha e serve como referência mundial na indicação das melhores obras publicadas no ano. Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/materias/2010/02/22/56310-os-escolhidos-para-o-white-ravens>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

¹⁵⁴ Maiores informações disponíveis em: <<http://cultura.estado.com.br/noticias/literatura,rogerio-coelho-o-premiado-ilustrador-das-criancas,10000097697>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

¹⁵⁵ A trajetória completa da ilustradora pode ser conferida em: <<http://didabessana.wixsite.com/historiasdolivro/single-post/2015/01/23/CLAUDIA-SCATAMACCHIA-DISCIPLINA-CRIATIVIDADE-E-M%C3%9ALTIPLAS-INFLU%C3%8ANCIAS-Parte-2>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

¹⁵⁶ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mariana_Massarani>. Acesso em: 14 mai. 2018.

¹⁵⁷ Disponível em: <<http://comohistorias.blogspot.com.br/2013/08/ilustracoes-por-elisabeth-teixeira.html>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

¹⁵⁸ Disponível em: <<http://www.editorabiruta.com.br/ilustrador/andrea-corbani/>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

¹⁵⁹ Disponível em: <<http://micheleiacocca.webtoall.com.br/biografia/>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

¹⁶⁰ Já mencionada na seção anterior.

¹⁶¹ Disponível em: <<http://pedagogiaufcg.blogspot.com.br/2013/08/biografia-do-escritor-e-ilustrador.html>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

Daibello (2013) destaca que uma produção literária, por ser um produto cultural, necessita do reconhecimento das instâncias de legitimação para facilitar o sucesso junto ao público e ao mercado. Apoiada em Ferreira (2006), Daibello afirma que não basta que o autor produza uma obra de qualidade, ela “precisa ser reconhecida por intelectuais, pela crítica, por júris de concursos, organizadores de programas públicos de incentivo à leitura ou por instituições ou entidades respeitáveis” (FERREIRA, 2006, p. 139, apud DAIBELLO, 2013, p. 76).

Assim sendo, e levando em conta o cenário que acabamos de apresentar, consideramos relevante destacar duas importantes instâncias autorizadas a legitimar uma obra literária como sendo ou não de qualidade; são elas: o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) e a FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil).

Podemos presumir que o investimento das editoras destinado às obras do escritor Elias José, indiciado pela escolha de renomados ilustradores, tinha em vista o reconhecimento dessas duas instâncias supracitadas, pois a visibilidade - em nível nacional e internacional - dada pela FNLIJ aos livros que ela seleciona ou premia é sinal de prestígio e representa maiores chances de venda, uma vez que o catálogo com a seleção das obras feita por esta instituição é disponibilizado para orientar a compra de livros por Secretarias de Educação, escolas, entre outras. Fazer parte do acervo do PNBE representa, além do prestígio, venda garantida e em grande escala para o Governo Federal.

O capítulo a seguir apresenta essas duas instituições que, por meio de critérios que consideram de qualidade, premiam, distribuem e divulgam os livros de literatura infantil e juvenil e, portanto, dão o tom à produção literária da contemporaneidade, que visando garantir a venda e o reconhecimento, mencionados nas linhas acima, tendem a não se distanciar dos critérios por elas estabelecidos.

5 ELIAS JOSÉ E AS INSTÂNCIAS DE DIVULGAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DO LIVRO INFANTOJUVENIL: ALGUMAS INTERLOCUÇÕES

O universo tradicional do livro impresso, particularmente o que se destina a crianças e jovens, agregou, de forma lenta, porém irreversível, outros novos e importantes traços. Alguns destes, talvez, decorrentes de uma marca das últimas décadas: forte tendência à institucionalização e, a ela relacionada, a marcante presença do Estado através de políticas de incentivo à produção, circulação e consumo de obras literárias. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, p. 56).

Dedicamos este capítulo à apresentação dos fundamentos e critérios de avaliação do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), por terem como principal objetivo promover a leitura para crianças e jovens por meio da divulgação e distribuição do livro que consideram ser de qualidade¹⁶², uma vez que muitas obras do escritor Elias José foram avaliadas e altamente recomendadas por essas instituições, fazendo parte do seu acervo.

Importa destacar que não é objetivo desta pesquisa apresentar um histórico detalhado de cada uma das instâncias supracitadas, tampouco analisar os efeitos de suas ações na constituição leitora de crianças e jovens, uma vez que podemos encontrar tais informações nos sites oficiais das referidas instituições ou, ainda, em alguns trabalhos acadêmicos, dentre os quais destacamos: a tese de doutorado de Pereira (2013) e as dissertações de mestrado de Costa (2009), Marques (2013), Cirino (2015) e Silva (2015), e o trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Letras de Veigas (2013).

O que interessa nesse estudo é apresentar as obras de Elias José que se fizeram presentes no acervo do PNBE e as que foram reconhecidas pela FNLIJ, no intuito de evidenciar a relevância do escritor para a literatura infantojuvenil brasileira e para escola, pois a FNLIJ é uma das mais importantes instâncias de avaliação e divulgação do livro infantil e juvenil em nível nacional e internacional, e o PNBE um dos maiores e mais importantes

¹⁶² Ao apresentarmos os fundamentos do PNBE e a FNLIJ, não levantamos questões sobre o conceito de “qualidade”, tampouco sobre a expressão “livro de qualidade” e as ideologias nelas implícitas. Nosso estudo se limitou a apresentar os critérios envolvidos na escolha dos livros de literatura infantojuvenil que chegam às escolas públicas e atingem um grande número de leitores, para que pudéssemos situar e apresentar a relevância da produção literária do escritor Elias José no âmbito escolar e da literatura infantojuvenil brasileira.

programas de mediação do livro e da leitura no país, em função de sua abrangência e do grande volume de obras que são distribuídas por meio de suas ações.

5.1 O Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE

Veigas (2013) nos apresenta o PNBE como um programa bem estruturado, dado ao seu tempo de permanência. Segundo ela, este programa foi instaurado em 1997, após iniciativas governamentais como: o Proler (1992), Pró-leitura (1992-1996), Sala de Leitura (1984-1987), e também as iniciativas privadas Ciranda dos Livros (1982-1985) e a Viagem da Leitura (1986-1988). A pesquisadora destaca que essas iniciativas demonstram um país preocupado com a formação de leitores. Silva (2015, p. 63) aponta o PNBE como o programa que mais atingiu alunos e escolas¹⁶³.

O PNBE trata-se de uma política pública criada com o “objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura” para alunos e professores por meio da distribuição de livros de literatura e de pesquisa. Atualmente, o programa atende a todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar, independentemente do seu contingente de alunos¹⁶⁴.

Esse investimento contínuo visa fornecer aos estudantes e seus professores material de leitura variado para promover tanto a leitura literária quanto a leitura como instrumento de ampliação de conhecimentos, em especial o aprimoramento das práticas educativas dos professores.

Importa acentuar também que o PNBE conta com o apoio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), em parceria com a Secretaria de Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação (MEC). A operacionalização do programa dá-se após a defesa dos critérios de avaliação e atendimento e a verificação da disponibilidade orçamentária prevista no Plano Plurianual (PPA)¹⁶⁵.

O programa se divide em três etapas: “PNBE Literário”, que avalia e distribui obras literárias contendo textos em prosa (novelas, contos, crônicas, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas e adivinhas), livros de imagem e livros de história em quadrinhos; “PNBE Periódicos”, que avalia e distribui periódicos de conteúdo

¹⁶³ Maiores detalhes a respeito das iniciativas governamentais citadas acima e da distribuição dos livros pelo PNBE de 1998 a 2014 podem ser conferidos em Silva (2015, p. 60-68)

¹⁶⁴ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acessado em 09/04/2017.

¹⁶⁵ Conferir mais detalhes em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 16 jun. 2018.

didático e metodológico e “PNBE Professor”, cujo objetivo é apoiar a prática pedagógica por meio de obras de conteúdo teórico e metodológico¹⁶⁶.

O estudo de Veigas (2013) nos esclarece que, antes de chegar às escolas, os livros do acervo literário passam por um longo processo, que tem início com a pré-inscrição feita pelas editoras, sempre no mês de dezembro, para somente no ano seguinte serem pré-selecionadas.

O edital para aquisição das obras é elaborado pelo FNDE, que estabelece regras para inscrição, avaliação e apresentação das obras a serem adquiridas pelas empresas detentoras dos direitos autorais. Este edital, que é publicado no Diário Oficial da União e disponibilizado na internet, convoca as editoras para a pré-inscrição. Nessa etapa, o livro já é indicado para a categoria à qual irá concorrer, não podendo concorrer em mais de uma categoria.

Antes de chegarem aos pareceristas que farão a seleção do acervo, as obras, segundo Cirino (2015), passam por uma triagem realizada pelo Instituto de Pesquisa Tecnológico (IPT), com o intuito de verificar se elas atendem aos critérios estabelecidos no edital do programa.

Desde a instituição do PNBE, coube à Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (SEB/MEC) coordenar o processo de avaliação e composição dos acervos, num trabalho conjunto com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE); porém, a partir de 2005, a SEB/MEC passou a realizar o trabalho em parceria com as Universidades Públicas Federais¹⁶⁷.

Os estudos de Cirino (2015, p. 65) nos dizem que o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, da Faculdade de Educação (Ceale), da Universidade Federal de Minas Gerais passou a responder pela avaliação das obras a partir do ano de 2006 e conta com a colaboração de setenta e dois pareceristas de quatorze estados brasileiros¹⁶⁸. Segundo Marques (2013), o Ceale é responsável por selecionar as pessoas ligadas à educação para receber e avaliar os títulos. Cada docente, acrescenta a pesquisadora, recebe uma quantidade de livros e uma ficha de avaliação para julgar a aprovação ou não da obra no processo seletivo¹⁶⁹.

¹⁶⁶ Para maiores detalhes, consultar: <<http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

¹⁶⁷ Informações mais detalhadas em *Literatura na infância: imagens e palavras* (PAIVA et al., 2008, p. 10-11).

¹⁶⁸ Maiores detalhes a respeito dos critérios e dos processos de avaliação e escolhas das obras, ver Cirino (2015, p. 63-66).

¹⁶⁹ Para mais informações sobre o percurso e funcionamento do PNBE, conferir Marques (2013, p. 21-40).

De acordo com o livro do Ministério da Educação, *Literatura na infância: imagem e palavras*, de 2008, a seleção dos livros se orienta pelos seguintes critérios: 1) **Qualidade textual**, que avalia os aspectos éticos, estéticos, literários, além da estruturação narrativa e a escolha do vocabulário que respeite a faixa etária e que amplie o repertório linguístico da criança; 2) **Qualidade temática**, na qual são avaliadas a diversidade e a adequação dos temas que possam atender aos interesses das crianças pertencentes aos diferentes contextos sociais e culturais, assim como ao seu nível de conhecimento; 3) **Qualidade gráfica**, esse critério analisa o projeto gráfico. Ele deve ser capaz de motivar e enriquecer a interação do leitor. São observadas a qualidade estética das ilustrações e o uso de recursos gráficos adequados a criança na etapa inicial de inserção no mundo da escrita¹⁷⁰.

Após essa seleção, o FNDE verifica a habilitação das editoras, negocia os valores e assina o contrato para que os livros sejam produzidos. Pereira (2015, p. 17) nos diz que, após a produção, as obras passam pela aprovação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), para controle de qualidade. Somente depois de toda essa triagem os livros são distribuídos.

A distribuição pode ser feita diretamente das editoras às escolas ou, dependendo do tipo de acervo, das editoras a um centro para a formação das coleções e posterior envio para as escolas. O envio das obras é feito pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) e conta com o acompanhamento de técnicos do FNDE e das secretarias estaduais de educação. Em se tratando de escolas rurais, os acervos são entregues nas sedes das prefeituras ou das secretarias municipais de educação para que façam a distribuição.

5.2 Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ¹⁷¹

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, doravante FNLIJ, trata-se de uma “instituição de direito privado, de utilidade pública federal e estadual”¹⁷², sem fins lucrativos, de caráter técnico-educacional e cultural, com sede na cidade do Rio de Janeiro.

A FNLIJ é apresentada como tendo a missão de promover a leitura e divulgar o livro de qualidade para crianças e jovens, por meio de bibliotecas escolares, públicas e comunitárias, tendo como princípios: valorizar a leitura e o livro de qualidade; divulgar a

¹⁷⁰ Mais detalhes acerca da avaliação do CEALE, consultar Veigas (2013, p. 15). Para maiores informações acerca dos critérios de avaliação propostos nos editais, consultar Fernandes e Cordeiro (2012).

¹⁷¹ A pesquisa de Costa (2009, p. 54) destaca que a FNLIJ é constituída como uma seção brasileira do International Board Books for Young People (IBBY), que é uma associação que tem entre outros, o objetivo de possibilitar a publicação e distribuição de livros de qualidade para crianças e jovens. Esta associação já se faz presente, segundo a pesquisadora, em mais de sessenta países.

¹⁷² Disponível em: <http://www.fnlij.org.br/site/o-que-e-a-fnlij.html>. Acesso em: 09/04/2017

produção brasileira de livros de qualidade para crianças e jovens; contribuir para formação leitora dos educadores, bibliotecários ou pais e valorizar a biblioteca da escola e a pública, como *locus* para o processo democrático à cultura escrita e mantenedora da prática de leitura¹⁷³.

Segundo Costa, a FNLIJ

[...] trabalha, desde o seu surgimento, para preservar a memória da produção literária infantojuvenil brasileira e para divulgá-la nos âmbitos nacional e internacional, promovendo a interação com outros países. Além de divulgar a cultura brasileira no exterior, a FNLIJ também traz a cultura de outros países para o conhecimento dos brasileiros, através de títulos destinados ao jovem leitor, oriundo de diversas partes do mundo. (COSTA, 2009, p. 75).

A FNLIJ foi fundada em vinte e três de maio de 1968 e instituída pela Associação Brasileira do Livro, pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros, pela Associação Brasileira de Educação, pela Câmara Brasileira do Livro, pelo Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado do Rio de Janeiro, pela União Brasileira de Escritores e pelo Centro de Biblioteconomia.

Em 1974, necessitando de mais espaço, contou com o apoio do MEC e mudou-se para o Palácio da Cultura Gustavo Capanema, na cidade do Rio de Janeiro, onde permanece até hoje. Costa (2009, p.75) destaca que a FNLIJ permanece no prédio do Governo pelo fato de que não há nenhum outro órgão que realiza o trabalho feito por ela. A instituição se mantém com recursos mensais advindos de seus mantenedores, em sua grande maioria editores de livros, mas conta também com projetos em parceria com instituições privadas¹⁷⁴.

O prêmio FNLIJ foi criado em 1974, com a categoria “O Melhor para Criança”; atualmente, a premiação conta com as seguintes categorias: Criança (1974); Jovem (1978); Imagem (1981); Tradução- criança, jovem, informativo e reconto (1988); Informativo (1990); Poesia (1992); Revelação escritor (1992); Revelação Ilustrador (1993); Projeto editorial (1993); Melhor ilustração (1994); Livro brinquedo (1997); Teatro (1997); Teórico (1999); Reconto (2000) e Literatura de Língua Portuguesa (2005)¹⁷⁵.

Segundo Costa (2009, p. 60), a equipe de pré-seleção das obras é constituída por profissionais de diferentes áreas, como: ilustradores, professores, livreiros, bibliotecários e críticos literários. Há, segundo a pesquisadora, uma equipe que analisa a qualidade literária

¹⁷³ Disponível em: <<http://www.fnlij.org.br/site/o-que-e-a-fnlij.html>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

¹⁷⁴ Para maiores detalhes acerca dos projetos, consultar: <<http://www.fnlij.org.br/site/o-que-e-a-fnlij.html>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

¹⁷⁵ Costa (2009, p. 83-84) fornece mais detalhes a respeito das categorias.

das obras. Essa equipe organiza uma lista contendo os títulos selecionados e a encaminha aos críticos e professores de literatura infantojuvenil do país. As obras que recebem indicação para o primeiro lugar mas não obtêm premiação da FNLIJ, são consideradas “Altamente Recomendáveis”.

Os estudos de Costa (2009, p. 81) destacam que a FNLIJ se organiza em três acervos: Básico, cuja lista de livros é utilizada para orientar a compra de acervos por Secretarias de Educação, escolas e bibliotecas; Altamente Recomendável, que se trata de uma seleção feita a partir do Acervo Básico de aproximadamente dez livros por categoria, e o FNLIJ, que é a distinção máxima concedida aos melhores livros por categoria.

Esta mesma pesquisadora menciona também que a seleção e avaliação dos melhores livros para crianças e jovens é feita por especialistas em literatura, professores e bibliotecários que representam onze estados brasileiros e o Distrito Federal, destacando que a maioria dos livros premiados pela FNLIJ é de autores consagrados ou em ascensão.

Costa (2009) ressalta ainda que o prêmio concedido pela FNLIJ pode ser considerado um dos responsáveis pela visibilidade e prestígio que a literatura infantojuvenil brasileira alcançou e, além disso, contribui para a promoção da melhoria da qualidade deste gênero no país.

Pelo exposto, procuramos evidenciar, na tabela a seguir, os livros do autor Elias José que foram reconhecidos pela FNLIJ e selecionados para compor o acervo do PNBE ao longo de sua carreira.

Tabela 5 – Obras indicadas para o acervo do PNBE e reconhecidas pela FNLIJ

Instância de legitimação	Título/Data de publicação	Indicação/Data da seleção	Categoria
PNBE	1. <i>O fantasma no porão</i> (1979)	Acervo – 2002	Prosa
	2. <i>Primeiras lições de amor</i> (1989)	Acervo – 2009	Prosa
	3. <i>Quem lê com pressa, tropeça</i> (1992)	Acervo – 1999	Verso
	4. <i>As bailarinas e o pintor</i> (1997)	Acervo – 1999	Prosa poética
	5. <i>Bicho que te quero livre</i> (1998)	Acervo – 2010	Verso
	6. <i>O jogo da fantasia</i> (2001)	Acervo – 2010	Verso
	7. <i>Forrobodó no forró</i> (2006)	Acervo – 2009	Verso
	8. <i>Lua no brejo com novas trovas</i> (2007)	Acervo – 2010	Verso

Instância de legitimação	Título/Data de publicação	Indicação/Data da seleção	Categoria
PNBE	<i>9. O homem dos sete mil instrumentos e mil e uma alegrias</i> (2008)	Acervo – 2010	Prosa
	<i>10. Alice no país da poesia</i> (2009)	Acervo – 2011	Verso
	<i>11. O fabricante de ilusões</i> (2009)	Acervo – 2011	Prosa

Instância de legitimação	Título/Data de publicação	Indicação/Data da seleção	Categoria
FNLIJ	<i>1. Um pouco de tudo, de bicho, de gente e de flores</i> (1982)	Altamente Recomendável – 1982	Verso
	<i>2. Caixa Mágica de Surpresa</i> (1984)	Altamente Recomendável – 1985	Verso
	<i>3. Um Rei e seu cavalo de pau</i> (1986)	Altamente Recomendável – 1986	Verso
	<i>4. O jogo da fantasia</i> (1988)	Odylo Costa Filho de melhor poesia infantil – 1988	Verso
	<i>5. Segredinhos de amor</i> (1992)	Altamente Recomendável – 1992	Verso
	<i>6. Quem lê com pressa, tropeça</i> (1992)	Altamente Recomendável – 1992	Verso
	<i>7. Cantigas de Adolescer</i> (1992)	Altamente Recomendável para crianças – 1992 O melhor de poesia – 1992	Verso
	<i>8. Cantos de encantamento</i> (1996)	Altamente Recomendável – 1996	Verso
	<i>9. O que conta no faz-de-conta?</i> (1996)	Selecionado para Feira de Bolonha – 1997	Prosa
	<i>10. No balancê do abecê</i> (1996)	Selecionado para Feira de Bolonha – 1996	Verso
	<i>11. O mundo todo revirado</i> (1996)	Selecionado para Feira de Bolonha – 1996	Prosa
	<i>12. A cidade que perdeu seu mar</i> (1998)	Selecionado para Feira de Bolonha e Altamente Recomendável para o jovem – 1999	Prosa
	<i>13. Que confusão, seu Adão!</i> (2003)	Selecionado para Feira de Bolonha – 2004	Prosa poética
	<i>14. De olho nos bichos</i> (2003)	Selecionado para Feira de Bolonha – 2004	Verso
	<i>15. Histórias sorridentes de unhas e dentes</i> (2003)	Selecionado para Feira de Bolonha – 2004	Prosa

Instância de legitimação	Título/Data de publicação	Indicação/Data da seleção	Categoria
FNLIJ	16. <i>Aquarelas do Brasil</i> (2003)	Selecionado para Feira de Bolonha – 2004	Verso
	17. <i>Mínimas descobertas</i> (2003)	Acervo básico FNLIJ e selecionado para Feira de Bolonha – 2006	Verso
	18. <i>Ciranda brasileira</i> (2006)	Acervo básico FNLIJ e selecionado para Feira de Bolonha – 2006	Verso
	19. <i>Forrobodó no forró</i> (2006)	Selecionado para feira de Bolonha – 2007	Verso
	20. <i>Pequeno dicionário poético e humorístico ilustrado</i> (2006)	Selecionado para feira de Bolonha – 2007	Verso
	21. <i>Poesia é fruta doce e gostosa</i> (2006)	Selecionado para Bienal de Ilustrações de Bratislava – 2006	Verso
	22. <i>Mágica Terra brasileira</i> (2006)	Selecionado para feira de Bolonha – 2007	Verso
	23. <i>O casamento de Monalisa e Aleijadinho</i> (2010)	Selecionado para feira de Bolonha – 2011	Prosa

Fonte: dados produzidos e organizados pela pesquisadora.

Em relação ao PNBE, os dados apresentados na tabela mostram que os livros do escritor Elias José começaram a se fazer presentes no acervo do programa no ano de 1999, um ano após a sua implementação; no entanto, alguns deles foram produzidos em momentos anteriores à criação do programa, como é o caso das obras: *O fantasma no porão* (1979) e *Primeiras lições de amor* (1989). A obra *Bicho que te quero livre* (1998), esta terceira, lançada no ano da implementação do PNBE, foi selecionada para compor seu acervo doze anos após a primeira publicação. Esse fato demonstra, mais uma vez, a contemporaneidade dos temas em relação ao que se deseja para a escola, uma vez que essas obras foram selecionadas para as bibliotecas escolares nos anos de 2002, 2009 e 2010, respectivamente.

Outro dado presente na tabela que merece ser esclarecido se refere à obra *O jogo da fantasia*. Pode-se observar que este livro possui duas datas referentes ao primeiro lançamento - 1988 e 2001 – tendo sido reconhecida pelas duas instâncias em tempos diferentes. A edição de 1988 recebeu pela FNLIJ o prêmio Odylo Costa Filho de melhor poesia infantil nesse mesmo ano. É importante ressaltar que o Prêmio FNLIJ se trata da

distinção máxima concedida aos livros da categoria. Esta obra migrou em 2001 para a editora Paulus, e em 2010 foi selecionada para o acervo do PNBE¹⁷⁶.

O livro *Forrobodó no forró* (2006) também aparece duas vezes na tabela. Esta obra foi selecionada pela FNLIJ para o catálogo da Feira de Bolonha no ano do seu lançamento e, três anos depois, entrou para o acervo do PNBE para ser distribuído para as escolas.

Ao verificar o levantamento total das obras do escritor, pudemos constatar que dos cento e vinte e seis livros infantojuvenis que o autor produziu ao longo de sua carreira, trinta e dois foram reconhecidos por essas duas importantes instâncias de legitimação da produção literária infantojuvenil no Brasil, o que representa 25,4% da produção do escritor para esse público.

Dos onze títulos selecionados para o acervo do PNBE, verificamos quatro em prosa, um, o qual classificamos como prosa poética pelo fato de o autor se valer do ritmo e da musicalidade para compor a narrativa e seis em verso. Observa-se que a metade das obras do escritor selecionadas para o PNBE se apresentam em verso.

Dada a abrangência do PNBE em função do número de títulos que são distribuídos para as escolas públicas de todo o país, pode-se presumir que Elias José é um nome importante nessas instituições, uma vez que é grande a distribuição de suas obras entre elas.

No âmbito da FNLIJ, a produção do escritor também teve muitos destaques. Os dados da tabela revelam que o autor recebeu o selo de “Altamente Recomendável” em sete livros; teve uma obra contemplada com o Prêmio Odylo Costa Filho de melhor poesia infantil; onze títulos indicados para o catálogo da Feira de Bolonha¹⁷⁷ e um livro selecionado para a Feira Bratislava de Ilustrações¹⁷⁸. Observamos ainda, que três obras foram indicadas em duas categorias, são elas: *A cidade que perdeu seu mar* (1998) - Altamente Recomendável e selecionado para Feira de Bolonha; *Mínimas descobertas* (2003) - selecionada para o Acervo Básico e para Feira de Bolonha e, por último, *Ciranda brasileira* (2006) - selecionada para a Bienal de Ilustrações de Bratislava e para o Acervo Básico.

¹⁷⁶ Maiores detalhes sobre essa obra podem ser conferidos na seção seguinte.

¹⁷⁷ Essa feira ocorre todos os anos na cidade de Bolonha, na Itália. O evento recebe somente profissionais diretamente ligados à produção do livro para crianças. As exposições são organizadas em estandes nos quais diversos países expõem suas produções. No Brasil, quem organiza o catálogo e seleciona as obras é a FNLIJ (COSTA, 2009, p. 65).

¹⁷⁸ Trata-se de uma atividade proposta pela Board Books for Young People (IBBY), no intuito de reunir originais de ilustrações de livros infantis e juvenis. Esse evento concede diversos prêmios através de um júri internacional (COSTA, 2009, p. 65).

Em relação à categoria dos livros, os dados da tabela evidenciam que no âmbito da FNLIJ o autor se faz presente com dezessete obras em verso, cinco em prosa e uma em prosa poética.

Esse aspecto em particular confirma a importante contribuição do escritor, principalmente em relação à poesia. Importa mencionar ainda que uma das informações apresentadas nos cadernos do PNBE/2014¹⁷⁹, acerca dos livros inscritos, afirma que os textos em verso são os menos inscritos para o programa, levando a crer que a maioria dos autores ou até mesmo das editoras têm privilegiado a produção de livros em prosa. Esse dado demonstra uma considerável presença da poesia para crianças nas escolas por meio das obras de Elias José.

Para prosseguir com a discussão acerca da seleção e distribuição das obras que vão para as escolas, passemos para o próximo tópico.

5.3 O que propõem o PNBE e a FNLIJ? Um olhar para a materialidade de duas obras do autor

O texto quando escreve
 Escreve
 Ou foi escrito
 Reescrito?
 O texto será reescrito
 Pelo tipógrafo/ o leitor/ o crítico;
 Pela roda do tempo?
 Sofre o operador:
 O tipógrafo trunca o texto.
 Melhor mandar à oficina
 O texto já truncado

(Murilo Mendes)¹⁸⁰

Para responder à questão que intitula esta seção, na esteira da produção literária do escritor Elias José, faz-se necessário apresentar uma interlocução entre algumas obras desse autor à luz dos critérios de qualidade previstos pelo PNBE e FNLIJ na direção de tornar evidente que tipo de livros/leituras essas instâncias propõem para o leitor escolar.

É importante ressaltar que esse movimento de análise não tem a finalidade de atingir a totalidade dos livros do autor que foram selecionados e premiados por essas instituições, mas evidenciar os critérios de qualidade previstos e materializados no suporte de

¹⁷⁹ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15608-guia-ef-leituraforadacaixa-pdf&category_slug=maio-2014-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 10 mai. 2018.

¹⁸⁰ MENDES, Murilo. *Texto de consulta*, apud Lajolo e Zilberman (2017, p. 55).

alguns deles. Nessa direção, elegemos duas obras do escritor, a saber, uma obra em prosa e uma em verso. São elas: 1) *O fantasma no porão* (1979), por ter sido selecionada pelo PNBE para ser distribuída diretamente para os alunos levarem para casa, tendo sido apresentada com um formato diferenciado, que vale a pena ser evidenciado; e 2) *O jogo da fantasia* (1988), pelo fato de ter sido reconhecida pelas duas instâncias, ainda que em momentos diferentes.

Temos consciência de que as obras escolhidas para serem discutidas aqui constituem apenas uma amostra e que outras também poderiam contribuir para que essa leitura se tornasse mais significativa, entretanto a escolha de somente duas delas se deu em função dos limites e propósitos deste estudo.

Para início de conversa, é válido mencionar a pesquisa de Fernandes e Cordeiro (2012)¹⁸¹ para reiterar os critérios de avaliação do PNBE em relação à qualidade do texto e projeto gráfico. As autoras destacam que para serem selecionados, os livros devem ser fonte de expressão de sentimentos, valores, emoção, fantasia, movimento e ludicidade. O texto deve contribuir para a ampliação do vocabulário linguístico do leitor e as ilustrações, além de serem atrativas, devem ampliar as possibilidades significativas do texto.

Em relação à linguagem, apontam as pesquisadoras, os textos em prosa devem apresentar coerência, consistência narrativa, ambientação e ter cuidado com as variações dialetais, evitando preconceitos e estereótipos. Segundo elas, serão dispensadas as obras que apresentarem fortes didatismos, moralismos, preconceitos e estereótipos ou discriminações.

A pesquisa de Costa (2009, p. 181), por sua vez, apresenta em seu “Anexo 4” o documento da FNLIJ¹⁸² que versa sobre os critérios para a escolha dos livros. Entre eles, destacamos: “originalidade do texto e da ilustração, uso artístico e competente da língua e do traço”.

Assim sendo, debruçamos o olhar com base nos critérios: qualidade e originalidade do texto e das ilustrações e projeto gráfico, mencionados nas linhas acima.

A leitura atenta da obra *O fantasma no porão*¹⁸³ torna possível constatar que o escritor Elias José consegue escapar da perspectiva pedagógica e dos discursos que visam

¹⁸¹ Mais detalhes acerca dos critérios podem ser encontrados em Fernandes e Cordeiro (2012).

¹⁸² Regulamento do Prêmio FNLIJ. Art.7º § 2º

¹⁸³ Essa história é assim apresentada por Elias José na seção “O autor fala de sua obra” (2002b, p. 7): “Como nasceu esse *O fantasma no porão*? Pode deixar que para você eu conto. Um certo domingo, há um bom tempo, estávamos numa lanchonete meu irmão, sua mulher, seus dois filhos, Alexandre (apelidado Alex) e Samir, minha mulher e nossa única filha na época, Iara. Como o meu primeiro livro infantojuvenil tinha feito sucesso, minha cunhada quis saber por que eu não escrevia outros. Eu disse que teria que ter um bom assunto. Aí, para me motivar, ela me contou o que estava acontecendo em sua casa. Eles moravam em uma casa com porão e o barulho que vinha dele, à noite, era incrível, de assustar. Os meninos tinham certeza de que era um fantasma. O que era, eu não vou contar agora. Você vai descobrir no final do livro. Quando cheguei em casa, em vez de dormir, fui para a máquina de escrever (na época acho que poucos tinham computador, só algumas empresas).

impor valores e condutas. Nessa história, o autor traz para as narrativas cenas comuns da vida cotidiana e utiliza-se de muitos diálogos, o que o autoriza a fazer uso de uma linguagem próxima do leitor criança, permitindo a compreensão do texto por meio de sua própria leitura.

Esta narrativa, apresentada como uma novela, traz como protagonistas dois irmãos, Samir e Alex, que na tentativa de capturar um suposto fantasma muito barulhento que se escondera no porão da casa em que moravam, dão asas à imaginação e com isso criam diversas situações que causam grande tumulto, tanto na escola quanto na família. No final, o mistério do fantasma é desvendado, mas os barulhos no porão de vez em quando voltam. Samir e Alex tentam fantasiar, criar histórias sobre fantasma, mas não conseguem mais ter medo dele e não veem mais tanta graça.

Elias José nessa história não apresenta super-heróis, tampouco acontecimentos fantásticos, ele busca estimular a imaginação do leitor por meio das peripécias dos protagonistas para tentar descobrir e capturar o fantasma que visita o porão todas as noites. A cada capítulo, uma nova informação é fornecida ao leitor, que é conduzido a levantar novas hipóteses sobre o tal fantasma. O mistério é revelado somente no último capítulo, depois de muito suspense e travessuras.

Figura 11 – *O fantasma no porão* (2002) (Coleção Literatura em minha casa, v. 3)



Fonte: José (2002b, p. 14-15).

[...] Fiz todos entrarem na história, e até minha filha, que só tinha um ano e pouco. E a novela foi pegando fogo, com acontecimentos de aterrorizar”.

A imagem acima, referente às primeiras páginas do capítulo dois, apresenta um diálogo entre os primos Alex, Núbia, Samir e Luciana. Por meio desta leitura, podemos perceber que a linguagem empregada nos diálogos, apesar dos traços da cotidianidade, segue as normas da língua e não é puerilizada, mesmo quando a enunciação é feita pelas personagens crianças. É possível constatar essa característica também na fala do narrador, que possivelmente é um adulto, pela forma como se refere às personagens crianças da história. Esta forma de enunciar talvez seja uma das estratégias usadas pelo autor para aproximar a obra do seu destinatário – criança – na tentativa de estabelecer com ele um diálogo.

Importa lembrar que esta obra foi escolhida para compor a coletânea do projeto “Literatura em minha casa”, o qual direcionou os livros diretamente para os alunos de quarta série do Ensino Fundamental, hoje quinto ano. Cada aluno recebeu uma coletânea composta de cinco obras – poesia de autor brasileiro, conto, novela, clássico da literatura universal ou teatro. O objetivo dessa ação era promover o acesso desses alunos a obras da literatura nacional e estrangeira e favorecer as trocas entre os colegas e a família (FERNANDES; PAULA, 2015).

Nessa direção, para ser distribuída por meio da ação “Literatura em minha casa”, o projeto editorial teve que seguir os padrões determinados pelo edital do PNBE¹⁸⁴, a fim de baratear o custo final do livro, que teria uma tiragem muito grande, e de padronizar as obras que fariam parte desta coleção.

Segundo Fernandes e Cordeiro (2012), a editora deveria usar quatro cores na impressão da capa e uma cor para o miolo; no caso da capa dessa obra, apresentada na figura 12, percebe-se a presença das cores primárias – azul, amarelo e vermelho – e o preto, caracterizando o sistema de quadricromia que, segundo Dalcin (2013)¹⁸⁵, é a mistura dessas quatro cores para formar todas as outras, podendo representar redução de custo. Para o miolo foi escolhida a cor verde para as letras, o traço e a tonalidade do papel, tal como podemos visualizar nas figuras 10, 12, 13, 14, 15 e 16.

A encadernação, evidenciada na imagem da Figura 13, se assemelha à de uma revista – as folhas do miolo são grampeadas na página. Trata-se de um tipo de encadernação mais barata que não é indicada para volumes com muitas páginas, tampouco para obras cujo

¹⁸⁴ A pesquisa de Marques (2007, p. 67) aponta que o edital especificou minuciosamente os elementos que deveriam compor o projeto editorial das obras que fariam parte desta coleção, como: formato, material da capa, tipo de papel, impressão, tamanho da fonte, miolo, entre outros.

¹⁸⁵ Nota de rodapé 84, p.161.

papel é mais espesso¹⁸⁶. Percebemos que o papel da capa foi envolvido com uma película plástica para garantir a durabilidade do livro que possivelmente será bastante manuseado.

Figura 12 – Capa da obra *O fantasma no porão* (2002) (Coleção Literatura em minha casa; v. 3)



Fonte: José (2002b).

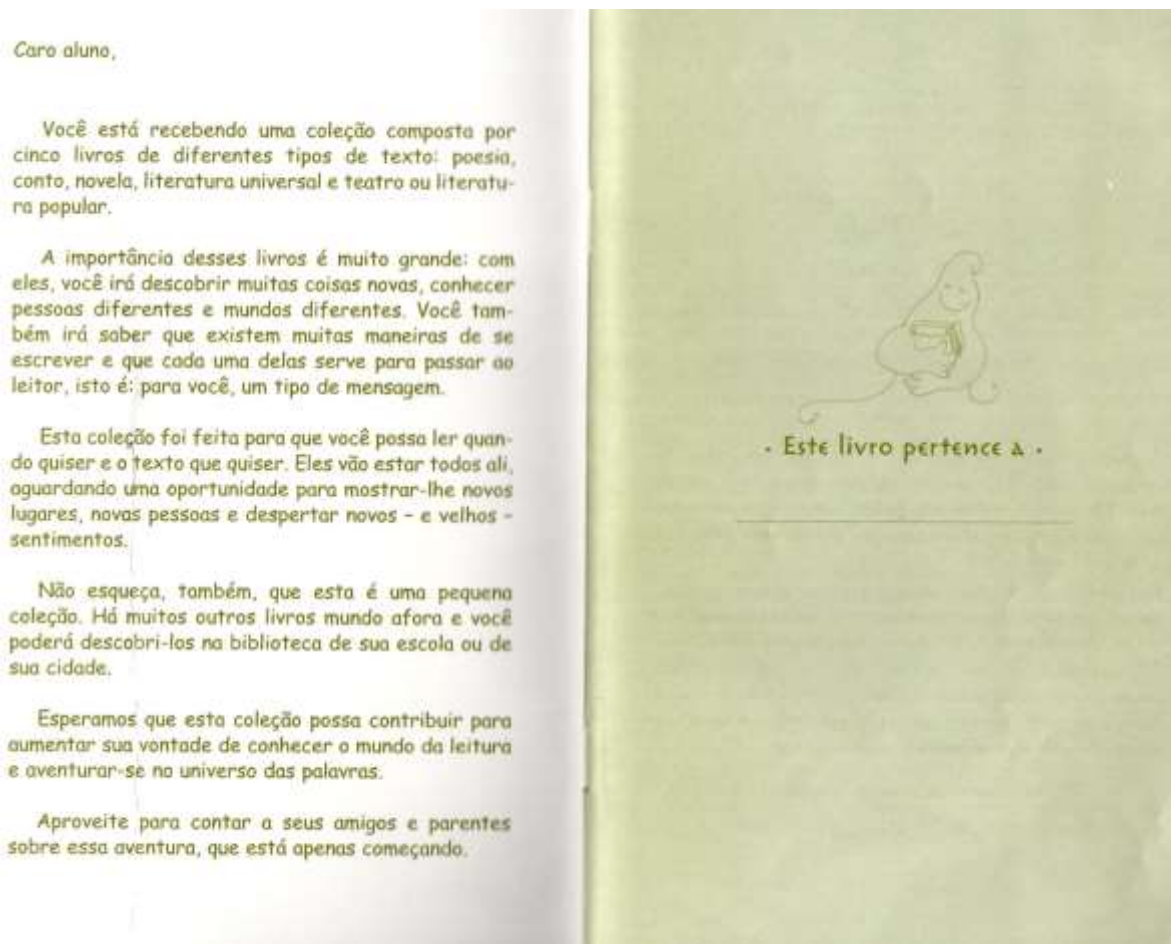
No verso da primeira capa há um informativo para o leitor, explanando sobre a importância da coletânea que ele está recebendo e das possibilidades de leitura que as obras lhe oferecem. Na página seguinte, há um espaço para o aluno colocar o seu nome, acompanhado da imagem de um fantasma – para contextualizar o tema da narrativa – abraçando o livro com uma expressão de carinho, mostrando que o livro agora é dele e que, portanto, deve ser bem cuidado.

Nas próximas páginas, a editora traz um recado, no qual sugere algumas formas de leitura e chama a atenção do leitor para observar o livro como um todo, ressaltando que tudo foi pensado para que ele possa se deleitar com a leitura.

¹⁸⁶ Disponível em: <<https://www.futuraexpress.com.br/blog/quais-os-tipos-de-encadernacao/>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

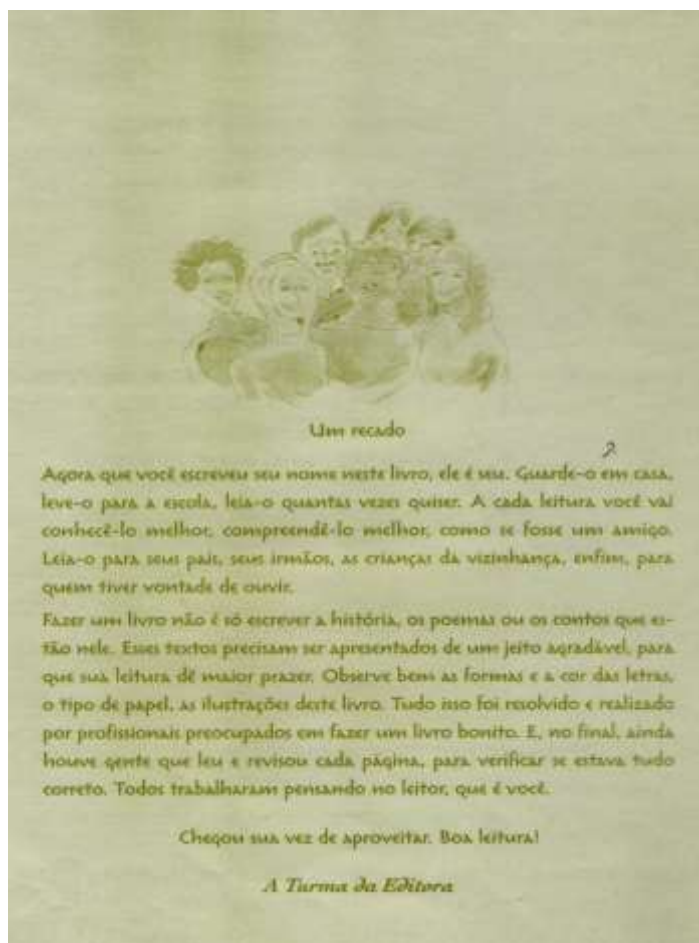
Essas informações podem ser verificadas nas Figuras 13 e 14.

Figura 13 – *O fantasma no porão* (2002). Segunda capa e folha de guarda



Fonte: José (2002b).

Figura 14 – *O fantasma no porão* (2002). Verso da folha de guarda



Fonte: José (2002b).

A história só começa depois que o autor apresenta a “história” de como surgiu essa “história”, seguida da sua biografia e da biografia do ilustrador. Todas essas informações contribuem para que o leitor contextualize a obra e conheça um pouco sobre os profissionais envolvidos na produção do objeto livro. Os episódios são curtos e permitem que a leitura seja feita aos poucos, podendo contemplar leitores mais diversos, ou seja, tanto os que têm fôlego para textos mais longos, como aqueles que ainda estão em processo de desenvolvimento da leitura. A leitura pode ser individual ou coletiva – com a família, para quem o livro foi destinado – mas seguindo a ordem sequencial dos capítulos, que são complementares.

As ilustrações lembram um traçado em rascunho (DALCIM, 2013, p. 156). Há sempre uma delas junto com os títulos dos capítulos, certamente para despertar a curiosidade do leitor e permitir a antecipação e o levantamento de hipóteses acerca do que será tratado. As demais que aparecem ao longo do texto, representam um trecho do capítulo e são dispostas

ora abaixo, ora acima ou nos cantos das páginas, complementando o texto e não concorrendo com ele. Muitas delas não possuem traços e formas precisos, talvez para reforçar o tom de mistério e provocar um clima de suspense, conforme se pode observar nas imagens a seguir:

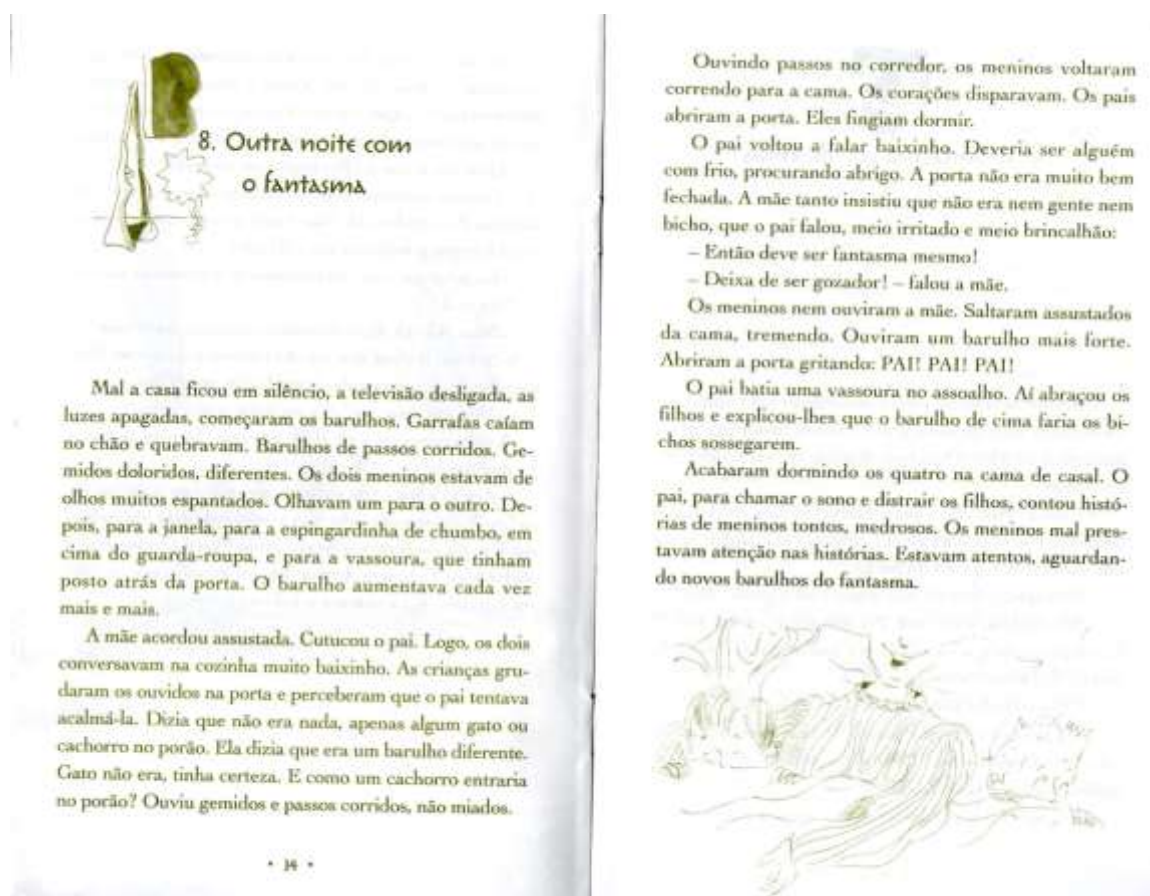
Figura 15 – *O fantasma no porão* (2002). Capítulo 1



Figura 16 – *O fantasma no porão* (2002). Capítulo 6



Fonte: José (2002b, p. 1; p. 28).

Figura 17 – *O fantasma no porão* (2002). Capítulo 8

Fonte: José (2002b, p. 34-35).

No que diz respeito às ilustrações, Costa destaca:

O que mais nos encanta e seduz ao olharmos uma ilustração não é ver o que estamos vendo. Na verdade, o que atrai não é necessariamente aquilo que o ilustrador fez. Por mais estranho que possa parecer, o que desperta o interesse do olhar é aquilo que supomos que estamos vendo. Em outras palavras: as sombras são muito mais reveladoras que as luzes. O que está indefinido na penumbra, o que não ilustrado, mas sugerido, essa imagem que se origina em nossa mente, em nosso passado, em nossa expectativa e a ansiedade de ver, sem dúvida é a que possui maior poder de pregnância no imaginário do pequeno leitor e, até mesmo, do leitor adulto. (OLIVEIRA, 2008, p. 27 apud COSTA, 2009, p. 145).

Na sequência, destacamos *O jogo da fantasia*, que diferentemente da obra que acabou de ser apresentada, não foi publicada para um projeto em especial, o que justifica as diferenças observadas em relação ao seu projeto gráfico. Como já mencionado, este livro foi lançado por duas editoras distintas, em tempos diferentes. As imagens abaixo mostram as capas dessa obra nos dois momentos em que ela foi lançada.

Figura 18 – *O jogo da fantasia* (1988).

Editora: Ebal
 Formato: 20 x 23 cm
 Páginas: 31

Figura 19 – *O jogo da fantasia* ([2001] 2015).

Editora: Paulus
 Formato: 27,5 x 21 cm
 Páginas: 39

Fonte: José (1988b, [2001] 2015a).

Percebe-se que a imagem estampada na capa do livro de 1988 procura estabelecer uma articulação entre realidade e fantasia, ao apresentar alguns elementos do mundo real - os quais o leitor verá que fazem parte das ilustrações do poema - entrelaçados numa situação não real, que é voar dentro de um chapéu que pode ser de bruxa, de fada ou de um mago, sugerindo ao leitor que libere a imaginação e entre nesse “jogo da fantasia” proposto pelo autor. Percebe-se que os dados de identificação livro - título, nome do autor, do ilustrador, da editora e até mesmo o prêmio recebido pela FNLIJ - são distribuídos pela capa como informações isoladas.

Percebe-se que na edição renovada a imagem da capa não constrói os dizeres do título; assim, inúmeros sentidos podem ser atribuídos pelo leitor no que se refere ao jogo e à fantasia destacado nas letras. É interessante notar que tanto o título como os nomes do autor, da ilustradora e até mesmo da editora não aparecem como uma informação à parte, eles compõem a ilustração.

As imagens das capas apresentadas evidenciam concepções de livro e de literatura infantil bem distintas e que podem ser confirmadas ao longo das páginas dos livros, pela diagramação dos textos, fontes e ilustrações, conforme imagens a seguir.

O livro editado pela Ebal (1988) conta com um projeto mais simples e, digamos, econômico. O livro foi produzido com papel poroso e sem brilho. No miolo foram usadas

apenas duas cores - vermelho e cinza - em tons claros e escuros, conforme evidenciado abaixo.

Figura 20 – Poemas do livro *O jogo da fantasia* (1988): “A força do sol” (p. 7) “Puxa: Fada e bruxa” (p. 5).



Fonte: José (1988b, p. 5; p. 7).

Pode-se presumir que esta forma de apresentação indicia uma concepção de literatura e de livro infantil e de leitor dessa época, que demonstra uma preocupação maior com as formas de dizer. Pode-se pensar também que talvez seja uma estratégia intencional da editora para reduzir o custo do livro para o consumidor final, como “fator de convencimento para compra” (DAIBELLO, 2013, p. 85).

Percebe-se, pelo parecer da FNLIJ impresso na quarta capa desta obra em questão, que ela foi reconhecida principalmente pela forma como o escritor apresentou nas letras o jogo e a brincadeira, próprios do universo da criança. O texto evidencia também a contribuição do autor para a literatura infantil em relação à poesia. Diz o parecer da FNLIJ:

Poesia, música e palavra. Imagem e ritmo, no dizer de Otávio Paz. Nada mais próximo da criança que o poeta, tradutor das emoções, percepções, mundo esboçado nos limites do inconsciente, um máximo de imaginário, um mínimo de discurso. A criança inventa de novo a língua, reinventa o verbo e entende como ninguém o jogo rítmico dos sons, o deslocamento do lúdico dos sentidos. Através desse prêmio concedido por um júri soberano e de renome, a FNLIJ insiste neste diálogo privilegiado com a infância, buscando estimular uma linha de produção ainda pouco expressiva no Brasil. (JOSÉ, 1988b, quarta capa do livro).

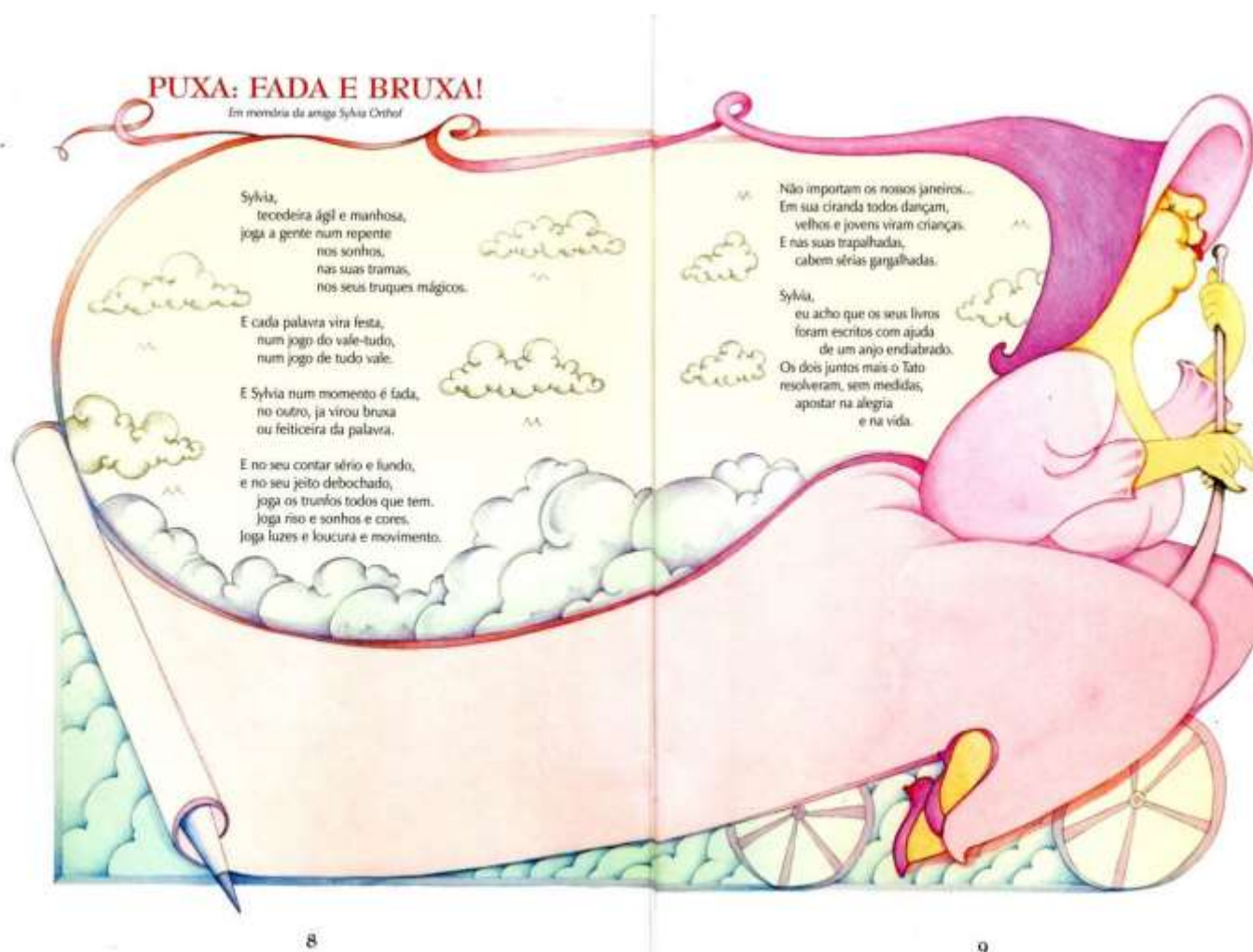
A edição publicada pela editora Paulus, em 2001, mostra uma grande preocupação com a imagem do livro, indiciada pela qualidade do papel¹⁸⁷, variedade e vivacidade das cores e pelo traço das ilustrações, que sugerem a complementariedade do texto e não somente a repetição deste pela imagem, concepção já enunciada na capa. As imagens a seguir podem confirmar o que acabamos de pontuar nessas linhas. Elas se referem aos mesmos poemas apresentados nas imagens anteriores.

Figura 21 – “A força do sol”. *O jogo da fantasia* (2001)



Fonte: José (2001, p. 11).

¹⁸⁷ Esta obra foi publicada em papel couché com brilho. Papel de alta qualidade muito usado na impressão de livros de arte. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Papel_couch%C3%A9>. Acesso em: 12 mai. 2018.

Figura 22 – “Puxa: Fada e bruxa!”. *O jogo da fantasia* (2001)¹⁸⁸

Fonte: José (2001, p. 8-9).

Há que se destacar que o avanço tecnológico trouxe mudanças não somente nas práticas sociais, mas também para o campo da literatura infantojuvenil, que para atrair um leitor que já começa a ter contato com a tecnologia, vê a necessidade de se apresentar de forma mais sedutora.

Nessa direção, os livros começam a ser apresentados em diferentes estilos e linguagens, num suporte atrativo. Importa salientar que desde 1981 a FNLIJ lança o Prêmio de Melhor Imagem, chamando a atenção das editoras para a necessidade de investir também no projeto gráfico, uma vez que o reconhecimento desta instância pode representar, além de prestígio, a venda por meio de programas e ações governamentais.

O que se lê nas palavras de Daibello (2013) é que a preocupação com a qualidade pode ser consequência do aumento da concorrência em função do elevado índice de oferta no

¹⁸⁸ Poema em homenagem à Sylvia Orthof, do seu livro: *Uxa, ora fada, ora bruxa* (1985).

mercado de livros. A respeito disso, a pesquisadora destaca que “quando o objeto livro passa a ser um produto menos raro e mais comum, criam-se novas estratégias no polo de produção para diferenciá-lo” (DAIBELLO, 2013, p. 90).

Podemos acrescentar a essa observação da pesquisadora supracitada, a já mencionada demanda escolar pelos livros de literatura infantojuvenil – cada vez maior – e os critérios de avaliação previstos pelas instâncias de legitimação, que prescrevem padrões de qualidade mais exigentes, em função de um leitor que também já não é mais o mesmo. Segundo Costa (2009, p. 148), a materialidade do livro é um fator de atração para o leitor – infantil ou adulto – e o mercado editorial se utiliza disso para ampliar o seu potencial de vendas.

Em *O jogo da fantasia*, o escritor reuniu vinte e oito poemas que abordam temas diversos¹⁸⁹. Alguns deles são construídos a partir do humor e da brincadeira, que surpreende o leitor ao provocar uma confusão com os sentidos das palavras. Segundo Costa (2009, p. 127), “muitas vezes a diversão acontece quando o sentido metafórico de algumas expressões é tomado pelo seu sentido literal, misturando duas possíveis leituras do texto”.

O trecho a seguir, retirado do poema “O bico do Galo”, é um exemplo que evidencia as características que acabamos de apresentar. A leitura deste fragmento nos permite observar o jogo de sentidos que o autor propôs com a palavra *bico*, que tanto pode indicar o bico do galo, quanto dizer que o galo é bom de conversa, no caso do primeiro e do quinto versos. No primeiro verso da terceira estrofe, a palavra *bico* pode remeter aos dois sentidos, já no terceiro verso desta mesma estrofe, o autor se posiciona no poema e emprega a palavra *bico* para dizer que ele deve se calar.

O Galo é bom de bico
e bica tudo o que vê.
O Galo, se abre o bico,
parece cantor de tevê.
[...]
O Galo é o Rei do Bico
e até coroa conquistou.
O terreiro vira um circo
quando começa o seu show.
[...]
O Galo... O Galo... O seu bico...
já nem sei mais o que dizer.
Vou ver se calo meu bico
pro meu verso não se perder.
(JOSÉ, 2001, p. 26).

¹⁸⁹ Os poemas são os mesmos nos dois livros, alguns mudaram a ordem de apresentação. Não vamos nos ocupar, neste estudo, em apresentar/analisar quaisquer mudanças ocorridas nos textos dos livros.

Esse jogo de sons e sentidos se repete nos demais poemas do livro, que com humor e poesia, permite ao leitor perceber que a palavra é também formada de sons e sentidos, não somente de formas e letras e que podem ser engraçadas, tristes ou belas.

A respeito da consideração apresentada no parágrafo anterior, diz Elias José ao leitor:

ENTRE NESTE JOGO

[...]

A poesia é o jogo da fantasia. Jogo feito de palavras plenas de sons, de cores, de gestos e cheiros. Palavras ásperas ou macias, quentes ou frias. Palavras leves e gostosas como um doce, suco ou sorvete (o sabor você escolhe) ou, às vezes duras, cortantes, azedas como limão ou amargas como jiló. Como a vida, as palavras são cheias de contrastes – e cheias de vida.

Ao ler este meu *O jogo da fantasia*, você verá como brinquei com as palavras, seus sons e sentidos. Aí, Cláudia Scatamacchia entrou no jogo, mostrando que, para ela, o gostoso é jogar com as imagens e cores. Se você ler e gostar, será ótimo para o autor e para a ilustradora. Mas se ler e der vontade de jogar, isto é, de brincar com as palavras e imagens, de recriar os poemas ao seu modo, de criar outras artes, será um prêmio. (JOSÉ, 2001, orelha do livro).

Os projetos gráficos das duas obras analisadas evidenciam finalidades e práticas diferentes. A versão apresentada da obra *O fantasma no porão* foi produzida em grande escala para ser distribuída gratuitamente para alunos de escolas públicas, o que justifica a intenção de redução de custo, sem perda da qualidade.

O jogo da fantasia, por sua vez, foi produzido para concorrer no mercado, por isso um projeto gráfico mais preocupado com a imagem, orientado possivelmente por um leitor diferente daquele do final da década de 1980. A essa forma de apresentação pode-se certamente associar a intenção da editora em atender os critérios das instâncias de legitimação, que são também garantia de venda.

É possível pensar, a partir da textualidade apresentada acerca das duas obras do escritor Elias José, que o PNBE e a FNLIJ consideram de qualidade e adequado para o leitor - criança ou jovem - um texto que lhes dê a oportunidade de se reconhecerem nele, interagir, criar novas situações e estabelecer sentidos múltiplos.

É importante ressaltar que esse texto deva ser apresentado num suporte, no qual as linguagens verbal e não verbal sejam complementares e contribuam para o desenvolvimento linguístico e estético do leitor em seus diferentes níveis de leitura e aprendizagem.

Percebe-se com isso a grande preocupação, primeiramente, em tornar o livro um objeto atraente para que o leitor, seduzido pelas cores, formas e imagens, queira manuseá-lo.

Em seguida, a preocupação é entrelaçar a linguagem, nas suas formas verbais e não verbais com os temas, motivando o leitor a aceitar o convite para a leitura.

6 ELIAS JOSÉ, MODOS DE PENSAR O LEITOR E A LEITURA: UM DIÁLOGO COM A ESCOLA

O presente capítulo foi construído na direção de cumprir com o segundo objetivo específico que envolve este estudo, que é o de apresentar as contribuições da produção literária do escritor Elias José no âmbito escolar.

Cumprir destacar primeiramente que a escrita desse capítulo se apoiará nos estudos da história cultural trazidos por Roger Chartier, cuja atenção estará voltada para “as estratégias que determinam posições e relações e que atribuem a cada classe, grupo ou meio um ser-apreendido constitutivo da sua identidade” (CHARTIER, 1990 p. 23).

Diante dessa observação, importa dizer que para compreender as contribuições do escritor Elias José no âmbito da educação optou-se por apresentar possíveis aproximações entre algumas de suas obras¹⁹⁰ com as demandas da escola. Para tanto, consideramos relevante fazer alguns apontamentos, quando necessário, acerca dos documentos oficiais (LDB e PCN)¹⁹¹ para delinear o percurso que se pretende seguir nesta reflexão a propósito do objetivo apresentado no primeiro parágrafo.

Vários caminhos podem ser trilhados para guiar esta reflexão, contudo, esse foi o escolhido, por possibilitar reflexões acerca das representações que permitem evidenciar as “operações intelectuais” (CHARTIER, 1990, p. 23) que são apreendidas e que podem definir o funcionamento de um grupo ou sociedade. Dito de outro modo, esse caminho possibilitou reconhecer nas obras do escritor Elias José traços de uma possível leitura que ele tenha feito dos documentos supracitados, uma vez que, além de escritor, ele foi também professor.

Nessa direção, serão apresentadas a seguir três categorias identificadas nos documentos supracitados e encontradas nas obras do autor, a saber: 1) Diversidade de temas; 2) Desenvolvimento da imaginação; 3) Práticas de alfabetização.

A respeito das especificidades e do trabalho com o texto literário o PCN de Língua Portuguesa ressalta que

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui

¹⁹⁰ É importante destacar que as obras presentes nas análises desta seção foram convocadas conforme as consonâncias que apresentavam com o que se pretendeu demonstrar.

¹⁹¹ Esses dois documentos já foram explanados nas notas de rodapé números 25 e 26, respectivamente, na página 47 deste estudo.

propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral do texto literário. (BRASIL, 1997, p. 29).

Dessa forma, há que se destacar que a análise que procuramos contemplar nesse capítulo vai na direção de evidenciar em que pontos essas obras puderam/podem contribuir com o que se espera da escola, segundo os documentos.

6.1 Elias José e a diversidade de temas: uma proposta interdiscursiva

No que diz respeito à diversidade de temas presentes em livros voltados para o público infantil e juvenil, Lajolo e Zilberman (2017) apontam os *Parâmetros Curriculares Nacionais* – PCN (1997) como um dos responsáveis por essa tendência. Segundo as pesquisadoras, temas como: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual e Temas locais passaram a fazer parte dos catálogos de editoras após a implementação dos PCN, sobretudo quando a intenção se volta para as “compras governamentais”, uma vez que tais temas, “ultrapassando o âmbito editorial, chegam às instâncias que os avaliam” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, p. 70). Para ilustrar esta afirmação, as autoras, nessa mesma obra, apresentam alguns pareceres, os quais foram parcialmente transcritos com a finalidade de que não fossem identificados autores e obras a que se referem. Segue um deles:

O livro corresponde de forma total ao tema transversal *diversidade cultural* permitindo que o professor, ao discutir com seus alunos questões de *imigração* e de *migração interna*, habilite-os a serem cidadãos plenos e responsáveis em um mundo globalizado que precisa aprender a respeitar a alteridade. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, p. 71).

Elias José, em 1984 – treze anos antes da criação dos PCN – lança *O herói abatido*¹⁹², pela editora Moderna. Em 2005 esta obra é reeditada pela Larousse com o título de *Amor sem fronteiras*, conforme já mencionamos¹⁹³. Nesse livro, o escritor traz para discussão a questão da emigração, do preconceito e da dificuldade em conviver com as diferenças. Segundo a entrevistada¹⁹⁴, nesta obra o escritor relata os obstáculos e o preconceito enfrentados pelos seus pais por terem decidido ficar juntos.

¹⁹² Esta é a história de Marta e Munir. Marta era filha de Tomás, um fazendeiro bem sucedido, e Munir filho de libaneses. Para Tomás, os libaneses ou turcos, como ele os chamava, não eram pessoas boas. Eram ladrões, segundo ele. Quando Marta e Munir se casaram, Tomás não compareceu à cerimônia e disse à filha que ele não a considerava mais como filha. Desde então nunca mais se viram, até que muito tempo depois Tomás adoeceu e mandou chamar a filha, o genro e os netos para se desculpar e falar do seu arrependimento.

¹⁹³ As imagens das capas dessas duas obras podem ser conferidas na página 88 deste estudo.

¹⁹⁴ Sílvia Monteiro Elias, esposa do escritor.

A leitura dessa história, em consonância com o Artigo 32 da LDB¹⁹⁵, que prevê a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores, permite promover discussões acerca da pluralidade de culturas presentes no nosso país, em função da emigração e também, acerca de valores éticos que envolvem, entre outros, o respeito para com o ser humano e à diversidade, conforme evidencia os fragmentos a seguir:

- Já sei a razão da briga de vovô e papai...
- Eu já consegui entender uma coisa... O problema é de raça e é também por isso que papai não gostava do apelido de Turquinho na escola. Não é?
- [...]
- ...ser turco não é ser ladrão nem desonesto. Os homens são bons ou maus, as raças são todas iguais.
- E o vovô não viu isso?
- Não viu por preconceito, por inveja, por influência dos outros, sei lá... Lá na cabeça dele, achava que turco era ladrão e que seu pai... (JOSÉ, 1984, p. 36).

Para abordar o tema sexualidade, o escritor apresentou ao seu leitor adolescente – em 1992, *Cantigas de adolecer*, reeditado com novo projeto gráfico no ano de 2005, pela mesma editora¹⁹⁶. Elias José dividiu essa obra em duas partes: na primeira, “Cantigas de Maria”, são apresentados vinte e nove poemas supostamente escritos por uma adolescente, Maria. A segunda parte, denominada “Cantigas de João”, contém vinte e um poemas escritos por João, um garoto nessa mesma fase.

Nesses poemas, os adolescentes Maria e João escrevem sobre as mudanças físicas pelas quais estão passando, sobre os desejos, o amor, os conflitos familiares, entre outras situações comuns no universo dos adolescentes, conforme se pode observar nos trechos abaixo.

Assim diz Maria, no poema “Primeiras vezes”:

Há dois anos escrevi um poema
sobre as sensações
do primeiro beijo na boca
e falhei.
Não consegui o doce calor
e a magia do fato.

Tentei tanto falar
da espera e da primeira vez
que o líquido quente e vermelho

¹⁹⁵ LDB 9394/96 - Seção III, Art. 32- IV (p.23).

¹⁹⁶ As imagens das capas dessas duas obras encontram-se no Anexo 6. Imagens pertencentes ao arquivo de fotos da família.

brotou do meu corpo,
 mas vulgarizei a marca maior
 do nascimento da fêmea.
 (JOSÉ, 1992a, p. 23).

João, no poema ‘Tempo’, diz:

Passou o tempo de roubar amoras,
 mangas, goiabas e mexericas
 no quintal dos vizinhos.
 [...]

Chegou o tempo de pensar em namoradas
 e sonhar com corpos e beijos
 que vivem mais nos poemas que no real.
 (JOSÉ, 1992a, p. 39-40).

Elias José trouxe também para sua poesia o retrato do Brasil – remetendo-nos aos temas regionais brasileiros –, nas suas diversas formas, apresentando lugares, paisagens, festas, rituais, entre outros, que serão apresentados nos fragmentos a seguir.

Em *Ciranda brasileira* (2006), disse o poeta no poema de abertura do livro, cujo título deu nome à obra:

Esta terra morena, doce e sonora,
 tem sido feita até agora,
 pelo amor da gente simples,
 pelo amor de homem e mulher,
 pelo amor da família,
 pelo amor da amizade,
 pelo amor da sua flora,
 pelo amor de sua fauna,
 pelo amor no encontro das águas,
 pelo amor que aquece e brilha.

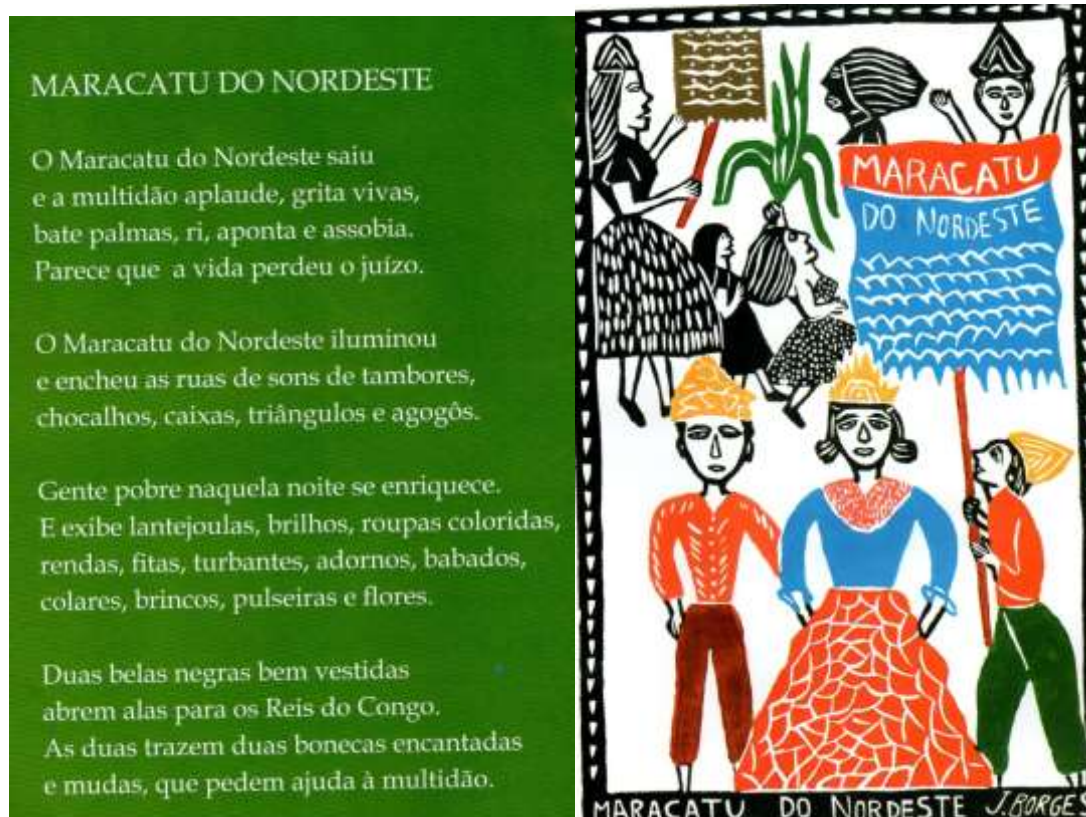
É um amor que se aflora
 em canções de todo tipo,
 em orações para tantos santos,
 em danças, festas e feitiços.
 Está aqui, ali, em todas as partes.
 (JOSÉ, 2006a, p. 5).

O escritor Elias José, para compor a sua *Ciranda brasileira*, inspirou-se, como já mencionado, nas xilogravuras de J. Borges¹⁹⁷. Esta obra oferece ao leitor a oportunidade de conhecer alguns aspectos da cultura brasileira por meio da apreciação de duas importantes

¹⁹⁷ A imagem da primeira orelha desta obra, na qual está contida a biografia do artista, se encontra no Anexo 7 deste estudo.

formas de expressão artísticas: a poesia e a arte por meio das xilogravuras, no traço de J. Borges, conforme se pode observar nas imagens a seguir.

Figura 23 – “Maracatu do Nordeste”. *Ciranda brasileira* (2006)



Fonte: José (2006a, p. 18-19).

Elias José em *Cantos de encantamento*, lançado em 1996 – antes ainda da publicação dos PCN, mas já em discussão do mesmo – apresentou belos poemas sobre as tradições, os personagens e os mitos do folclore brasileiro, uns conhecidos, outros nem tanto. Esta obra foi também dividida em duas partes: “Encantamentos da Terra” e “Encantamentos da Água”. Na primeira, o escritor apresentou, entre outros: Os sonhos do Saci, O Curupira, O negrinho do Pastoreio, Pedro Malasartes, As Cavalhadas, Os Caiapós¹⁹⁸ e oração de São Longuinho. Na segunda, foram apresentados Os feitiços da Iara, Iemanjá, Nossa Senhora Aparecida, etc.

¹⁹⁸ Trata-se de um costume europeu de organizar festejos com personagens caracterizados de indígenas. Há registros de que os Jesuítas, em 1619, criavam bailados em Portugal com figurações de Tapuias e Aimorés. Maiores informações disponíveis em: <<http://www.terrabrasileira.com.br/folclore2/e42caiapo.html>>. Acesso em: 18 mai. 2018.

Sobre a dança dos Caiapós, versou Elias José:

Hoje tem Caiapós
nas ruas da cidade.
Hoje tem Caiapós,
tem festa e novidade.
[...]

A música vem dos tambores,
das caixas, dos pandeiros,
dos reco-recos, dos passos
e das batidas na madeira
como só fazem, sem dó, os Caiapós.
[...]

É dança, é luta, é guerra,
é garra, é raio, é raça,
é pena de passarinho
e é roupa de sapé.
Hoje tem Caiapós
para alegrar a cidade.
(JOSÉ, 1996, p. 18-19).

A variedade de temas abordados pelo escritor, demonstrada pelas obras que foram tomadas como exemplo nessa seção, permite dizer que os livros do escritor podem ser convocados por diversas áreas do conhecimento como leitura complementar ou introdutória de algum assunto ou conteúdo formal.

Não queremos dizer que as obras foram produzidas para essa finalidade, ou que seja esse o propósito do texto literário, mas que o professor, por meio de uma interdiscursividade¹⁹⁹ com a literatura, pode abordar assuntos de ordem do conhecimento formal, por meio de um texto que acreditamos ter como propósito a fruição²⁰⁰, ainda que não se possa garantir que isso acontecerá, se esse mesmo texto for lido num outro momento, numa outra situação em que a leitura não esteja direcionada para algum fim. Segundo Barthes (2010, p. 9), a intenção do escritor – de fruição – não assegura o prazer do leitor, mas o espaço de fruição fica então criado. Nessa direção “não é a ‘pessoa’ do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma *imprevisão* do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo” (BARTHES, 2010, p. 9).

¹⁹⁹ Referimo-nos à interdiscursividade, entendendo com Fiorin que se trata das relações dialógicas entre enunciados e entre textos que não mostram o discurso do outro como fio condutor. Dito de outro modo, são relações “entre textos e não dentro dos textos” (FIORIN, 2008, p. 38), como é o caso das paródias, diz o pesquisador.

²⁰⁰ Barthes (2010, p. 8) diz que a melhor palavra para definir o termo fruição é “gozo, posse, usufruto”. Foi esse sentido que demos ao termo quando nos referimos a ele.

Uma vez que o texto literário permite diferentes formas de recepção e atribuição de sentidos, que dependem das experiências e vivências do leitor, podem certamente contribuir com o desenvolvimento de outras habilidades²⁰¹, as quais não serão tratadas nesse momento.

No que respeita ao trabalho com a interdiscursividade entre a literatura e os conteúdos que devem ser abordados em sala de aula, cabe citar Zilberman (1988) para dizer que introduzir a leitura – acrescentamos aqui a leitura de literatura – na sala de aula significa

[...] a recuperação do aluno com a obra de ficção. Pois é desse intercâmbio, respeitando-se o convívio individualizado que se estabelece entre o texto e o leitor, que emerge a possibilidade de um conhecimento do real, ampliando os limites – até físicos, já que a escola se constrói como um espaço à parte – a que o ensino se submete.

Com efeito é o recurso à literatura que pode desencadear com eficiência um novo pacto entre as crianças ou jovens e o texto, assim como entre o aluno e o professor. Pois, no primeiro caso, trata-se de estimular uma vivência singular com a obra, visando ao enriquecimento pessoal do leitor, sem finalidades precípua ou cobranças ulteriores. (ZILBERMAN, 1988, p.21).

Para encerrar esta seção é importante dizer que procuramos destacar a importância da literatura como meio e não como instrumento para a educação, como aponta Mortatti (2014, p. 31). Não tratamos aqui do ensino de literatura, mas de uma prática de leitura que pode ser realizada na escola a partir do texto literário, entendido aqui como um mediador de sentidos que ao mesmo tempo é capaz de produzir conhecimento e fruição.

Por essa via, trataremos a seguir da importância do texto literário para o desenvolvimento do imaginário como capacidade criadora.

6.2 A presença da brincadeira e da fantasia nas obras do escritor Elias José como possibilidade para o desenvolvimento da imaginação²⁰².

E o MENINO-SONHADOR sabia que era fácil domar a fantasia. Sabia que era soltar o sonho, ser moleque sem pernas presas, ser passarinho sem asas curtas e não ter freios na cabeça.

O menino sabia que NAS TERRAS DO FAZ DE CONTA só o sonho conta. Fio nenhum tem ponta. Rio nenhum é menor do que o mar.

E o menino descobriu coisa melhor: AS TERRAS DO FAZ DE CONTA seriam sempre suas, sem deixar de ser dos outros. Poderia viajar por elas quando se interessasse. Quando o chão de seu quarto, rua ou cidade ficasse

²⁰¹ Cabe destacar que quando falamos em habilidades, referimo-nos às práticas e conhecimentos que devem ser ensinados e aprendidos, e a escola é uma das “agências” privilegiadas, ainda que não a única, deste ensino e aprendizado. Nesse contexto, distanciamos-nos das teorias da inteligência e do desenvolvimento humano (como *competências*) ou das teorias do comportamento e da aprendizagem (como *habilidades*).

²⁰² Smolka (2009, p. 7, grifo da autora) aponta que “Vigotski enfoca e analisa a *imaginação* como uma formação especificamente humana, intrinsecamente relacionada à *atividade criadora* do homem”.

muito duro, seria hora de viajar. Descobriu que só o sonho conta, só sonho valerá NAS TERRAS DO FAZ DE CONTA. (JOSÉ, 2015b, p. 20).

Não abordaremos a imaginação como mecanismo psicológico, ou enquanto a capacidade de reelaboração cerebral. Dado o propósito e a limitação desse estudo, julgamos importante apresentar a imaginação como uma atividade criadora, que afetada pelos signos culturais – no nosso caso o livro de literatura – pode resultar na produção de algo novo, a partir de uma experiência. Nessa direção, Ana Luiza Smolka, em apresentação à obra *Imaginação e criação na infância*, de Vigostki, comenta que “[...] é na trama social, com base no trabalho e nas ideias dos outros, nomeados ou anônimos, que se pode criar e produzir o novo. Não se cria do nada. “A particularidade da criação no âmbito individual implica sempre, um modo de apropriação e participação na cultura e na história” (SMOLKA, 2009, p. 7).

Por esse viés, Cristofoleti e Ometto (2016, p. 67) destacam que “a experiência que temos com o mundo e a vivência com os outros humanos nos possibilitam espaços para criação e para invenção do novo”. Na sequência, as pesquisadoras apontam como desafio para a escola pensar as relações de ensino voltadas para a formação de pessoas criativas, destacando as brincadeiras e o faz de conta como exemplos de criação e, a partir dessa formulação, ressaltam “o importante papel que tem o professor e as condições sociais de produção de ensino e de acesso às formas culturais que são possibilitadas às crianças. Quanto mais rica for a experiência social e cultural, mais possibilidades essa criança terá de criação e de imaginação” (CRISTOFOLETI; OMETTO, 2016, p. 68).

O trecho a seguir, retirado do PCN de Língua Portuguesa, a respeito das “especificidades do texto literário”, sustenta e permite compreender as contribuições da literatura no desenvolvimento da capacidade criadora nas crianças.

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício da linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta. Ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano do imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais (ou mesmo não-verbais conforme algumas manifestações da poesia contemporânea). Pensar sobre a literatura a partir dessa autonomia relativa ante o real implica dizer que se está diante de um inusitado tipo de diálogo regido por jogos de aproximações e afastamentos, em que as invenções de linguagem, a expressão das subjetividades, o trânsito das sensações, os mecanismos ficcionais podem estar misturados a procedimentos racionalizantes, referências indiciais, citações do cotidiano do mundo dos homens. (BRASIL, 1997, p. 29).

Na esteira dessas considerações, apresentamos a seguir trechos retirados de algumas obras do escritor Elias José que podem sugerir um trabalho pedagógico com a leitura que vai em direção ao desenvolvimento da imaginação infantil.

Elias José, ao lançar *Um pouco de tudo de bichos, de gente, de flores* (1982), seu primeiro livro de poesia para crianças, procurou apresentar uma brincadeira por meio das letras, com as quais ele escreve, numa linguagem quase musical e bem humorada, os diversos sentidos das palavras em situações próximas do cotidiano dos leitores.

O trecho a seguir, retirado do poema “O girassol”, presente no livro supracitado, mostra o entrelaçamento de seres reais numa situação não real, demonstrando que por meio da linguagem é possível criar o impossível:

O girassol de minha rua,
numa noite sem dormir,
numa noite muito escura,
viu a lua sorrir.
[...]

O Sol, com tanta luz,
já não o seduz.
Vive quieto o dia inteiro
muito triste e cabreiro.

À noite se encanta,
enfeita-se, dança e canta.
E a lua também enfeitada
faz caprichos de namorada.

O girassol de minha rua
agora virou giralua.
(JOSÉ, 2013, p. 19).

No poema “O sapo e o jacaré”, do livro *Caixa mágica de surpresa* (1984), o autor brinca com os sentidos e os sons das palavras apresentando, por meio de um divertido trocadilho, que os sentidos das palavras não são únicos. Aqui o leitor descobre que com a linguagem também se joga:

O jacaré
num sopapo
acertou o papo
e pisou no pé
do pobre sapo.

O jacaré
jaca é.

O jacaré
já tá cá
e lá.
[...]

O sapo
pô
que barato!
O sapo, sô,
Só tem papo.
O sapo
tá no papo
e é gato
e sapato
- se é –
do jacaré.
(JOSÉ, [1984] 2017, p. 3).

Em *Um jeito bom de brincar* (2002), no poema que deu o nome à obra, Elias José apresenta a poesia como uma forma de brincar. Cada verso mostra de forma bem-humorada que a poesia está em toda parte e através dela pode-se também divertir.

Comeu muito? Teve azia?
Levou um pito da tia?
Tirou nota que não devia?
Caiu problema que não sabia?
BRINQUE DE POESIA.
[...]

A roda-gigante só tremia?
O seu gato só ronca e mia?
Viu um leão loiro na padaria?
Riu de um palhaço que não ria?
BRINQUE DE POESIA.
[...]

Quer rimar noite com dia?
Descobriu das palavras a melodia?
Gosta de embarcar na fantasia?
Cedo, tarde, noite, todo dia:
BRINQUE DE POESIA.
(JOSÉ, [2002] 2006c, p. 46-47).

Percebe-se, pelos trechos apresentados, que as características mais evidentes na produção do escritor Elias José dizem respeito aos temas do cotidiano e à linguagem próxima do leitor e muitas vezes lúdica, o que suscita a criação por meio da brincadeira e do jogo que nela se inscreve.

Nessa direção, é possível presumir que as representações que o autor tem das expectativas de leitura das crianças envolvem principalmente a ludicidade, a fantasia e a imaginação, com as quais ele entrelaça diversos temas.

A partir desta textualidade, pudemos pressupor que havia uma preocupação por parte do escritor Elias em deixar evidente nos livros as diversas possibilidades de leituras e práticas – entretenimento, aprendizagem, criação – para atrair o leitor, mas para atrair também o professor, para quem o livro de literatura pode ser também fonte de informação e aprendizagem. Este último aspecto se torna evidente quando falamos em alfabetização, sendo tratado a seguir.

6.3 Alfabetização e literatura infantil: importância e contribuições

Se digo a palavra MÁ,
de medo, me arrepio.
É uma palavra tão pequena,
mas se entra em cena,
dá um vazio!...

Mas se, num passe de mágica,
escrevo MÁ,
risco o acento e, no momento,
rabisco um R no final,
fico mudo e muda tudo.
É uma pitada de sal de nada,
mas a palavra MAR se agita,
e a natureza fica mais bonita.
E as águas vêm e vão, vão e vêm,
em som em sal em sol em cor
no corpo em festa.

Se me canso de nadar,
deito-me na areia e recomeço o jogo.
Escrevo MAR e um A no começo
e um AMAR muda tudo devagarinho....
[...]

Mas se de AMAR eu inventar outro jogo,
começando pelo fim,
uma RAMA brota e envolve toda a praia.
[...]

Depois jogo com as sílabas
e um ar arisco risca meu corpo.
E aí MARA aparece e me diz:
- Bom dia!
[...]

E a palavra MÁ sai da memória.
 E no jogo se mistura a fantasia:
 é mar,
 é ar,
 é rama,
 é amar Mara”.
 (JOSÉ, 2001, p. 4-5).

Não nos estenderemos nessa seção com discussões acerca de métodos de alfabetização. Seguiremos na direção de apresentar uma possível interdiscursividade entre a literatura infantil - por meio de algumas obras do escritor Elias José - com práticas alfabetizadoras, na perspectiva da concepção discursiva da alfabetização, no intuito de evidenciar as contribuições da produção literária do escritor também nesse âmbito.

A respeito da utilização da literatura nas práticas de alfabetização, Smolka ressalta que

[...] a literatura, como discurso escrito, revela, registra e trabalha formas e normas do discurso social; ao mesmo tempo, instaura e amplia o espaço interdiscursivo, na medida em que inclui outros interlocutores – de outros lugares, de outros tempos – criando novas condições e novas possibilidades de troca de saberes, convocando os ouvintes/leitores a participarem como protagonistas no diálogo que se estabelece. (SMOLKA, 2012, p. 111).

Em relação à alfabetização, o PCN de Língua Portuguesa destaca que “para aprender a ler e a escrever é preciso pensar sobre a escrita, pensar sobre o que a escrita representa e como ela representa graficamente a linguagem” (BRASIL, 1997, p. 56)²⁰³. Nessa direção, este documento destaca que se faz necessário oferecer atividades que permitam aos alfabetizandos a reflexão sobre o sistema alfabético e a correspondência grafema/fonema.

Por essa mesma via, é ressaltado no livro do *Pró-letramento: alfabetização e linguagem* que:

[...] para aprender a ler e a escrever com autonomia, o requisito indispensável é ser capaz de operar racionalmente com unidades sonoras de apreensão mais difícil – os fonemas – e com complexas relações entre os fonemas e o modo de representá-los graficamente. Por isso, tem-se considerado útil, nos primeiros momentos do processo de alfabetização, criar situações em que as crianças prestem atenção à pauta sonora da língua e operem, ludicamente, com unidades do sistema fonológico. (PAIVA et al., 2008, p. 27).

É fundamental observar, a partir desta perspectiva, a reflexão de Cagliari (2009, p. 145) acerca do processo de alfabetização. Segundo esse pesquisador, deve-se levar em conta

²⁰³ Fascículo 1.

no processo de aquisição da leitura e da escrita, que a leitura não deve ser trabalhada de maneira artificial, silabada, sem ritmo e sem entoação, mas levando em conta as latências na produção da fala, cujo mecanismo é de natureza fonética. Para tanto, destaca o autor:

Uma criança pode começar ouvindo histórias, aprendendo a decifrar os sons das letras (no seu dialeto e no da escola) em diversos contextos (palavras diferentes), e se pôr a ler pequenos textos de cujo conteúdo já tem conhecimento (já ouviu) ou que sabe de cor, como canções, provérbios, adivinhações, etc. Se esse tipo de atividade for intensificado, a criança passa a ter um outro tipo de contato com a escrita, que não é simplesmente um jogo de montar e desmontar sílabas e palavras. Terá a vantagem de adquirir uma visão mais real do que a escrita é e de como funciona, o que lhe facilitará inclusive o aprendizado da própria forma ortográfica. Aprendidos os primeiros segredos da leitura, as crianças ficam ávidas por ler e na grande maioria dos casos, frustram-se pela falta de material de leitura. (CAGLIARI, 2009, p. 147-148). O que interessa ressaltar em relação às obras do escritor Elias José a partir desses apontamentos é que elas oferecem ao professor oportunidade para realizar um trabalho com a leitura e com a escrita que não seja somente o de decodificação e reprodução, mas o de descoberta dos sons e dos sentidos das palavras por meio da brincadeira, do ritmo e da sonoridade que se fazem presentes nos poemas que o escritor direcionou ao leitor infantil.

Observa-se que no poema da epígrafe, por exemplo, Elias José brinca de formar palavras a partir da sílaba MA. Ao utilizar a sílaba nas palavras mar, ar, rama, amar e Mara, em um texto que privilegia a produção de sentidos pelo leitor, o autor não se descuida de promover a discriminação dos sons da fala através de uma lista de palavra que apresentam repetições de sílabas (LEMLE, 1994). A leitura desse poema possibilita que o pequeno leitor, no movimento de brincadeira com as palavras, vá tomando “consciência dos sons da fala com suas distinções relevantes na língua” (LEMLE, 1994, p. 10).

Segundo Cagliari,

[...] além, de ter um valor técnico para alfabetização, a leitura [nesse caso] é ainda uma fonte de prazer, de satisfação pessoal, de conquista, de realização, que serve de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar. (...). Se substituirmos essa leitura por textos mal escritos, enfadonhos, estranhos, o que vamos esperar delas depois? (CAGLIARI, 2009, p. 148).

A partir desse pressuposto, equivale dizer que a aprendizagem da leitura e da escrita deve ser um processo interessante para a criança, ao qual se deve entrelaçar ludicidade e ensino. Nessa direção, pôde-se observar que Elias José procurou demonstrar que o livro pode ser um brinquedo e que com as palavras também se pode jogar.

Os trechos apresentados a seguir foram retirados de algumas obras de poesia do escritor. Por meio deles, podemos observar a forma como Elias José mesclou a dimensão lúdica em seus poemas, através da brincadeira com os sons e os sentidos das palavras.

No ano de 1992 foi lançado o livro *Quem lê com pressa tropeça, O ABC do trava-língua*. Nessa obra, o escritor se vale de uma brincadeira folclórica chamada de trava-línguas, para apresentar vinte e três poemas, um para cada letra – exceto k, y, w – seguindo a ordem do alfabeto. Os poemas são engraçados e curtos, o que possibilita a sua memorização e posterior reconhecimento e identificação de algumas palavras, conforme mostram os exemplos abaixo.

A cara da Cora
quando cora
deixa claro
que mais clara]do que a cara
da cora
só a cara
da clara Clara.
(José, 1992, p.5)

O que há,
o que há,
com o agá
que a gente sabe
e vê que há,
mas na hora de falar
nem parece que há?
(José, 1992, p.10)

A jandaia
do seu Janjão]se juntou com a juriti
do seu Jurandir
e comeram todo o jacá
de jaca
que ia
para Jundiaí.
(JOSÉ, 1992, p.12).

Pode-se observar, nas imagens a seguir, que as letras do alfabeto são apresentadas com formato de letras capitulares²⁰⁴ e indiciam se tratar do título do poema. Presumimos ser

²⁰⁴ Letras capitulares começaram a ser usadas na Idade Média. Naquela época a imprensa ainda não existia e todos os livros eram reproduzidos à mão, principalmente pelos padres da Igreja Católica. O termo *capitular* deriva de *capítulo*, pois eram geralmente no início deles que as capitulares eram reproduzidas. Os desenhos que compunham as capitulares receberam o nome de *Iluminuras*, as quais são extremamente decoradas e rebuscadas. Ao longo da Idade Média, o ofício de criador de capitulares era muito importante, pois praticamente todos os livros do período continham estas letras. Hoje em dia as capitulares não são tão utilizadas quanto na Idade Média, porém elas ainda representam imponência e tradição. Atualmente, este tipo de letra é empregada em convites mais formais, jornais, boletins informativos e sem dúvida dão um ar

uma estratégia para chamar a atenção do leitor tanto para o formato da letra quanto para a ordem em que são apresentadas no alfabeto.

Figura 24 – *Quem lê com pressa tropeça* (1992).



1ª edição: 1992
 Editora: Lê
 Formato: 20,5 X 20 cm
 Páginas: 27

Fonte: José (1992b).

Figura 25 – Poemas “A” e “B”. *Quem lê com pressa tropeça* (1992).



Fonte: José (1992b, p. 3-4).

Em *Lua no brejo* (1991) Elias José criou alguns poemas em intertextualidade com determinadas cantigas comuns e bem conhecidas no universo da criança. Podemos presumir que esta tenha sido uma estratégia para facilitar a apropriação do texto pelo leitor, que já familiarizado com a canção original pode memorizar mais rapidamente esta que lhe é apresentada, tendo condições de levantar hipóteses de leitura acerca de algumas palavras que se repetem nos dois textos.

Da canção de ninar “Boi da cara preta”, Elias José produziu “Acalanto”:

Boi, boi,
boi do Pará
vem pegar esse neném
que não quer se calar.
[...]

Boi, boi
boi da Bahia,
vem pegar esse neném
que gosta da titia.
[...]

Boi, boi,
boi não sei de onde mais
não pega mais o neném
que ele já dorme em paz.
(JOSÉ, 1991, p. 8).

“Coisas esquisitas” foi inspirado em “Eu vi uma barata”:

Eu vi a barata
na careca do vovô.
Assim que ela me viu,
bateu asas e voou.

Eu vi a abelha
no nariz da vovó.
A abelha olhou, olhou,
não picou, pois teve dó.
[...]

Eu vi um jacaré
deitado na rede.
O bocão não me mordeu
porque era quadro de parede.
(JOSÉ, 1991, p. 9).

A partir de “Atirei o pau no gato”, Elias José produziu “História embrulhada”:

Atirei o pau
no gato-tô
mas acertei no pé
do pato-tô

Dona Chica-ca
admirou-se-se
do berro, do berro
que o pato deu.
[...]

O gato, muito esperto-tô,
caiu fora da jogada-da.
E eu, um pato-tô
leveí paulada-da.
(JOSÉ, 1991, p. 11).

A respeito das contribuições do autor na área da alfabetização, é importante mencionar a coleção que ele produziu com o propósito de os livros serem usados em turmas de alfabetização²⁰⁵. Cada livro contém uma pequena narrativa na qual o escritor explora a sonoridade das palavras e apresenta diversos temas, como: animais, pessoas, lugares, personagens do mundo do faz de conta, do folclore brasileiro, entre outros.

Os trechos a seguir, retirados de alguns livros desta coleção, demonstram que o escritor aborda assuntos que permitem a interdiscursividade com outros textos que são normalmente utilizados na educação infantil como recurso para alfabetização. Em *As histórias e os lugares* (2005)²⁰⁶, o professor pode explorar os vários ambientes e lugares mencionados na história por meio de outras imagens, estimulando a escrita dos seus nomes e a produção de outras narrativas a partir deles, ainda que como escriba. Assim escreve o autor nesse livro:

Vivo numa cidade que tem de tudo.
Nela eu nasci, cresci e estudo.
[...]
(JOSÉ, 2005a, p. 2).

A minha cidade tem uma praça
florida, alegre, uma graça!

²⁰⁵ Segundo a entrevistada (esposa do autor), esta coleção, inicialmente produzida pela Nova Didática, não agradou ao escritor pelo fato de os textos não terem sido apresentados em letras bastão. Elias José solicitou que as obras publicadas pela Nova Didática fossem recolhidas e imediatamente fechou contrato com a Paulus, que os editou com letra bastão, conforme exigiu o escritor. Conferir imagens no Anexo 5.

²⁰⁶ O personagem protagonista é o que narra a história na primeira pessoa. Ele inicia falando do lugar em que vive, das características desse lugar e depois começa a citar outros lugares do Brasil, apresentando também suas características e, no final, propõe ao leitor que fale dos lugares que quiser.

Na escola, eu descobri um dia
que a leitura é aprendizado com alegria.
[...]
(JOSÉ, 2005a, p. 5-6).

De que lugares você vai falar,
agora que a palavra vou lhe dar?
(JOSÉ, 2005a, p. 32).

O que você lê ali? (2006) é um convite ao manuseio e à leitura de diversos tipos de materiais impressos, assim como a reflexão acerca de suas funções e usos.

O menino já sabe ler.
Que alegria! Que prazer!
[...]
(JOSÉ, 2006b, p. 2).

Olha ao redor e escuta.
Tudo fala a mesma coisa
ou uma coisa diferente...

Como fala o papel de bala...
Como fala o remédio do pai...
Como fala a conta de água...

Como fala o bilhete da avó...
Como fala o aviso da professora...
Como fala o muro da escola...
[...]
(JOSÉ, 2006b, p. 4-5).

Acha sempre a palavra bonita e colorida...
E enche o primeiro caderno de sua vida.
[...]
(JOSÉ, 2006b, p. 11).

Curtindo as palavras, chega fácil ao Z.
E você, o que vê ali?
(JOSÉ, 2006b, p. 14-15).

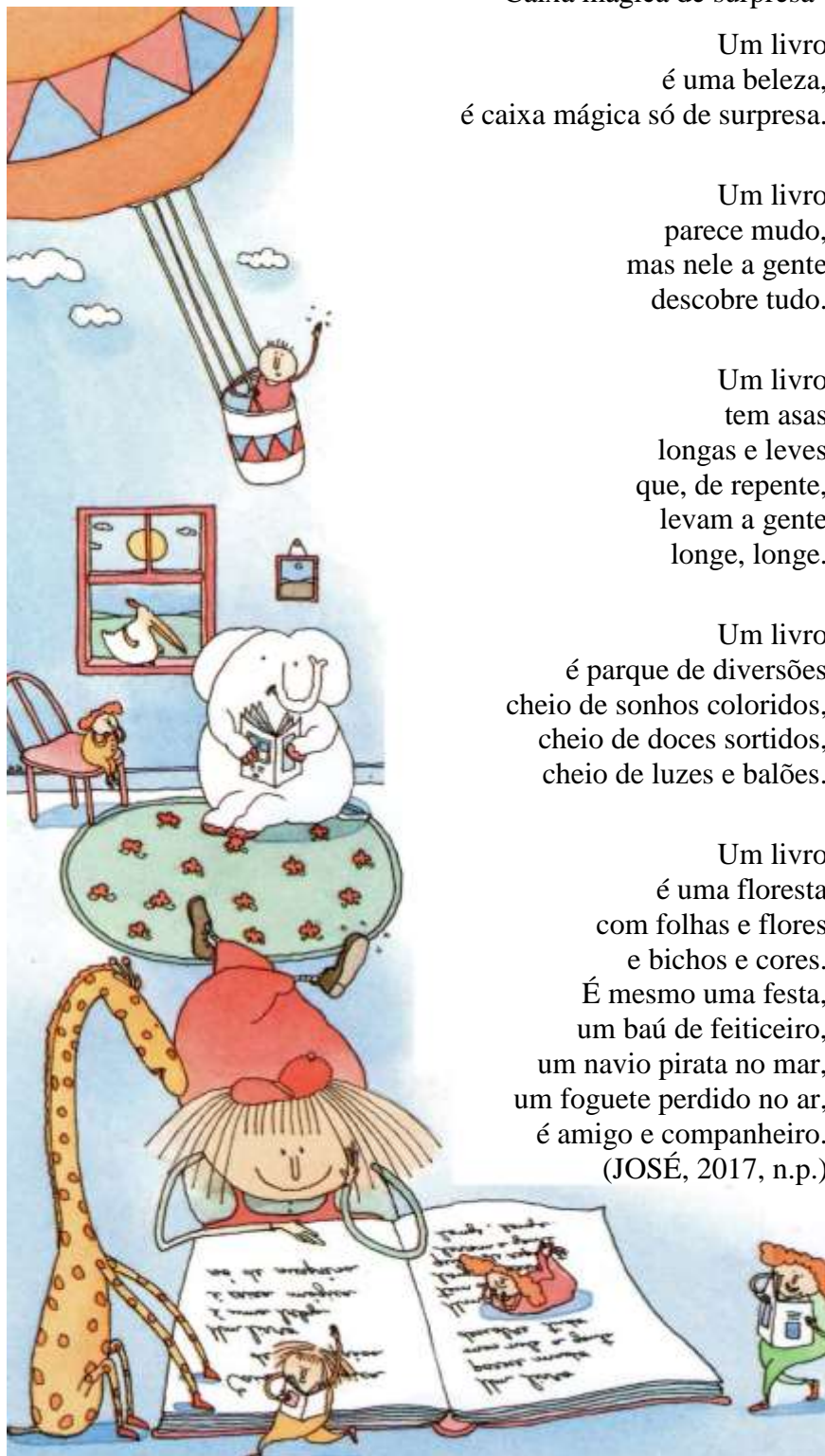
Não vimos necessidade de estendermos esta escrita com mais exemplos, por acreditar que os dados apresentados tenham sido suficientes para apresentar a relevância e as contribuições do escritor Elías José também no processo de alfabetização.

Pudemos perceber no percurso desta escrita a preocupação do autor com a dimensão do lúdico e da imaginação em seus textos, que por fazerem parte do universo infantil, são capazes de atrair e cativar as crianças, promovendo além do aprendizado, o

contato prazeroso delas com o texto literário, tornando possível o desenvolvimento do gosto pela leitura.

O que queremos colocar em destaque não diz respeito à “utilidade” dessa produção no âmbito da educação, mas à maneira pela qual o escritor Elias José buscou operar com a linguagem, levando em conta os temas e as formas de dizer, sobretudo para as crianças, que podem aprender por meio daquilo que lhes é caro e sério, a saber, a brincadeira, o jogo e o faz de conta, ligados ao processo de desenvolvimento da imaginação e criação na infância.

7 SOBRETUDO UM PONTO DE PARTIDA



“Caixa mágica de surpresa”

Um livro
é uma beleza,
é caixa mágica só de surpresa.

Um livro
parece mudo,
mas nele a gente
descobre tudo.

Um livro
tem asas
longas e leves
que, de repente,
levam a gente
longe, longe.

Um livro
é parque de diversões
cheio de sonhos coloridos,
cheio de doces sortidos,
cheio de luzes e balões.

Um livro
é uma floresta
com folhas e flores
e bichos e cores.
É mesmo uma festa,
um baú de feiticeiro,
um navio pirata no mar,
um foguete perdido no ar,
é amigo e companheiro.
(JOSÉ, 2017, n.p.)

Nesta pesquisa nos propusemos apresentar o escritor Elias José, inventariar a sua produção literária e organizá-la cronologicamente. Para este empreendimento foi necessária a constituição de um arquivo a partir do levantamento de dados em fontes primárias, por se tratar de um estudo sobre o referido autor e sua produção, que ainda não havia sido realizado.

A questão que norteou a presente pesquisa foi retomada, ao longo desta escrita, por meio das seguintes perguntas: quais e quantas são as obras produzidas pelo autor Elias José nos diferentes momentos históricos de sua produção? Que contribuições elas trouxeram para a escola?

Para responder a questão acerca da produção literária do escritor e compreender as suas contribuições para a escola, observamos que seria importante delimitar nosso *corpus*, privilegiando as obras de literatura infantojuvenil. Diante disso, indagamos também: como Elias José se constituiu escritor de livros infantis? O que ele produziu? Em que contextos? Como esse autor se fez presente no cenário da literatura infantil no Brasil?

Importa destacar que este trabalho apresentou algumas das inúmeras possibilidades de se olhar para esta produção a partir do referencial teórico-metodológico que assumimos para realizar a pesquisa e formular as reflexões até esse ponto registradas.

Assumimos que ainda há muito que dizer a respeito do escritor e de sua produção em relação a uma produção literária e ao campo da literatura infantil como um todo, contudo consideramos sobre o que fomos capazes de produzir e formular a partir das questões que nos nortearam.

Primeiramente, cabe salientar que as fontes documentais a que este estudo teve acesso fazem parte de um arquivo de documentos catalogados pela família do escritor, o qual inicialmente remeteu a uma visão de totalidade; no entanto, após uma consulta mais detalhada, nos deparamos por um lado com algumas ausências e por outro com uma abundante fonte de documentos. Tais documentos indiciam uma concepção de memória por parte da família, assim como o desejo de reunir aquilo que gostariam que fosse preservado a respeito do escritor e de sua obra.

Assim, tanto a escrita da biografia do autor como a elaboração dos dados do arquivo das obras – inventário – resultaram da seleção e da leitura dos documentos, nas quais o que estava em jogo era “um processo de re-construção, de interpretação” (BARBOSA FILHO, 2016, p. 31), o que atribui a essa escrita o ponto de vista de uma terceira pessoa.

Barbosa Filho nos traz uma importante observação acerca da relação do pesquisador com o documento:

Mas se o próprio do documento é estar nesse limite entre a narração, o relato e a escritura do acontecimento ou de uma fala consignada, que espaço de objetividade é esse que podemos demandar do documento? No fim das contas, isso configura um ponto de vista muito particular a respeito da relação/articulação entre arquivo, história e acontecimento que tem como fundamento opacizar a relação entre o acontecimento e as suas formas de textualização. E nesse sentido é interessante pensar que a contingência do acontecimento é paralela à contingência do arquivo, do documento: o que não acontece não é inscrito e, ao mesmo tempo, nem tudo que acontece é escrito. Isso significa que existe uma espessura específica do *acontecer*, principalmente para certas instituições e espaços de textualização. Essa dimensão é sintomática do arquivo como produto de uma coação do fato e não como um epifenômeno textual do acontecimento. É fundamental, portanto, opacizar a relação entre o arquivo, língua e acontecimento, dando visibilidade à historicidade do arquivo. (BARBOSA FILHO, 2016, p. 31, grifo do autor).

Nessa direção, a leitura feita dos documentos do arquivo construído para este trabalho permitiu apresentar o processo de produção do escritor e ter acesso à sua obra, o que nos permite pressupor, dentro da perspectiva de Roger Chartier, os ideários que podem dar o tom a uma produção literária em função do contexto e das representações que os produtores do livro (autor, ilustrador, editor) têm de seus interlocutores - crianças, professores, escola, instâncias de legitimação e mercado.

Procuramos compreender as contribuições de Elias José no âmbito da literatura infantil e escolar através das análises de alguns livros e da leitura das tabelas as quais apresentam os dados gerais das obras do escritor.

Ao analisar o conjunto da produção de Elias José, consideramos que se trata de um escritor que queria se fazer presente no campo da literatura como um todo. No entanto, a maior parte de sua produção foi direcionada para o público infantil. O volume e a periodicidade evidenciados nas tabelas acerca da sua produção infantil - cento e vinte e seis obras produzidas em trinta e dois anos (1976-2008) – apontam para um escritor que optou por se fazer presente principalmente no âmbito da literatura para crianças²⁰⁷.

Foi possível constatar que a obra do autor é marcada por uma grande diversidade de temas que abordam principalmente as situações cotidianas do leitor, seja ele jovem ou criança, como exemplo: meio ambiente, cultura brasileira, relações pessoais e familiares, escola, preconceito, sexualidade e, sobretudo, o faz de conta e as brincadeiras por meio do jogo com os sons e os sentidos das palavras.

²⁰⁷ As tabelas que apresentam a quantidade de obras produzidas pelo escritor ao longo de sua trajetória podem ser consultadas no Anexo 2B.

Nessa direção, há que se destacar que uma característica marcante dessa produção é o diálogo que o escritor estabelece com as demandas educacionais, trazendo para sua produção temas e formas de dizer que permitem um trabalho interdiscursivo. Face aos dados apresentados, podemos dizer ainda, que o escritor procurou entrelaçar literatura e ensino com a preocupação de não descaracterizar a primeira.

Elias José falou em várias entrevistas que sua inspiração vinha das lembranças da infância e dos fatos do cotidiano para compor seus poemas e suas histórias. Esta afirmação demonstra o quanto uma produção – nesse caso o livro - é portadora dos elementos sociais que são constitutivos do seu autor. Segundo Bakhtin, “o discurso escrito é parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.” (BAKHTIN, 2009, p. 128).

Diante disso, podemos dizer que as consonâncias observadas entre as obras do escritor Elias José com a escola nada mais são que ecos das vozes do menino, do professor de Ensino Fundamental, Médio e Universitário, do diretor da Escola Básica, do marido, do pai e do cidadão comum.

Deparamo-nos com uma produção que ora se volta para as crianças, trazendo a fantasia, o jogo, a brincadeira e o humor, e ora para os adolescentes, com temas referentes às angústias e aos conflitos próprios desta idade. Podemos dizer ainda, que essa produção pode se voltar também para os professores, quando buscam a interdiscursividade entre o texto literário e algum conteúdo escolar.

Percebemos que se trata de uma produção que pressupõe práticas de leituras diversas. Em algumas situações, a leitura pode ser focada na prática de ouvir/contar histórias, a partir dos textos em prosa nos quais o autor privilegia o faz de conta e a imaginação; nas obras em verso a sonoridade e o ritmo são privilegiados, nesse caso a leitura pode ser coletiva, dividida em versos/estrofes ou em coro; a leitura individual e autônoma é também uma possibilidade, pois os textos são em sua maioria curtos, como é o caso dos poemas, ou apresentam episódios breves, quando se trata de contos ou novelas. Em todas as obras, o autor procurou privilegiar uma linguagem que permite a compreensão do leitor por meio de sua própria leitura.

Nos casos em que o professor tiver como objetivo discutir algum conceito a partir de um texto que se aproxima do conteúdo que queira abordar, a leitura pode ser feita de uma forma mais atenta, pausada, discutida, centrada em detalhes, como é caso das obras em que o escritor fala sobre as imagens do Brasil, ou, no caso de *Jogo duro*, que permite a discussão acerca dos problemas ambientais e sociais causados pela industrialização.

Percebe-se uma concepção de literatura infantil que ainda vê o livro como fonte de informação e aprendizagem, apresentado, porém, numa linguagem sutil, na qual o que prevalece é a preocupação com a literalidade do texto e não com o conteúdo nele implícito.

A longa permanência das obras no mercado, a grande diversidade de editoras e a presença de renomados ilustradores revelam a qualidade dos textos do escritor e reiteram a sua consonância com as tendências da literatura infantil e com as demandas educacionais, com vistas a garantir o sucesso de vendas, especialmente as governamentais.

Destacamos, dentre todos os aspectos considerados durante a elaboração e textualização desta pesquisa, a poesia como uma grande contribuição do escritor, no âmbito da literatura infantil e da escola²⁰⁸. A respeito desse gênero vale apresentar o que Marisa Lojolo destacou no ano em que o autor publicou seu primeiro livro de poemas para público infantil:

Um pouco de tudo, de Elias José, com ilustrações de Marcelo Cipis, é um belo livro de bons poemas infantis. Isso é duplamente raro, o que merece ser saudado, como disse Manuel Bandeira, com “mafuás, novenas e cavalhadas”. (...) Bichos, gente e flores tornam-se, no texto de Elias José, elementos poéticos de primeira ordem. (...) O texto de Elias José não faz nenhuma concessão ao sentimentalismo piegas que grassa por aí em nome da poesia infantil. Filia-se, pelo contrário, à boa tradição de Sidónio Muralha e Vinicius de Moraes, poetas que deram tom moderno à poesia infantil. Os poemas de Elias José são flashes do cotidiano dos bichos, da vida das pessoas, flores. (...) Esse texto cativa e convida o leitor a viver a situação cotidiana de um outro ponto de vista, a partir da qual a situação se torna insólita. Este outro ponto de vista com que o texto seduz seus leitores soma-se a uma linguagem extremamente musical e rítmica, que encontra o tom certo em cada poema [...] ²⁰⁹.

Elias José se valeu do cotidiano e de diversas formas de produção da cultura popular – cantigas, trava-línguas, pintura, entre outros – e produziu a partir deles novas versões, nas quais trabalhou com a polissemia das palavras, por meio dos diferentes sentidos que elas podem apresentar e com a sonoridade das rimas, mostrando que as palavras também têm ritmo. Com esse jogo de sons e sentidos, o escritor cria um espaço ou uma oportunidade de entrelaçar fruição e aprendizagem.

Em síntese, cabe dizer que a trajetória de Elias José, bem como o número de obras produzidas com sucessivas reedições, apresentam um escritor que foi se tornando um importante representante da literatura infantil brasileira na contemporaneidade dentro e fora

²⁰⁸ As tabelas que mostram a produção infantojuvenil em verso do escritor podem ser conferidas no Anexo 8.

²⁰⁹ *Jornal da trade*, São Paulo, 31/12/1982. Artigo transcrito e presente na última página da obra do escritor, citada pela pesquisadora com a sua autorização. Conferir imagem do texto no Anexo 7.

do país, tendo sido reconhecido por várias instâncias legitimadoras, acolhido por diversas e renomadas editoras e consagrados ilustradores.

A diversidade e a persistência dos temas ao longo do tempo, o trabalho com a linguagem e as obras direcionadas para alfabetização, além de promoverem o fortalecimento do vínculo entre a literatura e a escola, atestam a grande importância desta produção no âmbito educacional.

E então, para efeito de encerrar este estudo, chegamos ao ponto que se faz necessário em toda pesquisa: FINALIZAR. Nessa direção, encerramos essa empreitada reconhecendo que este estudo não se esgota aqui, deixando o convite à continuidade.

REFERÊNCIAS DAS OBRAS DE ELIAS JOSÉ

- JOSÉ, Elias. *A vida em pequenas doses*. 2. ed. São Paulo: Global, 2001.
- _____. *As aventuras do rato roqueiro*. 1. ed. Erechim: Edelbra, 2011.
- _____. *As curtições de Pitu*. 1. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1976.
- _____. *As curtições de Pitu*. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1988a.
- _____. *As histórias e os lugares*. São Paulo: Paulus, 2005a.
- _____. *Amor sem fronteiras*. 1. ed. São Paulo: Larousse, 2005b.
- _____. *Caixa mágica de surpresa*. São Paulo: Paulus, 2017.
- _____. *Cantigas de adolecer*. São Paulo: Atual, 1992a.
- _____. *Cantos de encantamento*. Belo Horizonte: Formato, 1996.
- _____. *Cidade da pá virada*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1986a.
- _____. *Ciranda brasileira*. São Paulo: Paulus, 2006a.
- _____. *De repente toda história novamente*. 1. ed. São Paulo: FTD, 1989.
- _____. *Deu doideira na cidade*. 1. ed. São Paulo: Martins fontes, 2002a.
- _____. *E o burrinho ganhou o páreo*. 1. ed. São Paulo: Larousse Júnior, 2005c.
- _____. *Jogo duro*. 1. ed. Belo Horizonte: Comunicação, 1979a.
- _____. *Jogo duro*. 1. ed. São Pulo: FTD, 1995.
- _____. *Literatura infantil: ler contar e encantar crianças*. Porto Alegre: Mediação, 2007a.
- _____. *Lua no brejo*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.
- _____. *Lua no brejo com novas trovas*. 1. ed. Porto Alegre: Projeto, 2007b.
- _____. *O fantasma no porão*. 1. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979b.
- _____. *O fantasma no porão*. 13. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1994.
- _____. *O fantasma no porão*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002b. (Literatura em Minha casa/FNDE/ PNBE).
- _____. *O fantasma no porão*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *O herói abatido*. 7. ed. São Paulo: Modernas, 1984.
- _____. *O historiador de Catitó*. 3. ed.. São Paulo: Atual, 1986b.
- _____. *O jogo da fantasia*. 1. ed. Rio de Janeiro: EBAL, 1988b.
- _____. *O jogo da fantasia*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2015a.
- _____. *O que conta no faz de conta*. São Paulo: Paulus, 2015b.
- _____. *O que você vê ali?* São Paulo: Paulus, 2006b.
- _____. *Olho por olho, dente, por dente*. 1. ed.. Rio de Janeiro: Mobral, 1979c.
- _____. *Quem lê com pressa tropeça*. Belo Horizonte: Lê, 1992b.
- _____. *Saudoso, o Burrinho Manhoso*. 1. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1981.

JOSÉ, Elias. *Um jeito bom de brincar*. São Paulo: FTD, 2006c.

_____. *Um pouco de tudo, de bichos, de gente, de flores*. São Paulo: Paulus, 2013.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Fernando Luiz. *Literatura e educação na memória de uma cidade: um olhar sobre Thales Castanho de Andrade*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2007.

ALMEIDA, Márcio. *A minificação no Brasil: em defesa dos frascos & comprimidos*. Ensaio. Oliveira: Clube dos autores, 2010.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora da Universidade de Brasília, 1999.

_____. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. *Língua, arquivo, acontecimento: trabalho de rua e revolta negra na salvador oitocentista*. 2016. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BRANCO, Thatty de Aguiar Castello. *De primeira hora, no calor da hora: a crítica literária de literatura infantil nas décadas de 1970 e 1980*. 2014. 165 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

BRASIL. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB): Lei 9394/1996*. Brasília: Senado Federal, 2017. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2018.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

_____. *Pró-letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & linguística*. São Paulo: Scipione, 2009.

CECHINEL, Francilene Maria Ribeiro Alves. *Uma nova mulher na minificação brasileira: os miniespelhos de Marina Colasanti em Contos de amor rasgados*. 2013. 124 f. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2013.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand Brasil: DIFEL, 1990.

- _____. *A história ou a leitura do tempo*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- _____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- _____. Do livro à leitura. In: _____ (Org.). *Práticas de Leitura*. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- _____. *A mão do autor e a mente do editor*. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2014.
- CIRINO, Darciane Barros Leão. *O Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE: apropriação dos acervos para formação de leitores no município de Ipameri – GO*. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2015.
- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*. São Paulo: Quíron, 1985.
- _____. *Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira 1882-1982*. 2. ed. São Paulo/Brasília: Quíron/INL, 1964.
- COLE, Michael; SCRIBNER, Sylvia. Introdução. In: VIGOTSKI, Lev Semyonovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- COSTA, Cristiane Dias Martins da. *Literatura premiada entra na escola? A presença dos livros premiados pela FNLIJ, na categoria criança, em bibliotecas escolares da Rede Municipal de Belo Horizonte*. 2009. 214 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- CRISTOFOLETI, Rita de Cássia; OMETTO, Cláudia Beatriz de Castro Nascimento. Verdade, mentira ou apenas um caso de poesia? A produção imaginária cultivada na escola. *Teoria e Prática*, Rio Claro, vol. 26, 2016, p. 64-78.
- DAIBELLO, Cláudia de Oliveira. *Ruth Rocha: produção, projetos gráficos e mercado editorial*. 2013. 194 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- DALCIN, Andrea Rodrigues. *Um ilustrador (Odilon Moraes), uma editora (Cosac Naify): criação e fabricação de livros de literatura infantil*. 2013. 224 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- FERNANDES, Célia Regina Delácio; CORDEIRO, Maisa Barbosa da Silva. *Educação*, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 319-328, set./dez. 2012.
- FERNANDES, Célia Regina Delácio; PAULA, Flávia Ferreira de. Literatura, infância e o projeto *Literatura em Minha Casa*. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 41, p. 72-88, abr./jun. 2015.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. Um estudo das edições de *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 2, p. 185-203, mai./ago. 2009.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; SILVA, Lilian Lopes Martin da. Relato: jogo entre presente, passado, futuro. *Na ponta do lápis*, São Paulo, n. 19, p. 18-23, 2012.
- FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, n. 116, p. 21-39, julho/2002.

- GONZAGA, Pedro. *A política da minificação: Dalton Trevisan e as ministórias de Ah, é?*. 2007. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 3ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira – História e Histórias*. 6ª. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. *Literatura infantil brasileira: uma nova/outra história*. Curitiba: PUCPress, 2017.
- LEMLE, Miriam. *Guia Teórico do Alfabetizador*. Programa Nacional Biblioteca do Professor. 9. ed. São Paulo: Ática. 1994.
- MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo; OLIVEIRA, Wellington de. Vygotsky e Bakhtin/Volochinov: dialogia e alteridade. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n.5, p. 103-115, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/5077>>. Acesso em: 15 jun. 2018.
- MARQUES, Maoma Lorena de Lacerda. *Literatura em minha casa: uma história sobre leitura, literatura e leitores*. 2007. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.
- MARQUES, Maria José Diogenes Vieira. *Programa Nacional Biblioteca da Escola: PNBE do correio à sala de aula*. 2013. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.
- MARTINS, Ana Suellen. *Um estudo introdutório da literatura de João Carlos Marinho Assis*. 2013. 245 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.
- MAZIERO, Maria das Dores Soares. *Arnaldo de Oliveira Barreto e a Biblioteca Infantil Melhoramentos (1915-1925): histórias de ternura para mãos pequeninas*. 2015. 230 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- _____. *Mitos gregos na literatura infantil: que olimpo é esse?* 2006. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- MONTEIRO, Tatiana. *Era uma vez... uma construção discursiva do conceito de qualidade na literatura infantil e juvenil*. 2007. 158 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- MORTATI, Maria do Rosário. Na história do ensino da literatura no Brasil: problemas e possibilidades para o século XXI. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 52, p. 23-43, abr./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n52/03.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2018.
- OLIVEIRA, Iris Filomena Mendes de. *Obras de literatura infanto-juvenil portuguesa no mercado livreiro e editorial brasileiro em 2010 e 2011*. 2013. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- OMETTO, Cláudia Beatriz de Castro Nascimento; CRISTIFOLETI, Rita de Cássia. Do texto ao texto: as refrações do texto lido materializadas no reconto produzido pelos alunos, *Estudos em Educação e Linguagem*, Pernambuco, v.1, n. 1, 2011, p. 1-9.
- PADILHA, Anna Maria Lunardi. Contribuições teórico-metodológicas para o estudo sobre o discurso dos meninos internos em instituição prisional. *InterMeio*, Campo Grande, v. 12, n. 24, p. 104-116, jul./dez. 2006.

PAIVA, Aparecida et al. *Literatura na Infância: imagens e palavras*. Brasília/Belo Horizonte: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica/UFMG, 2008.

PEREIRA, Rosane Bastos. “*O leitor através do espelho – E o que ele não encontrou por lá!*”. 2013. 183 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

RESENDE, Valéria Aparecida Dias Lacerda de. *Análises dos pressupostos de linguagem nos cadernos de formação em Língua Portuguesa do Pacto nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC*. 2015. 214 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2015.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A análise e o arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 3. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

SCHØLLHAMMER, Erik Karl. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. Apresentação. In: VIGOTSKI, Lev Semyonovich. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática, 2009.

SILVA, Sayonara Fernandes da. *O programa Nacional Biblioteca da Escola PNBE: da gestão ao leitor na educação infantil de natal – RN*. 2015. 284 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

SPALDING, Marcelo. *Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea*. 2008. 81 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

VEIGAS, Maria Fernanda da Silva. *O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) em quatro escolas da Rede Municipal de Porto Alegre*. 2013. 95 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. In: _____. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes/Selo Martins, 2007.

_____. Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores (1931). In: _____. *Obras Escogidas*, v. III. Madrid: Visor, 1995.

ZANELLA, Andréa Vieira et al. Questões de método em textos de Vygotski: contribuições à pesquisa em psicologia. *Psicologia & Sociedade*, v. 19, n. 2, p. 25-33, 2007.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

_____. A leitura na escola. _____. In: *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. In: _____. (Org.). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ANEXO 1

A) Lista de obras enviadas pelo instituto Elias José

	Título da obra		Título da obra
01	A cidade que perdeu seu mar	54	Inquieta viagem no fundo do poço
02	A cidade salva pelos brinquedos	55	Inventário do inútil
03	A dança das descobertas	56	Jogo duro
04	A estrela e o Deus menino	57	Leituras de vida
05	A festa da princesa, que beleza!	58	Lições de telhado
06	A gargalhada mais gostosa do mundo	59	Limeriques para pintura
07	A gula da avó e da onça	60	Literatura infantil, ler, contar e encantar crianças
08	Alice no país da poesia	61	Lua no brejo – Novas trovas
09	Amanhã é domingo, pede cachimbo I	62	Luta tamanha quem ganha?
10	Amanhã é domingo, pede cachimbo II	63	Machado de Assis
11	Amor à brasileira	64	Mágica terra brasileira
12	Amor adolescente	65	Memória, cultura e literatura coleção apoio pedagógico
13	Amor sem fronteiras	66	Meio dia, panela no fogo, barriga vazia
14	Ao pé das fogueiras acesas	67	Mínimas descobertas
15	A poesia pede passagem	68	Monstruosidades
16	Aquarelas do Brasil	69	Mundo criado, trabalho dobrado
17	As aventuras de um rato roqueiro	70	Namorinho de portão
18	As bailarinas e o pintor	71	No balance do abecê
19	As curtições de Pitu	72	Noites de Lua Cheia
20	As histórias e os lugares	73	O amigão de todo mundo
21	A toada do tatu	74	O bolo pra festa no céu
22	Baú de sonhos	75	O cavalo alado e outros poemas
23	Birutices	76	O contador de vantagens
24	Bicho de pena provoca amor e pena	77	O desenhista
25	Bicho que te quero .livre	78	O dono da bola
26	Boneco maluco e outras brincadeiras	79	O fantasma no porão
27	Caixa mágica de surpresa	80	O fabricante de ilusões
28	Cantigas de amor	81	O furta sonhos e outras histórias
29	Cantos de encantamento	82	O grito dos torturados
30	Cantigas para entender o tempo	83	O historiador de Catitó
31	Cantigas de adolecer	84	O herói abatido
32	Cidade da pá virada	85	O homem dos sete mil instrumentos e mil e uma alegrias
33	Ciranda brasileira	86	O homem que sabia javanêz
34	Com asas na cabeça	87	O incrível bicho-homem
35	Coruja revolucionária	88	O jogo da fantasia
36	De amora e amor	89	O jogo das palavras mágicas
37	De repente toda história novamente	90	Olho por olho, dente por dente
38	Deu doideira na cidade	91	O macaco e a morte
39	Dias de susto	92	O macaco e seu rabo
40	Disque poesia	93	O macaco e sua viola
41	Dois gigantes diferentes	94	O mundo todo revirado
42	É hora de jogar conversa fora	95	O negrinho do pastoreio
43	É sempre era uma vez	96	O que você lê ali?
44	E o burrinho ganhou o páreo	97	O rei do espetáculo
45	Escola: morada de inventor e outros contos de escola	98	O que conta no faz de conta
46	Eu sou mais eu	99	O que tem nessa venda?
47	Félix e seu fole fedem	100	Os fabulosos macacos cientistas
48	Fernando Pessoa: O amor bate à porta	101	Os primeiros voos do menino
49	Festa de aniversário	102	Os que podem voar
50	Gente e mais gente	103	O tempo, Camila
51	Gotas de poesia	104	Os vários voos da vaca Vivi
52	História sorridente de unhas e dentes	105	Passageiros em trânsito
53	Histórias de amor	106	Pequeno dicionário poético- humorístico ilustrado

107	Pioneiros do miniconto do Brasil
108	Poemas para matar a saudade
109	Poesia é fruta doce e gostosa
110	Poesia fora da estante
111	Primeiras lições de amor
112	Que confusão, seu Adão
113	Quem lê com pressa, tropeça
114	Quem quiser que conte outra
115	(Re) Fabulando I
116	(Re) Fabulando II
117	(Re) Fabulando III
118	(Re) Fabulando IV
119	(Re) Fabulando V
120	(Re) Fabulando VI
121	(Re) Fabulando VII
122	Saudando quem chega
123	Segredinhos de amor
124	Se tudo isso acontecesse
125	Sem pé nem cabeça
126	Sete contos sete encantos I org.
127	Sete contos sete encantos II org.
128	Sete contos sete encantos III org.
129	Sete contos sete encantos IV org.
130	Sete contos sete encantos V org.
131	Solos de violões e sonhos
132	Sonata poética
133	Sorvete sabor saudade
134	Só um cara viu
135	Tempo de ardente aprendizagem
136	Uma escola assim, eu quero para mim
137	Um casório bem finório
138	Elefante incomoda muita gente, duas cobras incomodam muito mais
139	Um pássaro em pânico
140	Um pouco de tudo de bichos, de gente, de flores
141	Um sapo meio pirado
142	Um rei e seu cavalo de pau
143	Vaidade no terreiro
144	Vera Lúcia, verdade e luz
145	Viagem criada, emoção dobrada
146	Vidrado em bicho
147	Visitas à casa da vovó
148	Vó Melinha cigana e rainha
149	Meu tempo e o seu
150	O que se vê no abecê
151	Contos da terra do conto
152	Um curioso aluado
153	A descoberta do amor em prosa
154	Armadilhas da solidão

B) Títulos presentes na lista do Itaú Cultural que não constavam na lista enviada pelo Instituto Elias José. Acesso em 31/12/2016

	Título da obra
01	A mal-amada
02	A vida em pequenas doses
03	Amor, mágica e magia
04	As virações da formiga
05	De como o macaco venceu a onça
06	De olho nos bichos
07	Fantasia do olhar
08	Forrobodó no forró
09	Quem conta um conto aumenta um ponto
10	Ri bem melhor quem junto ri
11	Saudoso, o burrinho manhoso
12	Toda sorte e magia
13	Um jeito bom de brincar

C) Títulos que constavam no arquivo de fotos e não constavam na lista enviada pelo Instituto Elias José

	Título da obra		Título da obra
01	A garupa e outros contos	17	O casamento de Monalisa e Aleijadinho
02	A mal-amada	18	O jogo do bate bate
03	A vida em pequenas doses	19	Palavras de encantamento
04	Amor, mágica e magia	20	Redação escolar
05	As horrorosas maravilhosas	21	Ri bem melhor quem junto ri
06	As meninas e o poeta	22	Rumo à estação poesia
07	As virações da formiga	23	Saudoso, o burrinho manhoso
08	Berimbau e outros poemas	24	Solitary tambourines
09	Cavalo alado e outros poemas	25	Tem gato na tuba e outros poemas
10	Conto brasileiro- Minas gerais	26	Toda sorte de magia
11	Contos e cantos	27	Um jeito bom de brincar
12	Contos mineiros		
13	De como o macaco venceu a onça		
14	De olho nos bichos		
15	Fantasia do olhar		
16	Forrobodó no forró		

ANEXO 2

A) Obras literárias do escritor Elias José em ordem cronológica de produção²¹⁰

	Título da obra	Data de publicação	Editora	Categoria
01	<i>A Mal-Amada</i>	1970	Belo Horizonte	Adulto
02	<i>O Tempo, Camila</i>	1971	Imprensa Oficial	Adulto
03	<i>Inquieta Viagem no fundo do poço</i>	1974	Civilização Brasileira	Adulto
04	<i>O fantasma no porão</i>	1976	Melhoramentos	Infantojuvenil
05	<i>As curtições de Pitu</i>	1976	Melhoramentos	Infantojuvenil
06	<i>Um pássaro em pânico</i>	1977	Ática	Adulto
07	<i>Inventário do inútil</i>	1978	Civilização Brasileira	Adulto
08	<i>1* Redação Escolar</i>	1978	FTD	Paradidático
09	<i>Olho por olho, dente por dente</i>	1979	Mobral	Adulto
10	<i>Jogo duro</i>	1979	Comunicação	Infantojuvenil
11	<i>Os que podem voar</i>	1981	Comunicação	Infantojuvenil
12	<i>Saudoso, o burrinho manhoso</i>	1981	Melhoramentos	Infantojuvenil
13	<i>Um pouco de tudo, de bichos, de gente e de flores</i>	1982	Paulus	Infantojuvenil
14	<i>A dança das descobertas</i>	1982	Imprensa Oficial	Adulto
15	<i>Passageiros em trânsito</i>	1983	Editores Record	Adulto
16	<i>A cidade da pá virada</i>	1983	Melhoramentos	Infantojuvenil
17	<i>De repente toda história novamente</i>	1983	FTD	Infantojuvenil
18	<i>Vaidade no terreiro</i>	1984	FTD	Infantojuvenil
19	<i>Caixa mágica de surpresa</i>	1984	Paulus	Infantojuvenil
20	<i>Herói abatido</i>	1984	Moderna	Infantojuvenil
21	<i>2* Contos Mineiros</i>	1984	Ática	Participação/Adultos
22	<i>Com asas na cabeça</i>	1985	Companhia Editora Nacional	Infantojuvenil
23	<i>Dias de susto</i>	1985	Melhoramentos	Infantojuvenil
24	<i>Namorinho no portão</i>	1986	Moderna	Infantojuvenil
25	<i>O historiador de Catitó</i>	1986	Atual	Infantojuvenil
26	<i>Um rei e seu cavalo de pau</i>	1986	FTD	Infantojuvenil
27	<i>O grito dos torturados</i>	1986	Nova Fronteira	Adulto
28	<i>Setecentos setecentos I e II</i>	1986	FTD	Organização/infantojuvenil
29	<i>Contos da terra do conto</i>	1986	Mercado Aberto	Participação/infantojuvenil
30	<i>O jogo do bate bate</i>	1987	Globo	Infantojuvenil
31	<i>Um sapo meio pirado</i>	1987	LÊ	Infantojuvenil
32	<i>Os fabulosos macacos cientistas</i>	1987	Melhoramentos	Infantojuvenil
33	<i>Lua no brejo</i>	1987	Mercado Aberto	Infantojuvenil
34	<i>Amor à brasileira</i>	1987	L.G.E	Participação adulto
35	<i>Um casório bem finório</i>	1987	FTD	Infantojuvenil
36	<i>Setecentos setecentos III e IV</i>	1987	FTD	Organização infantojuvenil
37	<i>Amor, mágica e magia</i>	1988	Editores do Brasil	Infantojuvenil
38	<i>Sorvete sabor saudade</i>	1988	FTD	Infantojuvenil
39	<i>Os primeiros voos do menino</i>	1988	Editores do Brasil	Infantojuvenil
40	<i>O jogo da fantasia</i>	1988	Ebal	Infantojuvenil
41	<i>Machado de Assis</i>	1988	Ática	Análise Literária
42	<i>O furta-sonos e outras histórias</i>	1989	Atual	Infantojuvenil
43	<i>A estrela e o Deus-menino</i>	1989	FTD	Infantojuvenil
44	<i>Só um cara viu</i>	1989	LÊ	Infantojuvenil
45	<i>Primeiras lições de amor</i>	1989	Formato	Infantojuvenil
46	<i>Vó Melinha cigana e rainha</i>	1990	Scipione	Infantojuvenil
47	<i>Os vários voos da vaca Vivi</i>	1990	FTD	Infantojuvenil
48	<i>Luta tamanha quem ganha?</i>	1990	RHJ livros	Infantojuvenil
49	<i>Segredinhos de amor</i>	1991	Paulus	Infantojuvenil

²¹⁰ Esta tabela apresenta todos os títulos encontrados, inclusive os que se referem ao mesmo texto publicado posteriormente com título diferente.

50	<i>Setecentos setecentos V</i>	1991	FTD	Organização-infantojuvenil
51	<i>O bolo pra festa no céu</i>	1992	Vale Livros	Infantojuvenil
52	<i>Sem pé nem cabeça</i>	1992	Formato	Infantojuvenil
53	<i>A toada do tatu</i>	1992	LÊ	Infantojuvenil
54	<i>Cantigas de adolescer</i>	1992	Atual	Infantojuvenil
55	<i>Quem lê com pressa tropeça</i>	1992	LÊ	Infantojuvenil
56	<i>O homem que sabia javanês</i>	1992	Atual	Participação/adulto
57	<i>Toda sorte de magia</i>	1993	Lê	Infantojuvenil
58	<i>Uma escola assim eu queria pra mim</i>	1993	FTD	Infantojuvenil
59	<i>De amora e amor</i>	1993	Atual	Infantojuvenil
60	<i>Armadilhas da solidão</i>	1994	LÊ	Infantojuvenil
61	<i>Berimbau e outros poemas</i>	1994	Nova Fronteira	Organização/ adulto
62	<i>Um curioso aluado</i>	1994	Melhoramentos	Infantojuvenil
63	<i>Poesia fora da estante</i>	1995	Projeto	Participação/infantojuvenil
64	<i>Lições de telhado</i>	1996	Ave Maria	Infantojuvenil
65	<i>Mundo criado, trabalho dobrado</i>	1996	Atual	Infantojuvenil
66	<i>Félix e seu fole fedem</i>	1996	Paulinas	Infantojuvenil
67	<i>Cantos de encantamentos</i>	1996	Formato	Infantojuvenil
68	<i>No balancê do abecê</i>	1996	Paulus	Infantojuvenil
69	<i>O que conta no faz de conta?</i>	1996	Paulus	Infantojuvenil
70	<i>O jogo das palavras mágicas</i>	1996	Paulinas	Infantojuvenil
71	<i>O macaco e a morte</i>	1996	Paulinas	Infantojuvenil
72	<i>Noites de lua cheia</i>	1996	LÊ	Infantojuvenil
73	<i>O mundo todo revirado</i>	1996	Paulus	Infantojuvenil
74	<i>A gula da avó e da onça</i>	1996	Paulinas	Infantojuvenil
75	<i>Vera Lúcia, verdade e luz</i>	1997	Saraiva	Infantojuvenil
76	<i>Solos de violões e sonhos</i>	1997	FTD	Infantojuvenil
77	<i>O incrível bicho homem</i>	1997	FTD	Infantojuvenil
78	<i>Bau de sonhos</i>	1997	LÊ	Infantojuvenil
79	<i>As bailarinas e o pintor</i>	1997	Dimensão	Infantojuvenil
80	<i>As virações da formiga</i>	1998	Paulinas	Infantojuvenil
81	<i>De como o macaco venceu a onça</i>	1998	Paulinas	Infantojuvenil
82	<i>Viagem criada, emoção dobrada</i>	1998	Atual	Infantojuvenil
83	<i>A cidade que perdeu seu mar</i>	1998	Paulus	Infantojuvenil
84	<i>Bicho que te quero livre</i>	1998	Moderna	Infantojuvenil
85	<i>O macaco e seu rabo</i>	1998	Paulinas	Infantojuvenil
86	<i>O macaco e sua viola</i>	1998	Paulinas	Infantojuvenil
87	<i>(Re) Fabulando I</i>	1998	Paulus	Participação/infantojuvenil
88	<i>(Re) Fabulando II</i>	1999	Paulus	Participação/infantojuvenil
89	<i>Amor adolescente</i>	1999	Atual	Infantojuvenil
90	<i>Boneco maluco e outras brincadeiras</i>	1999	Projeto	Participação/infantojuvenil
91	<i>(Re) Fabulando III</i>	2000	Paulus	Participação/infantojuvenil
92	<i>(Re) Fabulando IV</i>	2000	Paulus	Participação/infantojuvenil
93	<i>A vida em pequenas doses</i>	2000	Global	Infantojuvenil
94	<i>Ri melhor quem junto ri</i>	2000	Ícone	Infantojuvenil
95	<i>A gargalhada mais gostosa do mundo</i>	2000	Saraiva	Infantojuvenil
96	<i>(Re) Fabulando V</i>	2001	Paulus	Participação/infantojuvenil
97	<i>O amigão de todo mundo</i>	2001	Paulus	Infantojuvenil
98	<i>Rumo à estação poesia</i>	2001	Dimensão	Participação/infantojuvenil
99	<i>O desenhista</i>	2001	Nova Didática	Infantojuvenil
100	<i>O que tem nessa venda?</i>	2001	Nova Didática	Infantojuvenil/
101	<i>O que você vê ali?</i>	2001	Nova Didática	Infantojuvenil
102	<i>Palavras de encantamento</i>	2001	Moderna	Participação/infantojuvenil
103	<i>Saudando quem chega</i>	2001	Nova Didática	Infantojuvenil
104	<i>Visitas à casa da vovó</i>	2001	Nova Didática	Infantojuvenil
105	<i>(Re) Fabulando VI</i>	2002	Paulus	Participação/infantojuvenil
106	<i>A garupa e outros contos</i>	2002	Martins Fontes	Participação/infantojuvenil
107	<i>Tem gato na tuba e outros poemas</i>	2002	Martins Fontes	Participação/infantojuvenil
109	<i>É hora de jogar conversa fora</i>	2002	Nova Didática	Infantojuvenil
110	<i>As histórias e os lugares</i>	2002	Nova Didática	Infantojuvenil
111	<i>Deu doideira na cidade</i>	2002	Martins Fontes	Infantojuvenil

112	<i>O contador de vantagens</i>	2002	Nova Didática	Infantojuvenil
113	<i>Birutices</i>	2002	Ícone	Infantojuvenil
114	<i>Um jeito bom de brincar</i>	2002	FTD	Infantojuvenil
115	<i>Se tudo isso acontecesse</i>	2002	Nova Didática	Infantojuvenil
116	<i>Bicho de pena provoca amor e pena</i>	2002	Nova Didática	Infantojuvenil
117	<i>Gente e mais gente</i>	2002	Nova Didática	Infantojuvenil
118	<i>Vidrado em bicho</i>	2002	Nova didática	Infantojuvenil
119	<i>Eu sou mais eu</i>	2002	Nova Didática	Infantojuvenil
120	<i>Contos e cantos</i>	2002	Criança Feliz	Participação/infantojuvenil
121	<i>3* O melhor do conto brasileiro- Minas Gerais</i>	2002	Sucesso Pockt	Participação/Adulto
122	<i>De olho nos bichos</i>	2003	FTD	Infantojuvenil
123	<i>A poesia pede passagem</i>	2003	Paulus	Participação/infantojuvenil
124	<i>Histórias sorridentes de unhas e dentes</i>	2003	Paulus	Infantojuvenil
125	<i>Que confusão, seu Adão</i>	2003	Paulus	Infantojuvenil
126	<i>Aquarelas do Brasil</i>	2003	Minguilim	Infantojuvenil
127	<i>Gotas de poesia</i>	2003	Moderna	Participação/infantojuvenil
128	<i>A descoberta do amor em prosa</i>	2003	Cia. Editora Nacional	Participação/infantojuvenil
129	<i>Leituras de vida</i>	2003	Moderna	Participação/infantojuvenil
130	<i>Cavalo alado e outros poemas</i>	2004	ZIT	Participação/infantojuvenil
131	<i>O dono da bola</i>	2004	Paulinas	Infantojuvenil
132	<i>A coruja revolucionária</i>	2004	Evoluir Cultural	Infantojuvenil
133	<i>O que se vê no abecê</i>	2004	Paulus	Infantojuvenil
134	<i>Receita para espantar monstros</i>	2004	Evoluir Cultural	Infantojuvenil
135	<i>A festa da princesa, que beleza!</i>	2005	DCL- Difusão Cultural do Livro	Infantojuvenil
136	<i>Quem quiser que conte outra</i>	2005	Paulinas	Infantojuvenil
137	<i>O rei do espetáculo</i>	2005	Paulinas	Infantojuvenil
138	<i>Poesia é fruta doce e gostosa</i>	2005	FTD	Infantojuvenil
139	<i>(Re) Fabulando VII</i>	2005	Paulus	Participação/infantojuvenil
140	<i>Mínimas descobertas</i>	2005	Paulus	Infantojuvenil
141	<i>Amor sem fronteiras</i>	2005	Larousse	Infantojuvenil
142	<i>E o burrinho ganhou o páreo</i>	2005	Larousse Júnior	Infantojuvenil
143	<i>Sonata poética</i>	2005	Anome Livros	Participação/Adulto
144	<i>Um dinazul na cidade</i>	2005	Editora Evoluir	Infantojuvenil
145	<i>Dois gigantes diferentes</i>	2005	Noovha América	Infantojuvenil
146	<i>Pequeno dicionário poético-humorístico ilustrado</i>	2006	Paulinas	Infantojuvenil
147	<i>Cantigas de amor</i>	2006	Larousse Jovem	Infantojuvenil
148	<i>Ciranda brasileira</i>	2006	Paulus	Infantojuvenil
149	<i>Forrobodó no forró</i>	2006	Mercuryo Jovem	Infantojuvenil
150	<i>Mágica terra brasileira</i>	2006	Formato	Infantojuvenil
151	<i>O negrinho do pastoreio</i>	2006	Paulus	Infantojuvenil
152	<i>A cidade salva pelos brinquedos</i>	2007	Cortez	Infantojuvenil
153	<i>Cantigas para entender o tempo</i>	2007	Dimensão	Infantojuvenil
154	<i>Limeriques para pintura</i>	2007	Nova América	Infantojuvenil
155	<i>Literatura Infantil: ler contar e encantar crianças</i>	2007	Mediação	Paradidático
156	<i>Fernando Pessoa: o amor bate à porta</i>	2007	Paulus	Organização/adulto
157	<i>Fantasia do olhar</i>	2008	Moderna	Infantojuvenil
158	<i>As horrorosas maravilhosas</i>	2008	Difusão Cultural do Livro	Infantojuvenil
159	<i>As meninas e o poeta</i>	2008	Nova Fronteira	Organização/infantojuvenil
160	<i>O homem dos sete mil instrumentos e mil e uma alegrias</i>	2008	Escala Educacional	Infantojuvenil
161	<i>É sempre era uma vez</i>	2008	Escala Educacional	Infantojuvenil
162	<i>Festa de aniversário</i>	2008	Escala Educacional	Infantojuvenil
163	<i>Disque poesia</i>	2008	Compor	Infantojuvenil
164	<i>O cigano e o marinheiro: bons companheiros</i>	2008	Escala Educacional	Infantojuvenil
165	<i>Ao pé das fogueiras acesas</i>	2008	Paulinas	Infantojuvenil

166	<i>4* O fabricante de ilusões</i>	2009	Civilização Brasileira	Adulto
167	<i>Tempo de ardente aprendizagem</i>	2009	Paulus	Adulto
168	<i>Escola: morada de inventor e outros contos de escola</i>	2009	Paulus	Infantojuvenil
169	<i>Monstruosidades</i>	2009	Nova América	Infantojuvenil
170	<i>5* Poemas para matar a saudade</i>	2009	Dimensão	Adulto
171	<i>Alice no país da poesia</i>	2009	Peiropolis	Infantojuvenil
172	<i>Tempo de ardente aprendizagem</i>	2009	Paulus	Infantojuvenil
173	<i>O casamento de Monalisa e Aleijadinho</i>	2010	Biruta	Infantojuvenil
174	<i>Amanhã é domingo, pede cachimbo, I e II</i>	2010	Paulus	Participação/infantojuvenil
175	<i>Meio dia, panela no fogo barriga vazia</i>	2010	Paulus	Participação/infantojuvenil
176	<i>Um elefante incomoda muita gente, duas cobras incomodam muito mais</i>	2010	paulus	Participação/infantojuvenil
177	<i>Memória cultura e literatura</i>	2012	Paulus	Paradidático
178	<i>Histórias de amor</i>	2012	Ática	Participação infantojuvenil

Informações sobre as obras estão numeradas, seguidas de *:

1* Redação Escolar ficou em primeiro lugar no Concurso Nacional do Ensino de Redação, MEC em 1977, mas, foi editada no ano seguinte. Fonte: JOSÉ, Elias. *Literatura infantojuvenil: ler contar e encantar crianças*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

2* A obra Contos Mineiros não estava disponível para consulta. A data de publicação apresentada foi encontrada na internet. Disponível em: <<https://www.estantevirtual.com.br/b/adelia-prado-e-outros/contos-mineiros/2795307187>>. Acesso em: 08 out. 2017.

3* O melhor do Conto Brasileiro não estava disponível para consulta. A data de publicação apresentada foi encontrada na internet. Disponível em: <<http://www.livrariascuritiba.com.br/melhor-do-conto-brasileiro-minas-gerais-o-lv039408/p>>. Acesso em: 08 out. 2017.

4* Esta obra o escritor não chegou a ver. São contos retirados do livro *Um pássaro em pânico*, publicado em 1977. Esta obra foi selecionada pelo PNBE para o acervo do Ensino Médio.

5* Esta obra foi publicada em homenagem ao escritor após sua morte. São poemas retirados do livro *A dança das descobertas*, lançado em 1982. Segundo Entrevistada, *A dança das descobertas* teve uma edição paga pelo próprio autor, pela gráfica de editora Gerais, em 2001.

B) Síntese da produção literária de Elias José por décadas/categorias

Quantidade de obras produzidas para o público adulto

Décadas	Adulto	Participação em antologia	Organizadas pelo autor
1970-1979	06	00	00
1980-1989	03	02	00
1990-1999	00	01	01
2000- <i>post mortem</i>	03	02	01
TOTAL	12	05	02

Quantidade de obras produzidas para o público infantojuvenil

Décadas	Infantojuvenis	Participação em antologias	Organizadas pelo autor
1970-1979	03	00	00
1980-1989	26	01	02
1990-1999	38	04	01
2000- <i>post mortem</i>	59	19	01
TOTAL	126	24	04

Obras paradidáticas e de análise literária

Décadas	Paradidáticos	Análise literária
1970-1979	01	00
1980-1989	00	01
1990-1999	00	00
2000- <i>post mortem</i>	02	00
TOTAL	03	01

ANEXO 3

Cronologia da trajetória do escritor Elias José²¹¹

1936 – Nasce Elias José em Santa Cruz da Prata, distrito de Guaranésia, Minas Gerais, em 25 de agosto.

1949 – Muda-se para Guaxupé, Minas Gerais.

1962 – Ganha concurso de contos promovido pela revista “Vida doméstica”, Rio de Janeiro, com “Homem do mar não chora”; seis meses depois vence o mesmo concurso com o conto “A mãe do pintor”.

1963/1967 - Cursa Letras e Pedagogia na FAFIG.

1968/1993 – É professor de Teoria da Literatura, Literatura Brasileira e coordenador do Departamento de Letras da FAFIG; professor e posteriormente diretor da Escola Estadual Dr. Benedito Leite Ribeiro, em Guaxupé.

1968 – Recebe menção honrosa no Prêmio José Lins do Rego, da Livraria José Olympio Editora pela reunião de contos “A mal-amada”, publicada posteriormente em 1970 pela Imprensa Oficial de Minas Gerais, Belo Horizonte.

1973 – Casa-se com Sílvia Monteiro, com quem tem três filhos: Iara, Livia e Érico.

1974 – Lança “Inquieta viagem no fundo do poço” pela Imprensa Oficial de Minas Gerais; ganha o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro como melhor livro de contos e o prêmio Governador do Distrito Federal como melhor livro de ficção.

1976 – Ganha o concurso estadual de literatura infantil A Criança Mineira, promovido pela Secretaria Estadual de Educação com a história “um fantasma no porão”, publicado em 1979 pela Editora Melhoramentos, São Paulo.

1977 – É vencedor do Concurso Nacional do Ensino de Redação, promovido pelo MEC, com o trabalho “Redação escolar: análise, síntese, extrapolação”, publicado em 1978 pelo MEC e pela Editora FTD, São Paulo.

1980 – Menção Honrosa no Concurso Nacional de Ensino de Redação, MEC.

1982 – “Um pouco de tudo” é escolhido pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) como o melhor livro de poesia infantil do ano e também recebe a láurea Altamente Recomendável para Criança, concedida pela FNLIJ.

1985 – “Caixa mágica de surpresa” recebe a láurea Altamente Recomendável para Criança, concedida pela FNLIJ.

²¹¹ Os dados são encontrados em José (2007, p. 107-108).

1986 – “Um rei e seu cavalo de pau” é escolhido pela APCA como o melhor livro de poesia infantil do ano e também recebe a láurea Altamente Recomendável para Criança, concedida pela FNLIJ.

1988 – “O jogo da fantasia” recebe o prêmio Odylo Costa Filho para poesia infantil, concedido pela FNLIJ, e “Lua no brejo” recebe o prêmio Monteiro Lobato de melhor livro de poesia para crianças, concedido pela União Brasileira de Escritores (UBE).

1992 – Mais três livros recebem o selo Altamente Recomendável para a Criança: “Quem lê com pressa, tropeça”, “Cantigas de adolescer” e “Segredinhos de amor”; os dois últimos também recebem o prêmio Adolfo Aizen de melhor livro juvenil concedido pela UBE.

1993 – Aposenta-se como professor da FAFIG e diretor da Escola Estadual Dr. Benedito Leite Ribeiro para dedicar-se apenas à literatura.

1996 – “Cantos de Encantamento” recebe o selo Altamente Recomendável de Poesia para criança e no ano seguinte o prêmio Adolfo Aizen de melhor livro infanto-juvenil.

1997 – “No balancê do abecê”, “O mundo todo revirado” e “O que conta no faz-de-conta” são incluídos pela FNLIJ, que também seleciona a obra para o catálogo brasileiro na Feira de Livros Infantis de Bolonha, Itália.

1999 – A obra “As bailarinas e o pintor” é escolhida para o acervo do PNBE.

2000 – “A cidade que perdeu seu mar” recebe o selo Altamente Recomendável para o Jovem, concedido pela FNLIJ, que também seleciona a obra para o catálogo brasileiro na Feira de Livros Infantis de Bolonha.

2002 – Prêmio Cecília Meirelles de melhor poesia para a infância para “O jogo da fantasia”, concedido pela UBE. “O fantasma no porão” é indicado para o acervo do PNBE

2004 – Mais quatro livros são selecionados para o catálogo brasileiro da Feira de Livros Infantis de Bolonha: “De olho nos bichos”, “História sorridente de unhas e dentes”, “Que confusão seu Adão” e “Aquarelas do Brasil”.

2006 – As obras “Mínimas descobertas”, “Ciranda Brasileira” foram selecionadas para o acervo básico da FNLIJ e para Feira de Bolonha. “Poesia é fruta doce e gostosa” foi selecionada para a Bienal de Ilustrações Bratislava.

2007 – As obras “Forrobodó no forró”, “Pequeno dicionário poético e humorístico ilustrado” e “Mágica Terra brasileira” foram selecionadas para a Feira de Bolonha.

2008- Elias José falece no dia 2 de agosto.

2009 – A obra “Alice no país da poesia” é escolhida para fazer parte do acervo do PNBE.

2011 – A obra “O casamento de Monalisa e Aleijadinho” foi selecionada para a feira de Bolonha.

ANEXO 4

A)



Sou feliz porque
 não coloco a
 felicidade fora do
 alcance da mão.

Você diz ser um sujeito feliz. É um artista que ainda vive na busca das respostas essenciais da existência, ou as soluções já vieram?

Sou feliz porque não coloco a felicidade fora do alcance da mão. Tenho a família e os amigos que queria ter, estou conseguindo ser o escritor que sonhei, não pretendo ter bens materiais além do que necessário para viver decentemente. Sofro com a dor do outro, do mundo, mas... Só não tenho e não quero ter as respostas essenciais da existência.

B)

Jornal Persona Fev/95

PERSONA DO MÊS

Elias, sonhos e realidades

Aos 17 anos ele começa a escrever e quarenta anos após seus livros já atravessaram fronteiras

Neste primeiro número, o "Persona" destaca alguém que já vai se tornando o cartão postal de Guaxupé: o educador e escritor Elias José.

Aos 58 anos, Elias tem muito que contar e inúmeras coisas a destacar em sua vida e, em primeiro lugar, ele acentua "o amor pela Silvinha (sua esposa) e por Lara, Livia e Érico (seus filhos).

Admirador do escritor Franz Kafka, Elias tem uma grande paixão também por outras expressões artísticas como a música (MPB), a pintura, o cinema, a poesia (adora Carlos Drummond de Andrade) e tem como ídolo Paulo Freire, além de curtir Fellini "loucamente".

Elias começa a sua carreira de escritor premiado em todo o país e exterior aos 17 anos e relata: "minha primeira experiência na arte da escrita nasce no jornal "O Acadêmico", da Academia São José, onde estudava. Tomei gosto pela coisa e fui enviando contos para a extinta "Revista Doméstica" e em 57 fui premiado com o conto "O homem do mar não chora".

Livros, números e prêmios

Aí começa a definição da carreira do escritor: "os contos foram juntando-se e em 1970 lancei meu primeiro livro: "A

mal-amada".

Em 1976 começa a fase mais gratificante para Elias escritor: "é quando eu começo a publicar livros infantis, alguns dos quais já se encontram na 20ª edição como "Fantasma no Porão", "Caixa Mágica de Surpresas" e "Vaidade no Terreiro".

As portas do sucesso abrem-se para o mineiríssimo e pacato Elias José: seu livro "Um pouco de Tudo" teve uma tiragem de trinta mil exemplares só para compor "A Ciranda do Livro", uma das maiores mídias em livro Infanto-Juvenil que até hoje apareceu no país.

Também para a importante "Sal de Leitura da FAE" foram editados vinte e cinco mil exemplares de seus livros: "Caixa Mágica de Surpresas", "Luz no Brejo", "O Jogo da Fantasia" e os "Primeiros Vãos do Menino".

Toda esta produção vai lhe render prêmios como o Jaboti de Contos (em 1974), Altamente Recomendável (por cinco vezes) da Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil; o "Odilo Costa Filho", concedido à poesia infantil pelo Ministério da Cultura e Fundação Newton Rocha e outros mais.

Além-mar

Do Brasil para o exterior foi um pulo, depois que seus livros

começaram ser editados: "já participei de antologias de escritores brasileiros em diversas partes do mundo, da Feira Internacional do Livro Infanto-Juvenil em Bologna, Itália e da maior feira do mundo que é a de Frankfurt. Nesta entrei com três obras entre vinte e sete autores brasileiros", afirma. No painel da Feira "Os Segredinhos de Amor" de Elias, ilustrado por May Suravel, foi um sucesso.

Hoje Elias afirma que seus contos já foram traduzidos na Polônia, México, Argentina, Itália, Estados Unidos e Portugal. O modesto Elias fala disto tudo como se ser renomado e "passado a limpo" em linguas diversas fosse a coisa mais natural do mundo.

O Educador

Paralelo à sua carreira de escritor, Elias também se destaca como grande educador: "após a Academia de Comércio, esperei 3 anos para cursar Letras na FAFIG, onde me formei na primeira turma." Depois especializa-se em Teoria da Literatura na PUC/Rio e cumpre duas pós-graduações também na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé: Tutoria de Estância (Redação Escolar) e Língua Portuguesa.

Começa a lecionar em 1968 no extinto "Seminário São José" no

Colégio Estadual e na própria FAFIG. Há 12 anos é coordenador do Departamento de Letras da mesma escola, dirige a Escola Estadual Benedito Leite Ribeiro pela segunda vez e leciona Teoria da Literatura e Teoria Brasileira na Faculdade daqui.

Elias por ele mesmo

"Como todo mundo, tenho as minhas expectativas e elas estão sempre ligadas à Educação. Acredito que se alguém conseguir moralizar a Educação no Brasil muita coisa pode ser feita. Agora, com Fernando Henrique e seu discurso direto sobre reformas educacionais, chego a até a pensar que algo vai mudar. Espero que alguns pontos sejam repensados como "educação do professor à distância" e que não se repitam outros erros do gênero."

Afirmando coexistir com o sucesso com a maior tranquilidade Elias cita uma pessoa que muito admira em Guaxupé: Moacyr da Costa Ferreira, "homem sério, bom pesquisador e dono de excelente trabalho."

Quando deixa suas últimas palavras nesta entrevista elas são carinhosas e de grande incentivo para nós e para este jornal que começa nesta edição. O mineiro nascido na Pratinha e cidadão guaxupeano é o Grande Elias!

C)

Quem conta um conto conta muitos outros...

Como foi sua infância - a família, a escola, as brincadeiras de criança etc. Como toda criança que vive entre um meio quase rural e uma fazenda (o meu pai era fazendeiro de café), fui uma criança livre, solta nas ruas, estradas e cabanas, perto do pequeno rio e do rio, convivendo com outras crianças e adultos, gente simples, alegre e sem quase nenhum desejo de consumo. Se brincadeiras inocentes e maliciosa inventada. Andar a cavalo era a única maior. Minha família era grande, de dois em dois anos, nascia um irmão ou irmã. Meu pai se envolvia com terra, café e gado. A minha mãe tomava conta de uma venda, que vendia tudo o que se pode imaginar. Um filho ajudava o outro e assim fomos criados muito unidos.

As lembranças da família, da infância ainda permanecem vivas em seu

imaginário e são combustível para novos textos e poesias?

Acho que a infância nunca morre e sempre se enlaça com o tempo, fica mais bonita, adulta e poética, quando idealizada. Um dia, determinados fatos ou imagens vividas, espalham e dão contos ou poemas. Os melhores textos meus nascem assim. A imaginação, a fantasia e a técnica podem transformar a vivida em texto literário, ficcional ou poético.

O folclore também parece um tema sempre presente em suas obras. De onde vem esse "carinho"?

Tanto em casa como na escola, aqui muitas brincadeiras e jogos, brincava com amigos, perreco, adivinhas, ditados e trava-línguas. Sobria opa, jogava bolinha de gude, pão frito com bola de meia. Andava em companhia de rolinh, brincava de pique, bilboquê e muitas brincadeiras fora fora de moda. Conemorava São João, Natal, Reis, a moda

PAULUS - Junho 2003

calorita, acompanhando Folia de Reis, rezando terço, julando foguinha, levantando mastro.

Qual foi seu primeiro trabalho como escritor?

Comecei a escrever fazendo jornal de escola, no curso técnico de contabilidade, já em Guarapuá. Por conselho do meu professor de francês, comecei a escrever poemas e contos. Com pouco mais de vinte anos, ganhei o primeiro lugar no concurso da revista Vida Doméstica com o conto Homem do mar não chora. Foi uma festa e uma motivação. Nunca mais parei de escrever, transcrever e publicar em jornais do Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre. Naquela época, aos sábados, todos os grandes jornais publicavam suplementos literários.

Qual a diferença entre o poeta e o prosador? Quem surge primeiro?

Acho que a minha prosa e a minha poesia surgiram juntas, misturadas com entrevistas e reportagens para o já dito jornal de escola. Por muito tempo, por suite e responsabilidade diante do palavra poética, dei-me o poeta adormecido. Penso que, agora, ando cobrando o atraso. Estou escrevendo poesias para adultos (não publicando quase por falta de editoras interessadas no gênero), para adolescentes e crianças, estas com muito boa aceitação, com vários livros, com várias edições.

As idéias já "nasceram" determinadas a ser prosa ou poesia, com público definido?

Quando me sento para escrever, tenho apenas anotações de idéias ou sínteses de histórias. A medida que vou escrevendo, já percebe o gênero e o público que se interessará pelo texto. Porém, a minha prosa nunca desprezou a poesia na linguagem e no clima. Quero que os meus textos infantis e juvenis agradem a criança que dorme em cada adulto.

Que "dica" você daria para quem venha um dia se tornar "escritor"?

Como julgador de concursos literários e como autor que recebe muitos textos para ler

e a conselhar, acho que os autores novos estão com muita pressa de chegar ao livro. Esquecem que é importante ter muita, mas muita leitura mesmo. É preciso trabalhar mais o texto, escrevendo, cortando muito, acrescentando quando necessário, buscando formas novas de expressões, valorizando a literalidade do poema ou prosa.

Você já recebeu vários prêmios - eles continuam a emocioná-lo?

Olha, já recebi muitos prêmios importantes pelo meu trabalho, como o Prêmio Jabuti, vários prêmios Altamente Recomendável, o Prêmio APCA, O Melhor para Criança da Fundação do Livro Infantil e Juvenil, Prêmio Adolfo Aizen (duas vezes), Prêmio Cecilia Meireles de Poesia, dentre outros. Um prêmio é uma forma de reconhecimento e valorização da crítica e de divulgação de um trabalho. Particularmente, devo muito aos prêmios, pois moro no interior, longe da mídia, que tanto ajuda certos autores.

Com tantas obras e com a visão de alguém que ajuda a formar pessoas, como você vê a importância do livro na formação do ser humano?

Tenho muita pena de ver que o livro não faz parte dos brinquedos infantis, não preenche o imaginário de todas as crianças, brasileiras ou não. Se isto não acontece na infância, a leitura nunca será uma paixão, um prazer maior, como e para mim e para todos os escritores que sabem o que é escrever literatura. Sem o livro, é impossível abrir-se para o mundo, para o outro e para nós mesmos.

Quais são seus livros mais recentes e para que público?

A PAULUS está lançando para o público infanto-juvenil o sexto volume da coleção de dez volumes de (Re)Fabulando: a História sorridente de unhas e dentes e Que confusão, seu Adão. Já os professores estão sendo premiados com o livro A poesia pede passagem. Ele é um "guia" para levar a poesia mais intensamente à sala de aula. Logo, logo, estarei completando o centésimo título. ●

D)

que tinham sentido
também a necessidade de sintetizar as coisas ou de escrever

criativo, não importando correções, gêneros ou espécies.

7 - Até que ponto um concurso literário influi na carreira de um escritor?

R — No Brasil, onde não há editores interessados em literatura brasileira, mas, sim, em faturar. Só se consegue publicar quando há um prêmio literário como recomendação de venda certa. O autor premiado aparece nos jornais, o leitor guarda o nome e aguarda o livro. Se demora a sair, o prêmio já estará esqueci-

do e, provavelmente, não será publicado o segundo livro do premiado, antes famoso. Como prova de valor, os concursos fazem grandes anjos e grandes enganados, criam todo julgamento humano. Acho bem o aumento de concursos e sempre entro neles com a esperança de acertar: não um prêmio, mas um editor.

Jornal de Letras • 2.º Caderno

MAIO - 1974

5

E)

MINAS GERAIS
suplemento literário
 BELD HORIZONTE — SÁBADO, 24 DE JULHO DE 1982
 ANO XV — N.º 825 — 12 PÁGINAS — PREÇO CR\$40,00

Colocação da literatura infanto-juvenil brasileira (XIV)

Depoimento de Elias José

Livros moralistas para crianças podem, às vezes, ser piores do que os chamados realistas.

— A literatura infanto-juvenil está vendendo bem, conquistando espaço, entrando nos lares e escolas.

Assim respondeu Elias José à enquete deste SUPLEMENTO sobre a colocação da literatura infanto-juvenil brasileira:

Assim respondeu Elias José à enquete deste SUPLEMENTO sobre a colocação da literatura infanto-juvenil brasileira:

PÚBLICO IDEAL

Para qual a literatura infanto-juvenil é uma criação artística genuína, apenas produzida na universidade receptiva da criança? Como no seu trabalho, coloca pessoalmente esta questão?

Não acredito que nenhum autor escreva livros de maneira especial para alguém. O público ideal é problema que surge depois da obra feita. Não acredito que exista obra feita especialmente para adulto. Se o adulto é sensível, tem capacidade para gostar tanto das obras chamadas infanto-juvenis como das destinadas só a ele. O mesmo não serve para a criança que, desde a mais tenra idade, tem consciência, psicológica e vivencial, não deve ler certas obras adultas antes do tempo. Pessoalmente, escrevo literatura. Tanto posso criar um conto crítico, como um poema social ou filosófico, como uma novela com ênfase na ação dinâmica e nos elementos lírico-poéticos, essencialis nas obras que devem ser lidas por todos, mas que as dicas que servem para a criança. O poema social ou filosófico não irá atingir um público imaturo ou pouco informado. A criança ainda não tem vivências que possibilitem uma leitura vertical de um conto crítico e poderá criar preconceitos ou perder o encanto das descobertas do sexo. Também um texto extremamente metafó-

co (como os romances de Virginia Woolf, de Clarice Lispector), pela profundidade de estrutura linguística, jamais seria bem lido pelas crianças. Daí para um adolescente um livro de Machado de Assis, com toda aquela carga de ação psicológica, com toda a ironia e visão de mundo negativistas, é fazer com que ele tome, antecipadamente, ojeriza da literatura e do grande autor. Muitos preconceitos contra autores antigos, bons autores como Alencar e Machado, vêm da falta de leitura anterior, leitura de autores do nosso tempo e adequados para a faixa etária. Terminei, recentemente, um livro de contos, "O Sacrifício dos Inocentes", com histórias de jovens vivendo experiências históricas. É um livro sobre jovens, não para jovens. Para mim, esta diferença é fundamental.

MORALISMO E REALISMO

No diapasão da infância, pode o autor tratar, de jeito que quiser, qualquer assunto? Foi que resolve este diapasão?

No tratamento do assunto é que está a magia do grande autor para crianças e adolescentes. Tenho lido tantos livros moralistas para criança, que fico pensando até que ponto não serão eles mais terríveis e prejudiciais do que os chamados livros realistas, até com alguns palavrões (se beta colorados, co-

mo é o caso de Wander Piroli). Entre nós, há uma briga feia, separando mentalidades, em torno da *Coleção do Pato* da Editora Comunicação. A *Coleção do Pato*, para mim, é composta de livros para adolescentes e não para crianças. São livros ótimos, bem escritos, das melhores coisas de nossa literatura. Entretanto, recentemente, um crítico meio ruidoso andou falando, de livros desta coleção, coisas como: "livros tristes demais para criança", "traem adultos doentes em contato com crianças", "são descuidados na linguagem" etc. A princípio, ele não leu bem, pois não são livros para criança e, sim, para jovens e adolescentes que já sabem das dores do mundo na pele-própria. Depois, os amigos não queriam mostrar outra coisa, senão o perigo que correu os adolescentes que vivem entre adultos, doentes ou não, que querem determinar-lhes os caminhos. Os perigos desta crítica impressionista são bem maiores do que certos rimpimentos corriqueiros com a língua culta, para maior coerência com o coloquialismo — outro ponto de briga para os reacionários. Depois de Mário, Oswald e Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Fernando Sabino, Stanislaw Ponte Preta e tantos outros, não sei como ousam ainda fundamentar uma crítica em critérios puristas de linguagem. Não será o coloquialismo e a forma desprezível e

envolvente que fazem a grandeza da obra marcante de Lygia Bojunga Nunes? Só mesmo o caduquismo, a rejeição e o preconceito podem descolocar isto.

O DIÁLOGO MUDOU

A mensagem de hoje, informatíssima de tudo no bojo de um mundo que acelera cada dia mais seu processo de crescimento, está exigindo uma literatura que acompanhe essa corrida?

Com a mudança vertiginosa dos veículos de comunicação, com a mudança dos costumes, do tipo de educação familiar e escolar, o diálogo mudou também. *«O que é um livro senão a tentativa de um diálogo entre duas pessoas — autor e leitor — sobre fatos da vida de pessoas (as personagens) que vivem em determinado tempo e espaço, e neles agem e reagem? Acho fundamental falar a linguagem de meu tempo, com todos os desvios que ela oferece, sem cair, é lógico, em vulgarismos desnecessários à obra literária. Os bons professores sabem bem o que e como falar com crianças e jovens. Os que não conseguiram este diálogo sequer passaram as informações e conhecimentos da disciplina que lecionam. Há muitos autores, adotados como bons, segundo o*

Vera

F)

Poemas de Elias José, para divertir as crianças

EDMIR PERROTTI

"*Namorinho no Portão*" (Editora Moderna) é o mais novo livro de poesias para crianças que Elias José coloca em circulação. Em "*Um Pouco de Tudo*" e "*Caixa Mágica de Surpresas*" (Edições Paulinas-Coleção *Ponto-de-Encontro*) tinhamos já um poeta preocupado sobretudo com sua matéria-prima, as palavras. O princípio norteador da criação poética era a exploração de sonoridades, de ritmos, de cadências que deveriam produzir soluções imprevistas a nível do sentido.

A pequena biografia inserida neste "*Namorinho no Portão*" explicita a atitude poética de Elias José. É o próprio autor quem diz: "Não quero fazer a cabeça de ninguém. O que quero então? Quero que as crianças notem que brinquei com palavras e que elas também podem ler brincando. Quero que riem com o que foi contado com alegria, que percebam que as palavras têm vida e ritmo, e algumas se aproximam em som e sentido. Brincar com palavras é gostoso como qualquer bom brinquedo".

Elias José sabe do que está falando, ao afirmar que "não quer fazer a cabeça de ninguém". Nossa poesia para crianças, desde Bilac, foi recurso para ensinamentos de toda a espécie, sobretudo morais, civis, religiosos e de bem-viver. Nada a objetar, se no percurso não perdesse um desses importantes motivos: a capacidade de produzir encantamentos.

É, portanto, a recuperação de tal função que a poesia de Elias José tenta promover, filiando-se à linha

de trabalhos que seguiram as trilhas de Cecília Meireles, em "*Ou Isto ou Aquilo*". O poema "*Bão-la-la-lão*" é exemplo claro do que dissemos. A partir de uma quadrinha tradicional nos folguedos infantis, Elias José cria outras, onde o que importa verdadeiramente é a alteração de vogais, fazendo com que cada quarteto tenha rimas sucessivas em a-e-i-o-u, independentemente do sentido que o conjunto possa ter: "*Bão-la-la-lão, senhor capitão, espada na cinta, sorvete na mão. Bão-la-la-lão, senhor tenente, a tropa na frente, a moça na mente. Bão-la-la-lim, senhor Serafim, dinheiro no bolso, nem liga pra mim. Bão-la-la-lom, senhor garçom, serve pra gente, bola e bombom. Bão-la-la-lum, senhor Viramum, o pé na estrada, sem ramo nenhum.*"

O lúdico, o jogo, o sorriso nos lábios é, como se vê, o que busca o poeta. E isso ele consegue nos vários poemas que compõem o livro, tratando de temas diversos, mas próximos ao universo do pequeno leitor. Pena somente as ilustrações não contribuam em nada para a criação do clima proposto pelos poemas. O trabalho realizado por Maria Teresa L. Fontão é pobre, carregado de estereótipos, revelando desconhecimento das conquistas que ilustradores de livros infantis já conseguiram no País. Além disso, a capa do livro não poderia ser de mau gosto maior, projetando em crianças comportamentos que revelam mais clichês adultos que experiências infantis verdadeiras. O jeito é ter paciência, esquecer os incômodos traços e deixar as crianças divertirem-se com os poemas de Elias José.

G)

FOLHA DA MANHÃ, Domingo, 09 de Novembro de 1997

Guaxupé

Silvia M. Elias



Sagrado e as Insuções"

"Sagrado e as Insuções" em da palestra do professor na Noronha

feira a 1 Semana Filosófica anual do "Instituto Filosófico José Alberto", no dia 03/11 às 20:00h, no Seminário

Trabalho Poético - Depoimento de Elias José

Quando escrevo poesia para adultos, acabo tocando em temas pessoais, afetivos, mas, também, busco atingir um fundo filosófico e/ou social. Tenho cuidado com as imagens poéticas, para não cair em uma lingua-

Trabalho Poético - Depoimento de Elias José

Quando escrevo poesia para adultos, acabo tocando em temas pessoais, afetivos, mas, também, busco atingir um fundo filosófico e/ou social. Tenho cuidado com as imagens poéticas, para não cair em uma linguagem prosaica, muito denotada. A musicalidade que procuro é mais discreta, menos dinâmica, aproximando-se da música erudita. O problema da comunicação fica em segundo plano. O leitor é que terá que buscar a decodificação e, neste processo, tornar-se um pouco meu parceiro.

Quando escrevo para crianças, torno-me menino. Os aspectos lúdicos do poema tornam-se brinquedos em minhas mãos. Gosto de brincar com as palavras, de tirar delas o maior número de significados e de aproximações sonoras. O humor é importante, tanto nas imagens poéticas como em uma possível narrativa. O ritmo deve ser alegre, dinâmico, próximo das cantigas folclóricas. A comunicação deve ser clara sem ser óbvia. O sugerido pede uma participação direta do leitor para que o poema se realize.

Acho que o melhor poema é aquele que permite ao pequeno leitor entrar no jogo, no desafio, na ciranda. Gosto quando o meu leitor tem chance de brincar comigo, acrescentando, cortando, recriando, transformando o poema. Poema que é meu, mas deve ser dele também. O leitor é o meu

H)

BEM-AMADOS

Um poeta encantador de crianças

Um menino de roça, daqueles bem levados e buliçosos, que só se aquietava quando a avó Joana, no seu português meio enrolado e carregado de sotaque de libanesa saudosa, se punha a contar uma, outra e mais outra fábula das *Mil e Uma Noites*. As lembranças mais remotas que o escritor Elias José guarda de sua infância são assim. Têm gostos, cheiros e imagens do Líbano ancestral.

Mas têm também ritmo e jeito bem brasileiros, que ficaram dos casos de assombração ouvidos nas rodas dos caboclos na fazenda da família, lá em Santa Cruz da Prata, a Pratinha, cidade do sudoeste das Minas Gerais, onde Elias nasceu há 58 anos e onde o pai tinha também um armazém de secos e molhados.

Logo que o garoto passou da altura do balcão, o pai severo o levou para atender a freguesia e escasquetou que ele devia estudar contabilidade. Como naqueles tempos os raparolas quase não discutiam as decisões paternas, Elias deixou para trás os serões de histórias e foi fazer o curso noturno da escola de comércio na vizinha Guaxupé, levando na bagagem um desejo bem guardado. O mineirinho tímido queria era morar no Rio de Janeiro, sonhava em ser locutor e produzir textos para o rádio, iguais aos do ídolo César Ladeira, cujas *Crônicas da Cidade* ele ouvia na Rádio Nacional, enquanto embrulhava um quilo de feijão ou um metro de tecido.

“Essa timidez e a oposição do meu pai cortaram as asas do sonho, mas deixaram o campo aberto para novos vãos e paixões. Comecei a escrever no jornal da escola, *O Acadêmico*, e não parei mais”, recorda Elias. Ao tablôide escolar seguiram-se 14 anos como correspondente do jornal *Folha de S. Paulo*, durante os quais Elias José jogou para cima a carreira de contabilista e se matriculou na faculdade de Letras, “pra aprender Português e melhorar o texto”, como ele conta com uma pontinha da antiga timidez e boa dose de modéstia.

Em 1962, o jornalista que sonhava com as ondas do rádio aventurou-se pelo terreno da ficção. Surpreendido com o primeiro lugar no concurso de contos da revista *Vida Doméstica* (uma espécie de revista *Claudia* dos anos 60), tomou fôlego e gosto pela coisa. Escrevia quatro, cinco contos por semana e não havia revista ou suplemento literário em que Elias não pro-

É Elias José, um mineiro que já fez Um Pouco de Tudo e descobriu seu prazer maior em escrever versos para os pequenos

curasse publicar suas histórias e poemas para crianças. Foi nessa época que ele descobriu que seu prazer maior estava na literatura, no jogo de faz-de-conta, no reencontro com o menino fantástico da infância. Foi a vez de abandonar o jornalismo.

Mas se a brincadeira com as palavras era por demais prazerosa, ainda estava longe de assegurar-lhe o ganha-pão. Sorte da pequena Guaxupé (MG), que, além do escritor entusiasmado, ganhou, em 1967, um professor de Português e Linguística dos mais sensíveis e meticolosos. Assim, o primeiro livro de Elias, *Inquieta Viagem ao Fundo do Poço*, uma coletânea de contos escritos entre as aulas dadas no colégio e na faculdade, saiu somente em 1974. E com ele novo reconhecimento: o Prêmio Jaboti de melhor livro do ano em sua categoria.

Hoje, com outros 48 livros publicados no Brasil e no exterior, 39 deles de literatura infanto-juvenil — entre os quais os livros de poemas *Um Pouco de Tudo* e *Caixa Mágica de Surpresas*, considerados, respectivamente, os melhores livros infantis de 1982 e 1983 pela Associação Paulista de Críticos de Arte —, e quase 2 milhões de exemplares vendidos, o professor Elias José já pode se dar ao luxo de ser escritor em tempo integral. Mas reluta, diz que encontrou a fonte da juventude e se mantém jovem no contato e na troca de figurinhas com os alunos.

Por isso seu tempo, partilhado com a mulher Silvinha, também professora de Português, e com os filhos Lara, Lívia e Érico, vai seguindo meio dividido entre as salas de aula e a copa-escritório de sua casa, um sobradão antigo, cheio de cantos e plantas. É ali que três tardes por semana e na folga do sábado, antes do chopinho com os amigos, Elias se põe a trabalhar, bem disciplinado, batucando na máquina de estimulação, velha companheira das voltas e reviravoltas de sua vida.

Às vezes, suas historietas, trava-línguas e poemas saem num estado. “De costas”, conta Elias, “as idéias vão chegando devagarinho, pedindo mais atenção e uma burilada aqui, outra acolá. Nesses anos todos aprendi que para ser um bom escritor não basta usar a imaginação ou ter um bom caso pra contar. É preciso também elaborar, reelaborar, retrabalhar o texto.” No final, é ler, curtir os sons e os ritmos das palavras e fazer a delícia de milharas de garotos e garotas pelo Brasil afora. *Elvira de Oliveira*



D

Elias José agraciado com medalha

O governo Tancredo Neves criou na sua gestão a ordem da medalha, específica para aqueles que tenham contribuído para mudar os rumos da educação ou se destacaram neste setor prestando relevantes serviços.

O professor Elias José foi indicado recentemente para receber, no palácio do governo a "Medalha de Honra ao Mérito Educacional", destinada a premiar os que se destacaram na causa da educação. A medalha de prata é rica em simbolismos, contendo:

A Pena: Símbolo do magistério.

O Livro: Símbolo da sabedoria.

A Lâmpada: Símbolo da inteligência.

Raio Iluminado: O efeito conjunto dos símbolos.

Elias se faz merecedor da distinção uma vez que, extrapolando os seus dezenove anos de magistério, desenvolveu e desenvolve vários projetos educacionais, a nível regional e estadual, como:

- Projeto Poesia na Escola.
- Projeto A Hora do Conto.
- Projeto Alegria de Ler (para a área rural).

— Material de apoio para a integração entre as séries escolares.

— Material para a valorização da linguagem e auto-conceito positivo.

Seus projetos tem repercussão no âmbito da Delegacia de Ensino e na Secretaria de Educação que os reproduz. Ele tem ministrado cursos em todo estado para supervisores, bibliotecários e educadores, especificamente nas áreas de Literatura Brasileira, Literatura Infantil e Língua Portuguesa.

Atualmente além dos cursos, participou da Bienal do Livro em São Paulo com a novela Juvenil "Dias de Susto" pela editora Melhoramentos e o livro de poesias "Um Rei, Seu Cavalo De Pau" pela editora F.T.D., onde também autografou outros livros de sua vasta obra.

Sobre a medalha, Elias declarou que nada sabia anteriormente e que a considera como um reconhecimento por seu trabalho. A data da entrega será definida na publicação do Diário Oficial.

J)

ROTEIRO

O Jockey - 1926

8-12-70

TEATRO

"Desculpe Pela Poeta e Pelo Ba-
rulho Estamos Construindo Uma Nova
Sepultura Para o Progresso da Cidade",
título quilométrico da peça de José An-
tônio de Souza, antes chamada "Fedor"
(nome vetado pela censura). Muitas ta-
las também tiveram que ser extinguidas
ou pelo menos, modificadas. José Anto-
nio, já conhecido por sua implacável vi-
são crítica da nossa época, levará o es-
petáculo no Teatro de cimento armado,
que fica atrás do Parque Municipal.

mada na Bienal de Paris, vai encetar
sua mostra de trabalhos, inspirada pelos
catavóis. Vale a pena você dar uma olha-
dela. A despeito de Ana ser uma grava-
dora famosa, das mais elogiadas, suas
obras podem ser adquiridas por preço
bem acessível. A partir de amanhã ter-
vos gravadores. Zorávia e Vasco Prado
Zorávia mostrará seus 12 trabalhos in-
titulando-os "Romeu e Julieta". Vasco
também com 12, uma série cujo nome é
"O Homem e o Cavalo", feitos em bronze.

A MAL AMADA

Livro de contos de Elias José, au-
tor premiado no concurso de contos José
Lins do Rego, no Rio de Janeiro, e o "pa-
pa" do mini-conto, gênero que inaugu-
rou. Livro voltado para o essencial da
natureza humana, editado pela Impren-
sa Oficial.

K)

A Tribuna - Manaus - 28-10-77

ESCRITOR MINEIRO EM MANAUS



Chega hoje a Manaus o escritor mineiro ELIAS JOSÉ, numa promoção da Fundação Cultural do Amazonas e 2ª Feira do Livro. Ainda no dia de hoje às 18:00, na Praça São Sebastião, haverá o lançamento oficial pela Editora Ática, de seu último livro "UM FAS-SARO EM PÂNICO", com noite de autógrafos. E amanhã fará palestra sobre Literatura Brasileira no auditório da CEMEC (Ferreira Pena, 184) às 17:00 horas.

QUEM É O ESCRITOR?

ELIAS JOSÉ não é novo, é novíssimo. Seu modo de escrever é diferente, gostoso sobretudo HUMANO. É um dos expoentes máximo do grupo "NOVOS MINEIROS". Lançador no Brasil dos "MINI CONTOS" um dos mais aceitos e difundidos movimentos Literários do Brasil. ELIAS, como a maioria dos escritores mineiros, tem a mania de ganhar prêmios; Prêmio JABUTI, da Câmara Brasileira do Livro, (Melhor Livro de Contos Publicado em 1974) Prêmio Governador do Distrito Federal, (Melhor Livro de Ficção Publicado em 1974) Prêmio Governador do Estado de Minas Gerais, (Revelação Literária).

QUEM É ELIAS JOSÉ?

Assim como sua obra, é cheio de surpresas agradáveis. É mineiro, quase "queljeiro" pelo seu jeito simples de ser. É do Interior de Minas (Guaxupé, uma cidadezinha encravada na Atterozas) e nunca se deixou levar para um centro maior. Assim como Drumond é funcionário Público (não dos Correios), mas é Professor. Exerceu por muito tempo o ofício de alfaiate, comendo linhas, puxando agulhas e tudo. Trocou-o pelo ofício das letras. Hoje corta, emenda, costura e dá forma às palavras, inteligentemente, dando-lhes sempre o gosto e sabor do HUMANO. Também cria fantasias mas só com as palavras.

Vale a pena ir conhecer ELIAS JOSÉ, sua obra, seu mineirismo, seu jeito de ser.

Fica o convite para quem é ligado em Literatura Brasileira.

L)

*pequena homenagem
de
Roosevelt*

1108.74 - O ESPÍRITO SANTO

LITERATURA

De Novo

Elias José

ROOSEVELT DA SILVEIRA (C. P. S. GUAÇU) — 157

Elias José que, com a publicação de "A Mal-Amada", chamou a atenção da crítica especializada, conseguindo, inclusive, elogios do escritor português Fernando Namora, lançou, pela Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, mais um livro de contos, a que deu o título de "O Tempo, Camila". Se o primeiro lhe serviu de ótima apresentação, abrindo-lhe um caminho em nossa literatura, este de agora lhe destaca as qualidades de ficcionista e mostra o escritor de força e talento, que sabe usar as palavras com mestria, aproveitando, às vezes, simples fatos do cotidiano para os seus enredos — como se verá pela estória que segue transcrita —, mas obtendo excelente resultado. O volume está dividido em três partes: "Tempo de Ser e Estar", "Tempo Será" e "Tempo-Resíduo". Esta última parte é composta — embora eu ache que todos os contos são de ótima qualidade — dos melhores trabalhos. E poderia mesmo dizer que é ali que o artista se realiza, elaborando o chamado "conto documental". Em "Tempo-Será", destaco a sátira "Despedida de velhos amigos", cujo enredo toca a sensibilidade do leitor.

Resumo de Roosevelt

O menino e a

M)

Prêmios Jabuti - 74 18/10/74

Os Prêmios Jabuti, concedidos anualmente pela Câmara Brasileira do Livro, em sessão comemorativa da Semana Nacional do Livro, serão outorgados, este ano, às seguintes obras: *As Meninas*, de Lígia Fagundes Teles (Romance); *Lu: e Sombra*, de José Paulo Moreira da Fonseca (Poesia); *Inquieta Viagem no Fundo do Poço*, de Elias José (Contos); *Literatura e Linguagem*, de Neli Novais Coelho (Estudos Literários); *Balço Cativa*, de Pedro Nava (Memórias); *Ecologia-Temas e Problemas Brasileiros*, de Mário Guimarães Ferri (Ciências); *Leões das Brasileiras*, de Maria Teresa Cunha de Giacomo (Literatura Infantil); *A Procura dos Mundos Perdidos*, de Henry-Paul Eydoux, das Edições Melhoramentos/Editora da Universidade de São Paulo (A Melhor Produção Editorial).

Elias José, vencedor do Jabuti de Contos, foi também o ganhador do Jabuti de Revelação de Autor, com a mesma obra.

O Jabuti de Imprensa coube ao crítico Roldão Mendes Rosa, do jornal "A Tribuna" de Santos.

Ao sr. Sigfred Taubert, di-

retor da Feira do Livro de Frankfurt, a cuja instância o Brasil passou a participar do tradicional certame, no Pavilhão Central da Exposição, foi outorgado o diploma de Amigo do Livro.

A entrega das láureas terá lugar na sede da Câmara Brasileira do Livro, av. Ipiranga, 1267, 10.º andar, no próximo dia 23, às 20 horas.

CONCURSO FERNANDO CHINAGLIA

Rio (Sucursal) — Em cerimônia realizada na sede da Associação Brasileira de Imprensa, os promotores do Concurso Literário Fernando Chinaglia fizeram entrega dos prêmios e menções honrosas a que fizeram jus os escritores Valdemar José Solha, da Paraíba, Antônio Carlos Secchin, da Guanabara, e Giselda Laporte Nicoeles, de São Paulo, classificados respectivamente em 1.º, 2.º e 3.º lugares. Na qualidade de presidente da União Brasileira de Escritores, o acadêmico Peregrino Junior saudou os ganhadores de do Chinaglia 74, ressaltando-lhe a importância de incentivador de nossa literatura, através da descoberta de novos talentos da prosa e do verso brasileiros.

"FOLHA DE S. PAULO"

N)

Elias José e as suas últimas "Curtições de Pitu"

Depoimento a José Maria PEREIRA

"As Curtições de Pitu" é o meu primeiro livro no género infanto-juvenil, é uma novela, antes de sair para Malabarrom do São Paulo, em convénio com a Instituto Nacional do Livro que, esculpando cinco mil volumes, permitiu que o livro fosse vendido por dez centavos, preço de uma revista. O livro tem um resumo gráfico para auxílio do leitor, por, é dedicado a jovens de 11 a 14 anos, contudo, esse não é uma limitação, é a procura de um público ideal, segundo o desenvolvimento psicológico e as necessidades intelectuais, em forma nas crianças de 10 anos em educação. Não é um livro didático, mas servirá de leitura bilíngue nas escolas de 1.º grau. É uma novela cheia de humor, ação dinâmica, fias que também pretende ensinar alguma coisa para o leitor: principalmente a necessidade do jovem ter consciência com as pessoas, no seu eu verbal, a necessidade de ser crítico, não se contentar em fazer sempre o já feito. Há personagens simples e outros divertidos, estes são os mais simpáticos, principalmente o Quim Mentira, que quase nunca o desmoro do personagem principal, o Pitu. Crianças e adultos continuam de maneira alegre, educativa e saudável. Mais do que criar um mundo de fantasia, pretendo mostrar a realidade de sentimentos do indivíduo, frente à terra e a vários elementos da natureza e em constante contacto com pessoas e animais. Mais que encantar crianças e jovens, pretendo, não apenas que se possam viver e conviver, sabem valorizar coisas simples, como jogos comuns no mundo das grandes heróis que tem as necessidades humanas. Pitu é um menino simples, enérgico, criativo, deseja ser escritor e vai inventando suas histórias, tendo como base as pessoas do bairro, que ele conhece bem e ama. Quim Mentira vai criando o fantástico-alegre, baseado a turma do 1.º de São Farmacéutico e José João, a professora, entretanto, coisas boas e boas, são as situações do livro — que não precisam se assustar, elas não dão nenhuma sensação, fazem coisas, deixam a garotada deitar, entram de maneira gostosa, não em tom de confidência que faz dormir. Também se delecta com as histórias de moral em Literatura Infanto-Juvenil. A Banda do Balaço, Zé Cegundo, sua sabona e sua voz rouca, o menino Timbra e o pai dele, o Timbó, com suas modas de vestir, e o alto falante do Bala-



ço e o livro de credibilidade. O livro ainda é pensado de acontecimentos do lugar: quemones, festas populares, chapéu e saída dos capangas, papéis e circo. O Balaço e o lugar usado, em lugar papéis como outro qualquer do Brasil, sempre, neste rural que urbano, mundo além, despoluído, verde, bonito, quase transformado em grão também. Meninas e Balaço são retratadas de maneira real, mas com nuances poéticas e o fantástico entrando aqui e ali. Tentar retratar, neste livro, o mundo daqueles que são novos filhos para serem chamados de moças e moços e um pouco velhos para serem tratados como crianças. Um público que não encontra muito o que ler. Os livros se precipitam muito com crianças maiores ou público adulto, não, professores, abrange como é difícil dar livros de literatura de quinta até a 11

11. É uma ideia em que a garotada prefere encontrar sua própria personalidade no mundo com seus, com seus próprios, com as experiências deles, com, espelhos de situações com de amor, as viagens de terra, contendo em estilo, as histórias em quadrinhos e esta história, a fidelidade devida de amor, suas vitórias e triunfos, quanto a caráter, integridade de papel na sociedade, coisas mal feitas, a vida servir com suas coisas e suas dificuldades, a beleza do presente e uma certa preocupação com o futuro — tudo o que acontece como acontecimento em história, em contacto com gente simples e com a natureza, a vida simples, o que acontece como professor e escritor. Gostaria não se trata de livro autobiográfico.

Método de criação envolvendo receptor

Como professor, fui tentando capturar do livro, que funcionam separadamente, como contos. Resolvi muito estes, jogei muita coisa fora. Mantive simplesmente capítulos com pseudônimo, para que não houvesse reconhecimento dos leitores, dava em aulas ou para para ex-alunos meus do Curso de Letras e outras professoras e minhas irmãs professoras que trabalhavam com os livros e me orientavam a reação. Assim, posso dizer que foi um livro escrito para e com garotos de 11 a 14 anos, trabalho feito entre nós, usando uma experiência didático-literária. Espero que alunos e professores gostem dessa "Curtições de Pitu" — e se algum outro aluno gostar também e recomendar sua história, tanto melhor — a alegria será triplice. Não é livro que me este sempre de Casca do Ricardo: "O mundo poderá ser salvo, se o homem deslizar a distância que o separa de sua infância".

Como já disse, os capítulos funcionam como contos isolados, com os mesmos personagens vivendo aventuras diferentes. Todos os capítulos formam a novela, com um fio narrativo maior, que vai sendo desenvolvido nas partes. Pretendi atingir as três funções principais da Literatura Infanto-Juvenil: divertir, educar e instruir. O vestibular é fácil, mas muitas vezes enquadra em figuras literárias para ensino médio. Os períodos são curtos, de estrutura simples, orações absolutas ou algumas coordenadas, nada de subordinadas complexas. Não estou querendo, com isso, fugir de algumas dificuldades, dar todo um problema. O livro apresenta no mundo, na criação dos personagens, nas etapas do mundo, é uma coisa — complexa e linguagem é curta. Desenvolvi livro de Literatura Infanto-Juvenil, brasileiro, que chegou mais próximo, não que "O Menino e o Papo do Menino" de Wander Frolin — um verdadeiro guia de leitura para a vida de um menino nos espelhos de círculo amado da cidade grande — mas é um livro também coloquial na linguagem. Sei que não servem à pesquisa de estrutura e linguagem que se pretende atingir um jovem de pouco leitura. Acho que na linguagem e elaboração formal está a grande diferença da

Literatura Infanto-Juvenil não apenas nas histórias e temas.

Vivência com a literatura infanto-juvenil

Escrever, como professor de Política de História, orientando jovens professores, e ser um professor de Literatura Brasileira, sendo preocupado com o ensino, não são duas coisas totalmente distintas e estranhas a uma que, estas não, um aprendizado com as coisas, feitas por gente educada e jovem, como Eli Lima, Francisco Martins, Origem Lessa, Heberta Sales, Wander Frolin, Lúcia Machado de Almeida, Odete de Barros Matt, Ina Silveira Lessa, Cezarino José, Vivó Felício, André de Carvalho, Stella Leonardi, Elza Brandi Maria Tereza Toranzo, Guelcio Laporta Noroeste, Fernando Lopes de Almeida, Lúcia Malabarri, Camila Cordeiro Amar, Maria Clara Machado, Wander Frolin, Odete Lessa, Moacir C. Lopes, Miriam Almeida, Miriam Campelo, Paulo Cunha, Antônia de Moraes e alguns mais que tenho medo de ter me esquecido. Soube que a Editora Companhia, de André de Carvalho, está pra lançar livros infantis de boas escrituras jovens, o que será muito bom. Não sei se todo um público que se trata um público que está se perdendo em maneira importante, em estadios de televisão. Cabe ao escritor, pra, tentar fazer alguma coisa para a juventude, para não criarmos uma geração de imitadores, de admiradores de mídia, história em quadrinhos, leitura, caso e contos que não envolvem com nossa realidade.

Futuros livros e serem lançados

Como eu minha literatura para adultos? Estou trabalhando em um novo livro de contos. A ideia lançarei em um novo livro de contos, ilustrado por Eliza Azeiteiro, em edição de 2000 exemplares, naquela série que já lançou o maravilhoso "Protótipo Jacarandá" do Murilo Rubião, "A Maria de D. J. em Paris" do Roberto Drummond e "Eva Terra" do Antônio Torres. Tenho contrato com a Intertext para uma segunda edição de "A Malandragem" e a Companhia Brasileira aprovou um romance meu e quer fazer uma segunda edição de "Inimiga Viagem no Fundo do Poço". A lista é grande, mas parece que estou fazendo a coisa errada em edições numerosas e divergentes. Estou sendo publicado no estrangeiro (Argentina, México, Portugal e Espanha Unida) e em revistas de circulação nacional. Tudo isso não me dá muita dificuldade, um pouco porque não é difícil para, e autor, não no Brasil, se por muito trabalho, muito pouco porque, estando no interior, fora das redes de circulação, sem participar de movimentos literários, tudo se torna mais complicado. Mas, de modo que me permitiu a profundidade da profissão, que me obriga a muitas horas de trabalho com aulas, preparação e correção, vou escrevendo, vou dando a minha reação, com a melhor das intenções e com a la, espírito crítico e consciência acadêmica.

0)



ca e criativa da

Como você sente retrospectivamente, o seu caminho de escritor que publica há tantos anos e não se repete, oferecendo ao leitor uma visão plural e original de seu trabalho?

Fico feliz por você ter notado essa minha preocupação em não me repetir. Quando afirmei que sou um autor inquieto, eu quis dizer que não estou nunca satisfeito com o já feito e não quero estar sempre reescrevendo a mesma obra. Como vivo no Brasil e não preciso seguir receitas para atingir o público, — como os autores de **best-sellers** vivo o prazer do texto, a paixão de tentar sempre. Assim, tanto me emociona escrever para adultos como para crianças, vibro com um poema como vibro com um conto. Escrevi novelas para adultos e jovens, tentei o romance; só não escrevi para o teatro, mas tenho vontade de aprender a carpintaria do texto dramático para tentar.

É curioso perceber como os seus livros têm uma linguagem discreta, de difícil simplicidade, não interrogativa. Não há engodos na fala, nas idéias, na emoção. Como

P)

- De onde você tira a fonte temática de seus contos?

— É difícil determinar a gênese da obra de arte. Meu processo de criação sofre muita variação, dependendo do tipo de trabalho que pretendo. Estou elaborando um livro de histórias amenas, sem nada de literatura. Enfão, estou partindo de coisas que vi e ouvi. Não é meu processo normal. Poucas vezes me sentei para escrever uma história que

estivesse na cabeça. Parto geralmente de uma frase solta, quase caótica, e as coisas vão surgindo naturais, como se elas já existissem por dentro, inconscientemente. Contudo, acho que toda fonte temática do que faço parte de um conflito entre o homem e os outros homens — este é o ponto real, determinante do todo criativo.

Jornal de Letras • 2.º Caderno

MAIO - 1974

5

Q

12 O FARROUPILHA Educação Junho-Nov. 2016 de maio de 2016

Aproximando o escritor do seu público

Com 115 anos na carreira, a grande maioria voltada para o público jovem, o escritor Elias José realiza de passagem por Farroupilha na sexta-feira, dia 13. Ele palestrará e participará de atividades dentro do projeto coordenado pela biblioteca Criança Atuada e executado pelas professoras de Língua Portuguesa e Literatura, Carmelita Sachet e Mercedes Brunetti.

Até 68 anos, Elias José é natural de Santa Cruz da Pinela, distrito de Guaraniá (MG) e vive desde os 13 anos na cidade de Goiásipe (MG). Formado em Letras (Inglês e Português) e pós-graduado em Literatura Brasileira e Teoria da Literatura, ele também é professor universitário. Possui obras traduzidas e publicadas em revistas, jornais e antologias de autores brasileiros na Argentina, Canadá, Estado Unidos, Itália, México, Noruega e Polónia, além de ter conquistado diversas prêmios no Brasil.

O escritor atenderá o **Jornal O Farroupilha** pouco antes do início das atividades na Nossa Senhora de Lourdes. José falou um pouco sobre sua obra, literatura e educação. Confira.



Jornal O Farroupilha: Como foi feito o convite para o escritor vir até a cidade?
Elias José: O convite partiu de um contato das professoras da escola com a Lyriana Paulus, que me conhece há muitos anos em duas áreas. É muito comum fazer livro infantil e juvenil, mas escrever, além desses gêneros, literatura adulta é raro. Continuei fazendo poesia para adultos com muita dificuldade de edição e

O escritor Elias José autografa um autógrafo. Dió de Souza

O Farroupilha: O escritor começou escrevendo livros adultos e depois passou a escrever literatura infanto-juvenil.

José: Eu comecei a escrever na época da ditadura militar. Eu escrevia contos, alguns publicados, muitos censurados e de repente eu tinha seis livros de contos publicados, um de poema e um romance. Depois de casado e com filhos comecei a contar histórias para eles. Minha mulher sugeriu que eu passasse a escrever histórias e eu segui o conselho dela. Mas eu também aprendi que eu teria que aprender a escrever para criança. Fiz releituras de Monteiro Lobato, de Ligia Bojunga Nunes, enfim, de autores consagrados que escreviam para o público mais jovem.

R)

06/04/2002

Atitude

atitude@uolnet.com.br arte • comportamento • turismo

com a PALAVKA

Escritor declara amor à literatura infantil

Amor, o autor guasupéense, com 99 livros publicados, aconselha aos escritores iniciantes muita leitura para conquistar um estilo próprio

Na adolescência ele prestava, com seus colegas "O Acadêmico", jornal estudantil onde publicava suas crônicas e poemas. "O Mal Amado", uma coletânea de crônicas, chegou em 1970 e inaugurou o começo de uma carreira de escritor. Em 74, "Viagem ao fundo do Poço" foi premiado pela crítica como melhor livro de ficção contemporânea, também o primeiro livro. Dez anos depois, ingressou na literatura infantil e, atualmente, praticamente toda sua obra está voltada pra esta área.

Em 2002, este escritor de 65 anos lançou, na Bienal do Livro de São Paulo, oito publicações inéditas, completando 99 livros editados. Na ocasião, o público será privilegiado com os primeiros exemplares de uma coleção dirigida a crianças em fase de alfabetização. O autor acredita que o livro é um objetivo irrealizável: discutir ao mesmo tempo em que ensinar.

Um homenagem ao dia Internacional do Livro Infantil, 02/04, ninguém mais apropriado para ser reivindicado que Elias José, presença marcante no imaginário das crianças brasileiras. Para Guasupé, sua contribuição é inestimável, como escritor divulgador da cidade por todo o Brasil. O escritor faz questão de lembrar que, em 18/04, comemora-se o Dia Nacional do Livro Infantil, em homenagem a Monteiro Lobato, marco da literatura nacional, nascido neste dia.

Como você ingressou na literatura infantil?

EJ - Por dois caminhos. Quando fui convidado a ser patrono de uma biblioteca de sala, escrevi alguns textos sobre minha infância que inspiraram o livro infantil juvenil "Os contos de Pá". Nesta época eu contava muitas histórias para meus filhos, influenciado pela minha avó Estela, acabei me interessando pelo assunto e comecei a ler literatura infantil como "Ziraldo" e Ana Maria Machado. Acabei gostando e lendo tanta coisa que, atualmente, praticamente toda minha obra está voltada pra esta área.

A - Por que escrever fábulas e contos?

EJ - Sempre fui apaixonado pelo folclore. Chegou à conclusão de que este assunto estava muito distante da literatura escolar. Então, atuei e as crianças deusas narrativas, tornando-as mais leves. O estilo do Monteiro Lobato tornou-se pesado para as crianças de hoje. Nas seis volumes da coleção "Recontando" rescrevi histórias desconhecidas "Itinga-lenga", aquelas em que um fato passa outro. Na "Refabulando", recontei fábulas e contos numa linguagem poética, com doses de humor. Nesta última, as histórias a memória do índio e do negro.

A - Qual é sua característica marcante como escritor?

EJ - Tenho cerca de 30 livros de poesia voltados para crianças. Se você desperta o amor pela poesia, você abre caminhos para outras linguagens, como por exemplo, a publicitária. Toda arte pra ser...

precisa ter poesia. Os lançamentos da Bienal deste ano são de poesia. Ganhei muitos prêmios nesta área. Participo, junto com poetas como Manoel de Barros, Mário Quintana e Ferreira Guller de um novo projeto do MEC, "Leitura em casa", destinado às quartas- séries. É muito bacana porque as crianças poderão levar os livros para casa.

A - A carreira de escritor compensa?

EJ - Não sei. O caminho é complicado. Se não me profissionalizar no mercado livre, quando você faz contos, você vive pelas editoras, a situação melhora, pois o escritor passa a receber direitos autorais. Quando o livro chega nas escolas de todo o Brasil, me convidam para palestras e seminários. Em março, estive no Rio e Petrópolis. No começo de Abril estarei em Lages, Santa Catarina.

A - O que você aconselha para os escritores iniciantes?

EJ - Duas coisas, é preciso ter firmeza de propósito. Depois, muita leitura. Pra desenvolver...



Foto ilustrada de Elias no livro de poesia "Um jeito bom de brincar" (poesia adulta).

Um jeito bom de brincar

precisa ter poesia. Os lançamentos da Bienal deste ano são de poesia. Ganhei muitos prêmios nesta área. Participo, junto com poetas como Manoel de Barros, Mário Quintana e Ferreira Guller de um novo projeto do MEC, "Leitura em casa", destinado às quartas- séries. É muito bacana porque as crianças poderão levar os livros para casa.

A - A carreira de escritor compensa?

EJ - Não sei. O caminho é complicado. Se não me profissionalizar no mercado livre, quando você faz contos, você vive pelas editoras, a situação melhora, pois o escritor passa a receber direitos autorais. Quando o livro chega nas escolas de todo o Brasil, me convidam para palestras e seminários. Em março, estive no Rio e Petrópolis. No começo de Abril estarei em Lages, Santa Catarina.

A - O que você aconselha para os escritores iniciantes?

EJ - Duas coisas, é preciso ter firmeza de propósito. Depois, muita leitura. Pra desenvolver uma linguagem própria exige precisa entender o processo criativo de outros autores. E, quando você adquire um estilo próprio passa a gerar influência ao invés de ser influenciado.

*Comeu muito? Teve azia?
Levou um pito da tia?
Ficou nota que não queria?
Caus problema que não sabia?
BRINQUE DE POESIA.*

*Curte a natureza em harmonia?
Ouve os passaros em cantaria?
Arma as ondas do mar em calmária?
Ofus a vida com muita alegria?
BRINQUE DE POESIA.*

*Quer rimar noite com dia?
Descobriu das palavras a melodia?
Gosta de embarcar na fantasia?
Cedo, tarde, noite, todo dia
BRINQUE DE POESIA.*

Trechos da poesia homônima do livro que será lançado na Bienal de 2002.

S)

O prazer de escrever para as crianças

Sem dúvida, um talento. São prêmios, prêmios e mais prêmios. Esse é Elias José, mais um dos grandes nomes da literatura brasileira contemporânea, presente na IV Jornada Nacional de Literatura, que encerra hoje em Passo Fundo.

Luz no Brejo, Caixa Mágica de Surpresa, Um Pouco de Tudo, Namorinho no Paraíso, são algumas obras desse escritor, que há 20 anos, se dedica ao público adulto, infantil e juvenil. "Bem, eu comecei a fazer literatura para adultos, nos anos 60. Estreei em 70 com livro para adulto. O primeiro livro foi para adulto, o segundo foi para adulto e o terceiro também (Viagem ao Fundo do Poço). Depois fui provocado, gostei comecei a fazer livros juvenis. Em 82, iniciei com os infantis, sobretudo a poesia infantil".

O primeiro livro infantil de Elias José é o "Um Pouco de tudo". "Depois, de bater em várias portas de editoras e ser devolvido com a desculpa de que poesia não vende, o Edimir Perroti, grande crítico e professor de literatura, topou dirigir uma coleção das Edições Paulinas, que fosse renovadora em termos de literatura infantil. Ele me convidou para fazer parte do grupo, e eu disse que tinha um livro de poesia, mandei para lá e o livro pegou". Esse livro de Elias entrou na Ciranda de Livros, que tem 50 mil exemplares. O livro fez tanto sucesso que a Editora Paulinas se interessou e, um ano depois, saiu



Assim, o autor percorreu vários caminhos: o primeiro, da prosa adulta, depois a literatura juvenil e, finalmente, a poesia infantil. Hoje, ele continua trabalhando para esses três públicos distintos.

Poesia Infantil

Para o autor, a maior dificuldade é "justamente, a poesia infantil, porque tem que simplificar, sem perder a magia poética e sem perder a noção de estética, mas sendo também lúdica, brincadeira com a palavra, a sonoridade e com o visual da palavra". Ele admite que hoje, escrever para criança, tem dado muito mais prazer.

Elias José considera co-

ra péssima, anteriormente, com poucos nomes de valor. Outro fator, segundo ele, foi o mercado. As escolas começaram a adotar os livros e as pessoas foram lendo cada vez mais. "Hoje o autor de adultos tem que batalhar para colocar um romance, enquanto a literatura infanto-juvenil e infantil, se a gente quisesse comercializar, comercializaria, porque é grande a procura". Ele afirma que as editoras procuram os autores, pois a Escola adota os livros, mesmo porque, se dependesse exclusivamente da família, os livros não venderiam.

As ilustrações dos livros infantis são, é lógico, parte

T)

GUAXUPÉ, 06 DE ABRIL DE 1.996

CORREIO DO SUDOESTE

Elias José: Destaque Literário

Elias José, consagrado autor de livros para adultos, jovens e crianças, começa bem o ano de 1.996. Ele está lançando atualmente, nada menos do que sete novas obras e relançando a novela juvenil *Jogo Duro*, que foi bem recebida pelo público e a crítica nos anos 80, mas que estava esgotada por motivos contratuais.

Dos sete livros a serem lançados oficialmente na Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em agosto próximo, três acabam de sair e já começam a ser procurados pelo público, após as críticas positivas que vêm recebendo. São três livros de poesias para crianças: *No Balance do Abecê*, editado pela Edições Paulinas, *Félix e seu Fole Fedem* e *O Jogo das Palavras Mágicas*, ambos editados pelo Paulus Editorial.

Os três livros receberam um tratamento gráfico de primeiro mundo e foram editados em papel especial e processo de diagramação elogiado pelos entendidos em editoração.



Foram bela e criativamente ilustrados por Helena Alexandrino, a mesma ilustração do premiado *Caixa Mágica de Surpresa* e Nelson Cruz, que também ilustrou o livro de Elias *Quem lê com Pressa Tropeça*, livro que deu oportunidade ao autor de ser escolhido e de ter participado do grupo de autores brasileiros que se destacou na Feira Internacional do Livro para Crianças e Adolescentes de Bolonha (Itália) em abril de 1.994.

indo vários sentidos para uma mesma palavra. Um bom exemplo disso, a criança pode encontrar no seguinte poema de *No Balance do Abecê*, que trava a língua, destacando a letra A.

A BRIGA FEIA

*A arara e a maritaca
- as duas matracas -
param e fala
e batalham pra saber
qual é a ave mais rara.*

*A arara atacada,
ataca a maritaca*

com bicada e patada.

*A maritaca, atarantada,
dispara pra sala
e arma um bafafá.*

*Se a dona Mara,
toda desajeitada,
não grita e ralha,
acaba sem a arara
e sem a maritaca.*

Vale a pena ler os poemas de Elias José que, como disse a escritora Fanny Abramovith, são puras gostosuras.

A poesia infantil de Elias José, presente nos três novos livros, tem a grande qualidade de divertir, de envolver e de ensinar a criança sem apelar para nenhuma lição de moral ou de civismo - conforme vem apontando a crítica especializada. Outras qualidades que apontam os especialistas: Elias José sabe brincar com as palavras de um modo mágico, fazendo jogos sonoros e extra-

U)



Então, vamos falar um pouco de sua obra infanto-juvenil. Quais as características predominantes ou concepções que você como autor identifica em sua obra infantil? E a juvenil? Há diferenças entre elas?

Na obra infantil, preocupo-me em unir o estético ao lúdico. Quero que meu texto, sobretudo a poesia, seja um brinquedo para a criança, um jogo de palavras e de idéias feito com muito humor, dinamismo e envolvimento, pedindo a participação do leitor. Já nas novelas juvenis, limito mais a fantasia em troca de elementos sociais, quero mexer com os sentimentos, mas também questionar, lançar também a função social, sem cair em panfletismo, que eu detesto tanto quanto o didatismo. Mas não esqueço também da sátira, do humor, da movimentação. Sobretudo, não caio no

apelo fácil do **boom** da Literatura Infantil e Juvenil. Comecei a escrever no gênero em 1976, quando havia pouco público e poucas obras. Vi com alegria surgir muita coisa boa, mas também muito apelo meramente comercial, e acho isso um perigo quando se quer fazer um texto literário pra valer.

ANEXO 5



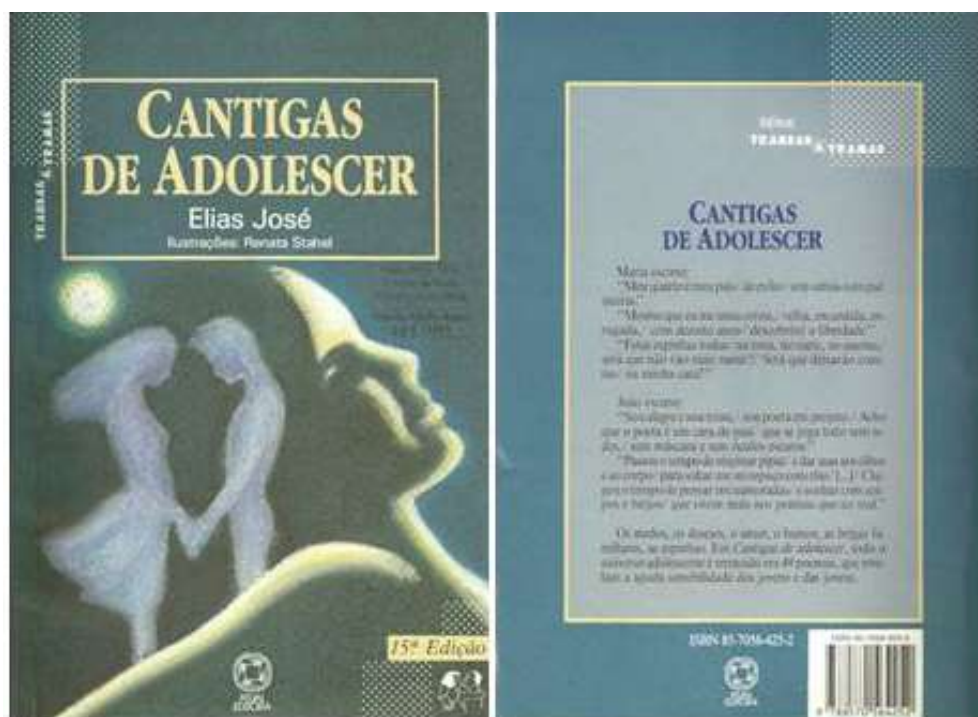
1ª Edição: 2001
 Editora: Nova Didática
 Formato: 20 x 20 cm



5ª Edição: 2011²¹²
 Editora: Paulus
 Formato: 20 x 20 cm

²¹² Esta segunda obra foi editada pela primeira vez pela editora Paulus no ano de 2005.

ANEXO 6



15ª Edição
Editora: Atual
Formato: 21 X 13,5 cm



20ª Edição
Editora: Atual
Formato: 22,5 x 15 cm

ANEXO 7

SEM DEFEITOS: UMA POESIA ÁGIL E MUSICAL

Marisa Lajolo

Um pouco de tudo, de Elias José, com ilustrações de Marcelo e Milton Cipsis, é um belo livro de bons poemas infantis. Isso é duplamente raro, o que merece ser saudado, como disse Manuel Bandeira, com "mafuás, novenas e cavalhadas". O **tudo** de que o título promete **um pouco** inclui bichos, gente e flores, tematizados em poemas curtos e muito interessantes.

Bichos, gente e flores tornam-se, no texto de Elias José, elementos poéticos de primeira ordem. Não porque sejam poéticos em si, como podem pensar pessoas desavisadas, por exemplo, a propósito das flores. Um elemento qualquer poetiza-se no momento em que o poeta o recria em instantes únicos, criados por meio de uma linguagem igualmente única, especial, sutilíssima. Essa linguagem também não é poética em si, como de novo podem crer os desavisados em relação a palavras "bonitas" do tipo amor ou flor. Nada disso. Assuntos e linguagem só são (ou deixam de ser) poéticos num texto concreto.

Perdão, leitores, por todo este blá-blá-blá. Mas ele é importante para estabelecer um território menos móvel, que me permita dizer por que o texto de Elias José merece mafuás, novenas e cavalhadas. No entanto, como qualquer blá-blá-blá, ele é plenamente dispensável para leitores mais sensíveis, que abrem o livro e se emocionam, por exemplo, com a sereia, que chama o macaco de "bicho gente mais bonitinho", ou com o girassol, que, de tanta paixão pela lua, transforma-se num **giralua**.

Em certo sentido, por ser instauradora de significados, a linguagem poética tem muito a ver com a linguagem infantil. Não no que esta última possa ter de tatibitate ou eventuais incorreções de pronúncia. Mas as duas se aproximam porque em ambas - na criança e na poesia - a linguagem representa a aventura do significado que se instaura no ato de nomear. Na criança e na poesia, a linguagem é criação.

O texto de Elias José não faz nenhuma concessão ao sentimentalismo piegas que grassa por aí em nome da poesia infantil. Filia-se, pelo contrário, à boa tradição de Sidónio Muralha e Vinícius de Moraes, poetas que deram tom moderno à poesia infantil. Os poemas de Elias José são flashes do cotidiano dos bichos, da vida das pessoas, das flores. Um cotidiano que inclui as situações mais comuns em que os animais costumam ser vistos, como o elefante no circo, a aranha na teia, a foca no show. Esse texto cativa e convida o leitor a viver a situação cotidiana de um outro ponto de vista, a partir do qual a situação se torna insólita.

Este outro ponto de vista com que o texto seduz seus leitores soma-se a uma linguagem extremamente musical e rítmica, que encontra o tom certo em cada poema: desde o trocadilho engraçado e saltitante de

"Seu grilo,
eu sei: o seu
grilo é um
grilo
de amor".

até a sutil movimentação da dança das algas sugerida em

"As algas
das águas salgadas
são mais amadas,
são mais amargas".

Não são mesmo mercedíssimos os mafuás, novenas e cavalhadas? Então, pais, mães, tios, tias, padrinhos e madrinhas: livro muito bom, para Papai Noel nenhum botar defeito.

Artigo crítico escrito na época do lançamento de *Um pouco de tudo*, publicado no *Jornal da Tarde*, São Paulo, em 31/12/1982, transcrito com autorização da autora.

ANEXO 8

Obras infantojuvenis do escritor Elias José produzidas em verso

1970 – 1979 – Nenhuma obra em verso

1980 – 1989 : 7 obras em verso

Obras	Ano de lançamento	Editora
<i>Um pouco de tudo, de bichos, de gente, de flores</i>	1982	Paulus
<i>Caixa mágica de surpresa</i>	1984	Paulus
<i>Namorinho no portão</i>	1986	Moderna
<i>Um rei e seu cavalo de pau</i>	1986	FTD
<i>O jofo do bate bate</i>	1987	Globo
<i>Lua no brejo</i>	1987	Mercado Aberto
<i>Só um cara viu</i> (prosa poética)	1989	Lê

1990 – 1999 : 15 obras em verso

Obras	Ano de lançamento	Editora
<i>Luta tamnaha, quem ganha?</i>	1990	RHJ Livros
<i>Segredinhos de amor</i>	1991	Moderna
<i>Sem pé nem cabeça</i>	1992	Formato
<i>A toada do tatu</i>	1992	Lê
<i>Cantigas de adolescer</i>	1992	Atual
<i>Quem lê com pressa tropeça</i>	1992	Lê
<i>Félix e su fole fedem</i>	1996	pulinas
<i>Cantos de encantamento</i>	1996	Formato
<i>No balancê do ABC</i>	1996	Paulus
<i>O jogo das palavras mágicas</i>	1996	Paulinas
<i>Noites de lua cheia</i>	1996	Lê
<i>O incrível bicho homem</i>	1997	FTD
<i>As bailarinas e o pintor</i> (prosa poética)	1997	Dimensão
<i>Bicho que te quero livre</i>	1998	Moderna
<i>Amor adolescente</i>	1999	atual

2000 – 2008 : 30 obras em verso

Obras	Ano de lançamento	Editora
<i>O que tem nessa venda?</i>	2001	Nova Didática
<i>O que você vê ali?</i>	2001	Nova Didática
<i>Saudando quem chega</i>	2001	Nova Didática
<i>Visitas à casa da vovó</i>	2001	Nova Didática
<i>É hora de jogar conversa fora</i>	2002	Nova Didática
<i>As histórias e os lugares</i>	2002	Nova Didática
<i>O contador de vantagens</i>	2002	Nova Didática
<i>Birutices</i>	2002	Ícone
<i>Um jeito bom de brincar</i>	2002	FTD
<i>Se tudo isso acontecesse</i>	2002	Nova Didática
<i>Bicho de pena provoca amor e pena</i>	2002	Nova Didática
<i>Gente e mais gente</i>	2002	Nova Didática
<i>Vidrado em bicho</i>	2002	Nova Didática
<i>Eu sou mais eu</i>	2002	Nova Didática
<i>De olho nos bichos</i>	2003	FTD
<i>Aquarelas do Brasil</i>	2003	Minguillim
<i>O que se vê no abecê</i>	2004	Paulus
<i>Mínimas descobertas</i>	2005	Paulus
<i>Poesia é fruta doce e gostosa</i>	2006	FTD
<i>Pequeno dicionário poético humorístico ilustrado</i>	2006	Paulinas
<i>Cantigas de amor</i>	2006	Paulus
<i>Ciranda brasileira</i>	2006	Paulus
<i>Forrobodó no forró</i>	2006	Mercuryo Jovem
<i>Mágica terra brasileira</i>	2006	Formato
<i>Cantigas para entender o tempo</i>	2007	Dimensão
<i>Limeriques para pintura</i>	2007	Noocha Améruca
<i>É sempre era uma vez</i>	2008	Escala Educacional
<i>Disque poesia</i>	2008	Compór
<i>Monstruosidades</i>	2009	Noovha américa
<i>Alice no país da poesia</i>	2009	Peirópolis

Total: 52 obras infantojuvenis em verso – 41,27% da produção obras infantojuvenis do escritor (foram excluídas as obras de adultos, paradidáticas e todas as de participação e organização).